

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Gláucia Elisa Zinani Rodrigues

A representação do imigrante judeu na literatura do Rio Grande
do Sul: *Cágada* e *O exército de um homem só*

Passo Fundo

2019

Gláucia Elisa Zinani Rodrigues

A representação do imigrante judeu na literatura do Rio Grande
do Sul: *Cágada e O exército de um homem só*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rosane Marcia Neumann.

Passo Fundo

2019

CIP – Catalogação na Publicação

R696r Rodrigues, Gláucia Elisa Zinani
A representação do imigrante judeu na literatura do Rio Grande do Sul : *Cágada e O exército de um homem só* / Gláucia Elisa Zinani Rodrigues. – 2019.
234 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Marcia Neumann.
Dissertação (Mestre em História) – Universidade de Passo Fundo, 2019.

1. Judeus - Migração. 2. Judeus na literatura. 3. Literatura e história. 4. Literatura brasileira. I. Neumann, Rosane Marcia, orientadora. II. Título.

CDU: 869.0(816.5).09

Catálogo: Bibliotecário Luís Diego Dias de S. da Silva – CRB 10/2241

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho, primeiramente, à minha mãe Amélia Teresinha Zinani, que desde a infância incentiva-me incansavelmente o quanto é importante estudar. Sobretudo, esteve ao meu lado, trabalhou muito e apoiou-me para que eu concluísse o Mestrado em História.

Ao meu irmão Dionatam Zinani e ao meu tio Ceniuro Paulo Zinani pelo apoio e incentivo.

A comunidade judaica por partilharem ensinamentos com generosidade.

AGRADECIMENTO

Um trabalho de pesquisa resulta de um somatório de colaborações prestadas por pessoas e instituições. Neste sentido, agradeço primeiramente a Deus, a Universidade de Passo Fundo (UPF) principalmente o curso de Pós-Graduação em História ao apoio financeiro da FUPF ao corpo docente e discente e aos profissionais do mestrado, principalmente a secretária Jênifer de Brum Palmeiras. Tem minha gratidão a Prof.^a Dr.^a Rosane Marcia Neumann pela sua incansável orientação dedicada e criteriosa, por jamais medir esforços em me orientar, por apontar caminhos possíveis, mostrando-me que eu era capaz.

Um agradecimento imprescindível para toda a comunidade da Sociedade Beneficente Israelita de Erechim e seus membros, tenho apreço pelos ensinamentos sobre sua religião e cultura. Dessa forma, ajudando-me realizar o trabalho, e por permitirem que eu pudesse frequentar suas celebrações, um agradecimento especial para; Natálio Fischmann que me abriu inicialmente as portas da Sinagoga, Maurício e Hércio Agranionik, Menachem Sevi Rudnitzki (Menke) *in memorian*, Paulo Araújo Kautz, Natan Fischmann, Adão, Marcos, Ongaratto, Luciano Albuquerque, José Libermann, Samuel, Guilherme, Valdecir Nadaleti, Jayme Kives, Luis Arenzon (Lule), Denovaro Barbosa (Ney), Carlos Pomagerski, a funcionária Alemoa Rocha, a família Baron e principalmente meu amigo e mestre David Baron que me auxiliou a reconstituir o passado histórico, através de suas descrições e seus ensinamentos culturais-religiosos.

Um agradecimento indispensável aos entrevistados da comunidade judaica de Erechim e Porto Alegre por aceitarem generosamente conceder-me as entrevistas; Luis David Leventhal e Ghedale Saitovitch, Jayme Jochelavicius, Abraão Izaquiel Charchat. Aos familiares dos escritores; Gaby Mársico, Gilberto Mársico, Rosangela Mársico Lehmann, Judith Scliar, Wremyr Scliar, Lúbia Scliar Zilberknop, Irineu Keiserman Grinberg, Leonor Scliar Cabral, ao cliente de Mársico Euclides Richetti por prontamente partilhar seu passado. Também historiadores, que desde o início da dissertação emprestaram livros e apoiaram-me; Airan Milititsky Aguiar, Enori Chiaparini, Isabel Rosa Gritti, e Neivo Fabris.

Agradeço às instituições e seus funcionários que me auxiliaram com a documentação; a Câmara Municipal de Erechim, a Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico, ao Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, ao Instituto Histórico de Getúlio Vargas

principalmente à Rosmari Krasuski Vanzo pelo empréstimo de materiais, também para Alan Floyd pela receptividade no Clube de Cultura de Porto Alegre, á Organização Sionista de Porto Alegre, ao Programa radiofônico *A hora Israelita*, principalmente a secretária Fabiana Pinheiro do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall por auxiliar-me na busca de materiais, a Berel Natan Engelman da Sociedade União Israelita de Passo Fundo Sinagoga Abraão Melnick. Ao Memorial Centro Cultural Leopoldo Cohen de Quatro Irmãos. A minha professora Vera Beatriz Sass *in memorian*, a Escola de Ensino Médio Dr. João Caruso que permitiu que eu faltasse as reuniões de sábado, para que eu frequentasse as celebrações na sinagoga, principalmente minha colega Saionara Sechet. A Vania Barboza, que com dedicação fez a formatação desse trabalho. Um agradecimento especial para minha colega do curso, Patrícia Lilian Mokfa, pelo apoio e companhia em eventos acadêmicos.

Agradeço a banca que avaliou; primeiramente a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Rosane Marcia Neumann, a Prof.^a Dr.^a Ivânia Campigotto Aquino, e a Prof.^a Dr.^a Isabel Rosa Gritti, por auxiliarem-me nesse estudo. Por fim, agradeço aos meus familiares; minha mãe Amélia pelas palavras de conforto, pela ajuda financeira e por entender as horas de minha ausência. Ao meu irmão Dionatam, e meu tio Ceniro que sempre me apoiaram para que realizasse esse trabalho. Expresso minha profunda gratidão por todos, muito obrigada, *Shalom* para todos nós!

RESUMO

Este estudo trata da representação do imigrante judeu na Literatura contemporânea do Rio Grande do Sul, com o recorte na obra de Gladstone Osório Mársico (1927-1976) e Moacyr Scliar (1937-2011). A presença dos imigrantes judeus no Estado data no início do século XX, com a fundação da colônia Quatro Irmãos que também correspondia às áreas das vilas Baronesa Clara e Barão Hirsch, no espaço rural em 1909, na região norte do Rio Grande do Sul e o estabelecimento de um amplo contingente de imigrantes na capital, localizados no Bairro Bom Fim, por volta de 1914 vinculados ao comércio e profissões de ofício. Distinguíam-se dos demais imigrantes principalmente em razão da religião. Objetiva-se analisar a representação do imigrante judeu na literatura, optando pelas obras *Cágada (ou a história de um município a passo de)*, de Mársico, publicada em 1974, tendo como cenário a Fazenda Quatro Irmãos, em Erechim; e a obra *O exército de um homem só*, de Scliar, publicada em 1973, ambientada no bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Assim, a proposta justifica-se por analisar a presença do judeu na literatura, justamente por sua representação de forma marginal, ora por meio da sátira, ora pela ironia. O estudo, em termos teóricos metodológicos, dialoga com a História Cultural e situa-se na fronteira entre a Literatura e a História. O cruzamento de fontes inclui revisão bibliográfica, documentos sobre a imigração por fontes orais e literárias. Pautado nos dados coletados, ambos os autores, Scliar de origem judaica, e Mársico, advogado da *Jewish Colonization Association* (ICA), eram testemunhas oculares da presença judaica no Estado, mesclando em suas obras literárias saberes históricos, vivências sociais e culturais. Logo, seus personagens transitam no espaço urbano e rural, carregam consigo sua cultura, sua religiosidade, seus saberes e fazeres, vivendo o seu cotidiano. O imigrante judeu, em espaços de imigração, apresenta uma identidade étnica externa homogênea, sobreposta à heterogeneidade interna, ocupando principalmente espaços urbanos, dedicando-se a atividades de ofício e comércio, representação esta reproduzida também na literatura, e de forma crítica, em relação a colonização da colônia de Quatro Irmãos, como um projeto que não foi bem sucedido mas, atingiu os objetivos de auxiliar os imigrantes judeus vítimas de discriminações nos países de leste europeu.

Palavras-chave: História e Literatura, *Cágada (ou a história de um município a passo de)*, *O exército de um homem só*.

ABSTRACT

This study deals with the representation of the Jewish immigrant in the contemporary literature of Rio Grande do Sul, with the cutout in the work of Gladstone Osório Mársico (1927-1976) and Moacyr Scliar (1937-2011). The presence of Jewish immigrants in the state dates from the beginning of the Twentieth century, with the founding of the Quatro Irmãos colony that also corresponded to the areas of the Baronesa Clara and Barão Hirsch villages, in the rural area in 1909, in the northern region of Rio Grande do Sul and the establishment of a large contingent of immigrants in the capital, located in the neighborhood Bom Fim, around 1914 linked to trade and craft professions. They distinguished themselves from other immigrants mainly because of religion. The objective is to analyze the representation of the Jewish immigrant in the literature, opting for the works *Turtle (or the history of a municipality by step of)*, published in 1974, with the setting of the four brothers farm in Erechim; And the work the *One man's army*, from Scliar, published in 1973, set in the neighborhood Bom Fim, in Porto Alegre. Thus, the proposal is justified by analyzing the presence of the Jew in the literature, precisely because of its representation in a marginal way, sometimes through satire, sometimes by irony. The study, in theoretical methodological terms, dialogues with Cultural history and is located on the border between literature and history. The intersection of sources includes bibliographic review, documents on immigration by oral and literary sources. Based on the collected data, both authors, Scliar of Jewish origin, and Mársico, lawyer of the Jewish Colonization Association (ICA), were eyewitnesses of the Jewish presence in the state, merging in their literary works historical knowledge, experiences Social and cultural backgrounds. Soon, their characters move in urban and rural space, carry with them their culture, their religiosity, their knowledge and doing, living their daily lives. The Jewish immigrant, in immigration spaces, presents a homogeneous external ethnic identity, superimposed on internal heterogeneity, occupying mainly urban spaces, dedicating itself to activities of craft and trade, representation this reproduced Also in the literature, and critically, in relation to the colonization of the colony of four brothers, as a project that was not successful but, reached the objectives of assisting Jewish immigrants victims of discrimination in eastern European countries.

Keywords: history and literature. *Turtle (or the history of a municipality by step)*, *One man's army*.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Cenário consultório médico..... | 22 |
| Figura 2 - Objetos pessoais do escritor na exposição: Moacyr Scliar..... | 23 |
| Figura 3 - Moacyr com o filho Beto na Rua da Ladeira, em Porto Alegre, em 1981. | 26 |
| Figura 4 - Exposição Documental | 27 |
| Figura 5 - Gladstone Osório Mársico na década de 60 | 31 |
| Figura 6 - Para vereador Gladstone Osório Mársico | 33 |
| Figura 7 - Presidente da República na Prefeitura Municipal de Erechim | 34 |
| Figura 8 - Homenagem da Prefeitura ao jovem escritor Gladstone Osório Mársico, pelo lançamento do livro Cogumelos de outono. | 37 |
| Figura 9 - Capa do livro <i>O exército de um homem só</i> | 51 |
| Figura 10 - Capa do livro <i>Cágada (ou a história de um município ao passo de)</i> | 59 |
| Figura 11 - Trajeto da ferrovia na região do Alto Uruguai | 82 |
| Figura 12 - Mapa de Quatro Irmãos | 83 |
| Figura 13 - Mapa de Porto Alegre 1916, localização do bairro Bom Fim | 89 |
| Figura 14 - Bares do bairro Bom Fim de Porto Alegre | 93 |
| Figura 15 - Exposição: Moacyr Scliar eu vos abraço, milhões | 94 |
| Figura 16 - Planta da vila de Quatro Irmãos..... | 129 |
| Figura 17 - Prefeitura Municipal de Quatro Irmãos, <i>Gimbo's Bar</i> em <i>Cágada</i> | 136 |
| Figura 18 - Memorial Leopoldo Cohen, a cocheira em <i>Cágada</i> | 137 |
| Figura 19 - Bairros de Porto Alegre: Localização do bairro Santa Cecília | 140 |
| Figura 20 - Henrique Scliar | 153 |
| Figura 21 - Comércio em Quatro Irmãos: Loja de secos e molhados de Abrão Nagelstein | 166 |

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 MOACYR SCLiar E GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO: TRAJETÓRIA LITERÁRIA | 19 |
| 1.1 Moacyr Scliar: o escritor do Bom Fim | 19 |
| 1.2 Gladstone Osório Mársico: o escritor de Erechim..... | 28 |
| 1.3 Trajetórias interligadas: Moacyr Scliar e Gladstone Osório Mársico | 39 |
| 2 A ORGANIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS | 45 |
| 2.1 A composição novela <i>O exército de um homem só</i> | 45 |
| 2.2 Traços do romance <i>Cágada</i> | 52 |
| 2.3 Cotejo da organização e produção das obras | 66 |
| 2.4 Erechim e a Fazenda Quatro Irmãos em <i>Cágada</i>..... | 75 |
| 2.5 O Bom Fim em <i>O exército de um homem só</i> | 87 |
| 2.6 Aproximações entre Bom Fim e Quatro Irmãos | 97 |
| 3 O IMIGRANTE JUDEU REPRESENTADO NA LITERATURA | 100 |
| 3.1 Judaísmo e suas práticas religiosas..... | 100 |
| 3.2 O contexto histórico-social da imigração israelita no RS e seus judeus colonizadores | 119 |
| 3.2.1 A chegada do imigrante israelita na colônia: Isidoro Eisenberg, o colono em Quatro Irmãos | 120 |
| 3.2.2 Tio Henrique: o fundador do kibutz Porto-Alegrense | 139 |
| 3.3 Derrubem os pinheiros e expulsem os intrusos: o capitalista e o comerciante | 156 |
| 3.4 A imigrante judia: de camponesa à comerciante | 176 |
| 3.5 O israelita na política: os movimentos sionistas, a tendência marxista e o episódio do Golpe de 64..... | 186 |
| 3.5.1 Mayer Guizburg: um líder sionista marxista | 187 |
| 3.5.2 Judeus erechinenses no Golpe de 64..... | 204 |
| CONCLUSÃO..... | 215 |
| REFERÊNCIAS | 218 |

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa a representação do imigrante judeu na literatura contemporânea do Rio Grande do Sul, nas obras *Cágada (ou a história de um município a passo de)* (1974), de Gladstone Osório Mársico, publicado pela editora Rio-Grandense Movimento; e *O exército de um homem só* (1973), de Moacyr Jaime Scliar, publicado pela editora Expressão e Cultura do Rio de Janeiro¹.

O problema de pesquisa consiste em investigar como Mársico e Scliar, a partir dessas obras literárias, uma satírica e outra irônica, representam o imigrante judeu, seus espaços, suas sociabilidades, sua religiosidade e cultura. Busca-se perceber aproximações e distanciamentos entre ambas as obras. Os dois autores viviam nesses espaços, e tinham contato direto, como membro do grupo, no caso de Scliar, e indireto, no caso de Mársico, com os núcleos judaicos. Lança-se como uma hipótese que a representação do imigrante judeu nas obras literárias na década de 1970 seguiu um movimento mais amplo, perceptível entre os demais grupos étnicos, porque foi a década comemorativa do sesquicentenário da imigração alemã e da imigração judaica, e o centenário da imigração italiana. Sobre a construção de identidades étnicas Barth (1998, p. 141), define:

[...] uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em funções de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.

Justifica-se a escolha do tema e o recorte temporal pela possibilidade de acessar esse grupo étnico em outros espaços, visto que em geral está invisibilizado entre os demais grupos étnicos. Já na Literatura, sobressaem nas obras de Moacyr Scliar e Gladstone Osório Mársico, em parcela pelo envolvimento deles com o grupo étnico judeu. Contudo, ambos autores tratam de um espaço ficcional específico, ocupando-se o primeiro com o espaço urbano de Porto Alegre, e o segundo com o espaço rural de Erechim, no Norte do Estado. Esse afastamento permite traçar um panorama geral da imigração e colonização judaica, bem como as diferentes representações que surgem desses espaços.

Teoricamente, o estudo está situado na fronteira entre a História e a Literatura, bebendo da

¹ Quanto ao uso de abreviações, o nome da obra *Cágada (ou a história de um município ao passo de)*, usará somente *Cágada*, para referir-se.

fonte da História cultural, que entre as diversas possibilidades de abordagem histórica, ocupa-se com o estudo das representações e dos estudos literários, atravessados pela noção de cultura, ou seja, interessa-se pelos sujeitos produtores e receptores de cultura (BARROS, 2013).

A História Cultural, segundo Roger Chartier (2010), não possui limites definidos, e tentar fazê-lo pode gerar problemas:

Devemos, por isso, mudar de perspectiva é considerar que toda história, qualquer que seja, econômica ou social, demográfica ou política, é cultural, na medida em que todos os gestos, todas as condutas, todos os fenômenos objetivamente mensuráveis sempre são os resultados das significações que os indivíduos atribuem às coisas, às palavras e às ações (CHARTIER, 2010, p. 33).

A relação entre História e Literatura, conforme afirma Sandra Pesavento (2003, p. 80), “resolve-se no plano epistemológico a partir de aproximações e distanciamentos, entendendo-se como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real”. Para Ivânia C. Aquino (2000, p.11), hoje,

[...] tanto na teoria literária quanto na historiografia, investigar os cruzamentos da Literatura e da História é uma tarefa muito produtiva, pois significa uma contribuição à tendência teórica enfatizada nos últimos anos, campo das ciências humanas, que defende haver um diálogo entre as áreas do conhecimento. Ademais, a partir da aproximação entre os dois campos de saber, o literário e o histórico, os avanços teóricos e conceituais construídos propiciam outras perspectivas para representar a realidade.

Sobre a aproximação das duas áreas do conhecimento, Aquino (2000, p. 21), ressalta que “a primeira condição que resulta num encontro da Literatura com a História é o fato de ambas serem textos, objeto este que, por ser o resultado da ação do narrador, é responsável pela produção de sentido do passado”. Chartier (2010, p. 25), salienta que o real é “o objeto e o fiador do discurso da história”, mas atualmente, as fronteiras não são tão claras, especialmente pelo fato do romance no século XIX valer-se das representações do passado como base para sua produção. Personagens, fatos históricos e cenários reais ou apresentados como tal, são representados nas obras literárias, dando forma às práticas sociais e mentalidades de determinado contexto.

Nesse sentido, “a história como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor” (CHARTIER, 2010, p. 15). Da mesma maneira, o historiador deve romper a expectativa de que a obra histórica contém um saber absoluto:

[...] esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto e único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar-, dirige-se às práticas que pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação (CHARTIER, 1988, p. 27).

Entretanto, o papel do discurso histórico na sociedade continua o mesmo, ou seja,

[...] como representação e explicação adequadas da realidade que foi. Suponho em seu princípio a distância entre o saber crítico e reconhecimento imediato, essa reflexão participa do longo processo de emancipação da história com respeito à memória e com respeito à fábula, também verossímil (CHARTIER, 2010, p. 31)

Portanto,

[...] entre história e ficção, a distinção parece clara e resolvida se se aceita que, em todas as suas formas (míticas, literárias, metafóricas), a ficção é “um discurso que ‘informa’ do real, mas não pretende nem abonar-se nele”, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é (CHARTIER, 2010, p. 24)

A obra literária, concebida nessa perspectiva, é o reflexo da sociedade, ou seja, uma imagem capaz de reconstituir a memória de seus produtores. Na Literatura, a “representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma <imagem> capaz de o reconstituir em memória e o de figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1988, p. 20). Nesse sentido, na obra literária,

[...] a relação de representação é assim confundida pela ação da imaginação, < essa parte dominante do homem, essa mestra do erro e da falsidade>, que faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não é. (CHARTIER, 1988, p. 22)

Segundo Chartier (1998), o livro é uma produção cultural e a leitura é a prática criadora do leitor, recriada de acordo com sua competência textual. No ato da leitura de obras literárias, o leitor, para compreender o texto, precisa decodificar o texto e significar as diferentes representações presentes, a fim de reconhecer uma identidade social. De acordo com Barros,

[...] ao escrever um livro, o seu autor está incorporando o papel de um produtor cultural. Isto todos reconhecem. O que foi acrescentando pelas mais recentes teorias da comunicação é que, ao ler este livro, um leitor comum também está produzindo cultura.

A leitura, enfim, é prática criadora – tão importante quanto o gesto da escritura do livro. Pode-se dizer, ainda, que cada leitor recria o texto original de uma nova maneira – isto de acordo com os seus âmbitos de “competência textual” e com as suas especificidades (inclusive a sua capacidade de comparar o texto com os outros que leu, e que podem não ter sido previstos ou sequer reconhecidos pelo autor do texto original que está se prestando à leitura). Dessa forma, uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção (BARROS, 2013, p. 57).

Para a presente pesquisa, considera-se a escrita do livro e seus autores, focando a análise na obra, através dos conceitos de representação, sem investigar a recepção, o que seria uma outra pesquisa.

Tal qual o literato, o historiador também é fruto de seu tempo e das suas inquietações. Para responder às demandas do presente, busca respostas amparadas no rigor científico da pesquisa em fontes históricas de natureza diversa. O resultado de sua investigação é apresentado em formato de uma narrativa histórica, plausível, mais próxima possível do que aconteceu. Por sua vez, a Literatura pode usufruir do discurso histórico para criar uma obra ficcional.

De acordo com Pesavento (2005, p. 51),

[...] o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas.

Baseado no método científico de análise, o historiador pode utilizar a produção literária como matéria de estudo, tendo em vista que a literatura é uma fonte rica de criação e imaginação, que fornece traços e pistas sobre as mentalidades, os sujeitos e suas sociedades não perceptíveis em outras fontes. Sobre essa proximidade, observa-se que

[...] a Literatura não se faz, por outro lado, pelo desprezo de qualquer nível do real, nem pelo desprezo da história. O real e a história são a matéria e o corpo de que se vale a literatura para destilar o seu ser. Toda a atenção é dada à defesa deste corpo físico, justamente porque o ser da literatura é outra coisa que não o real, a história, a linguagem, é a própria literatura (GROSSMANN, 1982, p. 23).

Sobre a Literatura ser uma fonte, importa considerar que,

[...] se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao

mundo, a Literatura se toma uma fonte muito especial para o seu trabalho. A Literatura, como se sabe, é sempre fonte de si mesma, ou seja, diz sobre o presente da sua escrita e não sobre a temporalidade do narrado (PESAVENTO, 2003, p. 39).

Logo, a obra literária é produto da época na qual foi escrita, atravessada por interferências culturais. Já o escritor é um receptor, inserido em determinado grupo social, no tempo e espaço, cujos reflexos de suas vivências, percepções e fatos históricos podem aparecer na sua produção ficcional.

É só na História que o homem existe e a Literatura nada mais é que o discurso da existência humana, das suas várias possibilidades. A História é o desdobramento no tempo dessas várias possibilidades. O homem é o personagem, que é homem. E o escritor é o criador de personagens que se encorparam em homens (BACCEGA, 2000, p. 89).

O leitor, ao praticar a leitura, apropria-se do texto, tornando-se a competência uma nova construção de interpretação a sua competência leitora,

[...] é necessário lembrar que todo o texto é o produto de uma leitura, uma construção do seu leitor: << este não toma nem o lugar do autor, nem um lugar de autor. Inventa nos textos uma coisa diferente daquilo que era a <<intenção>> deles. Separa-os da sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria o desconhecido no espaço organizado pela capacidade que eles possuem de permitir uma pluralidade indefinida de significações (CHARTIER, 1988, p. 61).

A assimilação da obra literária é interferida pelo momento histórico em que é lida, ou seja, a leitura da mesma obra na época em que foi escrita, possui diferentes significados ao leitor que usufrui de sua leitura na época atual (CHARTIER, 2010).

A representação do imigrante na literatura rio-grandense foi tema de outras pesquisas, como Ivânia Aquino (2007). Trata-se de um estudo da representação do imigrante alemão no romance sul-rio-grandense. A análise das obras foi orientada pelas categorias; Família, Trabalho, Religião, Espaço e deslocamento e Contatos. Elaborado um levantamento minucioso das informações correspondentes encontradas nas narrativas. Por meio desse processo investigativo são explicitadas as visões sobre a imigração alemã construídas por escritores diferentes em épocas diferentes, formulando-se compreensões sobre assimilação e preservação da identidade étnica e participação dos imigrantes na formação do estado do Rio Grande do Sul.

A historiografia sobre a imigração judaica no Brasil no século XX é pouco numerosa, visto tratar-se de um grupo minoritário, cujos estudos são recentes. Em âmbitos nacionais, o trabalho da

historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro trata etnicidade, racismo e discriminação.

Para o Rio Grande do Sul, um dos trabalhos pioneiros é da historiadora, Cristine Fortes Lia (2003), a qual se constitui num estudo da comunidade judaica do Rio Grande do Sul, durante os anos do Estado Novo no período de 1937-1945. Rompendo com uma expressiva corrente historiográfica que prioriza a importância das “perseguições” contra esse grupo de imigrantes pelas autoridades do período, enfoca as diferentes estratégias desenvolvidas por eles para realizar um processo de negociação de identidade cultural.

Também há os estudos da historiadora Ieda Gutfreind (2004), que aborda a história de vida de imigrantes judeus e seus descendentes, a autora recria a história passada e presente desse grupo, discutindo questões da identidade étnica e da inclusão e sobrevivência em um novo mundo. Outra obra (2014), relata o desenvolvimento das comunidades étnicas que se formaram em Erechim e Passo Fundo. Estes imigrantes vieram patrocinados pela Jewish Colonization Association (ICA) para se estabelecerem em lotes da extensa fazenda de Quatro Irmãos. Muitos deles permaneceram pouco tempo nos núcleos coloniais, tendo-se dirigido para áreas urbanas. Passo Fundo e Erechim, que se encontravam em franco desenvolvimento, no início do século XX, tornaram-se polos atrativos para estes imigrantes que se agruparam em cada uma destas cidades. Tais comunidades judaicas mantêm-se ativas ainda nos dias de hoje, preservando sua identidade étnica, através da prática de suas tradições, também integradas na sociedade maior.

Sobre a colônia de Erechim e a atuação da ICA, há o estudo de Isabel Gritti (1997), aborda a colônia Quatro Irmãos, localizada no município de Erechim, entre os anos 1909, quando a ICA compra as terras, até 1962, período em que a companhia *Jewish Colonization Association* encerra suas atividades. Investiga como uma poderosa companhia não obtém êxito em suas atividades agrícolas e, portanto, abandonou a colônia.

A obra literária de Mársico foi objeto de pesquisa da academia literária. Primeiramente, na dissertação de Mestrado de Vera Beatriz Sass (1994), nela encontra-se uma análise de como o Mársico faz uso da sátira em suas obras, partindo do referencial teórico da picaresca clássica espanhola, e da influência da picaresca no Modernismo Brasileiro, a autora traz o germe da picaresca das obras do autor.

Também, Adilson Barbosa na sua dissertação de Mestrado em Letras (2010), faz um estudo sobre os ativadores de comicidade que provocam o riso e a reflexão. Através do estudo da história do riso no pensamento ocidental, as teorias do humor, os tipos de riso e o reconhecimento dos

mecanismos de comicidade, analisou a sátira nas personagens e os episódios históricos como; à colonização judaica no Rio Grande do Sul e o golpe militar de 1964.

Recentemente, em 2017, Daniela Rosa Monteiro recuperou os documentos da trajetória de vida do escritor Gladstone Osório Mársico, representada por seu acervo pessoal, que está na biblioteca pública de Erechim, na qual leva seu nome, o acervo foi submetido a uma análise que permitiu conhecer os tipos de documentos que o compunham e avaliar seu estado de conservação. Dessa forma, a autora realizou um diagnóstico, e utilizou o instrumento catalogação de preservação do acervo. Como isso, produziu um inventário descritivo do acervo.

A obra *O exército de um homem só*, por sua vez, foi objeto de pesquisa na Literatura, da dissertação de Mestrado em Letras, de Edna Rodrigues de Araújo (2015) um estudo por meio de análise crítica que mostra a comicidade maneirista e o caráter híbrido do cômico, a pesquisa utilizou abordagem qualitativa, a partir do maneirismo mostra como o riso pode apresentar-se de diferentes formas.

O imigrante judeu está representado como sujeito histórico na produção literária de Mársico e Scliar. Mas, quem é esse imigrante, que serviu de inspiração aos escritores? Para acercar-se desse sujeito histórico e o processo de imigração, além da revisão historiográfica, pesquisa em arquivos, foram realizadas entrevistas, seguindo a metodologia da história oral. Optou-se por entrevistar descendentes de imigrantes judeus que viveram ou vivem em Quatro Irmãos ou no bairro Bom Fim e também familiares e amigos que conviveram com os escritores.

O rol de entrevistados foi se configurando conforme a possibilidade de ter acesso aos sujeitos envolvidos, num total de 16 pessoas. Na comunidade judaica, tanto de Erechim quanto Porto Alegre, foram realizadas 4 entrevistas, selecionadas conforme a necessidade de informações, e a disponibilidade dos entrevistados². No grupo de familiares, foram realizadas 9 entrevistas³. Paralelamente também foram entrevistados 3 historiadores⁴.

A partir das fontes orais, foi possível compreender o cenário para além das obras e seus

² Assim distribuídas: Ghedale Saitovitch e Luis David Leventhal, presidente e vice-presidente da Organização Sionista de Porto Alegre, Jayme Jochelavicius viveu em Barão Hirsch, Abraão Izaquiel Charchat descendentes de imigrantes judeus que se estabeleceram em Erechim.

³ Assim distribuídas: Rosangela Mársico, filha do escritor; a cunhada Gaby Mársico, e o irmão do escritor, Gilberto Mársico, que também era seu sócio no escritório de advocacia, Euclides Richetti cliente de Mársico. Ainda, Judith Scliar, esposa de Scliar, seu irmão Wremyr Scliar, a prima Lúbia Scliar Zilberknop, o primo-irmão por parte de mãe Irineu Keiserman Grinberg, a prima-irmã por parte de pai Leonor Scliar Cabral.

⁴ Assim distribuídas: Airan Milititsky Aguiar presidente do Clube de Cultura, descendente de imigrantes judeus. Enori Chiaparini historiador e membro da Academia Erechinense de Letras e a Profa. Dra. Isabel Rosa Gritti que fomentaram dados sobre a imigração judaica local e o contexto histórico de Erechim.

autores, bem como suas entrelinhas,

[...] como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (MATOS, 2011, p. 97).

De acordo com Alberti (2018, p. 31):

De modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo, isto é, desde que ainda vivam aqueles que têm algo a dizer sobre ele-, é passível de ser investigado através da história oral. Contudo, como qualquer método, a história oral tem uma natureza específica que condiciona as perguntas que o pesquisador pode fazer. Em se tratando de uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que o viveram, é fundamental que tal abordagem seja efetivamente relevante para a investigação que se pretende realizar.

O estudo analítico dos dois escritores e suas obras pautou-se metodologicamente na história comparada e Literatura Comparada. Conforme Oswaldo Truzzi (2018, p. 9), “as comparações permitem agregar a uma história mais descritiva, um eixo mais explicativo”.

Nas obras literárias *Cágada* e *O Exército de um homem só* buscou-se apontar semelhanças e diferenças entre ambas, ou seja, como cada um dos escritores representou o imigrante judeu em suas criações.

Estudos partindo de uma problemática comum podem analisar estruturas, processos e mentalidades em duas ou mais sociedades, seja para acentuar diferenças, seja para encontrar analogias, de qualquer maneira, para ampliar a base documentária e propor uma interpretação das evoluções baseadas no conhecimento de realidades sociais, econômicas e políticas diferentes (BOUTIER, 1998, p. 211).

O estudo comparativo permite “ver o que não está lá; em outras palavras, entender a importância de uma ausência específica” (BURKE, 2002, p. 40).

Contudo houve comparação das obras literárias, por isso o estudo permite agregar análise partindo da literatura comparada que,

hoje em dia, é uma das formas mais difundidas de abordagem do literário, pois a natureza de sua investigação, intertextual e interdisciplinar, e a sua configuração teórica enriquecida pelas correntes contemporâneas, transformaram-se em uma disciplina e num campo de investigação capazes de dar uma conta de amplas questões relativas ao estatuto literário de obras, autores, períodos e gêneros literários (BITTENCOURT, 1996, p. 7).

Relativo à documentação de pesquisa, a primeira parte dos documentos encontra-se em Erechim, no Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font. O acervo disponibiliza: algumas cartas da companhia ICA, os jornais *A Voz da Serra* e *Boa Vista*, *Diário da Manhã* que contém reportagens sobre o escritor Gladstone Osório Mársico, e matérias sobre a fundação de Erechim e de Quatro Irmãos, fotos da comunidade judaica de Erechim.

Na URI (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões) encontra-se a coleção de edições da revista *Perspectiva*. Na Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico, em seu acervo foram encontrados itens pessoais do escritor, como: documentos pessoais, cartas do escritor para Érico Veríssimo, cartas enviadas para os editores da editora Movimento, atestados médicos, fotos familiares, reportagens de revistas, jornais, obras originais, objetos como a máquina de escrever, certificados e premiações. Na Câmara Municipal de Erechim foi disponibilizado o livro de Atas que continha o registro de atividades dos anos 1956-1959, período em que Mársico assumiu o cargo de vereador. Também no cemitério Israelita de Erechim foram vistos os túmulos e a documentação do cemitério.

A segunda parte da documentação, que corresponde ao escritor Moacyr Scliar, encontra-se em Porto Alegre, através de visitas ao bairro Bom Fim e nas exposições promovidas pela organização de divulgação do trabalho do escritor. No museu da Santa Casa, há fotos do acervo da família, prêmios, certificados recebidos do escritor. Outros dados constam no site oficial *post mortem* do escritor, responsável pela divulgação das obras e das exposições. Outra documentação consta no Acervo Delfos Digital da PUCRS. Também houve visita ao Clube de Cultura de Porto Alegre, da Organização Sionista de Porto Alegre, e do Programa de rádio *A hora Israelita*. No Instituto Cultural Judaico Marc Chagall foram pesquisadas entrevistas. Além disso, foram encontrados materiais sobre o bairro Bom Fim no Museu da UFRGS.

Também houve a imersão nas programações da Sociedade Beneficente Israelita de Erechim. Para a autora, sendo católica e não conhecendo, antes da pesquisa os membros, foi um desafio de aprendizado e aquisição de conhecimentos históricos, culturais, religiosos, de uma cultura que inicialmente, parecia distinta da sua, mas, assemelha-se nos princípios éticos de justiça, caridade e perdão. No decorrer desses dois anos de convívio, ouviu relatos do passado, e experiências de vida, que lhes auxiliaram na realização desse trabalho.

Ocorreram visitas na Sinagoga Abrahão Melnick de Passo Fundo e na área original da colônia Quatro Irmãos como; na Prefeitura Municipal de Quatro Irmãos, no Memorial Centro

Cultural Leopoldo Cohen, no Cemitério Israelita de Quatro Irmãos, que tornou-se patrimônio histórico, e em Getúlio Vargas; no Instituto Histórico de Getúlio Vargas foi possível encontrar mapas de Quatro Irmãos e Erebangó e entrevistas de imigrantes não judeus que viveram no século XX, no território pertencente às terras da companhia ICA.

Vale salientar que a autora veio da área de Letras Português- Inglês e Respektivas literaturas, para a o Mestrado em História, no intuito de realizar essa pesquisa pelo viés historiográfico e não linguístico.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, analisa-se o perfil dos escritores, sua vida e obra, bem como elementos da vida social, política e profissional. Em um segundo momento, comparam-se as trajetórias de vida.

No segundo capítulo, analisa-se a produção literária, a estrutura que foi composta as obras literárias, revisão literária, comparação da elaboração de ambas, num segundo momento, busca-se a representação do espaço imaginário e de seus sujeitos.

No último capítulo, busca-se encontrar a representação do imigrante judeu nas categorias; religião, judeu colonizador, judeu capitalista, imigrante judia, judeu na política, e uma breve consideração final. Então, convido o leitor a adentrar em minha pesquisa e me acompanhar nesta investida que teve a única intenção de contribuir com esta temática. Vamos lá!

1 MOACYR SCLiar E GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO: TRAJETÓRIA LITERÁRIA

Neste primeiro capítulo apresenta-se a trajetória literária e pessoal dos escritores Moacyr Scliar e Gladstone Osório Mársico. Scliar, escritor e médico do Bom Fim e o erechinense Mársico, advogado e vereador. Busca-se compreender as semelhanças e diferenças entre suas trajetórias e possíveis ligações entre elas.

1.1 Moacyr Scliar: o escritor do Bom Fim

O escritor, na língua portuguesa, em geral se refere ao literato, enquanto o autor define todo aquele que assina um texto, com extensão e formato variável. Em outras línguas, essas distinções são dadas pelos termos empregados. Na perspectiva de Roger Chartier, os autores eram homens que integravam por meio de sua escrita a sua representação social. Chartier (1998, p. 32), sobre a definição de autor, salienta,

[...] para que exista autor são necessários critérios, noções, conceitos particulares. O inglês evidencia bem esta noção e distingue o *writer*, aquele que escreveu alguma coisa, e o *author*, aquele cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto. O que se pode encontrar no francês antigo quando, em um *Dictionnaire* como o de *Furetière*, em 1690, distingue-se entre os “*écrivain*” e os “*auteur*”. O escritor (*écrivain*) é aquele que escreveu um texto que permanece manuscrito, sem circulação, enquanto o autor (*auteur*) é também qualificado como aquele que publicou obras impressas.

A trajetória familiar de Moacyr Scliar surge com o patriarca da família chamado José Scliar, e sua futura esposa Sara Slavutzky, que em 1914 e 1920 respectivamente, emigraram com suas famílias da Bessarábia, região da Moldávia, com destino ao Brasil, instalando-se, inicialmente, na Colônia Quatro Irmãos⁵. Sobre a família, Wremyr Scliar, irmão de Moacyr Scliar, em seu artigo *A influência judaica na literatura de Moacyr Scliar*, ressalta:

⁵ Sobre a trajetória de vida de Moacyr Scliar. Moacyr Scliar site oficial. Disponível em: <<http://www.moacyrscliar.com/sobre/o-escritor/>>. Acesso: 28 set. 2018.

José, o pai de Moacyr, emigrou em 1914 com 7 anos, junto com a mãe Ana, viúva e com 9 filhos. Três filhos já haviam morrido. Todos os filhos e o marido foram acometidos de tifo. O patriarca, Marcos [avô] também morreu da doença na terra natal [Rússia]. Duas filhas, casadas e com filhos, tinham vindo a Porto Alegre, no ano anterior. Segundo relato dos parentes, advertidos por um primo francês de que a Grande Guerra era iminente, resolveram emigrar. Ana desembarcou no Brasil com os outros filhos, um ainda recém-nascido destinavam-se à colônia de Quatro Irmãos. [...] A mãe de Moacyr, Sara, emigrou com os pais e três irmãos, já no início da década de 20, e vinham de uma região ucraniana, fronteira com a Bessarábia. As duas famílias tinham parentesco e mantinham na Europa e depois no Brasil convivência constante. [...] A avó materna de Moacyr chamava-se Edith Slavutzky, casada com um irmão da avó paterna, Ana Slavutzky Scliar. Daí o parentesco. Do lado materno, a família dirigiu-se para Quatro Irmãos, mas Sara mudou-se para Porto Alegre para estudar; frequentou na Escola Normal Primeiro de Maio, na zona norte, o curso normal formando-se professora - primeira professora com formação brasileira dos imigrantes. [...] Nascida no leste europeu, chegou no colo da mãe no Brasil e foi registrada como nascida no Brasil. Falava e escrevia o português com perfeição. Também era leitora de autores brasileiros, especialmente José de Alencar, no qual encontrou o nome Moacyr para o filho - do tupi-guarani, que significa filho do sofrimento (SCLIAR, 2017, p. 01).

José e Sara casaram em Porto Alegre em 1935 e tiveram três filhos: Moacyr Jaime Scliar (1937), Wremyr Scliar (1941) e Marili Scliar (1951). Segundo narrativa de Wremyr Scliar “morávamos na Rua Fernandes Vieira [nº 492] (uma modestíssima casa alugada) e depois na Rua Vasco da Gama [sem número], sempre repartindo o quarto de dormir, mesa de trabalhos, e livros”. Sobre a religiosidade familiar ressalta, que “seu pai [José] era ateu. Raramente frequentavam os templos, exceto em casamentos, ou nas cerimônias fúnebres. Mantinham-se distantes e com autonomia, não apenas em relação à religião mosaica, mas à todas as demais” (SCLIAR, 2018).

O projeto de emigrar, inicialmente, esteve ligado à atuação da *Jewish Colonization Association* (ICA) e a fundação da colônia de Quatro Irmãos, na região norte do Rio Grande do Sul.

Seus avôs (exceto o avô paterno, que já havia falecido) resolveram emigrar, com o apoio da JCA (Jewish Colonization Association) [...]. José, o pai de Moacyr, chegou ao Brasil com sete anos, a mãe viúva, com mais de 11 irmãos, alguns já casados e com filhos. A mãe de Moacyr Scliar, Sara, que depois se tornaria professora, seus pais e irmãos foram levados para Quatro Irmãos, no interior do Rio Grande do Sul, mas em seguida se mudaram para Porto Alegre (BERND, 2012, p. 36).

Note-se aqui que a família fez uma segunda trajetória migratória interna no Rio Grande do Sul, abandonando a colônia de Quatro Irmãos e estabelecendo-se na capital do Estado, dedicando-se a atividades urbanas.

Como emigrantes em Porto Alegre, José Scliar teve uma pequena fábrica de móveis e Sara

Slavutzky Scliar foi professora na escola primária do Colégio Israelita Brasileiro⁶. Como estudante, Moacyr Scliar estudou no Colégio Rosário, concluindo em 1951 o ginásio. No mesmo ano, publicou seu primeiro conto no *Jornal Mural*. Em 1952, ingressou no curso Colegial Científico, no Colégio Júlio de Castilhos, e publicou no jornal *Correio do Povo* o conto *O relógio*. Em 1954, recebeu o 2^a lugar no Concurso de Contos da União Internacional de Estudantes com o conto, *Em busca da juventude*.

Na sua formação, optou por uma carreira profissional distinta da escrita. No ano de 1955 ingressou na Faculdade de Medicina, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Segundo ele,

[...] comecei a estudar medicina em meados da década de 50. Eram os anos JK, uma época de confiança, de otimismo exuberante. [...] Mas a Faculdade de Medicina funcionava num vetusto prédio, já então com meio século. Ficava na esquina com a Sarmiento Leite, cujo nome homenageia o famoso médico a quem devia sua fundação (SCLIAR, [S. l.: s.n.], [1987]).

Enquanto estudante, a partir de 1958, participou do Movimento Juvenil Judaico. “Foi militante no movimento juvenil da esquerda sionista que se considerava marxista, o *Hashomer Hatzair* (Guarda Jovem), sem nunca ter deixado de ter vínculos muito afetivos com a esquerda não sionista”⁷.

As temáticas das publicações de Scliar nesse período foram influenciadas pelo contexto acadêmico no qual circulava, direcionando-se a esse público leitor. Publicou no jornal *O Bisturi* a obra *Histórias de um médico em formação* em 1962, uma coletânea relatando experiências colhidas no decorrer do seu estágio na Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre.

Após formado, em 1962, atuou na Residência na Santa Casa. Em 1964, atuou como professor auxiliar no departamento de Medicina Interna da Faculdade Católica de Medicina (atual Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre).

A imagem abaixo representa o cenário de um consultório médico, nos anos de atuação de Moacyr Scliar (1960-1970) todos os objetos da (Fig.1) como; maca, avental, porta soro, balança, lixeira, e armário de remédios são preservados pela Santa Casa de Misericórdia.

⁶ Colégio Israelita Brasileiro. Disponível em: <<http://www.colegioisraelita.com.br/>>. Acesso: 10 jan. 2018.

⁷ Moacyr Scliar. Disponível em: <<http://www.moacyrscliar.com/sobre/cronologia/>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

Figura 1 - Cenário consultório médico



Fonte: Gláucia Elisa Zinani Rodrigues. Data: 09 jan. 2018. Acervo pessoal da autora.

Em 1965, casou com Judith Oliven. Em 1969, iniciou seu trabalho como médico sanitarista, atuando na Residência na Santa Casa. Neste local chefiou a equipe de Educação em Saúde, a qual tinha como missão erradicar a varíola e outras doenças contagiosas. Também atuou na equipe de Unidade São José, na comunidade judaica, no SAMU (Serviço Domiciliar de Urgência) e no sanatório Partenon.

Na década de 70, optou por seguir a carreira de sanitarista e escritor. Na (Fig.2) objetos pessoais como: a mesa, a máquina de escrever e a cadeira.

Figura 2 - Objetos pessoais do escritor na exposição: Moacyr Scliar.



Fonte: Gláucia Elisa Zinani Rodrigues. Data: 09 jan. 2018. Acervo pessoal da autora.

Colaborou com artigos, contos e crônicas para órgãos da imprensa como: *A folha de São Paulo*, *Correio do Povo*, *Suplemento Literário*, *Revista Shalom*. Na década de 70 recebeu uma bolsa de estudos da OEA (Organização dos Estados Americanos) fez pós-graduação em Israel. Em 1999, concluiu o doutorado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, com a tese *Da Bíblia à Psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica*. No ano de 1978, foi diretor do Departamento de Saúde Pública da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1979 nasceu seu único filho Roberto Scliar.

Como escritor, sua produção abrange temas variados, desde obras médicas, imigração judaica, e temas gerais. Analisando o todo de sua obra, percebe-se que as publicações vinculadas à imigração judaica, como; *A paixão de ser – depoimentos e ensaios sobre a Identidade Judaica* (1998), *Caminhos da Esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul* (1991), *Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul* (2004), *Tribunal da história: julgando as controvérsias da história judaica* (2003).

Já a produção literária abarca as obras: *O carnaval dos animais* (1968), um livro de contos;

A guerra no Bom Fim (1972); a novela *O exército de um homem só*, a qual recebeu menção honrosa e o Prêmio Fernando Chinaglia de 1972, da União brasileira de escritores, e em 1974 o Prêmio Joaquim Manuel de Macedo, pelo estado do Rio de Janeiro; *Os deuses de Raquel* (1975); *O Ciclo das águas* (1977). Recebeu várias premiações da cidade de Porto Alegre pelo conto *História porto-alegrense* (1978); o prêmio Brasília 1977 da fundação cultural do Distrito Federal, por Minas Gerais e o Prêmio Guimarães Rosa para o inédito *Doutor Miragem* (1978). Escreveu *Pega pra Kaputt* (1978) com Josué Guimarães; e *O anão no televisor* (1979).

Nos anos 1980, em Israel, participou do encontro latino-americano de escritores de origem judaica. Dentre as publicações desse período, destacam-se: *O centauro no jardim* (1985), que recebeu o Prêmio da Associação Paulista de críticos da arte; *Max e os felinos* (1982); *A festa no castelo* (1982), que serviu de roteiro para o filme *No amor* dirigido por Nelson Nadotti; *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983). Em 1987 foi escolhido o Patrono da 33ª Feira do Livro de Porto Alegre e recebeu o Prêmio Jabuti na categoria contos, crônicas, e novelas com a obra *O olho enigmático* (1987). Também o Prêmio *Casa de Las Americas* por *A orelha de Van Gogh* (1987).

Na década de 1990, recebe o prêmio Jabuti PEN Clube do Brasil, na categoria romance por *Sonhos tropicais* (1992). Em 1993 e 1997 foi professor visitante no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University, nos Estados Unidos. Recebe o Prêmio Açorianos e Prêmio José Lins do Rego pela obra *A majestade do Xingu* em (2001), e o Prêmio Mario Quintana por *A colina dos suspiros* em (1999).

Nos anos 2000, recebeu o Prêmio Jabuti por *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999); lançou os livros infanto-juvenis *O mistério da casa verde* (2000); *Os leopardos de Kafka* (2000). No ano 2003 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, tomando posse em 22 de outubro, ocupando a cadeira nº 31. Posteriormente, ainda publicou as obras: *Na noite do ventre, o diamante* (2005); *Os vendilhões do templo* (2006); *A palavra mágica* (2007); *Manual da paixão solitária* (2008), que recebeu o prêmio Jabuti 2009; e o último romance de sua carreira, *Eu vos abraço, milhões*, em 2010. No mesmo ano, foi patrono da 11ª edição da Feira do Livro de Venâncio Aires.

Scliar recebeu uma homenagem pelos serviços prestados na atuação da área médica da Prefeitura da cidade de Porto Alegre em 1989. Foi professor visitante na *Brown University* nos EUA (1993). Nos anos 2000, após se aposentar na Secretaria de Saúde, retornou à vida como professor e chefe no Departamento de Saúde coletiva da UFCSPA, a instituição homenageou-o com a inauguração do Teatro Moacyr Scliar, no 3º andar de seu prédio.

Transitando entre a medicina e a literatura, Moacyr Scliar tornou-se conhecido e reconhecido nacional e internacionalmente, como uma figura representativa da comunidade judaica porto alegreense. Faleceu em Porto Alegre, em 27 de fevereiro de 2011, aos 73 anos devido a falência múltipla dos órgãos, consequência de um acidente vascular cerebral. Foi sepultado no Cemitério do Centro Israelita, na capital.⁸ Na obra *Tributo a Moacyr Scliar*, Zilá Bernd, escreve:

Moacyr Scliar foi um homem do mundo: nascido em um pequeno bairro em Porto Alegre, filho de imigrantes judeus, ampliou seus horizontes pela palavra, escrevendo livros sobre Medicina, Literatura e a condição judaica, compondo uma obra constituída por uma variedade de títulos e publicada na América e na Europa. Quando morreu, na mesma cidade de seu nascimento, fevereiro de 2011, era nome consagrado por seus leitores, pelos prêmios recebidos e pela crítica, confirmado por seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, que o tornou imortal, em 2003, ao conceder-lhe cadeira ocupada por Geraldo França de Lima (BERND, 2012, s/p).

A partir de então, recebeu ainda várias homenagens póstumas. Ainda em 2011, no catálogo da exposição *Bom Fim: um bairro, muitas histórias*⁹ foi homenageado como curador honorário e escritor, pelo Museu da UFRGS. No mesmo ano, a Associação Médica do Rio Grande do Sul (Amrigrs) prestou uma homenagem e a partir de então a premiação da entidade passou a se chamar Prêmio Amrigrs de Jornalismo - Troféu Moacyr Scliar.

Também foram realizadas exposições em homenagem a Scliar, no período de setembro a novembro de 2014 foi promovida uma exposição em sua homenagem, denominada: *Moacyr Scliar o Centauro no Bom Fim*,¹⁰ com apoio do L&PM Editores e Santander Cultural, em Porto Alegre (Fig. 3).

⁸ Jornal Zero Hora. *A emocionada hora do adeus*. Porto Alegre: 1 mar. 2011, p. 3. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/72>> Acesso: 10 jan. 2019.

⁹ Exposição. *Bom Fim: um bairro, muitas histórias*. Disponível em: <<https://www.guiadasemana.com.br/porto-alegre/arte/evento/bom-fim-um-bairro-muitas-historias-museu-da-ufrgs-13-12-2010>> Acesso: 10 jan.2018.

¹⁰ Exposição. *Moacyr Scliar o Centauro no Bom Fim*. Disponível em: <<http://www.moacyrscliar.com/exposicao/depoimentos.htm>> Acesso: 10 jan. 2018.

Figura 3 - Moacyr com o filho Beto na Rua da Ladeira, em Porto Alegre, em 1981.



Fonte: *Exposição Moacyr Scliar o centauro no Bom Fim*. Foto: Carlos Gerbase/ Arquivo Pessoal.

O Centro Histórico-Cultural da Santa Casa organizou a exposição *Moacyr Scliar eu vos abraço milhões*¹¹, em comemoração aos 80 anos do escritor, de outubro de 2017 até fevereiro de 2018. Num dos emblemas da exposição *Moacyr Scliar eu vos abraço, milhões* ressalta que a habilidade com a escrita emerge desde a infância, sempre ouvindo histórias e estimulado pela mãe para que escrevesse. O irmão de Moacyr ressalta: “Ela nos obrigava a fazer uma redação por dia e era rigorosa na correção. Em um mês, Moacyr escreveu sessenta redações em latim, embora tivesse apenas o “*ludus primus*” [primus da névoa]” (SCLIAR, 2018).

Em novembro de 2017 até janeiro de 2018, esteve aberta a exposição documental *Práticas de amor em Moacyr Scliar: cuidar, lecionar e escrever*, no museu da UFCSPA (Fig.4) resgatou a trajetória de vida do escritor através de fotos e objetos.

¹¹ Comemoração 80 anos do escritor Moacyr Scliar. Disponível em: <<http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/exposicao-moacyr-scliar-eu-vou-abraco-milhoes/>>. Acesso: 08 fev. 2018.

Figura 4 - Exposição Documental



Fonte: Gláucia Elisa Zinani Rodrigues. Data: 08 jan. 2018. (Arquivo pessoal da autora)

Moacyr Scliar escreveu mais de 80 obras, abrangendo vários gêneros: ficção, ensaio, crônica e literatura juvenil. Na entrevista, Wremyr Scliar salienta o lado humanista do irmão:

Moacyr Scliar foi um cidadão humanista, preocupado com o Brasil, onde nasceu, e seu povo. Embora nem sempre envolvido, acompanhou e opinou sobre os movimentos sociais e as crises políticas. Surpreendi-o várias vezes em conversas amigáveis com políticos. Ocupou cargos públicos no ensino acadêmico, na secretaria de saúde estadual e no governo federal. Engajado e apaixonado pela saúde pública, os índices da sua época de gestão pública jamais foram repetidos. Como escritor, escreveu primeiro sobre a cultura da imigração judaica, depois passou a temas mais universais. Exerceu a medicina pública e foi escritor, cronista e articulista plenamente realizado (SCLIAR, 2018).

Em síntese, essa é a trajetória profissional e literária do escritor Moacyr Scliar. Para dar continuidade, a análise segue com a trajetória de vida do escritor erechinense Gladstone Osório Mársico.

1.2 Gladstone Osório Mársico: o escritor de Erechim

O espaço rural da colonização judaica, no interior do Estado, foi percebido e representado na literatura por Gladstone Osório Mársico. Mársico foi um escritor, profissional liberal que atuou na política local. Gladstone Osório Mársico nasceu em 5 de abril de 1927, no município de Erechim, na localidade hoje pertencente ao município de Viadutos.

Os pais de Gladstone “se chamavam Maria Carolina Osório Mársico, Fábio Sebastião Marsico, eram filhos de imigrantes italianos” (LEHMANN, 2019). Naturais de São José, município de Santa Catarina. Após o casamento, o casal transferiu residência para Viadutos, onde nasceram os filhos; o primogênito Gladstone (1927), a musicista Leda Osório Mársico¹² (1928), Lígia Mársico (1930) e Gilberto Mársico (1933), advogado.

Já, residindo no centro de Erechim seu pai: “Fábio Mársico trabalhou como contador e posteriormente proprietário da farmácia Erechim e da fábrica de Café Rio Azul” (MÁRSICO, 2018a). Sobre a personalidade e a atividade profissional da mãe de Gladstone,

[...] a Sra. Maria Carolina bordava e vendia lindos enxovais de cama e mesa e assim ajudava o seu marido nas despesas da casa e na educação dos quatro filhos. Dona Carolina, como era conhecida, sempre procurou dar a melhor educação para os filhos, o que os levou aos internatos em Florianópolis, com pouca idade até o fim do que seria hoje o ensino de 1ª Grau do fundamental, e que era o antigo ginásio. [...] Era uma pessoa inteligente, tocava bandolim, escrevia muito bem. Há no túmulo do filho [Gladstone] uma carta gravada em metal em que ela se despede dolorosamente dele. Seu comentário sobre os livros do filho, “achava-os irreverentes”, pois era uma pessoa muito religiosa, mas perdoava a irreverência do filho amado (MÁRSICO, 2018b).

O envolvimento de Gladstone Mársico com o mundo das letras foi precoce. Aos 11 anos, fundou um jornal feito a carimbo e distribuiu aos seus colegas do Colégio Catarinense, em Erechim. Posteriormente, em Porto Alegre, enquanto estudante no Colégio Rosário, produziu o primeiro jornal, feito a mimeógrafo.

Percebe-se aqui uma condição econômica privilegiada da família, que conseguiu enviar e manter seus filhos na capital para completar seus estudos secundários. A família também propiciou uma formação musical aos filhos: Leda e Lígia estudavam piano e canto, e Gladstone tocava violino. “Apresentaram-se no auditório da Rádio Erechim, e numa outra ocasião, no Teatro São

¹² Publicou a obra **O Canto na escola de 1º grau**. Brasília: Ministério da Educação e cultura, Departamento de documentação e divulgação, 1978.

Pedro em Porto Alegre com outros corais, acompanhados pelo pianista Oswaldo Elemar Engel” (MÁRSICO, 2018a). A família custeou as faculdades dos filhos: “Leda e Lígia cursaram as faculdades de Pedagogia e Música e jornalismo respectivamente, enquanto Gladstone, a de direito” (MÁRSICO, 2018a).

Ainda na capital, cursou Ciências Jurídicas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, iniciando o curso em 1946. Enquanto universitário, envolveu-se em uma querela na universidade em 1948, em razão do conteúdo humorístico do seu jornal, chamado *Anzol*. O fato foi narrado em sua obra *Gatos à paisana* (1962):

Graças a este [jornal], pela sua irreverência quase foi expulso no terceiro ano, respondendo a processo administrativo pelo conselho da congregação, onde pontificavam lentes da envergadura cultural de Ruy Cirne Lima e Camilo Martins Costa. Conseguiu escapar-se por um golpe de espírito. Baseou a sua defesa na tese de que, se fosse condenado por seus mestres, estaria provado que eram maus professores, porque não o haviam ensinado a ser um bom advogado (MÁRSICO, 1962, s/p).

Em 1950 concluiu o curso de Ciências Jurídicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul¹³. Em 1952 casou-se com Yvone Salomoni, a filha ressalta: “meus avós maternos se chamavam Rosinha Dappio Salamoni e Ângelo Salamoni, ela era imigrante, chegou ao Brasil da Itália com 9 anos de idade, ele era filho de imigrantes italianos” (LEHMANN, 2019). O casal teve três filhos: Rosângela nascida em 1953, Fabíola em 1954 e Gladstone Mársico Filho em 1955. O casal e os filhos moravam no centro de Erechim. Sobre o convívio familiar e os clubes frequentados em Erechim,

[...] era uma cidadezinha pacata, tinha dois cinemas, um café, o Grazziotin, que meu pai frequentava todos os dias, após o almoço, para um cafezinho com os amigos, duas lanchonetes, algumas lojas e no início nem super tinha, tinha o armazém das especialidades, da Dona Ida e seu Nino, que vendia tudo. Meu pai e seus amigos fundaram o Piscina clube, o Clube do comércio entre outras coisas. Meu pai jogava tênis com o Plínio Ronchetti, Plínio Costa, Nery Reichmann, Dr Silveira, etc lá na piscina. Primeiro meus pais viveram em uma pequena casa perto dos Tedesco, depois em um apartamento no edifício do Dr Nery Reichmann, eu era um bebê, depois meu pai construiu aquela casinha rosa de madeira na Rua Aratiba, esquina com a Portugal, em frente aos Zordan, depois vivemos um tempo na casa dos meus avós até a casa nova ficar pronta, nos mudamos quando eu tinha 14 anos, em 1967, nossa casa era enorme, está lá até hoje na Rua Portugal esquina com a Aratiba, muito confortável, cheia de móveis de estilo, com várias lareiras, pois no inverno era muito frio, normalmente as festas de fim de ano eram

¹³ Na área jurídica, em meados de 1954, publicou na Revista Jurídica, de Porto Alegre, um trabalho de natureza processo civil, sob o título: *Da citação nos interditos possessórios*.

feitas lá, todos os amigos com seus filhos iam para lá, cada família levava alguma coisa, minha mãe montava um bufê enorme na sala de jantar e depois da ceia íamos todos para o baile de fim de ano no Clube do comércio. Minha irmã e eu tínhamos um pacto com nossa mãe, lá pelas tantas íamos dançar bem longe da mesa onde meu pai estava assim, quando ele não nos via, pegava minha mãe e ia dançar até nos encontrar, era a única chance dela sair da cadeira durante o baile, porque ele dormia na mesa, kkkkkk Mas toda a fama ficava fora da nossa porta, em casa ele era só o nosso pai (LEHMANN, 2019).

Erechim era uma pequena cidade, e Gladstone participava e frequentava cinema e bares, o último endereço de Mársico situava-se na Rua Portugal, nº 119, no centro de Erechim. Na década de 50, em parceria com seu sócio, o advogado João Caruso, e posteriormente, seu irmão Gilberto Mársico, mantiveram juntos um escritório de advocacia situado na Rua Torres Gonçalves, 155. Ainda nos anos 50, Mársico e seu irmão compraram o escritório de advocacia de Dr. Caruso, que ingressou como deputado estadual.¹⁴ Conforme Gritti (1995, p. 110), “Mársico desempenhou cargo de advogado da ICA no ano de 1962”.

A cunhada Gaby Mársico ressalta como conheceu a família Mársico e como era a convivência com Gladstone,

[...] conheci a família Mársico quando comecei a namorar Gilberto [irmão Gladstone], na década de 60. Casamos em 1966 e logo me afeiçoei muito a figura de Gladstone, uma pessoa simples, alegre, sempre com algum dito espirituoso. Ele e sua esposa [Ivone] foram padrinhos de meu primeiro filho Fábio Luciano. Essa família fazia parte da alta sociedade da época, sempre presente em eventos sociais e caridosos. Como a criação da Sociedade de Amparo às crianças - SAMI- da qual foi uma das fundadoras. Só lamento que foram poucos anos felizes de convívio familiar com a pessoa tão querida do nosso Gladstone (MÁRSICO, 2018b).

Mársico foi sócio fundador da *Associação Internacional de Lions Clube de Erechim*, e atuou na gestão de 1964-1965, quando foram realizadas várias campanhas sociais e em benefício ao município. “Procurou com seu espírito alegre, descontraído e possuidor de grande cultura como advogado e professor, incentivar o espírito de companheirismo no Clube e aproximar o *Lions Centro da comunidade erechinense*” (SMANIOTTO, 1998, p. 50). A (Fig. 5) em seu escritório de advocacia.

¹⁴ Ata da Câmara de Vereadores de Erechim. s/d fev. 1956.s/p.

Figura 5 - Gladstone Osório Mársico na década de 60



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Dr. Juarez Miguel Illa Font, Erechim.

Sobre sua atuação de advogado em Erechim, um dos clientes, que atuava como gerente da Caixa Econômica Federal, ressalta,

[...] quando fui para lá Erechim [reside em Getúlio Vargas], que foi mais que eu o conheci, em 63 em diante. E antes eu conhecia porque morava perto do meu primo, mas não tanta amizade que depois criei como, quando fui para dar trabalho para ele [Gladstone]. Cobrança de quem não pagava [clientes da Caixa Econômica Federal] e outro tipo de processo que eu tinha para resolver eu corria lá com ele e dizia: olha tem isso aqui, perai, que já te dou o negócio. E depois eu pagava ou a caixa pagava.

Entrevistador: E então ele era o seu advogado?

Entrevistado: Era advogado meu e da caixa.

Entrevistador: Ele também tinha ficado com a clientela do João Caruso, depois que ele foi deputado?

Entrevistado: Sim ele ficou com a clientela, porque no começo ele trabalhou com o Caruso um pouco. Quando ele foi pra lá que ele ficou mais com a coisa.

Entrevistador: E ele era uma pessoa acessível, conversava assim?

Entrevistado: Extraordinário. Tu podia ir lá com o problema pior que tu tinha, ele dava um jeito, diz me olha: volta aqui depois da manhã que te dou o resultado. E os juízes respeitavam ele, os outros advogados também respeitavam, no tribunal ele falava muito bem.

Entrevistador: E ele falava, qual que era a expressão dele assim para conversar?

Entrevistado: É ótimo. É o cara que tu simpatiza já de começo, com ele, que ele não sabia ofender ninguém.

Entrevistador: Ele era culto para conversar?

Entrevistado: Bah...cultura tremenda, aquele lá lia mesmo. Ele me dizia sempre Richetti tu tem que ler. Eu dizia, quando dar eu leio. Ele dizia não, não tem que ler mais.

Entrevistador: E o que mais você lembra dele, do jeito das características dele?

Entrevistado: Ele era mais alto do que eu, um cara que sempre se vestia muito bem, gravata, e em todas as festividades ele tava lá, sendo convidado, sempre (RICHETTI, 2018).

Nota-se que Mársico possuía uma vasta clientela e mantinha atendimento prestativo. Além de ser um homem extremamente culto, investia na compra de livros, que segundo a filha de Mársico: “a biblioteca em casa tinha 10.000 volumes” (LEHMANN, 2019).

Mársico fundou um jornal de cunho trabalhista intitulado, *Jornal 24 de agosto*, em parceria com Paulo Emílio Nunes Garcia e seu tio Francisco Rosa Osório. Em 24/08/1954, data de falecimento do presidente da República Getúlio Vargas, que foi emitido pela rádio ZYF-7, o texto de Mársico, intitulado *Último Adeus*:

O corpo de GETÚLIO VARGAS saiu hoje do Palácio do Catete para retornar à terra onde nasceu. Saiu da metrópole corrupta, da cidade que o apedrejou quando vivo e que agora, bancando as carpideiras bíblicas, chora-lhe a morte, talvez com remorsos do perdão recebido. [...] Saiu do Catete como previra. Saiu o cadáver. Renunciou como devia. Renunciou com a morte. Mas legou à Nação o exemplo de que um presidente não renuncia a pedido; legou à Nação a advertência de que um presidente não recebe ordens de brigadeiros, desses mesmos heroicos motoristas do ar que, a esta hora, se entrincheiravam nos portões de ferro da Base Aérea do Galeão, com receio de que o soldado popular os impeça de levantar voo para sempre (MÁRSICO, 1954, s/p).

Nota-se no texto escrito por Mársico, uma admiração pelo fundador do PTB e presidente da República. No artigo *O voto*¹⁵ emitido pela rádio ZYF-7, Mársico revelou sua performance política, quanto ao repúdio a corrupção na compra de votos em campanhas eleitorais:

Saibamos usar o voto como uma ordem silenciosa de nossa consciência. Votamos no candidato e não na legenda que o exorno. Sejam livres. Não capitulemos ante a imposição de um partido. Primeiro a Pátria, depois o ideal partidário. Temos o direito de escolha. Façamo-la como nos aprouver, levados sempre pelo desejo do bem servir a coletividade, pois aos mentores desta, confiamos a vigilância e o destino da nossa peregrinação social.

Mársico emitiu o discurso acima, ao concorrer ao cargo de vereador, pelo partido PTB. Na (Fig. 6) o cartaz, meio de divulgação de campanha eleitoral da época.

MÁRSICO. Gladstone Osório. *O voto*. Rádio ZYF-7. s/d/s/a.

Figura 6 - Para vereador Gladstone Osório Mársico



Fonte: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

Além de profissional liberal, o literato atuou na vida pública do município de Erechim como vereador, no período de (1956-1959). A Ata de sessão extraordinária da Câmara Municipal de Erechim de 1956 lista os vereadores presidentes do Partido Trabalhista Brasileiro: José Mandelli Filho, Dr. João Souto Cabrera e Gladstone Osório Mársico; do Partido social-democrático: Antonio Pereira de Souza, Dr. Flori Lamaison Rosa, do Partido Democrático Nacional: Francisco Pinto de Souza, Angelim Rosa, do Partido de representação popular: Egnon Kops e o Presidente do legislativo erechinense João Busata.

Mársico participou da solenidade na Prefeitura Municipal de Erechim, em 21 de outubro de 1956, da chegada do Exmo. Dr. Presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira¹⁶, por meio do aeroporto erechinense Comandante Kraemer na (Fig. 7).

¹⁶ Jornal A voz da serra. Programa oficial de recepção e homenagens ao Exmo. Sr Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, Dr. Presidente da República. 21 out. 1956.

Figura 7 - Presidente da República na Prefeitura Municipal de Erechim



Da esq. P /dir. Presidente Juscelino Kubitschek, Hildo Menegatti, Assis Chateaubriand, Gladstone Osório Mársico, João Caruso (falando), 1956.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Dr. Juarez Miguel Illa Font.

Em 1956 seu sócio, o Dr. João Caruso, não assume a vice-prefeitura de Erechim, porque assume o cargo de deputado estadual. Então, assume o prefeito Carlos Irineu Pieta e o vice-prefeito Pedro Alexandre Zaffari. Sobre os projetos de lei requeridos por Mársico, o Jornal *A Voz da Serra*, em edição especial 30 de abril de 1958 publicou o Relatório da Câmara Legislativa, Gladstone elaborou mais de 30 projetos de lei aprovados, dentre os quais destacam-se:

1º Projeto de Lei abrindo Crédito Especial para a compra e aplicação de vacinas “salk”. 2º Requerimento pleiteando a instalação de uma residência do “DAER” nesta cidade. 3º Requerimento pedindo ao Governo da União a abertura da Engenharia Administrativa na Escola de Iniciação Agrícola para gerenciar a agronomia pública Municipal. 4º Requerimento congratulando-se com a vitória de Maria José Cardoso, MISS Brasil. 5º Requerimento do Hospital de Quatro Irmãos, pleiteando isenção pagamento impostos municipais. 6º Requerimento pedindo uma comissão de vereadores para a revisão do Código Tributário e Fiscal do Município de Erechim. 7º Projeto de Lei autorizando o poder executivo a doação de terrenos para a Escola Agrícola em Jacutinga e sua transferência ao Estado. 8ª Requerimento pleiteando a construção do prédio destinado ao Grupo Escolar em Jacutinga. 9º Requerimento pleiteando extensão de rede elétrica ao Km 10, o primeiro distrito deste Município. 10º Requerimento pleiteando Inquérito para averiguar o que ocorre com a concessão de um terreno, de domínio da municipalidade ao cidadão Lionello Gelsomino, nesta cidade. 11º Requerimento congratulando-se com a

passagem de mais um aniversário natalício do Senhor Aldo A. Castro. 12º Requerimento pleiteando asfaltamento de pista aeroporto local. 13º Requerimento tratando da provável entrega do governo da união das rodovias “Erechim -Getúlio Vargas” e “Erechim - Gaurama”. 14º Projeto de Lei dispondo sobre o calçamento de Ruas da cidade. 15º Requerimento tratando do não pagamento pelo Ministério da Agricultura de salários aos operários da Escola de Iniciação Agrícola. 16º Requerimento protestando contra a atitude do Senhor Prefeito Municipal e da Câmara Municipal de Passo Fundo no caso da construção da Ponte sobre o Rio Uruguai. 17º Requerimento pleiteando junto ao Sr. Rubem Berta, diretor da VARIG, seja aeroporto local incluído no plano de cobertura de pistas com placas metálicas importadas das bases americanas, na África. 18º Projeto de Lei instituindo o prêmio literário “Professor Carlos Mantovani” e abrindo um crédito de Cr\$ 20.0000.00. 19º Requerimento pleiteando a criação nesta cidade de um Escritório Regional de Urbanismo, da Secretaria das Obras Públicas do Rio Grande do Sul. 20º Requerimento pleiteando a construção nesta cidade do prédio para a agência da “Caixa Econômica Federal”. 21º Projeto de Lei criando a Companhia Telefônica Municipal. 22º Requerimento tratando dos gastos feitos, nas Oficinas Mecânicas e postos de gasolina locais, pelo ex-diretor da Escola de Iniciação Agrícola, agrônomo Pinheiro Machado. 23º Requerimento contendo apelo às professoras Maria José Carvalhosa e Elina Hornes para permanecerem em Erechim. 24º Requerimento pleiteando, junto ao governo da União, uma verba de Cr\$....10.000.000,00 destinada ao asfaltamento da pista do aeroporto local. 25º Requerimento pleiteando a dispensa de multa aos eleitores que deixaram de votar nas últimas eleições. 26º Requerimento solicitando uma “reunião extraordinária” do Legislativo. 27º Requerimento pleiteando a criação, em nossa cidade, dum junta de conciliação e julgamento. 28º Requerimento pleiteando seja o “Bar” do aeroporto local explorado, em caráter precário, pela municipalidade. 29º Requerimento pleiteando o reaparecimento dos serviços da Delegacia de Polícia local¹⁷.

Pode-se observar uma quantidade vasta de requerimentos do vereador. Nota-se que o 5º requerimento de Mársico é para benefício do Hospital de Quatro Irmãos¹⁸, pleiteando-lhe a isenção de pagamento dos impostos municipais. Além dos requerimentos na câmara, Mársico fez parte das de comissões emancipatórias dos municípios de Jacutinga e Campinas do Sul, no excerto *Manifesto Público* do jornal *A Voz da Serra*, no domingo de 25/02/1958, mostra a participação de Mársico e do deputado Aldo Arioli numa reunião emancipatória (A VOZ DA SERRA, 1968).

Em 1958 publicou sua primeira obra, um livro de contos intitulado *Minha morte e outras vidas*, prefaciado e elogiado pelo escritor Darcy Azambuja. Em 1962 publicou *Gatos à Paisana*. No mesmo ano, em abril, no 56º aniversário de Erechim, foi homenageado na Feira do Livro, realizada durante a Semana do Município - Biênio da Colonização e Imigração.

Mársico recebeu prêmios¹⁹e cartas de admiradores. Numa dessas correspondências de 23/06/1975, postada por alunos do Colégio Júlio de Castilhos de Porto Alegre conta a realização

¹⁷ Jornal A Voz da Serra. Relatório da Câmara Legislativa. 30 abr. 1958.

¹⁸ Foi construído um hospital em 1933 na vila de Quatro Irmãos.

¹⁹ Em 2 julho de 1972 recebeu da Biblioteca Pública de Erechim o prêmio Jubileu de Prata, em 2 julho de 1972, conferindo-o membro do Círculo dos amigos da Biblioteca, pelos serviços prestados à entidade.

de um trabalho escolar, sobre a obra *Cágada*. Na carta os alunos desejam que Mársico “se destaque cada vez mais na literatura brasileira, que realmente está necessitando de grandes escritores como o senhor”.

A obra de maior destaque, por ocasião de seu lançamento, foi o romance *Cogumelos de Outono*, em 1972. O crítico literário Temístocles Linhares, em sua obra *História Crítica do Romance Brasileiro* (1987, s/p), considerou *Cogumelos de Outono* “o maior romance satírico jamais escrito entre nós”. Em outra crítica, publicada na revista *Veja*, sessão de Literatura, sob o título *À espera do Führer* (edição nº 187, de 5 de abril de 1972, p. 88), considerou Gladstone Mársico o “melhor talento satírico da nova literatura brasileira”. A crítica, longa, analisou a obra *Cogumelos de Outono* (1972), obra anterior a *Cágada* (1974), como um todo, destacando que o autor acertou no seu primeiro romance, quanto à temática, mas criticou a quantidade considerada exorbitante de páginas. Na correspondência de 13/04/1975, que Mársico envia para Carlos Jorge Appel, revela que,

[...] ontem, estiveram aqui em Erechim dois repórteres da *Veja* para, dentre outras coisas (reportagem sobre soja etc.) me transmitirem um convite da direção central para ser um contratado da Editora Abril. Quer dizer; a Abril pretende lançar uma revista para combater o status da Editora Três, a ser denominada *O Homem*, e quer que eu escreva uma sessão permanente de duas a três páginas (semi-contas-sátiro-eróticas) e contos, uns doze por ano, mais ou menos. Pelos semi eu receberia uns mil e quinhentos mensais e pelos contos, conforme as páginas, de três a cinco mil cruzeiros. Contrato exclusivo. Senti uma tremedeira nas pernas, a tentação foi grande, mas me agüentei. Pedi prazo para pensar. [...] Honestamente não posso aceitar a oferta agora. Estou num acúmulo de trabalho tremendo, escrevendo o *Forúnculo* [última obra, publicada post mortem] nas horas que sobram [...] (MÁRSICO, 1975a).

Aqui, Mársico recebeu um convite de trabalho pela Editora Abril para escrever na revista *Veja*, mas o recusou, em função do excesso de trabalho e da vontade de empenhar-se na escrita da obra *Forúnculo*. Recebeu homenagem da Prefeitura de Erechim, como observa-se na (Fig. 8).

Figura 8 - Homenagem da Prefeitura ao jovem escritor Gladstone Osório Mársico, pelo lançamento do livro *Cogumelos de outono*.



Da esquerda para a direita, o segundo Gladstone O. Mársico, o último de óculos Rodrigo Magalhães, outros sem identificação.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Dr. Juarez Miguel Illa Font.

Logo na sequência, em 1974, publicou *Cágada*, sua última obra em vida, tratando da imigração judaica no norte do Estado, especificamente na colônia de Quatro Irmãos. O jornal *A Voz da Serra*, do domingo de 30 de março de 1975, na reportagem *Da mulher para a mulher*, listou Gladstone Osório Mársico como um dos dez homens mais elegantes do ano de 1974, em Erechim (A VOZ DA SERRA, 1975, p. 75). Em 15 de outubro de 1975 recebeu o prêmio de Cidadão Benemérito²⁰, numa solenidade realizada Câmara Municipal de Vereadores, com a presença de autoridades, políticos e outras pessoas da sociedade. Mas, qual foi sua trajetória na literatura? Em

²⁰ *Cidadão Benemérito*. *A Voz da Serra*, 19 out. 1975. Ano 46, nº 151. Arquivo Histórico Municipal Dr. Juarez Miguel Illa Font, Erechim. Também recebeu outros convites, como do cônsul da Alemanha, Werner Van Beyne, para comparecer em sua residência para um jantar de recepção do crítico Günther Lorenz (MÁRSICO, Gladstone Osório. *Correspondência do cônsul*. 14/03/1975. Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico). Mársico fez parte indiretamente do Coral Misto São José, no jornal *A Voz da Serra* de 13 de março de 1976 sendo entrevistado na reportagem da *Sede do Festival de Coral*, revela seu apoio a práticas culturais, e sua apreciação para com a arte: “Como tudo que pode elevar o bom nome de Erechim, acho que o coral Misto São José, merece todo o apoio e incentivo da comunidade. É uma expressão da cultura musical e do esforço de abnegados, que dedicam horas de lazer ao ensaio do bel canto, uma arte um tanto esquecida, mas nem por isto menos apreciada. A minha ligação com o Coral é simplesmente afetiva, pois nunca fiz parte do mesmo, como cantor, apesar de nos bons tempos de juventude (sic) ter dado recitais no Teatro S. Pedro, de Porto Alegre, acompanhado de Jorge Corradi, hoje membro atuante de um dos solistas do Coral. Além disso presto serviços profissionais (advogado), ao Coral; se a ele não pertença, como cantor, é que tive de optar, preferindo continuar como escritor, já que não tenho tempo para ensaios e penso que, tudo que se faz, para ser bem-feito, precisa de dedicação (Jornal *A Voz da Serra*. *Sede do Festival de Coral*. 13 mar. 1976).

uma carta ao crítico literário, Paulo Hecher Filho, em 06/12/1974, revelou:

Realmente, sempre o admirei por sua cultura literária e nunca pensei que um livro meu pudesse agradá-lo sob a forma de “Literatura”. Não sou literato, não me considero, nem tenho condições para sê-lo. Sou apenas um razoável advogado de interior que escreve nas horas vagas que não são muitas. E escrevo por necessidade até psicológica. Se não escrevesse, neurótico como sou, acabaria estourando. E quando me encontro, me tranquilizo, realizo alguma coisa que gosto. Certo, tenho alguma “desenvoltura de narração” e ainda não acertei. Talvez acerte. Mas não me queira mal por isso (MÁRSICO, 1974).

Logo, a carta traz um homem que não se ocupa somente da literatura, e que está doente encontrando tranquilidade ao escrever. Em 1976, deslocou-se para a capital para realizar tratamento de saúde psíquica, a filha ressalta: “a doença de depressão e meu pai teve, desde muito jovem” (LEHMANN, 2019).

No atestado médico de 25/06/1976 para a Caixa Econômica Federal, comprova que Gladstone compareceu ao consultório do médico Eurilice Soares Pinto, que havia marcado consulta em coincidência, no dia 23 de abril de 1975, data de seu falecimento. No atestado há o diagnóstico, Gladstone apresentava uma psicose maníaca depressiva²¹. Acredita-se que haviam poucos recursos para tratamento da doença de Mársico, devido existir um único medicamento, usado para todos os tipos de depressão, chamado tofranil²² que servia para aliviar-lhe os sintomas. Na certidão de óbito do escritor de 18/06/1976²³, nº 408/76 apresenta o suicídio,

[...] a 13:30 horas do dia 23/04/1976, deslocou-se até a Rua Jerônimo Coelho nº 271 [em Porto Alegre], para constatar um suicídio. Neste local o Sr. Gladstone Osório Mársico, com 49 anos de idade, advogado, residente na Rua Portugal nº 119, em Erechim, que veio para a Capital para tratamento de saúde, suicidou-se jogando-se do 7º andar apto ° 61, a vítima veio a cair na área de serviço do referido prédio. O apto em que a vítima estava parando era de propriedade da sogra do Sr. Gladstone [...].

Gladstone “foi enterrado primeiro em Porto Alegre, depois transferido para Erechim” (LEHMANN, 2019). Logo após a morte, surgiram textos em sua homenagem de colegas

²¹ Transtorno Bipolar (TB), também conhecido como “transtorno afetivo bipolar” e originalmente chamado de “insanidade maníaco-depressiva”, é uma condição psiquiátrica caracterizada por alterações graves de humor, que envolvem períodos de humor elevado e de depressão (polos opostos da experiência afetiva) intercalados por períodos de remissão, e estão associados a sintomas cognitivos, físicos e comportamentais específicos. Disponível em: <<http://revista.fmrp.usp.br/2017/vol50-Supl-1/SIMP8-Transtorno-Bipolar.pdf>>. Acesso: 11 jan.2019.

²² Remédio para todas as formas de depressão, antidepressivo tricíclico, inibidor da recaptação de noradrenalina e serotonina.

²³ *Certidão de óbito*. 18 jun. 1976. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

vereadores e do meio jurídico, dentre os quais destaca-se *Um erechinense de exceção* de autoria do amigo e confidente, Danton Hartmann, publicado em 1976, salienta que Mársico: “Prestou relevantes serviços públicos, quer como mentor intelectual da Criação da Telefônica Municipal, obra pioneira na época [...], advogado ímpar, com trabalhos publicados em revistas especializadas em Direito, exerceu o sacerdócio profissional”.

Em 1994, foi publicado o romance *Furúnculo*, que faz uma sátira ao poder judiciário e a justiça, no espaço erechinense, sendo uma obra póstuma publicada por Vera Beatriz Sass²⁴, que ao longo de sua vida incentivou a leitura das obras de Mársico e preocupou-se em resgatar documentos de Mársico para o acervo na Biblioteca Pública Dr. Gladstone Osório Mársico, situada no centro de Erechim.

O jornal local *Boa Vista*, em 27 de agosto de 2004, publicou a reportagem *Erechinense-baiano, sugere construção de Vila Cágada*. O colunista José Adelar Ody entrevista Sr. Feliciano Tavares Monteiro (engenheiro de planejamento urbano, professor universitário, e escritor radicado na Bahia) sobre a relevância da obra *Cágada* e de sua importância em agregá-la ao turismo da região. Feliciano sugere a construção de um parque temático em Erechim, usando as características do livro *Cágada*, ou seja, uma miniatura da Vila Cágada. Também, afirma que já haviam elaborado um croqui dos prováveis logradouros do bairro temático, contendo nas vias os nomes das obras de Mársico. A Vila Cágada, também teria uma grande praça, na qual poderia levar o nome Gimbo [nome do papagaio em Cágada]. O projeto não teve recursos financeiros por parte da Prefeitura Municipal de Erechim, dessa forma, não foi construído.

Hoje, a Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico contém acervo de obras disponíveis para uso local e empréstimos para a população da região do Alto Uruguai, além disso, conta com uma parte documental do escritor.

No próximo tópico examinaremos se ambas trajetórias estão interligadas ao meio social.

1.3 Trajetórias interligadas: Moacyr Scliar e Gladstone Osório Mársico

Através dessa ínfima trajetória de vida dos escritores, podem ser resgatados aspectos da vida social e pública desses agentes. De acordo com Faraco e Moura em sua obra *Literatura*

²⁴ Em 24 de outubro de 2007, foi realizada em Erechim a X Feira do Livro, no qual a patrona foi Vera Beatriz Sass e o escritor homenageado Gladstone Osório Mársico *post mortem*.

Brasileira,

[...] o escritor é um indivíduo que vive ou viveu num determinado momento histórico. Esse indivíduo tem uma maneira de analisar o mundo, como qualquer um de nós. A essa maneira de analisar a realidade chamamos de visão de mundo. Embora seja individual, essa visão de mundo também recebe influências do meio em que cada um vive ou viveu (FARACO; MOURA, 1991, p. 16)

Dessa forma, acredita-se que os escritores tinham *visões de mundo* sobre uma organização histórica-social semelhante. Moacyr Scliar membro da comunidade judaica transpôs conhecimentos da medicina em sua obra, e seu conhecimento familiar da colônia Quatro Irmãos, já que, na infância residiu em Passo Fundo e logo após, com sua família, mudaram para Porto Alegre.

Mársico era erechinense e “católico”²⁵ transpôs seus conhecimentos da política, e Quatro Irmãos do período em que advogou para a companhia ICA, e também sobre o bairro Bom Fim, porque Mársico visitava sua sogra, que residia em Porto Alegre, num apartamento de um prédio, próximo ao Bom Fim, na Rua Jerônimo Coelho nº 271. Mársico concluiu em 1950 o curso de Direito na PUC em Porto Alegre.

Moacyr residia no Bom Fim, iniciou o curso de Medicina em 1955 e conclui em 1962 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, próximo do consultório médico psiquiátrico que Mársico frequentava em 1975, na Rua Annes Dias 166, no centro histórico. Nota-se que ambos residiam sempre no Rio Grande do Sul e conheciam as mesmas cidades.

Tinham familiares ligados a atividades artísticas, e suas famílias proporcionam incentivo e investimento. A mãe de Moacyr comprava-lhe livros para leitura, e os de Mársico pagavam-lhe professores de música, houve o incentivando das mães para que continuassem a escrever, aperfeiçoando assim suas capacidades. Mársico não foi membro da Academia de Letras, como Moacyr Scliar, mas seu trabalho é relevante.

Ambos os escritores afirmam serem influenciados pelo escritor Érico Veríssimo. Moacyr quando criança foi conduzido pela mãe, à casa do escritor Érico Veríssimo mostrando-lhe seus contos, foi elogiado. Em sua autobiografia ressalta: “Érico Veríssimo foi uma grande influência, inclusive porque morava em Porto Alegre e a gente às vezes o via na Rua, caminhando junto com

²⁵ Atuou como membro do Conselho Diocesano de Administração, da Câmara eclesialística de Erechim, no período de (1971-1972).

a esposa, Mafalda: um homem simples, sorridente” (SCLIAR, 2017, p. 33). Já Mársico (1974d), em uma correspondência enviada para Érico Veríssimo, em 12 de março de 1974:

Qualquer segunda-feira dessas aparecerei na sua mansão em Petrópolis, visita de médico a cliente famoso. Prometo não importuná-lo. Mas a curiosidade de conhecê-lo é tanta que só tenho receio ficar embasbacado- colono de Eressim [Mársico escrevia Erechim, dessa forma devido o embate na câmara para decidir a grafia] é assim mesmo! Até breve e um abraço (extensivo à sua esposa) (MÁRSICO, 1974, s/p).

Torna-se pertinente observar a relação de amizade de ambos escritores com Érico Veríssimo, que retrata a imigração alemã em *O tempo e o vento*, explorando o processo de instalação das famílias, da ocupação de espaços territoriais. Zilá Bernd (2012) salienta que o leitor ao ler Moacyr Scliar é seduzido pelo

[...] seu “espírito migrante”, expressão utilizada por um escritor e poeta do *Quebec*, *Pierre Ouellet*, para se referir não apenas aos escritores que rememoram em sua ficção a saga da travessia e da adaptação dos imigrantes a um novo contexto geográfico e cultural, como aos que contemplam em suas escrituras a cultura dos países de origem e a do país de acolhida, fazendo de seu labor literário um entre lugar, um espaço de negociação de identidades. Com a expressão “espírito migrante”, *Pierre Ouellet* alude também ao nomadismo intelectual de certos escritores que, como nosso Scliar, transitam por diferentes fatos literários, elegem suas ancestralidades intelectuais em diversos contextos da literatura universal, para compor obras que se tornam significativas para leitores das mais diversas latitudes (BERND, 2012, p. 24).

Dessa forma, ambos os escritores conhecem e frequentam a casa de Érico Veríssimo, ou seja, ambos tinham vínculos de amizade um tanto quanto similar com Érico Veríssimo, que publicou romances cuja temática é imigração, e um livro intitulado, *Israel em Abril*, aborda suas impressões, sobre seu roteiro de viagem à Israel.

Ambas obras, *Cágada* e *O exército de um homem só*, abordam a imigração, e assemelham-se com o escritor Érico Veríssimo no estilo de escrever, porque utilizam linguagem fácil e fluente e direta ao seu leitor, abordando o espaço rio-grandense, e utilizando elementos da realidade.

Contudo, os dois escritores nasceram e viveram no tempo histórico semelhante, primeiramente Mársico em 1927- 1976, e Moacyr em 1937-2011, ou seja, tinham dez anos de diferença de idade, ambos viveram no mesmo período político Rio-grandense. Sobre as vivências políticas de Moacyr Scliar, Bernd (2012, p. 41) afirma,

[...] ao vivenciar as crises políticas brasileiras (renúncia de Jânio Quadros, o movimento pela posse de João Goulart), os anos difíceis do ocaso democrático. Moacyr tornou-se definitivamente um humanista. Suas raízes familiares iriam agora se ampliar duplamente, na profissão de médico estatal e escritor, buscando fontes inspirativas nos textos bíblicos, dos quais extrai sua ética profissional e criatividade.

Em entrevista em 1970, Moacyr Scliar salienta:

Medicina e Literatura têm muita coisa em comum, e isto não é novo: ambas exigem um profundo senso de humanidade, de disposição para a luta, de inconformismo de situações erradas. Tenho sempre para mim o exemplo de *Tchekov*, médico e ilustre escritor, produzindo sempre e imbuído de um profundo amor pelos seres humanos. Porque, se a medicina dá ao escritor uma enorme vivência, também é verdade que a Literatura contribui para dar ao médico um sentido social e humanístico muito grande (SCLIAR, [1970?], s. p).

Nota-se que para Moacyr, Literatura e Medicina possuem pontos em comum, infere-se que para Mársico Literatura e Política interferiram na elaboração da obra *Cágada*, devido à similaridade de aspectos coincidentes aos projetos da câmara do Legislativo. No texto *Gladstone Osório Mársico*, de autoria do ex-prefeito de Erechim, Aristides Agostinho Zambonato, escreve-se,

[...] numa ocasião, na câmara de vereadores, foi à apreciação pelo plenário em requerimento em que interessados pediam a construção de um pequeno trecho de estrada que daria acesso ao então distrito de Quatro Irmãos. Alguém achou que não havia necessidade de construir, porque Quatro Irmãos já tinha três estradas de comunicação com a cidade. Gladstone rápido saiu-se com um aparte:

– Ótimo, assim Quatro Irmãos terá uma estrada para cada irmão. [...] referia-se a uma “certa” cidade que denominaram de Cágada. Embora não seja estampada com o nome de Erechim, era assim que traçaram suas ideias acerca do meio onde viviam (ZAMBONATTO, 1976, s/p).

Mársico não era membro da Sociedade Israelita de Erechim, mas tinha conhecimento das atividades festivas judaicas em Erechim nas décadas de 50²⁶, 60 e 70, porque “a comunidade [judaica] de Erechim era populosa nos anos de 1960 e que, em qualquer comemoração, todos os membros [judeus] eram convidados” conforme Gutfreind (2014, p. 173). Sobre sua atuação de advogado para a Companhia ICA, um membro israelita diz,

²⁶ Jornal A voz da Serra. *Festividades hebraicas de <<Rosh Hachana>>*. 27 set. 1957; Jornal A voz da Serra. *O dia do perdão*. 14 set. 1975.

[...] isso eu fiquei sabendo, mas, na época eu não sabia.

Entrevistador: Mas, eu não descobri a época que foi.

Entrevistado: Deve de ser na época do fim, porque ele nasceu em 27, e deve ter se formado em 37, 47, não mais lá por 57. Então, deve de ser na década de 60 então.

Entrevistador: Ele tinha pegado a clientela do João Caruso? né

Entrevistado: O João Caruso deputado virou advogado e ele o escritório era no mesmo lugar. Daí o Caruso virou deputado, e aí ele ficou no escritório do Caruso, isso. Foi ali na frente do Sondinha [mercado]. Era uma casa de madeira, isso eu me lembro ainda. Era uma casa de madeira, eu nunca entrei no escritório, mas, eu sabia onde era, tinha uma placa. Era onde tem um prédio, na frente do Sondinha têm um prédio, e salas comerciais, ali era a casa onde, na Torres Gonçalves.

Entrevistador: Na sua opinião, como o Gladstone soube conhecimentos sobre a cultura judaica?

Entrevistado: Ah, foi porque por duas coisas, uma como ele era um advogado de renome, e os judeus precisavam de advogados, sempre procuravam ele. E ele tinha vizinhos que eram o Buja, Pedro Brossmann, também era vizinho dele, tinha umas várias famílias que eram ali da região, da comunidade que eram vizinhos dele e ele se dava com todos os vizinhos, naquela época. As distrações o que que eram no sábado e no domingo? Era conversa entre os vizinhos, entre os que eram conhecidos, e aí tinha o café, não sei, se tu ouviu falar, Grazziotin. Nesse café o pessoal se reunia, e então se conheciam sentavam numa mesa junto, batia um papo e tal, foi através disso (JOHELAVICIUS, 2018).

Nota-se que o entrevistado relembra o endereço, na Rua Torres Gonçalves, local de funcionamento do escritório do escritor, também ressalta que Mársico era vizinho de judeus, e que frequentava o Café Grazziotin, local onde reunia toda sociedade erechinense, sendo advogado de renome e exercendo cargo público, contudo conheceu membros israelitas. Sobre seus conhecimentos das práticas religiosas, explica-se, segundo a filha: “por ele ter comparecido na Sinagoga nos casamentos de seus amigos judeus” (LEHMANN, 2019).

Acredita-se também que Mársico provavelmente assistiu não somente casamentos, mas também outras celebrações nas décadas de 30 e 40, período que a comunidade israelita de Erechim não possuía sede própria, existia conforme, Gutfreind (2014, p. 157), “*um tipo de sociedade funcionando no Clube Ypiranga²⁷*”, somente na década de 40, houve a compra de um imóvel de madeira, na Rua Pedro Pinto de Souza, número 121, no mesmo endereço da Sinagoga atual, somente em 1964, houve início da construção da sede atual.

A partir disso, pode-se dizer que ambos os escritores estão interligados pelo meio social, e possuem conhecimentos e visões sociais e políticas que ocorriam no estado do Rio Grande do Sul transpondo-as para a ficção. As suas trajetórias são interligadas porque “eles [Gladstone e Scliar] se conheceram na década de 70, mas não eram amigos, era das Feiras de Livro de Porto Alegre”

²⁷ Em 1971, Mársico foi presidente da Comissão Central do Ipiranga Futebol Clube. Em setembro de 1970 participou da inauguração do Estádio Olímpico Colosso da Lagoa. Na obra *Cogumelos de Outono* (1972) faz menções a essa criação do time de futebol chamado Ypiranga e sua rivalidade com time chamado Gaúcho de Passo Fundo.

(LEHMANN, 2018).

Scliar e Mársico participaram em eventos²⁸ de Literatura na década de 70, conforme a filha de Mársico, e seu pai era amigo de; “Josué Guimarães e “Carlos Nejar vivia lá em casa [casa de Gladstone em Erechim], os guris eram pequenos ainda, lembro da Maria trocando as fraldas do Fabrício [Fabrício Nejar escritor, filho de Carlos Nejar]” (LEHMANN, 2018). Ambos circulavam os mesmos espaços em Erechim e Porto Alegre, e tinham um estilo de escrever influenciado por Érico Veríssimo, que ambos conheciam e frequentavam sua residência.

Pode-se dizer, que a ligação dos escritores com as comunidades judaicas, não era somente social, mas também afetiva, porque Moacyr Scliar era judeu, e frequentava ambientes de sociabilidade no Bom Fim, como o comércio e os bares, ou promovendo palestras em Erechim e região²⁹, divulgando suas obras; históricas ou ficcionais, difundindo assim a cultura judaica. Visto que, Scliar representa o porta voz dos judeus na Literatura chegando a atingir a posição de destaque, de membro da Academia de Letras, tornando-se sinônimo de orgulho para a comunidade judaica. Mársico tinha o vínculo afetivo com a comunidade judaica erechinense porque tinha vizinhos, amigos e clientes judeus. Contudo, Mársico transitava em Porto Alegre, para tratamentos psicológicos e frequentava eventos literários, a partir disso, pode-se dizer que os escritores possuem trajetórias interligadas.

²⁸ Participou do Primeiro Seminário de Literatura no Rio Grande do Sul (25 a 28 de setembro de 1972), ao lado de Carlos Nejar.

²⁹ Moacyr Scliar foi patrono, da 2ª Feira do Livro de Getúlio Vargas, no ano 2000.

2 A ORGANIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DAS OBRAS LITERÁRIAS

Nesse capítulo analisa-se as obras literárias; *O exército de um homem só* e *Cágada*, aspectos da elaboração; do enredo das narrativas, da produção literária satírica ou irônica, do formato da capa, e da apresentação dos sujeitos e espaços envolvidos.

2.1 A composição novela *O exército de um homem só*

A primeira edição de *O exército de um homem só* foi publicada pela editora Expressão e Cultura em 1973. O manuscrito original dessa obra, dentre outras documentações como; anotações, reportagem de jornais, fotos, localizam-se na coleção digital, on-line, no acervo Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. O acervo possui mais de 800 arquivos de Scliar, protegidos por direitos autorais. Sobre a construção do livro, Barros (2013, p. 80) salienta,

[...] são tanto de ordem *autoral* (modos de escrever, de pensar ou expor o que será escrito), como *editoriais* (reunir o que foi escrito para constituí-lo em livro), ou ainda *artesanais* (a construção do livro na sua materialidade, dependendo de estarmos na era dos manuscritos ou da impressão). Da mesma forma, quando um autor se põe a escrever um livro, ele se conforma a determinadas representações do que deve ser um livro, há certas representações concernentes ao gênero literário no qual se inscreverá a sua obra.

Avram Ginzburg conta em terceira pessoa a narrativa de *O exército de um homem só*, irmão da personagem principal Mayer Ginzburg, narrador onisciente. Cada capítulo remete a um ano ou conjunto de anos, o primeiro e o último é 1970, mas recua para 1916, 1928, 1929, 1930, até voltar para 1970. A narrativa possui dois cenários; o primeiro situa-se no bairro Bom Fim próximo ao parque Redenção, e o segundo é num terreno baldio, que tem uma mansão abandonada, na localidade chamada Beco do Salso, que fica num bairro próximo ao bairro Bom Fim.

No primeiro capítulo, Mayer está no setor da emergência do hospital, infarta e acaba morrendo. Depois, a narrativa segue apresentando a personagem principal, Mayer Ginzburg, um imigrante judeu russo, que imigra ainda criança, em 1916 com sua família para Porto Alegre. No Bom Fim, seu pai é marceneiro, sua mãe limpa a casa e faz comida, sempre extremamente cuidadosa com a educação e alimentação dos filhos, enquanto isso, para ajudar no sustento da casa, Mayer e seu irmão Avram [o narrador] vendem peixe. Mayer é contrário as expectativas de seu

pai, que quer torná-lo rabino, porque ele estuda somente marxismo³⁰.

Já na adolescência em 1928, Mayer é conhecido pelos judeus do Bom Fim, como Capitão Birobidijan ou Companheiro Birobidijan. Então, Mayer e seus quatro amigos; José Goldmann, Marc Friedmann, um judeu francês, filho de um engenheiro ferroviário e proprietário do terreno baldio do Beco do Salso; a romântica Berta Kornfeld que tem uma adoração pelo revolucionário Lenin, que acaba morrendo de tuberculose; e Leib Kirshblum, também chamada de Leia, namorada de Mayer estudam Karl Marx e Rosa de Luxemburgo³¹. Esse grupo de jovens, fundam um comitê, na mansão abandonada da família Friedmann, situada na colônia do Beco do Salso, próximo do bairro Bom Fim³²[imaginário]. A organização desse comitê está dividida em três partes; o Comitê da limpeza, o Comitê da Comida e o Comitê de Estudos Políticos.

Durante a semana, Mayer trabalha com Leia, na loja do pai dela, chamada “A preferida”. Leia é uma judia órfã de mãe, e eles na loja, vendem miudezas como; cadarços, elásticos, novelos de lã, peças de *lingerie* etc. Mayer trabalha totalmente sem ânimo e detesta vender, e fica admirando os operários que passam na frente da loja. Ele imagina “homenzinhos” que lhe batem palmas, quando pensa em desistir de trabalhar nas vendas, e diz para si mesmo, que não quer fazer parte do sistema capitalista³³.

Em 1934, Mayer e Leia casam-se e o pai de Leia morre, eles herdam a loja. Passam-se os anos de 1935 a 1942, e o casal tem dois filhos; Jorge e Raquel. Mayer sente-se infeliz no casamento, pois não ama sua esposa, e sem a aprovação dela, chama-a de Rosa de Luxemburgo. Ele continua a trabalhar sem vontade na loja, sonha em demoli-la e construir ali uma colônia coletiva, mas sabe que a sua esposa não permite tal proeza.

Em 1943, na busca de realizar seu sonho, de fundar uma colônia coletiva, Mayer foge de casa, e vive no terreno baldio chamado Beco do Salso, no mesmo, em que na adolescência reunia-se com seus amigos de adolescência. Mayer inicialmente imagina estar sozinho, sem saber que

³⁰ Marxismo é um método de análise socioeconômica sobre as relações de classe e conflito social, que utiliza uma interpretação materialista do desenvolvimento histórico e uma visão dialética de transformação social.

³¹ Rosa Luxemburgo (Rozalia Luksenburg), a filósofa marxista Rosa de Luxemburgo nasceu na Polônia e tornou-se mundialmente conhecida por participar do grupo marxista do SPD, ao lado de Karl Liebknecht fundaram a liga espartaquista, foram capturados e mortos em 1919.

³² Em *O exército de um homem só*, a trama da narrativa se passa no bairro judaico, chamado Bom Fim, que como no real, também é situado em Porto Alegre.

³³ Capitalismo é um sistema econômico e uma ideologia baseada na propriedade privada dos meios de produção e sua operação com fins lucrativos. As características centrais deste sistema incluem, além da propriedade privada, a acumulação de capital, o trabalho assalariado, a troca voluntária, um sistema de preços e mercados competitivos.

nessa colônia moram afrodescendentes que lhe observam ao longe.

Nesse local, Mayer constrói uma barraca e funda um comitê, cria um Palácio da Cultura, constrói uma horta de subsistência, mesmo sozinho, debate questões políticas discursando para homenzinhos que lhe batem palmas, frutos de sua imaginação.

Mesmo assim, sente-se animado em criar ali uma colônia coletiva chamando-a de Nova Birobidijan. Nesse local, convive somente com animais; uma cabra, um porco e uma galinha, então os chama-os afetuosamente de; Companheira cabra, Companheiro porco, e Companheira galinha.

Nos limites da propriedade invadida, sem que Mayer saiba, numa casinhola de madeira, viviam quatro homens afrodescendentes, chamados; Libório, Nandinho, Hortênsio, Fuinha, e uma mulher chamada Santinha. Para trazer a subsistência ao grupo; Libório pesca, Nandinho explora as redondezas em busca de galinhas, Hortênsio é o caçador, Fuinha é o conhecedor de ervas e Santinha cozinhava e tentava arrumar o local em que moravam.

Porém, num dia, eles resolveram durante a noite, invadir as plantações de Mayer e matar os três animais. Mayer se esconde, e ele observa a distância, os quatro homens espancando Santinha, mas ele não ajuda a mulher, depois disso, os homens vão embora ao amanhecer. Com isso, Mayer se aproxima de Santinha machucada e apaixonou-se por ela, chamando-a de Rosa de Luxemburgo. Mayer se esforça para ensinar marxismo à Santinha, mas ela não demonstra interesse. Com o passar do tempo, Santinha é explorada por Mayer, através da sobrecarga de serviço na colônia, então ela o abandona e vai embora trabalhar numa empresa [sem nome].

Mayer sofre com o abandono de Santinha, desanima em seu plano de fundar Birobidijan. Em 1944, ressurgiu no Bom Fim, e pede perdão para sua esposa e filhos, voltando para casa, faz esforços para tentar esquecer o plano de fundar a colônia coletiva no Beco do Salso, mas continua sonhando em criá-la.

Nos anos 1944 a 1948, trabalha com sua esposa na loja. Em 1950, obtém lucros e funda uma empresa de construção civil chamada “Maykir”, obtendo prestígio social e riqueza, chega a comprar o terreno do Beco de Salso de Marc Friedmann, que antes havia invadido, e constrói uma piscina clube nesse lugar. Porém, Mayer continua descontente por não conseguir fundar Nova Birobidijan. Em 1953, 1954, 1955, 1956, tornam-se ainda mais rico e pela primeira vez se consulta com Dr. Finkelstein que lhe recomenda que trabalhe menos, devido problemas cardíacos.

Numa tarde, em seu escritório na “Maykir”, recebe a visita de seu amigo de adolescência o judeu José Goldmann, pedindo-lhe emprego para sua filha Geórgia, amiga de Raquel, filha de

Mayer. Mayer e Geórgia encontraram-se na piscina, e ele sente-se atraído pela beleza e juventude de Geórgia, eles tornam-se amantes. Em 1957 a esposa descobre a traição e separam-se. Mayer briga com o pai de Geórgia, e ela discute com Mayer incentivando-o que se divorcie da esposa. Geórgia instiga que lhe acompanha no sonho da colônia coletiva, mas ele decide se afastar dela chamando-a de mentirosa. Alguns meses depois a empresa chega à falência.

Em 1958, 1959, 1960 Mayer aluga um apartamento modesto, e tenta conseguir um emprego, mas tem dificuldades. Em 1967 a 1969 reside num quarto simples de pensão, paga pelo seu filho que não deixou que mandassem o pai para o hospício. Jorge e Raquel não visitam o pai, Raquel chora ao vê-lo. Mayer convive com outros inquilinos; Octávio Rodrigues um antigo comerciante, 78 anos; um judeu egípcio, de 81 anos chamado David Benveniste, uma senhora de Dom Pedrito, e também a proprietária da pensão chamada Dona Sofia, que tinha aproximadamente 70 anos, e com Santa Teresinha da Silva, empregada doméstica da pensão.

Mayer mantém relacionamento amoroso com a empregada doméstica da pensão, e Dona Sofia se enfurece com Mayer, porque tem planos de casar-se com ele. Ela propõe casamento, mas Mayer recusa o pedido, a partir disso, viver na pensão torna-se incômodo porque é péssimo o atendimento ao cliente.

Em 1970, Mayer confronta a proprietária da pensão, e ele e os demais inquilinos amarram-na numa cadeira no quarto. Mayer anuncia em voz alta para toda casa, que está fundando Nova Birobidjan, mas os moradores da pensão ignoram-no pensando que ele estivesse louco, com isso Mayer têm um infarto. Então, a narrativa inicia quando Mayer é atendido no pronto socorro pelos médicos, e morre.

Para a crítica literária Gilda Salem Szklo, a obra *O exército de um homem só*, é “a própria visão alegórica da Terra de Promissão, no sentido de que, na mente judia de Mayer Guinzburg, a “Nova Birobidjan”, em contraste com a realidade, constitui a utopia de um socialismo sem repressão política” (SZKLO, 1990, p. 64). Também para Szklo (1990, p. 64), o tema,

[...] é de fato, a história do messianismo sob a perspectiva do reino encantado, como tentativa frustrada da criação de um núcleo judaico, um lar nacional fora da Palestina. Birobidjan não passou de uma fantasia inalcançável que, no texto de Scliar, se expressa [...] pelo heroísmo do seu herói, ora pelas representações de fraqueza, da miséria, da melancolia.

A escolha de nomear “Birobidijan” para a colônia, não é mera coincidência, Birobidijan é o nome de um Distrito Nacional Judaico, criado no governo Josef Stalin, em 1934 localizado na

Federação Russa, com a capital do Oblast Autônomo Judaico fazendo fronteira com Krai de Khabarovsk e a província chinesa de Heilong Jiang, no qual Stalin designou os imigrantes judeus em 1934, em áreas isoladas para praticarem sua cultura *íídiche*³⁴.

Acredita-se que O título da obra, *O exército de um homem só*, remete à questão de a Mayer lutar sozinho, somente com seu exército imaginário de homenzinhos, porque ele segue suas convicções e enfrenta o capitalismo, mas está sozinho, nesse sonho utópico. Mesmo obrigando-se a render-se ao sistema capitalista, ao tornando proprietário de uma empresa. Em seus pensamentos jamais desiste de fundar Birobidijan, e Mayer somente alcança esse sonho, quando sofre um ataque do coração³⁵ e acaba morrendo.

Segundo o irmão de Moacyr, Wremyr Scliar (2018):

O título obedece à uma hipótese de quixotismo, coragem e aventura. Um homem sozinho, uma revolução, mudar o mundo [...] o capitão segue seus ideais. Seu propósito obviamente onírico e irrealizável. Um belo exemplo de utopia.

A morte lhe parece uma redenção por suas más escolhas durante a vida; de ter se rendido ao capitalismo, de contrariar seus pais em não ser um rabino, de possuir uma amante contrariando sua esposa, de não cuidar de seus filhos. Mas, por outro lado a morte na cultura judaica, possui uma característica oculta, que pertence somente a Deus. Então, conforme um judeu,

[...] primeiro que a morte é uma passagem, semelhante à questão do cristianismo. E na verdade, esse mundo seria um mundo de passagem, de preparação, de evolução, né, pra evoluir, né. Quando se fala em evolução, se compreende evolução de espírito, mas não de corpo. Tu tem que tá aqui na Terra primeiro, para fazer principalmente, a missão de cada um que tá aqui seria a caridade. Tu vem para a Terra para ser caridoso, para ajudar, no sentido de que quando houver a passagem deste mundo para o outro, que é entendido de maneira, socialmente diversa, todo semelhante de cada uma das religiões tem que passar por esse mundo. Na verdade, tu vem pra Terra, pra esse mundo pra evoluir. Bom, aí entra uma outra situação. Se existe outro mundo e a gente não sabe, a gente está aqui para evoluir ou não, por que não voltar de novo? Mas aí entra numa questão muito mais profunda, são questões bem próximas do Judaísmo, embora para algumas pessoas sábias, existe uma casta, nossos sacerdotes, né, que é a questão da vida após a morte, né. Para consumo geral ela não existe, mas em alguns estudos mais aprofundados, por exemplo os cabalísticos, especialmente os grandes estudiosos falam que haveria uma volta que está traçado pela

³⁴ Língua da família indo-europeia, pertencente ao grupo de idiomas germânicos, falada predominantemente por judeus da Europa Oriental. A composição é fonética língua germânica e hebraico e aramaico na escrita.

³⁵ O coração é um símbolo na cultura judaica, é um órgão vital que permite ao sangue circular no corpo, é considerado, como a sede da afetividade, onde nascem e se expressam os sentimentos. Certamente designa um órgão que simboliza a vida. A língua hebraica, porém, concebe de uma forma mais geral o coração como o “dentro” do homem, tudo aquilo que constitui seu ser profundo. Esse “dentro” não apenas a sede dos sentimentos, mas também a sede da inteligência e da vontade, segundo Dahler (1999, p. 73).

cabala³⁶. Então, a morte é encarada como um ritual de passagem, de uma vida para outra, numa constante evolução (SAFRO, 2003).

Dessa forma, a morte de Mayer representaria uma passagem, de evolução para sua alma, que segundo o rabino “a alma não morre, pois é parte divina em nós, e é inconcebível que esta parte divina esteja sujeita à morte. Ele se decompõe e suas diversas partes tomam outras formas de existência. A alma não pode decompor-se, ela se separa do corpo” (BARTH, 1965, p. 275).

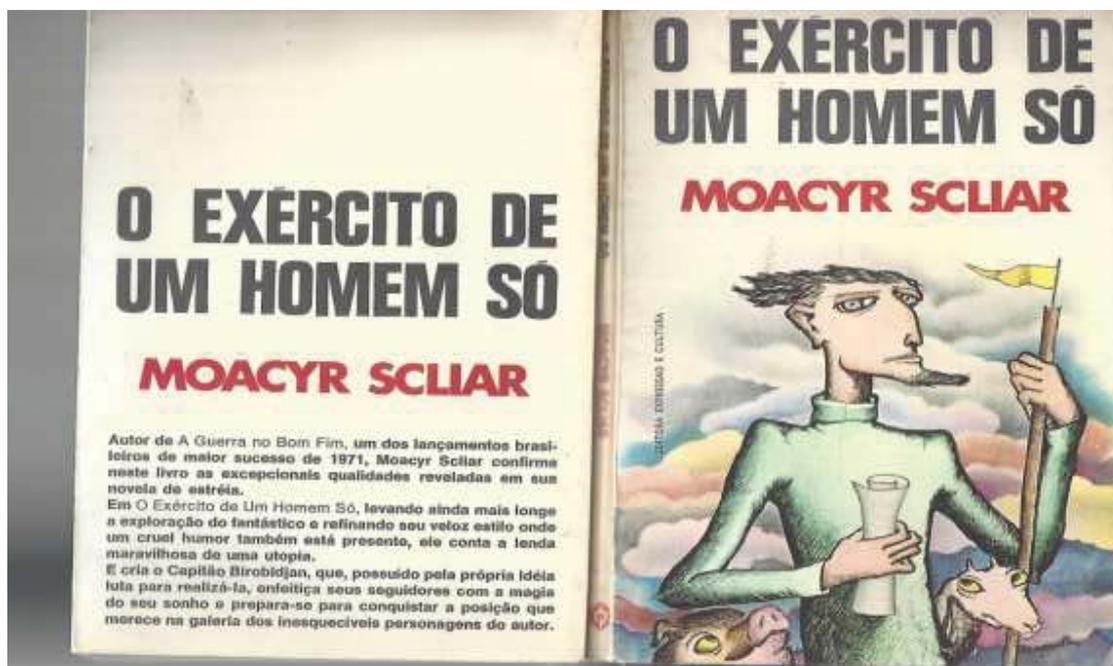
A estrutura da capa da obra merece atenção, de autoria de Vilma Pasqualini, e diagramação e paginação de Laerte Fernandes pode-se constatar aspectos de representação judaica. Observando a capa, existe na parte superior em destaque o título da obra, e um homem ao centro, caracterizado fisicamente, com a imagem de Mayer. Dentro da narrativa o autor descreve,

[...] trata-se de um homem de cerca de trinta e cinco anos, e olhos claros e nariz tipicamente judaico. É antes magro. A barba desponta; crescerá, como a de Marx, a de Freud. O vento agita os cabelos do pioneiro, enquanto a bandeira sobe lentamente no mastro. Ao término da cerimônia, o Capitão diz, em voz baixa, mas bem distinta: Iniciamos agora a construção de uma nova sociedade (SCLIAR, 1973, p. 58).

Acredita-se que as características descritas dentro da obra, são semelhantes as características físicas da imagem de Mayer na capa, ou seja, o produtor da capa poderia ter seguido as características descritas dentro da narrativa, como observa-se na (Fig. 9).

³⁶ Cabala, significado literal da palavra hebraica *Kabbala* é receber, ou algo recebido. No hebraico moderno, quer dizer qualquer tipo de recibo. [...] A Cabala de maneira alguma é uma doutrina ou disciplina unificada, mas sim um dos objetivos importantes não é a busca dos mundos ocultos, mas a compreensão do mundo que ocupamos exatamente agora. [...] Em primeiro lugar, a Cabala é inteiramente judaica. Baseia-se firmemente na Torah e tem como premissa subjacente o fato de que os judeus são o povo escolhido de Deus. Não existem livros de Cabala escritos por não-judeus, e nenhum cabalista jamais foi outra coisa, senão um judeu, e já bem instruído na Bíblia, no *Midrash* e no *Talmud*. A Cabala é, em certo sentido, o coroamento a sabedoria de um judeu (ASHERI, 1987, p. 261).

Figura 9 - Capa do livro *O exército de um homem só*



Fonte: Acervo particular da autora.

Então, na capa a imagem do colonizador, Mayer Ginzburg está ao centro, possui pele clara, usa roupa verde, e olhos azuis, cabelos negros, segurando na mão direita, um mastro com uma bandeira amarela otimista sem nenhum detalhe, e na mão esquerda um pergaminho. Na parte inferior, ao lado direito da imagem de Mayer, está a imagem de uma cabra³⁷, que representa na narrativa a Companheira Cabra, e no lado direito a imagem de um porco, que representa na narrativa o Companheiro Porco³⁸, os animais olham-no de baixo para cima, dando a entender que Mayer está guiando-os.

As cores são vibrantes, mas possuem uma obscuridade dentro dos contornos dos desenhos.

³⁷A cabra simboliza um animal *casher*. Os animais *casher* usados para sacrifícios eram de três tipos: boi (ou vaca), bode (cabra) e ovelha. Cada um desses representa um tipo de personalidade que as pessoas têm. A finalidade da oferenda era de "sacrificar" a natureza humana, e foi isto que aproximava a pessoa de D'us. O "bode" (cabra) cuja natureza é ousada, porém se quiser movê-lo do lugar é impossível a não ser que ele próprio o queira. Traduzido em termos humanos é a pessoa que não aceita opiniões ou sugestões de outrem, achando que sabe tudo e é teimosa e obstinada em suas convicções. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1167335/jewish/O-Sentido-dos-Sacrificios-no-Templo.htm>. Acesso: 21 jan. 2019.

³⁸O porco é um dos animais não-*casher* mais conhecidos. Possui um dos sinais de *cashrut* - o casco fendido - mas não é ruminante. Diz o Talmud que, sempre que se deita, o porco estica as patas para a frente, querendo mostrar que é *casher*; mas não é ruminante, deixando por isso de ser *casher*. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/667126/jewish/Sabedoria-Divina.htm>. Acesso: 21 jan. 2019.

Nota-se que a imagem de Mayer parece estar destemida, com cabeça alta e cabelos ao vento. No fundo existem nuvens coloridas dando a indicar que no céu³⁹, ou seja, na morte, Mayer alcançou seu sonho de fundar Nova Birobidijan.

Nota-se que na bandeira amarela, demonstra euforia otimista, em criar uma pátria, por isso, a necessidade de uma bandeira. Provavelmente, a imagem do pergaminho, que a imagem de Mayer segura em suas mãos, é o projeto de elaboração de sua colônia, chamada Nova Birobidijan, que também esse formato de pergaminho lembra o formato da Torá⁴⁰ (Bíblia Hebraica).

Quanto a posição das imagens dos animais, estarem próximas da imagem de Mayer, porque eles foram os únicos seres que realmente acompanham-no no terreno baldio. Também porque na narrativa, da Companheira cabra Mayer recebia o leite, do Companheiro porco, servia-lhe como distração, porque Mayer não mata o porco para matar sua fome, devido ele não ser um animal *casher*⁴¹. (No último capítulo a autora explicará como o porco é visto na alimentação judaica). Na construção da parte inferior da capa, apresenta o texto síntese, e para finalizar Moacyr Scliar não faz dedicatória.

2.2 Traços do romance *Cágada*

A primeira edição do romance *Cágada* foi publicada pela editora porto-alegrense Movimento em 1974 e a quarta e última edição em 2006, pela mesma editora, publicação em comemoração do aniversário dos 80 anos do escritor. A Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico disponibiliza o primitivo alfarrábio.

O romance possui um narrador, contado em terceira pessoa, classificado como onisciente. A divisão temporal ocorre com verossimilhança de períodos históricos, porque inicia por volta de

³⁹ O céu é um símbolo da cultura judaica. “O céu é visto aqui como uma separação ou traço de união entre o mundo de baixo, a terra, e o mundo do alto, “os céus”, que permanecia inacessível ao homem” (DAHLER, 1999, p. 68).

⁴⁰ Para começar, há duas torahs, precisamente duas partes; A primeira é a *Torah escrita*, chamada em hebraico de *Torah Shebitktav* ou *Mikra*. Ela consiste nos primeiros cinco livros da Bíblia e é também chamada de Pentateuco, palavra grega que significa cinco livros, ou Chumash, que tem significado aproximado de quíntuplo. Na Torá há 613 mandamentos, ou *mitzvot*. A segunda parte da Torah é a Torah Oral, chamada em hebraico de *Torah Sheb'al peh*. Ela consiste, nas palavras de uma famosa autoridade moderna, o Rabino Zvi Hirsch Chayes, nas exposições e interpretações que foram comunicadas oralmente a Moisés, como um suplemento à Torah escrita. A ela nos referimos comumente chamando-o de *Talmude*, conforme Asheri (1987).

⁴¹ Somente os animais que ruminam e possuem cascos fendidos (os dois sinais mencionados na Torá) são *Casher*. Vacas, carneiros e cabras servem como exemplos. Um animal que tenha apenas um dos dois sinais não é *Casher*. Uma vez que as leis da Torá são exatas, tendo sido projetadas pelo próprio Criador, com certeza há um motivo por que estes dois sinais foram escolhidos. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/667123/jewish/Carne-Casher.htm>. Acesso: 21 jan. 2019.

1920, com uma tribo que vive, antes da chegada de um casal imigrante judeu sobrevivente da 2ª Guerra Mundial em 1945, e se estende até os três dias, que antecedem a renúncia do presidente da República João Goulart, em 1964.

A narrativa situa-se no Brasil, no Rio Grande do Sul, região anteriormente chamada de terras pertencentes à Zona da Serra. Nesse local, contém uma variedade de pinheiros e terras férteis, inicialmente chamada de Velópolis, mas que muda seu nome, para Cágada por uma decisão da câmara de vereadores. Ao lado de Cágada, existe o município de Nova Floresta, em que o coronel Maneio é o prefeito.

Quando o território não tem nome, é ocupado pela tribo de Namai, conhecida como tribo dos Bugres sem fala, que vive feliz, durante muitos anos, até que uma companhia que tem sede em Londres, chamada ACA, *Armarish Colonization Association* compra as terras do governo brasileiro.

A ACA é uma companhia judaica com objetivo de colonizar imensos territórios na América do Sul e doá-los aos patrícios que se dedicam à agricultura. Mas, quando os bugres sabem das intenções de Mister Glupp, do diretor da ACA, não querem sair das terras, mas eles não conseguem fazer resistência frente a companhia, optando pelo auto sacrifício de dormir fora da Montanha da Caverna, local onde todos “bugres”, morrem de frio devido uma geada forte. Quando o diretor Mister Glupp, chega até a Montanha da caverna, encontra os 33 corpos congelados, e um papagaio falante ainda vivo, chamado Gimbo.

A companhia ACA inaugura a linha férrea e a linha telefônica, ligando o imenso território de Cágada ao município de Nova Floresta. A companhia se encarrega de enviar uma carta, para o rabino paulista, solicitando migrantes para colonizar Cágada, e escondendo do rabino, os motivos reais da migração, “enfeitando que as terras da ACA com as mentiras do Novo Testamento” (MÁRSICO, 1974, p.21) , dizendo que haviam bugres para trabalhar, financiamento sem juros nos bancos, e terras gratuitas. Então, o rabino convence a comunidade judaica a se dirigir a Cágada, se não lhes propõe o aumento do dízimo, aos que não migrassem.

Dessa forma, chegam numa única leva de imigrantes judeus; o Samuel, o Abrãozinho, o Ben, o Froim, o Maurício, o Damião, e vieram outros mais não identificados. Chegaram via trem de São Paulo e foram recebidos pelo diretor da ACA, chamado Mister Glupp.

Mister Glupp, pela manhã, mostra as terras, dando-lhes uma pá e uma enxada para que iniciem o trabalho na colônia, mas os migrantes não aceitam colonizar Cágada e voltaram para São

Paulo, após descobrirem que a Terra Prometida era uma farsa.

O judeu Mister Glupp, antes de chegar no Brasil, mora em Londres, passa fome, torna-se sacristão numa sinagoga, fica órfão ainda moço, quando conheceu Lady Hilda, uma judia de pais expatriados que saem da Alemanha, e tem juntos uma filha, chamada Lady Salma. Mais tarde, veio a 2º Guerra Mundial e Mister Glupp consegue emprego como coveiro enterrando corpos para matar a fome de sua família.

Com o término da 2º Guerra Mundial, Mister Glupp perde o emprego de coveiro e fica sabendo do projeto de colonização por alguns patrícios mais afortunados, chega ao Brasil através da ACA, recebendo o cargo de diretor da empresa ACA. Por não conhecer as matas, tranca a mulher e a filha dentro de casa, devido ao medo dos bugres. Mas, na manhã seguinte, pensa e sozinho, busca bugres para auxiliá-lo na construção da sede de ACA.

Entretanto, quando ele menos espera, vê uma barraca em frente à sede da ACA, para ele são intrusos que chegam; Tio Cidoca, também chamado de Ovo de Páscoa e seu sobrinho Babico que veem de barco de Passo Fundo, eles não são judeus, quando chegam em Cágada constroem uma barraca, de frente à sede da ACA, fundando um bar chamado: *Gimbo's Bar*.

Pela tarde chega de automóvel, um judeu chamado Muja, filho de imigrantes alemães, vendedor no Bom Fim, de Porto Alegre, e traz consigo uma carta de recomendação de Sr. Glorian, o chefão da ACA de Londres. Na carta o chefão de Londres reconhece Muja como judeu. Então, Mister Glupp apresenta-lhe sua casa, sua esposa e sua adorável filha. Muja se interessa pela filha do Mister, e Lady Salma que também demonstra olhares para ele. Porém, Muja sabe que têm que enfrentar Arão, que era o pai de sua noiva, chamada Rachel, noiva que ele não suporta, e que pretende romper o noivado de sete anos.

Mister Glupp oferece um pedaço de terra, mas ele resolve partir novamente para o Bom Fim⁴², prometendo em breve retornar. Chegando no Bom Fim, Muja faz exames médicos diagnosticado com leucemia e conta para Arão. Todos pensam que ele tem poucos meses de vida, e com isso, desfazem o noivado com Rachel. Muja relê o exame e descobre que não tem leucemia, mas anemia. Porém, opta por não voltar mais para o Bom Fim, para não desfazer o engano.

Mister Glupp tenta expulsar com seu trator os intrusos Ovo de Páscoa e Babico donos do bar. Mas, enquanto brigam de frente ao bar, chega o coronel Maneio e de burrico um padre, chamado padre Nero, o padre mais subversivo considerado pela diocese, que tentou vender o sino

⁴² Em *Cágada*, existe um bairro judaico, chamado Bom Fim, que também é situado em Porto Alegre.

da igreja, e a igreja para ajudar os pobres. O padre Nero, vê a briga de Mister Glupp e os intrusos e lhes propõe uma aposta. A aposta é que se até 30 dias, não chegar um imigrante judeu, que realmente fique para colonizar Cágada, os não judeus Ovo de Páscoa e Babico podem continuar residindo nas terras, com seu bar. Nesses termos, todos aceitaram a aposta e bebem cachaça para comemorar.

Logo, a fundação do distrito Cágada chama a atenção de não judeus, das regiões de Passo Fundo, Santa Catarina, Santa Maria Boca do Monte, um deles chama-se Comandante, um homem de meia idade, que debate política e os rumos para Cágada com seu amigo chamado Perna de Pau, um fugitivo da polícia por não pagar promissórias, ele vem de Santa Maria Boca do Monte, com ajuda de sua adorável amante, Comadre Pitanga, que é falsificadora de atestados de óbitos, prostituta e dona de uma funerária. O Comandante e o Perna de Pau procuram hospedar-se em Cágada, mas não existe hotel, então encontram o papagaio Gimbo, dentro da caverna e para não dormir no sereno, passam a noite juntos na caverna da Montanha.

Na manhã seguinte, o Comandante, o Perna de Pau e Mister Glupp assistiram à missa de Padre Nero. O Comandante quer que o caboclo Perna de Pau se converta ao Judaísmo para que Mister Glupp ganhe a aposta, mas o Perna de Pau recusa fazer circuncisão. Então, Mister Glupp perde a aposta, porque imagina que Muja vem antes do prazo previsto, então é obrigado a deixar Ovo de Páscoa e seu sobrinho Babico continuar nas terras da ACA.

Muja volta para Cágada depois de um mês, e pede em casamento a filha do Mister Glupp. Então, Mister Glupp lhe oferece o desafio de ir para o Bom Fim, e trazer um grupo de judeus para colonizar Cágada, Muja no início fica com medo da reação de Arão, seu ex-sogro, mas aceita voltar ao Bom Fim. Lá felizmente, encontra Rachel casada com um rabino. Arão ainda acredita que Muja está com leucemia, e aceita organizar um grupo de judeus para ir para Cágada.

Enquanto isso, no *Jimbo's bar*, Ovo de Páscoa aposta com seu sobrinho Babico, 30 contos que transformaria Cágada em município. O coronel Maneio está interessado em casar-se com a filha de Mister Glupp. Então, o Coronel Maneio combina no bar, com o Ovo de Páscoa que ele só lhe autoriza a emancipação do município, se ele conseguir casar com a filha do Mister. Ovo de Páscoa aceitou o desafio de ajudar o coronel Maneio com o aceite de casamento. Então, Ovo de Páscoa, Babico e coronel Maneio formam uma comissão emancipacionista.

Porém, Mister Glupp não espera que o coronel Maneio estivesse interessado por sua filha, porque Muja já havia feito o pedido de casamento, e inclusive estava trabalhando no escritório da

ACA.

Enquanto isso, o Comandante e o Perna de Pau organizam uma invasão espalhando bugres em todo o território de Cágada, armados com arcos e flechas. A esposa do Mister Glupp, Lady Hilda telefona para Nova Floresta, por causa da invasão. O prefeito Coronel Maneio atende ao telefone, mas não entende inglês, o idioma da esposa de Mister. Então, se engana pensando que Ovo de Páscoa já havia acertado o casamento dele com a filha do Mister. Assim, Maneio reuniu a câmara de vereadores (sem identificação os nomes), no trenzinho e foram à sede da ACA em Cágada.

Quando coronel Maneio chega em Cágada, percebe a confusão com os bugres, e manda-os embora. Dirige-se a casa de Mister Glupp para formalizar o pedido de casamento, mas Mister Glupp recusa, alegando dois motivos; o primeiro é religioso, e o segundo é a formalidade do envio de uma carta para Sr. Glorian, o chefe em Londres, comunicando o casamento de sua filha com Muja. Maneio fica desconcertado com a ideia de perder Lady Salma, mas não briga com Mister.

Na festa do primeiro ano de aniversário da instalação da ACA, Mister Glupp manda uma carta para Sr. Glorian de Londres, contando que está transformando Cágada numa missão religiosa, e a companhia envia o suporte necessário para a construção, eles constroem uma sinagoga para inicialmente servir de abrigo aos patrícios. Muja dirige-se ao Bom Fim para acertar a chegada dos migrantes.

A caravana do Bom Fim chega de trenzinho, são mais de cem cidadãos sem teto, que trabalham exaustivamente no corte de pinheiros. Ovo de Páscoa se elege prefeito de Cágada, daí surge a escolha de trocar o nome de Velópolis da cidade para Cágada. Em pouco tempo reinou a paz, Lady Hilda e Muja casam na inauguração da Sinagoga, e também na igreja católica com Padre Nero, para que Coronel Maneio aceite que realmente perdeu a oportunidade de casar-se com a filha do Mister Glupp. Quando os patrícios acabam de derrubar a última árvore, eles despedem-se de Mister Glupp e retornam ao Bom Fim, para nunca mais voltar.

No último capítulo, segundo Mársico (1974, p. 175), “o município vivia momentos difíceis. Estava-se no ano de 1964 e Jango desgovernou o Brasil, depois daquela misteriosa renúncia de Jânio”. O Comandante ouve os pronunciamentos de Leonel Brizola, e Ovo de Páscoa quer que Cágada chame atenção no Rio Grande do Sul, para com isso, atrair migrantes.

Então, Ovo de Páscoa e seu sobrinho Babico buscam assinaturas em listas e organizam um grupo erechinense de onze, sendo divulgado nacionalmente pela Rádio Mayrink Veiga. Este grupo

é formado por; Coronel Maneio, Ovo de Páscoa, Perna de Pau, Comandante, Babico, Mister Glupp, Muja, Lady Hilda, Lady Salma e mais três ininteligíveis vereadores (o autor não lhes atribui nome).

Então, o grupo dos onze viaja com o trenzinho da ACA a Porto Alegre para trazer novos judeus, porém se dirigiram aos estádios do Grêmio e do Internacional, sem sucesso o grupo retorna à Cágada. Em poucos dias, Cágada é invadida por uma força reacionária e o grupo de onze parte de trem com seus integrantes presos. Os únicos que restam em Cágada foi o Padre Nero que continua a vaguear nos campos em busca de um local para construir sua igreja e o papagaio falante Gimbo.

Adilson Barbosa, em sua dissertação, *Comicidade e riso em Cágada, de Gladstone Osório Mársico*, afirma que,

Cágada, ao dialogar satiricamente com a História, proporciona ao leitor uma reflexão a respeito do próprio texto ficcional e de sua relação o contexto histórico. O escritor torna-se, assim como Gimbo, porta-voz dos silenciados da história: os nativos, os colonos judeus que se instalaram no Rio Grande do Sul e os perseguidos políticos após o golpe militar. Acrítica oriunda da linguagem humorística por tratar-se, também, de elemento lúdico, ameniza o impacto negativo do ataque crítico. Embora a sátira tenha caráter moralizante, pois censura os males da sociedade e/ou de indivíduos, é risível, porque se utiliza de ativadores de comicidade, que propiciam o riso. Assim, por meio dela, Mársico problematiza a questão identitária, permite um novo olhar sobre a história, revela o processo de abandono e opressão das minorias e abre um amplo espaço de reflexão.

Em *Cágada* podem ser vistos, como em toda a produção literária de Mársico; *Minha Morte e outras vidas* publicada em 1958, *Gatos à Paisana* publicada em 1962, *Cogumelos de Outono* publicada em 1972, *Cágada (ou a história de um município a passo de)* publicada em 1974, e *Forúnculo* publicada em 1994, obra póstuma, marcas de regionalismo literário⁴³. Na correspondência de 15/07/74 o autor sugere a Carlos Jorge Appel, diretor da Editora Movimento, que permita a publicação de termos que possuiriam sentido regional,

⁴³ Não há definição precisa sobre a origem do termo regionalismo. Etimologicamente, provém do latim *regions*, conceituando-se zona, lugar, parte, país. Quando se fala em regionalismo, há uma tendência comum em enfatizar os fatores fenômenos sociais e econômicos de uma região. A sua definição vai além desses limites, ela se refere aos elementos da linguagem, aos costumes, aos cenários, à coesão existente entre os habitantes de uma região, segundo Dorsa (2001, p. 13).

[...] prefiro assumir o risco da publicação assim mesmo, embora grotesca, parece-me necessária ao contexto, aquela cena do porqueiro, por exemplo (fls. 360 e segs.) à origem do grupo dos onze, sob a forma de sátira. O *porqueiro* é uma figura típica de nossa região; aqui se planta trigo e soja e se engorda porco. E geralmente os *porqueiros* são pessoas abastadas, que giram em torno da banha -símbolo do dinheiro, do poder. Sei que cena pode ser de mau gosto. Mas quantos outros verdadeiros escritores não as tem? (MÁRSICO, 1974c).

Mársico usa o termo *porqueiro*, expressão não utilizada na língua portuguesa, para expressar uma figura típica da região. Nesse sentido, uma das marcas presentes no decorrer da narrativa é a utilização de expressões típicas regionais.

A primeira capa, elaborada para *Cágada*, na carta de 06/09/1974, Mársico não aprovou de autoria do artista plástico Mário Röhnelt. E propôs à editora um desenho, de uma tartaruga encontrada numa revista. A capa da obra literária *Cágada* produzida por Cláudio Levitan e revisada por Déa Portanova Barros mostra o planejamento e a preocupação com elementos judaicos, em sua caracterização. Sobre o processo de produção de um livro, Chartier (2007, p. 13) salienta:

[...] convém lembrar que a produção, não apenas de livros, mas dos próprios textos, é um processo que implica, além do gosto da escrita, diversos momentos, técnicas e intervenções, como as dos copistas, dos livreiros editores, dos mestres-impressores, dos compositores e dos revisores.

Na parte superior da capa, em destaque está o título da obra, e abaixo figuras que aludem as personagens que participaram da trama; Ovo de Páscoa, Mister Glupp, Lady Hilda, Lady Salma. As figuras de Padre Nero montado em cima de um burro, e Muja dentro de seu carro, estão representadas na contracapa, como se fosse uma extensão da capa (Fig.10).

Figura 10 - Capa do livro *Cágada (ou a história de um município ao passo de)*



Fonte: Acervo particular da autora.

A figura 1 da capa, da esquerda para direita, em cima da tartaruga, representaria Ovo de Páscoa, por caracterizar o intruso que chegou na colônia com sua espingarda na mão. A figura 2 da capa, representaria Mister Glupp por caracterizar o imigrante judeu, devido suas vestimentas, nota-se que a imagem usa um chapéu, também chamado de *Kipau*⁴⁴ e que este simboliza o lembrete que Deus está acima de nós, nesse chapéu há o detalhe, de um desenho de estrela de Davi⁴⁵. A figura usa um talit branco⁴⁶ (manta judaica) e segura um machado em sua mão simbolizando que

⁴⁴ A *kipá* é um lembrete constante da presença de D'us. D'us nos acompanha em qualquer lugar que formos, e está sempre nos protegendo e nos guiando. A *kipá* deve estar sempre sobre nossa cabeça, lembrando que há alguém acima de nós, que nos acompanha e observa nossos atos. Isso faz com que reflitamos mais sobre nosso comportamento e nossas ações. Revista *PT Chabad. ORG.* Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1687678/jewish/Kip-e-Chapu.htm>. Acesso: 21 jan.2019.

⁴⁵ Originalmente, o nome hebraico – *Maguen David* – literalmente “Escudo de David” – referia-se poeticamente a D'us. Reconhece que nosso herói militar, o Rei David, não venceu pela própria força, mas pelo apoio do Todo Poderoso. A Estrela de David também foi um triste símbolo do Holocausto. Quando os nazistas forçaram os judeus a usar uma estrela amarela como identificação, a Estrela de David foi um triste símbolo. Revista *PT Chabad. ORG.* Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/2351928/jewish/A-Estrela-de-David.htm>. Acesso: 21 jan. 2019.

⁴⁶ “Há dois tipos de talit: o *talit catán* (pequeno), também chamado de “*tsitsit*”, usado durante o dia debaixo da camisa;

o homem é o provedor do lar através do trabalho, vincula-se ao machado o símbolo do desmatamento. A figura 3 da capa, corresponde Lady Salma, a filha de Mister Glupp, que está dentro de uma casa antiga de madeira com janelas grandes, representando a proteção familiar judaica. Do lado de fora da casa, a figura 4 da capa, representaria Lady Hilda a mulher judaica devido ao vestido recatado, nota-se que ela protege a casa porque senta-se acima do teto. Nota-se que o intruso, Lady Salma, Lady Hilda e Mister Glupp estão na parte superior do desenho, em cima de uma tartaruga. A figura 5 da capa, é a tartaruga que carrega as outras imagens componentes, ela segue em passos lentos, mas atrasa as personagens que a seguem.

Na contracapa, a figura 6 da capa, é padre Nero que chega na colônia em cima de um burro que era o transporte da época, trazendo consigo o símbolo da cruz da igreja católica, com objetivos de fundar sua igreja, mas que na ficção não alcança, ele segue os membros que estão em cima da tartaruga. A figura 7 da capa, caracteriza a personagem Muja, um judeu vendedor, que vem do bairro Bom Fim em seu automóvel da marca *chevrolet*, e casa-se com Lady Salma.

Mársico faz dedicatória em *Cágada*, para cinco pessoas que por meio de cartas relacionavam-se, os quais são: o jornalista e comentarista do jornal *Correio do Povo* Sérgio Jockymann, ao escritor Ernâni Reichmann, ao diretor cultural da Editora Movimento, ao crítico literário do jornal *Correio do Povo* Carlos Jorge Appel, ao jornalista compositor Adel Carvalho e para o escritor Carlos Nejar.

Na documentação do acervo da Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico está o manuscrito original da obra e estão as cartas recebidas e enviadas de Gladstone para a Editora Movimento, mas existem diferenças comparando-a com a primeira edição publicada pela editora. Sobre o processo de publicação do livro, Chartier (2007, p. 13) aponta:

O processo de publicação, seja lá qual for sua modalidade, é sempre um processo coletivo que requer inúmeros atores e não separa a materialidade do texto da textualidade do livro. Desse modo, é inútil querer distinguir a substância essencial da obra, tida como sempre semelhante a si mesma, e as variações acidentais do texto, consideradas impostas aos textos por preferências, hábitos ou erros daqueles que os copiaram, compuseram ou revisaram não destroem a ideia de que uma obra conserva uma identidade perpétua, imediatamente reconhecível por seus leitores ou ouvintes.

e o *talit gadol* (grande), usado somente na Prece Matinal. As franjas do talit, denominadas *tsitsit*, funcionam como lembrete de todas as *mitsvot* da Torá. Ao colocar o talit, deve-se ter em mente que D'us nos ordenou que nos envolvêssemos nele a fim de que possamos nos lembrar de cumprir todos Seus mandamentos". Revista *PT Chabad. ORG*. Disponível em: < https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/602882/jewish/Talit-e-Tsitsit.htm>. Acesso: 21 jan. 2019.

Na primeira edição da obra *Cágada*, comparando-a com o manuscrito do acervo, não consta um trecho, que Mársico faz uma justificativa para sua clientela judaica pela sátira. Na carta de 06/09/1974, envia para a editora, solicitando o trecho: “Não daria para aproveitar, na apresentação da orelha ou na contracapa, aquela frase de prefácio sobre os judeus? (MÁRSICO, 1974). Seria como uma carta minha a editora, entregando o livro”. Nota-se que Mársico preocupou-se com a interpretação de seus leitores judeus, no trecho do manuscrito original, ele escreveu,

[...] antigamente não se podia brincar com o judeu. Era antisemitismo. Hoje não, os tempos e os conceitos mudaram. O judeu sem complexos, goza dele mesmo e dos outros. Adquire aquela superioridade de espírito que sempre teve, mas que muitos quiseram subestimar. Pois na verdade vos digo, não foram os judeus que mataram Cristo. Fomos nós, católicos, que o matamos a prestações no decorrer dos séculos (MÁRSICO, 1974, orelha do livro).

Mársico (1974a) envia uma carta dia 25/10/74 para o editor Carlos Jorge Appel, sobre os erros de publicação, referentes ao nome da obra que foi publicado: *Cágada (uma cidade a passo de)*, no qual, o correto seria *Cágada (um município ao passo de)*, porque o termo cidade não corresponde ao sentido de regressão da colônia, e também Quatro Irmãos nesse período não era emancipado.

Nota-se, nessa carta, o aborrecimento do escritor, que para ele tratava-se de um trecho importante, chegando até a sublinhar para que o editor não se esquecesse. Sobre o vínculo de amizade com judeus,

[...] meu pai tinha muitos amigos judeus, Erechim era uma cidade muito pequena lá na década de 50, que eu lembre tinha o Litvin, que tinha um moinho ali na Rua Aratiba, o Pedro Brochmann e a dona Sarita que eram nossos vizinhos na Rua Portugal, os Lavinski, vizinhos de casa na Rua Portugal, o Buja e a Dona Rosinha e os pais dela, seu Jacó e Dona Augusta, que tinham um armazém, os Jovelewski, que tinham uma loja: *A preferida*, se não me engano ali na Maurício Cardoso, a dona Sofia Vögel, que tinha também uma loja na Maurício Cardoso, e alguns outros que eu não lembro o nome. Lembro dos filhos deles, a Dvora Jovelewski, o Nelson, Wilson e Beth Brochmann, o Abraham, o Guilherme, a Léia a Tamar Litvin e a mais velha, a Sandra, e também da Dona Belinha, a mãe deles (LEHMANN, 2019).

Em conversa com a comunidade judaica, muitos deles afirmaram para a autora que leram as obras de Mársico, isso vêm reafirmar que Mársico sabia que sua clientela leria o livro, que inclusive em Erechim havia uma biblioteca da “Liane Troglio, que era dona da livraria ABC, a: primeira que vendeu os livros do pai” (LEHMANN, 2019). Essa preocupação de Mársico,

provavelmente condiz ao seu conhecimento de antisemitismo moderno⁴⁷, que a comunidade judaica, seus clientes e amigos judeus, sentiam em Erechim,

[...] então, a gente teve uma vida boa, teve algumas pequenas “isguinha” de antisemitismo, como todo mundo tem né, mas nada assim de...

Entrevistador: Mas o que, que era esse antisemitismo? O que, que eles faziam?

Entrevistado: Faziam coisinhas pequenas, mas a gente se pegava. Por exemplo, eu jogava futebol no campo dos padres em Três Vendas [bairro erechinense] ali. Então, na época da guerra os caras atiravam pedra, a gente devolvia a pedra, entrava em bolo, em rolo, aquelas coisas todas, mas todo mundo sobreviveu e hoje é amigo.

Entrevistador: Mas, eram coisas assim... extremo

Entrevistado: Nada, no, no (CHARCHAT, 2018).

O preconceito em Erechim, apesar de não ser extremo, como ressalta o entrevistado, era ofensivo. O antisemitismo⁴⁸ também ocorria por parte dos clubes de futebol, o entrevistado diz, “Então o Ipiranga, já aceitava que entrassem judeus, já o outro clube... o Atlântico não aceitava judeu, como o grêmio, o grêmio começou aceitar judeu em meio agora, e então o Ipiranga era o povo entende e o Atlântico era a elite, então era uma briga” (CHARCHAT, 2018).

Já em Porto Alegre, segundo a entrevista do vice-presidente da Organização Sionista do Rio Grande do Sul salienta que,

[...] existiu antisemitismo aqui em Porto Alegre? Muito, inclusive na década de 70, daí já eu posso te dizer que eu já tinha uma certa idade em 70, 80. Tivemos ameaças dos nazistas, invasões de cemitérios, pichações de murros, houve ameaças no colégio israelita. No jornal, *Zero hora*, nessa época de 1978, 1984, 1976, 86 tem muitos episódios de pichações de murros, de suásticas, de perseguição, houve, houve recente.

E: E houve nazismo?

R: Sim, também. Tudo associado a discriminação racial, ou seja, o judeu deixou de ser um cidadão e uma religião a ser um perseguido. Aqui também (Entrevista: LEVENTHAL, 2018).

Nota-se que na década de 70, época em que as obras *Cágada* e *O exército de um homem só*, são publicadas é grave o antisemitismo no Rio Grande do Sul. Para Biletzky (1982, p. 49),

[...] no fundo de toda manifestação antissemita, que cria o “problema judeu”, o qual atinge

⁴⁷ O antisemitismo moderno, essencialmente político, fundamenta-se nas teorias racistas do século XX, que transformam os judeus em “mercadores do mal” e representantes de uma raça inferior. Tanto no antisemitismo tradicional (ótica cristã medieval) como no moderno (ótica científica) os judeus eram considerados “agentes ativos que ameaçam a ordem natural do mundo” e como tais deveriam ser eliminados, segundo (CARNEIRO, 2000, p. 17).

⁴⁸ Antisemitismo é uma doutrina ou movimento contra os judeus, segundo (CARNEIRO, 2000).

o judeu em todas as partes em todas as épocas, está o instinto de perseguição da fera. A dispersão, a concepção religiosa, o sistema de normas éticas e o estilo de vida que se ajusta aos princípios vitais, tudo isso provoca o antisemitismo, cujas origens são antiquíssimas. O judeu é diferente, portanto, odiado. [...] As raízes do antisemitismo se ramificaram, sem respeitar fronteiras de lugar nem de tempo, estendendo-se as sementes do ódio aos judeus, ódio esse que se adapta às diferentes situações históricas.

Acredita-se que a justificativa teria importância para Mársico, por ele não ser antisemita e não ser uma pessoa leiga, aliás foi presidente do Clube de futebol Ipiranga. Mársico sabia que durante muitos séculos, os judeus foram um dos grupos discriminados pela sua cultura distinta, e perseguidos pela sua crença religiosa por isso, o escritor preocupou-se com seus amigos leitores judeus.

Sabido que Mársico produzia romances, ou seja, obras de ficção, qual seria seu objetivo em fazer sempre advertências, que suas obras são ficcionais ao publicá-las? No prefácio da obra *Gatos à Paisana*, escreve: “Se me perguntarem se as histórias são reais, optarei pela negativa. Não estou disposto a residir na penitenciária [devido a censura]. Basta as noites que passei em claro. Efetivamente, tudo o que se contém nestas páginas é fruto exclusivo da fértil imaginação do autor” (MÁRSICO, 1962, s/p). Já na obra *Cágada (ou a história de um município a passo de)*, afirma:

Também para esse livro vale a clássica e repetida advertência de que todos os fatos e pessoas são absolutamente imaginários, exceção feita às personagens históricas que entremeiam a narrativa. [...] Fazer história com açúcar é tarefa de abelhas. Nada como uma pitada de sal para zangar-se a verdade. (MÁRSICO, 1974, s/p).
Se me perguntarem se as histórias são reais, optarei pela negativa. Não estou disposto a residir na penitenciária. Basta as noites que passei em claro. Efetivamente, tudo o que se contém nestas páginas é fruto exclusivo da fértil imaginação do autor (MÁRSICO, 1962, s/p).

Esse questionamento é relevante, porque se por um lado parece defender que o livro é ficcional, por outro lado, o autor diz que seu objetivo é satirizar a colonização judaica de Quatro Irmãos: a *Jewish Colonization Association*. O escritor mescla aspectos culturais e sociais, em um ambiente com indícios reais, por isso Mársico preocupa-se com a opinião de seu leitor, e qual interpretação ele poderia aludir lendo sua obra. Na correspondência enviada para Érico Veríssimo em 12/03/1974, aponta,

[...] vou abordar a colonização judaica numa cidadezinha imaginária aqui da região (Cágada, ou a história duma cidade que ia a passo de) e que, de repente, se vê atingida pela revolução de 64. Pretende ser uma sátira ao relacionamento judaico-católico, seus preconceitos, idiossincrasias etc. ao mesmo tempo que mostra o lado humorístico no que sucedeu naqueles dias que antecederam a derrubada de Jango. Trabalhando apenas nos sábados e domingos, o “romance” vai chegando ao fim, parto doloroso e angustiante. Talvez lá por novembro [...]. É difícil conciliar arrazoadas com fantasia. Consolo-me com a sua experiência de bancário e boticário. Não tenho condições e me falta coragem para largar tudo e viver da “pena”. São vinte anos de banca que, somadas aos trinta de meu ex-colega Caruso [deputado João Caruso], fazem do meu ponto um fundo de comércio de meio século (MÁRSICO, 1974f).

Mársico revela que pretende satirizar o relacionamento judaico-católico e os dias que antecederam a renúncia de Jango. Demonstra, também, interesse em ter somente uma carreira, a de escritor, mas não consegue devido às dificuldades financeiras que a profissão lhe impõe. Em outra correspondência 25/10/1974, o escritor ressalta,

[...] não sei se o livro vai agradar. Satiriza a colonização judaica de Quatro Irmãos: a Jewish. Procurei seguir os conselhos da crítica comprimindo o que deu. Pretendo melhorar no próximo: *Forúnculo* (história de um organismo doente, o nosso foro...), nosso chão de estrelas cadentes! Dá uma lida, se puderes ou tiveres tempo e depois manda me dizer alguma coisa. Do Cogumelos, anotei as tuas observações sobre erros cometidos no aspecto da história para uma eventual segunda edição (MÁRSICO, 1974a).

Nesse aspecto, Mársico satirizou a companhia responsável, a *Jewish*, dando atenção aos conselhos da crítica literária, e aos conselhos da revista *Veja*, para que diminuísse a quantidade de páginas de seus romances, ou seja, Mársico novamente preocupa-se com a opinião pública. Mársico respondia cartas dos críticos literários, na carta de 05/08/1975, enviada para Antônio Hohltfeldt, Mársico (1975b) agradece a Crítica do caderno de sábado e escreve:

Tentei em Cágada corrigir o defeito de Cogumelos [livro: Cogumelos de Outono]. O defeito – afora ou outros, segundo a crítica – seria o tamanho, a narrativa extensa etc. Disseram-me que havia esbanjado papel... reduzi, então, o que deu. Saiu um livro mais enxuto. Usei, também, de certo simbolismo. Ignoro se consegui o objetivo da mensagem. Hélio Pólvora (recorte incluso) achou o livro coerente. Menos mal. Mas reconheço que o livro é inferior ao Cogumelos. Naquele dei tudo. E foram quase seis anos de sábados, domingos, feriados e férias. Foi angustiante escrever a prestações.

Para responder à questão, sobre porque o escritor escrevia advertências, que suas obras são ficcionais, acredita-se que Mársico não podia expor publicamente que as obras eram baseadas em

fatos reais, porque envolvia pessoas da sociedade erechinense, que se ofenderiam ao saber que foram satirizados. Mársico (1974b) pede desculpas para Paulo Hecker Filho, na correspondência de 6/12/74: “Acho que você interpretou mal a minha dedicatória no Cágada. Não tive intenção de ofendê-lo, ou qualquer outra intenção menos deselegante”. Aqui, demonstra um pedido de desculpas. Sobre o interesse de Mársico pela temática do Judaísmo, a filha ressalta,

[...] quanto ao interesse do meu pai a respeito do judaísmo, foi por causa do livro, pois o assunto envolvia a imigração judaica, porém, dos personagens do livro só o Buja, [Rubem Maurício Safro, conhecido por Buja] era realmente judeu, os outros eram todos inspirados em pessoas de Erechim, inclusive o meu irmão, Gladstone Osório Mársico filho, que era o menino do livro [personagem Babico]. Eu não lembro do nome dos personagens, só do padre Nero, que eu não sei quem inspirou, mas era o meu favorito (LEHMANN, 2019).

Dessa forma, além dos problemas de talvez uma não aceitação por parte dos personagens satirizados, Mársico também teria problemas com a censura⁴⁹. Na entrevista aponta,

[...] Mársico foi perseguido na década de 60?
Entrevistado: Pela censura federal, na época nenhum texto era publicado sem passar pela censura. Como cogumelos [livro *Cogumelos de Outono*] tinha uma suástica na capa e falava da segunda guerra, os ignorantes da censura pensaram inicialmente que o livro era contra o governo, depois pararam (LEHMANN, 2018).

Nota-se que o escritor tomou certos cuidados ao escrever suas obras, mesmo sendo ficcionais, para que elas não fossem censuradas. E sobre a aceitação pública, na correspondência de 12/01/1975 para Hilton, seu entusiasmo,

[...] fiquei muito feliz e sensibilizado com a sua lembrança e, mais ainda, com a opinião do eminente crítico Hélio Pólvora. Aliás, por coincidência, no mesmo dia, recebi outras três cartas com idêntico recorte: uma aí do Rio, de uma conterrânea que trabalha na Varig (Márcia Oliveira), outra de Brasília (Dr. João Temer, ex-secretário da Fazenda de Perachi ou Peracchi) e a última de Porto Alegre (poeta Carlos Nejar). Passei o dia como jiboia, deglutindo os “elogios” e curtindo (linguagem carioca) as amizades (MÁRSICO, 1975c).

De acordo com Chartier (1988, p. 24) sobre a ação da leitura no leitor,

⁴⁹A censura, no caso do Brasil, sempre foi abrangente. Não atingiu só a imprensa, sendo bem mais ampla e abarcando as artes, os espetáculos, os livros, o cinema, o teatro, a música etc., no início da construção do país e, mais tarde, quando dos períodos autoritários vividos. Legal e institucionalizada, no que se refere à questão moral, a censura política, seja na mídia, seja fora dela, foi sempre uma presença ao longo da história do país. Tem como objetivo de controlar a opinião pública, fazendo com que a população tenha conhecimento só daquilo que interessa ao poder que age a censura (RESENDE, 2014, p. 2). Disponível em: <<http://www.linoresende.jor.br/wp-content/uploads/2014/04/Censura.pdf>>. Acesso: 24 jan. 2019.

[...] no ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo.

Dessa forma, acredita-se que Mársico preocupou-se com a aceitação da crítica literária, e também com seu leitor, ou seja, porque tinha vínculos afetivos e sociais com judeus de Erechim, comprova-se isso, em sua documentação, encontram-se cartas e notas de pagamentos⁵⁰ com nomes de clientes judeus erechinenses que ao ler *Cágada* poderiam interpretar de uma forma pejorativa *Cágada*. Sobre a apropriação da leitura, conforme Chartier (1988, p. 24),

[...] no ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo.

Nesse tópico foram observadas em *Cágada* e *O exército de um homem só*, as sinopses das obras literárias, foram vistos aspectos como; capa, produção artística, correspondências, também foram respondidos alguns dos questionamentos e hipóteses que permeavam a pesquisa. Dessa forma, acerca do método comparativo, pode-se afirmar:

História Comparada tanto impõe a escolha de um recorte geminado de espaço e tempo que obrigará o historiador a atravessar duas ou mais realidades socioeconômicas, políticas ou culturais distintas, como de outro lado esta mesma História Comparada parece imprimir, através do seu próprio modo de observar a realidade histórica, a necessidade a cada instante atualizada de conciliar uma reflexão simultaneamente atenta às semelhanças e às diferenças, repensando as metodologias associáveis a esta prática (BARROS, 2007, p. 1).

Dessa maneira, o próximo tópico consiste em comparar a estrutura e a organização das obras literárias, a fim de refletir sobre semelhanças e dessemelhanças. Na concepção teórica de Tania Franco Carvalhal em sua obra, *Literatura Comparada*, publicada em 1992, comparar “então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes (CARVALHAL, 1992, p. 7).

2.3 Cotejo da organização e produção das obras

⁵⁰MÁRSICO, Gladstone Osório. *Contas pagas*. s/d. Fonte: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

O exército de um homem só publicada em 1973, é uma novela⁵¹ que contém 168 páginas, republicada mais de 14 edições e a obra *Cágada* publicada em 1974, é um romance⁵², que contém 202 páginas, republicada 4 edições. Em análise de ambas, utiliza-se somente a primeira edição das obras.

Quanto às obras literárias a autora optou em encaixá-las na Literatura Contemporânea Pós-Moderna⁵³ porque “na ficção pós-moderna, o literário e o historiográfico são sempre reunidos - e normalmente com resultados desestabilizadores, para não dizer desconcertantes”, segundo Hutcheon (1991, p. 136).

Já Santos (1974, p. 114) ressalta que o,

Movimento Modernista é consequência dos acontecimentos ocorridos no mundo antes e após a I Guerra Mundial (1914-1918). (...) No campo social, o mundo é assediado pelas ideias contidas no manifesto Comunista; na política, surgem o nazismo e o fascismo, alicerçados numa ideologia discriminatória e violenta; economicamente, uma total desorientação ante as inúmeras perspectivas que o momento impõe.

Enquanto isso, no cenário histórico mundial, muitas teorias racistas circulavam propondo o extermínio físico dos judeus,

[...] às vésperas da Primeira Guerra Mundial, o pensamento antissemita já estava arraigado na mentalidade da população alemã, que se mostrava profundamente incomodada com o “problema judaico”. A única solução que viam era eliminar os judeus e o Judaísmo da Alemanha, posição que ganhou força no decorrer do conflito mundial (CARNEIRO, 2002, p. 21).

Tânia Maria Baibich (2001) em sua análise crítica *Fronteiras da identidade: o auto ódio tropical*, salienta que na Literatura Brasileira, são poucos os escritores que escrevem sobre a questão judaica sendo,

⁵¹ A novela é um gênero narrativo, que possui uma quantidade menor de número de páginas comparada ao romance: na novela temos a valorização de um evento, um corte mais limitado da vida, a passagem do tempo é mais rápida. Geralmente a ação e os personagens giram em torno de um grande conflito, no romance temos muitos conflitos.

⁵² O romance é um gênero narrativo, que narra um fato imaginário, mas verossímil, geralmente uma prosa longa com muitos conflitos. Comparado à novela o romance apresenta um corte mais amplo da vida, com personagens e situações mais densas e complexas, com passagem mais lenta do tempo. Dependendo da importância dada ao personagem ou à ação ou, ainda, ao espaço, podemos ter romance de costumes, romance psicológico, romance policial, romance de cavalaria, romance histórico etc.

⁵³ O conceito atribuído de Pós-Moderna, justifica-se por serem narrativas produzidas a partir dos anos 1960, surge o debate de Maria Lúcia Outeiro Fernandes.

[...] extremamente carente de personagens judeus e, mesmo dentre os escritores brasileiros judeus cujas obras literárias tenham valor reconhecido, o judaísmo como tal, à exceção de Samuel Rawet e de Moacyr Scliar, não aparece como temática explícita, decorrente de sua condição judaica (BAIBICH, 2001, p. 305).

As obras foram produzidas na década de 1970, havia historicamente um contexto social-político com resquícios de violência e discriminação da Primeira e Segunda Guerra Mundial⁵⁴ e do Holocausto⁵⁵, que segundo Sorj (2011, p. 87): “continuará afetando por longo tempo o judaísmo e os judeus, e como todo trauma histórico, sua superação levará gerações para ser assimilada.” Também, um entrevistado judeu erechinense, sobre o sentimento traumático pós término da guerra, afirma,

[...] Alívio, alívio. Eu não me lembro comemoração, agora eu me lembro em alívio. Primeiro nós passamos por Getúlio Vargas que ele era um pouco simpatizante e não deu certo.

Entrevistado: Agora é uma coisa assustadora. Tudo eu fiquei sabendo, porque eu nasci em 48, então a guerra terminou em 45, agora aquela sensação ainda existia né. [...] Pesado, pesado. Triste porque próprio estado [jeito de ser] do judeu ele é um pouco talvez introvertido, não são todos que são oh, a maioria puxa pra trás um pouquinho.

Entrevistador: Da tristeza, da perseguição.

Entrevistado: Isso não passa nunca. E depois teve a 2ª Guerra, o judeu é um povo bastante sacrificado um pouquinho, por isso que a gente tá aí a 5779 anos.

Entrevistador: Ah, sim!

Entrevistado: Olha que teve alguma perseguição ao povo judeu! e a gente sempre sobrevive (Entrevista: CHARCHAT, 2018).

Maria Tucci Carneiro, em sua obra *O Antisemitismo na Era Vargas* (1988) ressalta a situação dos judeus no Brasil, durante a Era Vargas (1930-1945) é caracterizado por ser “político e xenófobo, camuflado sob a máscara do nacionalismo”, conforme Carneiro (1988, p. 499). Dessa forma, os escritores vivenciaram o antisemitismo no Rio Grande do Sul. Sobre a representação antissemita na literatura. Segundo Carneiro (1988, p. 500):

⁵⁴ A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), “feita para pôr fim a todas as guerras” transformou-se no ponto de partida de novos e irreconciliáveis conflitos, pois o Tratado de Versalhes (1919) disseminou um forte sentimento nacionalista, que culminou no totalitarismo nazi-fascista. As contradições se aguçaram com os efeitos da grande crise de 1929. Além disso, a política de apaziguamento, adotada por alguns líderes políticos do período entreguerras e que se caracterizou por concessões para evitar um confronto, não conseguiu garantir a paz internacional. Sua atuação assemelhou-se à da Liga das Nações: um órgão frágil, sem reconhecimento e peso, que deveria cuidar da paz mundial, mas que fracassou totalmente. Assim, consolidaram-se os regimes totalitários, que visavam sobretudo a conquistas territoriais, processo que desencadeou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (VICENTINO, 1997, p. 382).

⁵⁵ “O Holocausto deve ser estudado enquanto fenômeno político característico do século XX. Não se tinha visto, em toda a história da humanidade, uma catástrofe com tamanhas dimensões. Dificilmente o ser humano poderia imaginar que um homem- no caso Adolf Hitler- seria capaz de engendrar um plano tão diabólico para matar milhões de pessoas, principalmente judeus” (CARNEIRO, 2002, p. 10).

A Era Vargas (1930-1945) que ofereceu condições necessárias para que o antisemitismo aflorasse, encontrando seiva e calor nas ideias nazifascistas importadas da Europa e que trouxeram à tona velhos valores racistas enraizados na mentalidade da intelectualidade brasileira. Recuperou-se a imagem estereotipada do judeu, ao lado de argumentos antisemitas contraditórios. Como na Europa, a ideia do “judeu estrangeiro” transformou-se em temática constante na nossa literatura, correspondência diplomática e tradições populares.

Então, esse pessimismo⁵⁶, é representado na Literatura, sendo que Mársico não ficcionaliza momentos de glória dessa imigração, mas satiriza. Da mesma maneira, Scliar não ficcionaliza a glória, em *O exército de um homem só*, porque a imigração é uma tentativa frustrada, de seu personagem Mayer Guinzburg,

A tentativa frustrada de criar uma utopia aparece a todo instante. Assim, numa mansão abandonada no Beco do Salso, numa loja de elásticos, numa pensão para velhos, ou no alto de um edifício em construção, ele alimenta a expectativa de reencontrar um dia os sonhos de uma nova sociedade. Só que na verdade se apresenta adversa: é o ataque à mansão por um grupo de marginais que o tomam por louco; o fim do grande construtor, a extinção da pensão- a saída dos pensionistas; a sua doença e o infarto. Talvez sua passagem pela pensão representa o último brilho do heroico tempo de decadência (SZKLO, 1990, p. 65).

Relativo ao estilo de escrita dos autores, Moacyr Scliar usa a ironia⁵⁷ e Gladstone Osório Mársico utiliza a sátira⁵⁸. Para a crítica literária Gilda Salem Szklo, a ironia em Scliar traz,

[...] a experiência romântica conduzida por um único herói [Mayer Ginzburg, o capitão Birobidijan], sem um projeto político, é ao mesmo tempo saudosista e irônica. E chega a tomar tons patéticos quando, por exemplo, procurando uma saída simbólica para a sua

⁵⁶ O termo pessimismo, do latim *pessimus*, o pior (tendo, por conseguinte, a noção de otimismo como seu oposto), é geralmente tomado em termos filosóficos no sentido ontológico, ou seja, é próprio de visões de mundo cujos princípios cardinais consideram o “não ser” como preferível ao “ser”. Em termos especificamente Schopenhauerianos, o pessimismo, visto a partir do conjunto das obras do pensador, pode ser lido como a concepção que considera esse como “o pior dos mundos possíveis”, conforme destaca amplamente o próprio Schopenhauer, pela admissão de que tal mundo sópoder ser definido a partir da dor e do sofrimento.

⁵⁷ A ironia considerada como um paradoxal meio de comunicação que traz em si mensagens claras para uns, obscuras para outros; inteligentes para uns, agressivas para outros. Se de modo geral o humor presente nas trocas languageiras é bem visto e considerado simpático, a ironia tende a ser mal vista e o sujeito-que-ironiza é mais temido que querido por seus interlocutores que, por vezes, não hesitam em lhe colar a etiqueta de pessoa irônica com uma carga axiológica não-positiva (MACHADO, 2014, p. 108).

⁵⁸ O termo sátira remete, em primeiro lugar, a um gênero histórico, definido já a partir da tradição clássica (com desdobramentos até a era moderna) - seja pela vertente lucílica (também denominada romana), seja pela vertente menipéia (ou luciânica). Em rápidas palavras, a sátira de tradição lucílica caracteriza-se pela utilização regular de hexâmetros e pela finalidade moralizadora dos textos; nela o riso é utilizado como meio de denúncia dos vícios da humanidade. Os romanos a consideravam uma invenção sua. O riso é sua marca distintiva, sem assumir, no entanto, o caráter exclusivamente moralista da tradição romana (SOETHE, 1998, p. 7).

utopia, utilizando-se dos recursos que lhe oferece a sociedade capitalista, Mayer torna-se um bem-sucedido construtor de edifícios (SZKLO, 1990, p. 65).

De acordo com Sass (1994, p. 16):

A obra literária de Gladstone Osório Mársico configura a sua construção narrativa segundo as características da sátira e da picaresca⁵⁹. O enredo, a linguagem do narrador, as personagens e as suas falas apresentam o meio social com estas marcas que não passam despercebidas ao leitor.

A sátira, segundo Santos (1974, p. 141) “pertencem a essa fase [década de 70] os livros que denotam uma preocupação do autor em debochar da sociedade”. Em uma reportagem publicada no jornal *Correio do Povo*, em 24 de dezembro de 1977, *Gladstone Osório Mársico*⁶⁰, menciona a exteriorização da sátira:

Na década de 70, a narrativa satírica encontrou novas expressões no Brasil, embora não pertençam ao fluxo maior de nossa literatura. Ao ano de 74 foi particularmente fértil, pois são publicados os livros *Fazenda Modelo*, *Vencecavalo* e o *Outro Povo*, e a novela de que nos ocuparemos, *Cágada ou a história de uma cidade a passo de*. O caráter satírico deste último texto evidencia-se de imediato a partir de seu título em que apenas não se percebe o papel estratégico que desempenha um acento gráfico, como igualmente se faz a alusão a uma história que não é, uma vez que a noção de transformação é substituída pela lentidão ou o marasmo.

Contudo, Mársico teria razões no contexto social da década de 70, para elaboração de sua sátira devido ao fluxo de sátiras na literatura brasileira, porém Mársico já na década de 60 publicara sua primeira sátira chamada, *Gatos à Paisana*, em 1962.

Nota-se que mesmo, uma obra sendo satírica, e a outra irônica, ambas carregam humor⁶¹. Barbosa (2010) ressalta Mársico ao fazer sátira, faz um deboche que se humoriza ao longo da leitura. Também Scliar, expressa um certo humor em *O exército de um homem só*, através das atitudes da personagem Mayer, quando negou seu Judaísmo ao come carne de porco, para confrontar seu pai. Mas, Scliar explora o humor com mais intensidade na obra *Do Éden ao Divã* –

⁵⁹ Poder-se-á ler no *Lazarilho*, apenas uma série de histórias engraçadas; mas também poder-se-á pensar que a obra é portadora de uma denúncia não explícita, segundo González (1988, p.10).

⁶⁰ *Correio do Povo*, *Gladstone Osório Mársico*. Porto Alegre, 24 dez.1977, p.4. Acervo: Biblioteca pública Municipal Gladstone Osório Mársico.

⁶¹ O termo humor tem origem latina humor- *oris*, significando “humores do corpo humano”, expressão que, na Idade Média, referia-se ao gênio ou condição das pessoas, supostamente causado pelos “humores vitais”. Já na Grécia Antiga, a teoria dos humores conjugava a personalidade com a química do corpo. Seriam quatro os humores do corpo: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico (BARBOSA, 2010, p.45).

Humor Judaico.

Scliar (2001) salienta que o humor judaico é: “um humor agridoce, um humor de sorriso, não de riso, um humor que provê uma defesa contra o desespero – o humor que inspira as historietas [...]”. (SCLIAR, 2001, p. 83). O humor judaico, havia sido explorado em 1965, num ensaio predico, chamado *Judaísmo é otimismo*, de autoria do rabino de Henry Sobel, nessa obra o autor expressa o humor nas situações cotidianas judaicas. Porém a sátira ao imigrante judeu não se tem informações, quanto ao uso em outras obras literárias, que não seja *Cágada*.

As obras literárias apresentam uma narração em 3ª pessoa, mas Mársico não revela quem é o narrador onisciente, enquanto Scliar menciona ser o irmão do personagem principal, e esse narrador onisciente, que num breve momento participa na narrativa. O tempo em *Cágada* é linear, inicia no fim do século XIX e se estende até 1964, oposto em *O exército de um homem só*, em que o enredo desenrola inicialmente em 1970, retrocedendo para 1916 até chegar em 1970 novamente.

O espaço corresponde uma representação, de um distrito de Erechim e um bairro porto-alegrense. Nas duas obras, as personagens são imigrantes judeus, e não judeus que se relacionam entre si. Mársico entra no contexto dos três dias que antecedem a Ditadura Militar⁶², já Scliar não explora o contexto da ditadura, mas explora a criação do estado de Israel de 1948.

Mársico não afirma publicamente que sua obra é baseada em personagens reais, que vivem no contexto histórico em Erechim. Enquanto Scliar para *O exército de um homem só* revela ser “baseado em minhas recordações do movimento juvenil e em vários esquerdistas que conheci no Bom Fim, conta a história de um quixote judeu que quer fundar uma nova sociedade” (SCLIAR, 2003, p. 77).

De acordo com Ferreira (2010, p. 2), sobre a verossimilhança afirma,

[...] o verossímil não é mais, portanto, que uma analogia do verdadeiro, e por isso pode-se dizer que a ficção é a capacidade de um fazer crer, mercê do qual o artifício é tomado como um testemunho autêntico sobre a realidade e a vida. Ou seja, a arte da ficção manifesta-se como arte da ilusão.

Em *Cágada*, faz transposições verossimilhantes sobre a trajetória política de líderes como; João Goulart, Jânio Quadros, Hildo Meneghetti, Leonel Brizola, Flores da Cunha, Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha, Luís Carlos Prestes, Gustavo Barroso, Joaquim Nabuco no decorrer de sua

⁶² A Ditadura Militar no período de 1964 a 1985 ou regime militar é uma forma de governo autoritário onde o poder político é efetivamente controlado por militares.

narrativa.

Em *O exército de um homem só*, também surge essa verossimilhança com; Isaac Babel, Rosa de Luxemburgo, Lenin, Sigmund Freud, Maiakóvski, Walt Whitman, Josef Stalin e lia a obra *Manifesto Comunista* de Karl Marx e Engels.

Quanto à questão da capa, ambas exploram o espaço de colonização e o judeu colonizador, aparece ou segurando um machado em *Cágada*, representando o desmatamento da Colônia Quatro Irmãos, ou em *O exército de um homem só*, segurando um pergaminho, que indicaria um mapa da futura colônia.

Na década de 60, ambos passaram pela censura, Mársico em sua obra *Cogumelos de Outono*, e Moacyr Scliar ressalta, que “em 1968, ano que marcou o auge da ditadura, ano do Ato Institucional 5, que suprimiu o que estava de liberdade de expressão no país, publiquei *O carnaval dos animais*” (SCLIAR, 2017, p. 67).

Ambos os escritores salientam as dificuldades da profissão escritor, Mársico menciona que não tem condições econômicas para viver somente de Literatura, e Moacyr Scliar em sua autobiografia salienta,

[...] eu tenho diploma de médico, mas não tenho de escritor. Mas quando preencho a ficha de inscrição em hotéis, no lugar reservado à profissão escrevo *médico*. Sempre tenho a sensação de que, se puser ali *escritor*, o homem da portaria vai me olhar desconfiado: “Será que este cara vai pagar a conta, será que ele não vai saquear o frigobar e fugir?” [...] É raro o escritor que traduza sua atividade só em livros (SCLIAR, 2017, p. 251).

No Acervo Delfos Digital, encontra-se o texto datilografado “Da ideia ao leitor – um esquema escrito”⁶³ um esquema produzido por Moacyr Scliar, sobre sua organização artística, nele demonstra preocupação com as interpretações de seu leitor, com as possíveis relações de “ideias” entre o escritor e seu público. Scliar preocupa-se com a performance do leitor, e como ocorre a produção do livro, e o alcance do livro ao leitor, e quando este próprio se apropria e fazendo interpretações conforme sua competência leitora. De acordo com Scliar (2017, p. 240):

Escrevemos para o leitor. E o primeiro leitor é representado por nós próprios. É um leitor que pode também funcionar como crítico, como avaliador. A este leitor, a nós próprios, devemos formular uma pergunta fundamental: Isto que escrevi está escrito da melhor forma que eu poderia escrever?

⁶³SCLIAR, Moacyr. *Da ideia ao leitor – um esquema*. Acervo Delfos Digital. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/194>> Acesso: 24 ago. 2018.

Segundo Chartier, a produção textual, vai além da escrita do escritor, perpassando por outros agentes, porque,

[...] o que quer que façam, os autores não escrevem os livros. Os livros não são absolutamente escritos. São produzidos por copistas e outros artesãos, por operários e outros técnicos, pelas máquinas de imprimir e outras máquinas. A observação pode levar a uma outra revisão. Contra a representação, elaborada pela própria literatura, segundo a qual o texto existe em si mesmo, independentemente de qualquer materialidade, deve-se lembrar que não há texto fora do suporte que o dá para ler (ou a ouvir) e que não há compreensão de um escrito, seja qual for, que não dependa das formas nas quais ele chega ao seu leitor. Por isso, a distinção indispensável entre os conjuntos de dispositivos: aqueles que dizem respeito às estratégias de escritura e às intenções do autor, aqueles que resultam de uma decisão de editor ou de uma imposição de oficina. (CHARTIER, 1998, p. 71)

Em ambas as obras existiu esse processo de produção textual, passando pelas mãos de diversos agentes como; revisores, editores, copistas, antes que se concretizasse com suas publicações, não perdendo sua essência quando alcançadas aos leitores.

Ambos escritores passaram pelas avaliações da crítica literária. Mársico em sua obra *Cogumelos de Outono* (1972) pela revista *Veja*, e Moacyr Scliar em sua autobiografia salienta:

O que fazer diante de uma crítica? Se a crítica é elogiosa, o problema não existe, ainda que críticas elogiosas possam perfeitamente estar equivocadas. O problema quando a crítica é arrasadora, aquela que destrói um trabalho. A primeira reação é de fúria contra essa pessoa que, alguns minutos, estraçalha aquilo que, às vezes, levamos anos para fazer (SCLIAR, 2017, p. 244).

Analisando as obras, sob a óptica de historiadores locais, quanto a interpretação de Isabel Rosa Gritti, estudiosa da atuação da ICA em Erechim sobressai que,

[...] as obras de Gladstone Mársico são de leitura agradável porque satíricas. Porém, valendo-se da sátira, denuncia determinada estrutura ou contexto. É o caso de *Cogumelos de Outono*, *Cágada* e *Furúnculo*, obras que li.

Li muito pouco das obras de Moacyr Scliar. Particularmente *Ciclo das Águas* e *O Exército de um Homem Só*. Da mesma forma que as obras de Mársico, são de leitura agradável. Scliar, se lembro bem, utiliza a comicidade para retratar um contexto de denúncia, de desesperança, de frustração. É minha avaliação pelas duas obras que li e citei.

Em relação a *Cágada* e a Imigração Judaica de Gladstone Mársico ela mostra muito bem o contexto da imigração e colonização judaica de Quatro Irmãos pela *Companhia Colonizadora Jewish Colonization Association*, responsável pela imigração e assentamento dos israelitas nos 93.985 hectares de sua propriedade em Quatro Irmãos. Quem conhece o processo imigratório judaico para Quatro Irmãos lendo *Cágada* identifica as especificidades do mesmo na obra, escrita por quem conhece a ação da Companhia Colonizadora na Fazenda Quatro Irmãos (GRITTI, 2018)

Nota-se que sob o ponto de vista da historiadora, a literatura, valendo-se da linguagem satírica ou irônica, trata dos processos de imigração judaica de forma crítica, permitindo identificar vários aspectos desse processo. Ainda, que ambos autores demonstram ter amplo conhecimento sobre o processo, o que permite tratar do tema com profundidade. Já para o historiador erechinense Enori Chiaparini,

[...] vou ter que reler o *Cágada*, que já faz muito tempo, quando comecei a trabalhar no arquivo, quando eu estava me instrumentalizando em História [...] depois da 2ª Guerra os “bota amarela” vão fazer faculdade em Pelotas, em Santa Maria, Porto Alegre principalmente, é o caso do teu personagem né, ele vai estudar, ele sai de uma região de colonização e vai ter contatos com a alta cultura da capital, vai se instrumentalizar de tal sorte que ele vai se tornar advogado e artista, ele é um artista inclusive uma parte muito pouco trabalhada, o artista Gladstone, trata-se de um homem inquieto, de um guri que é um agitador cultural, vamos chamar assim, Trata-se de uma pessoa extremamente inquieta, criativo. Olha teria que pesquisar de onde verve essa veia satírica, porque o homem vem aqui do interior, ele não procede de uma capital, é do interior para a capital. Ele tem digamos um poder de deboche demolidor... ele fere ele mexe, o artista se não mexe se não toca no problema ele não é artista né. Um grande artista o Gladstone, concorde ou não concorde. [...] Gladstone trata-se de um artista grandioso e que faz a gente pensar como um meio pacato trabalhador de colonizadores, como é possível gerar um artista desse nível exatamente nessa coisa de rir, do deboche né, de conseguir estas análises a ponto de deixar os críticos de Literatura assim em alerta inquietos, poh Gladstone de Erechim, e tal e coisa né. [...] Ele se tornou o melhor talento satírico do Brasil, um homem do interior, porque o interior é submisso, de maneira geral o interior ele não tem capacidade de sátira neste nível é um pouco perturbador, porque nos bastidores que eu ouvi, tratava-se de um homem queria provar para a alta intelectualidade daqui que era o judiciário, que ele fazia parte, que o jargão geral é que era terra de colono, claro colonizado por colonizadores, imigrantes, terra de colono, assim mas no sentido depreciativo [...] Parece que ele queria criar um contraponto consciente ou inconsciente, havia um desejo de provar que aqui também tinha homens intelectuais de alto nível (CHIAPARINI, 2018).

Aqui, sobressai outro aspecto, o escritor veio do interior do estado, associado a imagem do colono⁶⁴ de Erechim, porque sempre o interior do estado foi tratado como submisso à capital. Mársico nasce no interior, estuda na capital e volta para o interior, com uma grande bagagem de conhecimento, tornando-se um artista respeitado, considerado por críticos como o melhor talento satírico brasileiro.

Nesse tópico houve um cotejo entre as obras literárias, sobre sua organização e sobre sua estrutura literária. No próximo tópico do capítulo 2, abordará Erechim e a Fazenda Quatro Irmãos

⁶⁴ “ser colono não significa apenas ser um agricultor que cultiva a terra, mas comportar-se de acordo com um conjunto de valores simbólicos e práticas culturais identificadas com o modo de vida colonial” (SCHNEIDER, 2004, p. 149).

em *Cágada*, e o Bom Fim em *O exército de um homem só*.

2.4 Erechim e a Fazenda Quatro Irmãos em *Cágada*

Na região norte do Rio Grande do Sul, situa-se o município de Erechim, sobre a criação de Erechim Giaretta (2008, p. 23) ressalta: “A colônia Erechim (Getúlio Vargas) de 1808- 1856 pertenceu a Rio Pardo; de 1857- 1917, ao município de Passo Fundo e, em 1918 fazia parte do grande Erechim. Esse espaço foi a primeira sede da colônia e distrito de Erechim até 1934 quando ocorre a sua emancipação”.

O tempo da narrativa abrange o início do século XX, com a chegada da empresa de colonização e dos imigrantes judeus na região e a consequente expulsão dos indígenas e caboclos, até 1964, com o encerramento das atividades da empresa colonizadora, coincidindo com o golpe militar no país. O cenário da obra extrapola os limites da colônia Quatro Irmãos, dialogando com seu entorno.

Define-se como espaço imaginário, de acordo com Barros, o espaço criado pelo autor para cenário de sua obra,

[...] as ações e transformações que afetam aquela vida humana que pode ser historicamente considerada dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente constitui-se-á em espaço social. Mas com as expansões dos domínios históricos que começaram a se verificar no último século, este Espaço também pode ser perfeitamente um “espaço imaginário” (o espaço da imaginação, da iconografia, da literatura) (BARROS, 2005, p. 462).

A região do Alto Uruguai do Rio Grande do Sul faz fronteira com o estado de Santa Catarina. Chiaparini (2012) salienta o extrativismo na década de 1920, na região do Alto Uruguai, nesse espaço havia uma densa mata nativa composta por; troncos de cedros, angicos, pinheiros, que eram amarrados entre si, levados pelas correntezas do rio Uruguai, destinadas à San Thomé na Argentina. Segundo Chiaparini (2012, p. 132) “na enchente de São Miguel, 29 de setembro de 1935 foram transportadas 250 mil toras de madeira-de-lei através do Rio Uruguai”.

Em *Cágada* existe uma representação das florestas do Alto Uruguai e do desmatamento. Em “*Cágada* [...] possuía variedade de madeiras, aquém do Rio Cansado, madeiras de todos os tipos, desde cedro, canela, até pinheiros [...] árvore desconhecida que acabou sendo uma das causas, a principal de sua perda” (MÁRSICO, 2006, p. 12).

Nesse aspecto, percebe-se que o autor conhecia a vegetação e o Rio Uruguai. Provavelmente, ele usa o nome fictício rio Cansado, para o rio Uruguai, devido suas águas serem lentas e profundas, e usa a expressão “a principal causa de sua perdição” uma previsão futura, sobre o fim dos lucros com o desmatamento, que gerou o abandono da colônia. Em *Cágada*,

[...] por via das dúvidas e fidelidade à história, convém declarar de início que Cágada não fazia parte de nenhuma republiqueta na América do Sul, e sim, deste nosso Brasil, aqui nos pagos do Rio Grande, na região que os “batizadores” cartográficos resolveram apelidar de “zona da serra”. [...], mas no começo mesmo ele não tinha nome oficial de espécie alguma. Era conhecido apenas como “as terras do Bugre Sem Fala” e ficava localizado num extenso planalto que limitava ao sul com o Rio Cansado e ao norte com a Montanha da Caverna. A leste e oeste fora desprovido de limites naturais, pois, de ambos os lados, duas linhas secas o separavam de Nova Floresta, o ex-município-mãe, e de Engenho Velho, o ex-distrito-irmão, hoje também elevado à categoria de município (MÁRSICO, 2006, p. 11).

O rio Uruguai é uma divisa geográfica, com o estado de Santa Catarina. O personagem Ovo de Páscoa e seu sobrinho Babico atravessaram o Rio Cansado através de uma canoa, arriscando suas vidas. “E vieram, remando, para as terras da ACA. O rio era cansado mesmo, não tinha muitas corredeiras, embora fundo, mas também não era fácil atravessar” (MÁRSICO, 2006, p. 35).

Mársico refere aos personagens Babico e Ovo de Páscoa, que atravessaram o rio Uruguai. Nesse ponto traz à tona a questão dos intrusos⁶⁵, vindos de regiões vizinhas que chegavam no norte do Rio Grande do Sul de barco atravessando o rio Uruguai, atraídos por notícias animadoras do projeto de colonização. Em *Cágada*, “(...) as notícias sobre o segundo distrito de Nova Floresta corriam célebres pelos municípios vizinhos, além, muito além do Rio Cansado, quase beirando as ribanceiras do Uruguai, na divisa com Santa Catarina” (MÁRSICO, 2006, p. 25).

Tedesco (2017) salienta que no século XX, no estado do Rio Grande do Sul, a Diretoria de Terras e Colonização, que era inspecionada pelo engenheiro chefe Carlos Torres Gonçalves, “demarcou 11 áreas indígenas no norte do estado, e dentre elas, em 1911, a área de Nonoai” (TEDESCO, 2017, p. 267).

Os primeiros habitantes do Planalto Rio Grandense são os índios; *Tapes*, *Guaranis*, e *jês*, “Os caingangues (kaa = mato + ingáng = morador = habitante do mato são os descendentes do grupo Jês. Eles habitavam as áreas do Planalto- Médio e Norte rio-grandense” (CHIAPARINI, 2012, p. 12). Em *Cágada* existe a presença do indígena,

⁶⁵A intrusão caracterizada como “a ocupação de terra da qual não possui título legal” (GIARETTA, 2008, p. 14).

[...], mas quando Cágada ainda não tinha nome, era simplesmente ocupada pela tribo do Bugre Sem Fala. Essa pequena tribo surgira ali [...] Vivia da primitiva cultura da mandioca e da cana-de-açúcar. Trabalhava para o gasto e o sustento quando não havia muito sol e adorava uma sombra boa e água fresca. [...] Dormia na caverna da montanha, uma imensa caverna donde se avistava todo o planalto e donde se podia receber como visita, de manhã cedinho, uma réstia de sol ou um borrifo de chuva. A tribo do Bugre Sem Fala ali viveu tranquila e feliz por longos anos até que chegou à companhia inglesa, a proprietária das terras, para colonizá-la (MÁRSICO, 2006, p. 12).

Mársico define o índio como quem vive só para o que precisa, “sombra e água fresca”, ou seja, uma visão eurocêntrica, ou de colono, de que índio não trabalha, é preguiçoso, mora em uma caverna, no alto da montanha. Mas, ao mesmo tempo, tem a clareza que a chegada do colono foi seu fim, que se apossou de suas terras e os expulsou,

[...] a construção da imagem do nativo não cessa, no entanto, na época da imigração. Os filhos e netos dos imigrantes vão continuar a olhar para o indígena e para seu próprio passado, dando sequência ao processo de significação e ressignificação da figura do nativo. Se a princípio a figura dos “bugres” era encarada com profundo temor, com o passar do tempo ela vai se modificando. Há uma tendência de passar a ver o indígena como vadio e decadente após os aldeamentos (TEDESCO, 2017, p. 311).

Também em *Cágada* o termo “bugre” associa-se inicialmente a primeira construção da imagem do indígena, que “de começo, botou a pele no seguro e trancou a mulher e a filha em casa com medo dos índios comedores de gente” (MÁRSICO, 2006, p. 33). Ou, seja o colonizador inicialmente tinha medo, do indígena. Depois o Mársico explora a segunda tendência de ver o indígena como um vadio.

O autor faz uma representação do indígena que habitava as terras erechinenses, através da sátira ao personagem Namai, que era o líder indígena ficcional, chamando-o de “Bugre Sem Fala”, isso expõe a ausência de voz que o indígena tinha em frente às decisões da Comissão de terras, que não propôs um acordo, nem dialogou com a população indígena. O autor coloca na voz do papagaio Gimbo, as convicções do índio, palavras com sentido de resistência como: trabalho, vida, fome e luta.

Namai era o líder da resistência, um bugre reforçado e com cara de tudo, menos de bandido, e que passou a história de Cágada como o Bugre Sem Fala. Além de mudo ele tinha outra particularidade: somente se fazia entender e ordenar pela voz de um papagaio inseparável chamado Gimbo. [...] Cada vez que ele queria dizer alguma coisa importante para a sua gente, era Gimbo quem falava em seu nome por vocábulos estridentes e nervosos: “trabalho”, “vida”, “fome”, “luta” (MÁRSICO, 2006, p. 12).

Mársico satiriza o nível intelectual do cacique ao nível de um papagaio, que não possui consciência para defender seu espaço, chamando-o de Namai, provavelmente, Mársico usa o nome fictício de Namai, em sátira ao índio Nonoai⁶⁶. Mas, por outro lado, também pode surgir outra interpretação para a personagem Namai, na dissertação de Adilson Barbosa, *Cágada: Riso, humor e representação*, Barbosa (2010, p. 71), salienta que,

[...] seu nome faz lembrar Massai, nome do protagonista do filme *Apache: Massai o último guerreiro* (1954), dirigido por Robert Aldrich, cujo roteiro relata que, após anos de sangrentas batalhas contra os colonizadores na fronteira americana, o lendário Gerônimo, chefe dos apaches, é forçado a aceitar uma humilhante rendição. Porém Massai, seu guerreiro mais selvagem, se recusa a aceitar a derrota. Com sua enorme força e muita astúcia, Massai luta contra a implacável cavalaria americana, esforçando se para permanecer um passo à frente dos soldados altamente treinados que juram prendê-lo. E à medida que sua cruzada se aproxima de um épico confronto final, sabe que precisa continuar sua luta, não somente pela própria vida, mas também pelo orgulho de toda a sua raça. Tanto Massai quanto Namai são personagens que demonstram a bravura do nativo ao enfrentar os invasores de suas terras, porém diferem no modo como isso ocorre. Enquanto o protagonista da película de faroeste vai ao enfrentamento dos exploradores, a personagem criada por Mársico os desafia em silêncio, prefere conduzir sua tribo ao auto sacrifício, suicidando-se.

Em *Cágada* ocorre a dizimação da tribo de Namai, através do auto sacrifício, numa noite de inverno, os bugres⁶⁷ não dormiram dentro da caverna, “todos os bugres se reuniram em círculo na planície e esperaram a morte que viria pela madrugada” (MÁRSICO, 1974, p. 16). Através de (BARBOSA, 2010, p. 72), surge outra interpretação para peculiaridade da mudez e a dizimação da tribo,

[...] por ser mudo [Namai], se comunicava através de um papagaio chamado Gimbo. A mudez serve de metáfora para o silêncio dos oprimidos. No episódio em que os brancos invadem as terras de sua tribo, Namai prefere o suicídio a ter que se confrontar com o invasor, pois sabia que seria uma batalha perdida. Como o confronto é inevitável e a rendição significa deixar-se corromper pela cultura invasora, morrer pela força da natureza, no caso, a geada, parece-lhe a atitude mais apropriada. Namai prefere o silêncio do suicídio a ser silenciado culturalmente pelo dominador, pois sabe que sua morte ecoaria para sempre naquelas terras, onde “morreram Namai e sua tribo”.

⁶⁶Nonoai, uma das mais antigas povoações da região de Passo Fundo, foi fundada no ano de 1838 após uma exploração realizada pelo comendador João Cipriano da Rocha Loires aquela área, onde acertou com o cacique indígena Nonoai a passagem de uma estrada de Xanxerê para Passo Fundo pelo passo do Goyo-en (FONT, 1983, p. 81).

⁶⁷Bugre é uma denominação dada a indígenas de diversos grupos do Brasil, por serem considerados não cristãos pelos europeus.

Contudo, acredita-se que o contexto social da reforma agrária, foi inspiração para Mársico, devido a pauta estar discutida pela bancada de seu partido PTB,

[...] no início da década de 60, houve várias discussões em nível nacional referente à reforma agrária, pois era um dos projetos de base do presidente João Goulart. No âmbito estadual, Leonel Brizola também intensificou esse tema em suas investidas pelo interior do estado. Em 1961 foi criado o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER). Ele tinha suas lideranças ligadas ao governador Brizola. Na região norte do estado, havia o ex-prefeito de Nonoai Jair de Moura Calixto que era brizolista e ligado ao MASTER, prefeito de Nonoai (TEDESCO, 2017, 274).

Tedesco (2017) ressalta que o aldeamento dos indígenas, estava dentro da lógica, do projeto colonizador e de modernização fazia-se necessário a não interferência indígena nas áreas destinadas às instalações coloniais, “[...] percebe-se a denominação atribuída para a ser a de “Toldos”. Boa parte deles, claramente remanescia dos antigos aldeamentos (TEDESCO, 2017, p. 78). Quanto a situação do indígena, surge a representação em *Cágada*,

Quanto aos bugres, assim como os trouxera do Toldo Estadual de Rodeio, emprestados, os levaria de ré tão mortos como vieram, só que menos enxutos. Bugres desse tipo havia muitos nos toldos que o governo construía com a desculpa de protegê-los da natureza. (MÁRSICO, 2006, p. 14,107).

Nesse ponto, traz à tona outro aspecto, os indígenas foram forçados a se retirar dos seus próprios territórios, e ficarem em aldeamentos, também chamados de “Toldos”. Mársico satiriza os interesses da diretoria de terras da colonização, em usar o discurso de que colocar os indígenas em áreas isoladas, com isso iria “protegê-los da natureza”. Fica evidente, que a colonizadora queria as terras, mas não com a interferência do indígena, percebe-se o preconceito racial sofrido pelo indígena.

O indígena e o caboclo tiveram papel fundamental para o desenvolvimento regional. Tedesco (2017) salienta que com a imigração na região do Planalto Médio no final do século XIX e início do século XX “o processo de expropriação do indígena e caboclo, principalmente pelas políticas colonizadoras e pela força do latifundiário pastoril, intensificou-se” (TEDESCO, 2017, p. 118).

Nota-se que em *Cágada* a chegada do foragido⁶⁸, da personagem, “Perna de Pau se viu

⁶⁸Erechim recebeu fluxo de imigratório de foragidos da sangrenta Revolução de 1823, oriundos dos mais diversos pontos do estado, especialmente das regiões assoladas pelos maragatos e pica-paus. (CESE, 1979, p. 127).

ameaçado de prisão [...] Buscas foram feitas por quase todo o Estado, deu processo gordo, mas quem é que ia supô-lo nas Terras da ACA? Para lá só ia judeu!” (MÁRSICO, 2006, p. 26, 29).

Nesse aspecto, o personagem Perna de Pau, morava em Santa Maria Boca do Monte, era um foragido da polícia, ficou sabendo pelas propagandas de colonização, provavelmente pelo projeto de colonização da colônia de Filipson⁶⁹, que imigrantes judeus estavam colonizando áreas no Alto Uruguai.

Então, vêm para Cágada para se esconder nas matas do Alto Uruguai, e acaba encontrando um amigo chamado Comandante, que era um simpatizante dos imigrantes judeus. Com isso, o Comandante propõe ao Perna de Pau, que para poder usufruir das terras da ACA, ele deveria se converter ao Judaísmo, mas, ele responde: “Mas eu sou caboclo, tenho cara de tudo, menos de Abraão ou de Isaac”. Nota-se que a personagem se caracteriza de forma distinta dos judeus, de um estereótipo de judeu, que para ele deveria ser parecido com personalidades bíblicas, (sobre a possibilidade de se converter ao Judaísmo, no capítulo 3 a autora explicará).

Em *Cágada*, o espaço e seus sujeitos, da região do Alto Uruguai é composto pela sua paisagem, e seus habitantes, até então vivendo em uma relação socioeconômica própria, com a presença majoritária de luso-brasileiros, caboclos e indígenas. Com a chegada da companhia de colonização, a relação de propriedade e exploração da terra foi alterada, implicando em mudanças na paisagem, econômicas, sociais e culturais.

Tedesco (2017) salienta que criação da colônia e depois do município de Erechim teve início em 1908 coordenada pela Comissão de Terras e Colonização de Passo Fundo, dentro da política do governo estadual de proceder a demarcação dessas terras e sua posterior colonização. Em 1916 a Diretoria de Terras transferiu o escritório de Comissão de Terras para Paiol Grande (Erechim), provocando o desvio,

[...] do percurso da ferrovia para Paiol Grande, o que favoreceu o estabelecimento da cidade, mesmo que o local fosse considerado inadequado para a implantação de uma grande cidade, em virtude da deficiência de água corrente. Contudo, culminou por ser a sede do município, emancipando-se em 1918 (GIARETTA, 2008, p. 57).

A construção da ferrovia no Alto Uruguai, na década de 1910, a região obteve prosperidade econômica. De acordo com Tedesco a,

⁶⁹“No início do século XX, a Jewish expande sua área de atuação para o Brasil e, mais especificamente, para o Rio Grande do Sul. Inicialmente, compra uma área de 4.472 hectares, próxima à ferrovia em Pinhal, Município de Santa Maria, onde, em 1904, instala judeus russos na colônia denominada Filipson, em homenagem ao então vice presidente da Companhia Auxiliare de Chemins du Fer au Brésil, Franz Philipson” (GRITTI, 1997, p. 16).

[...] estrada de ferro São Paulo- Rio Grande (EFSPRG) teve 12 estações ferroviárias entre Passo Fundo e Marcelino Ramos na barranca do rio Uruguai/ Pelotas. Foram elas: Coxilha, Sertão, Estação Erechim (atual município de Estação), Erebango, Capo-Erê (atual município de Erechim), Balisa (foi demolida para a construção da estação Barro), Marcelino Ramos, a Estação Experimental de Trigo de Passo Fundo (atual distrito Englert, pertencente a Sertão), além da própria estação de Passo Fundo (TEDESCO, 2017, p. 182).

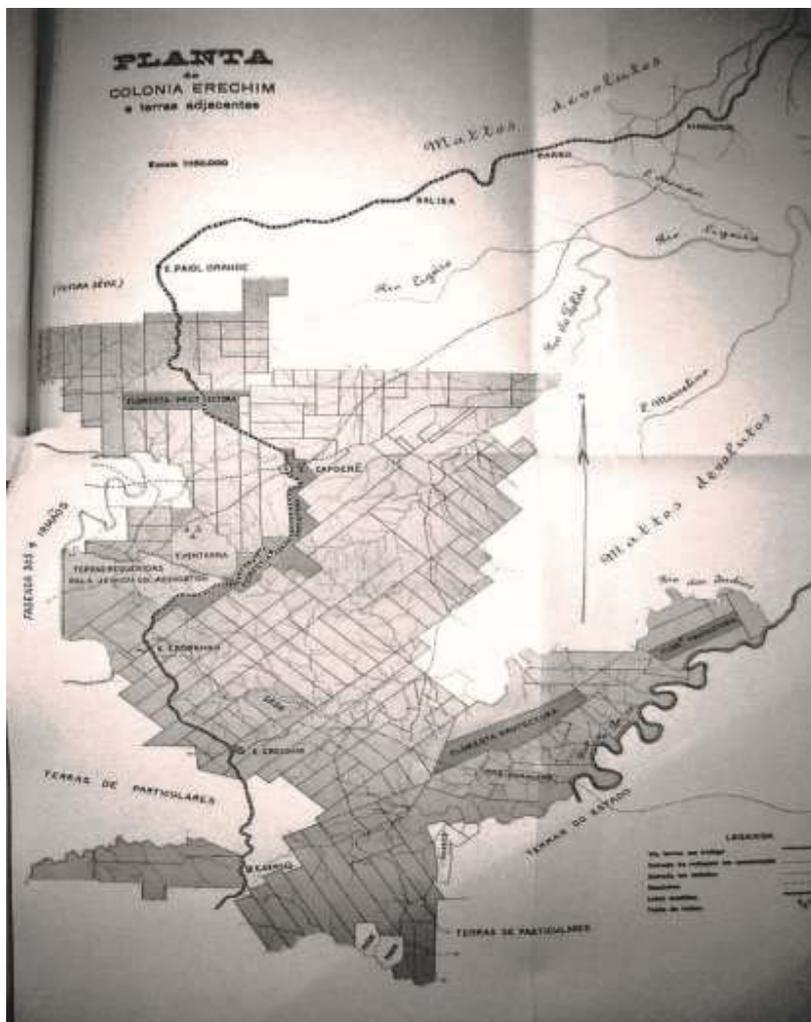
Então, os núcleos de colonização estavam inseridos perto das ferrovias. A ferrovia também é referida em *Cágada*:

Quando a ACA inaugurou as duas linhas, a férrea e a telefônica, ligando aquele imenso território ao município de Nova Floresta, Cágada, que não era ainda Cágada nem Velópolis, passou a categoria de distrito. [...] A inauguração teve cerimonial e incidentes dignos de registro para a história de Cágada [...] foi um acontecimento de transformar a sede do município num carnaval à moda de casa (MÁRSICO, 2006, p. 15).

Em *cágada* houve a inauguração da linha férrea e da linha telefônica. Em 1910, os trens estabeleciam o tráfego ferroviário entre os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, como a região do Alto Uruguai é acidentada, segundo Font (1983, p. 92): “a estrada de ferro se estende em curvas estreitas e subidas fortes, serra acima, a ponto de o trem por vezes se obrigar a paradas extras para que a locomotiva tome fôlego, para novas investidas vencer o caminho”.

Em *Cágada*, o autor satiriza as curvas e paradas da locomotiva, “o trenzinho foi indo devagar [...]. Quando chegou na lombada que antecede a Montanha da Caverna e que depois desce para a planície de Cágada, patinou, patinou e empacou” (MÁRSICO, 2006, p. 18). A figura refere-se ao trajeto da ferrovia na região do Alto Uruguai, em torno de 1915 (Fig. 12).

Figura 11 - Trajeto da ferrovia na região do Alto Uruguai



Fonte: Divisão de Terras Públicas do Estado. Acervo pessoal de Isabel Rosa Gritti.

A ferrovia,

[...] tornando-se o principal meio de transporte a partir do século XIX; serviu para transnacionalizar setores do capital, industrial e financeiro; ligar mercados distantes, transportar passageiros; desbravar matas, montanhas; incorporar, excluir e expropriar trabalhadores, além de criar profissões e ocupações em regiões pouco habitadas que se serviam dela. A ferrovia dinamizou o comércio, a mobilidade espacial da população e permitiu que, com o apoio de forças econômicas, do capital estrangeiro, espaços de industrialização obtivessem maiores avanços (GORETTI, 2008, p. 27).

Vale ressaltar, que Franz Philipson foi vice-presidente da *Jewish Colonization Association* (ICA) e presidente da *Compagnie Auxiliare de Chemis Du Fer*, empresa responsável pela viação

férrea no Rio Grande do Sul. De acordo com Gritti (1997, p. 47) sobre a,

[...] construção do ramal férreo Quatro Irmãos- Erebangó propiciará a ligação da fazenda à linha da viação férrea do Rio Grande do Sul, administrada, nesta época, pela *Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil*, empresa de capital belga que tinha, na sua presidência, *Franz Philippson*, e cuja companhia foi, a partir de 1905, arrendatária de toda rede ferroviária gaúcha.

A colonização foi um empreendimento estatal, pela Diretoria de Terras, mas também surgiram instituições privadas como; a JCA, Luce & Rosa entre outras companhias interessadas na aquisição de terras. Na Figura 12, mostra a extensão do empreendimento da JCA na compra da “extensão dos 93.985 hectares da Fazenda Quatro Irmãos” (GRITTI, 1997, p. 128).

Figura 12 - Mapa de Quatro Irmãos



Fonte: Acervo Isabel Rosa Gritti.

Gritti (1997) salienta que a empresa inglesa colonizadora, *Jewish Colonization Association*, (JCA), ou em português conhecida como (ICA). Em 1889, a empresa havia comprado terras na Argentina, e instalado as primeiras famílias. Já a primeira colônia no Brasil foi na região de Santa Maria, em 1904, chamada de Filipson. Somente em 1909 foi adquirida a Fazenda Quatro Irmãos,

[...] os imigrantes judeus são os que chegam mais tardiamente ao Brasil e ao Rio Grande do Sul. São trazidos no início do século XX pela Jewish Colonization Association que os instala em colônias agrícolas no Rio Grande do Sul, especificamente Filipson e Quatro Irmãos. Apesar de fazer parte do Universo das Companhias de colonização que se tornaram responsáveis pelo povoamento de determinadas áreas através da instalação de imigrantes europeus, a singularidade da Jewish Colonization Association reside no fato de ter sido, a mesma, criada com um objetivo bem definido: o de promover a emigração dos judeus, vítimas de discriminações e perseguições no leste europeu e Ásia, e transferi-los para países cuja legislação lhes assegurasse uma existência livre de discriminações (GRITTI, 2018, p. 01).

Em *Cágada* surge uma companhia inglesa que,

[...] dias antes, a *Armarish Colonization Association* (ACA) decidira usar de força e invadir as terras [indígenas]. A ACA comprara quase todas as terras que integravam a área que mais tarde passou a constituir o município de Velópolis, e finalmente, Cágada (MÁRSICO, 1974, p. 15).

Vale ressaltar, que o nome da companhia na obra ficcional é *Armarish Colonization Association* (ACA), surge a verossimilhança com a *Jewish Colonization Association* (ICA). Nota-se que mesmo adotando o nome fictício para a companhia, o autor manteve a essência de seus propósitos:

Era uma companhia de inspiração judaica com o propósito de colonizar imensos territórios na América do Sul, especialmente no Brasil, aqui no Rio Grande, e doá-los aos patrícios espalhados pelo mundo que jurassem dedicar-se a agricultura (MÁRSICO, 2006, p. 13).

Aqui, Mársico esclarece quem é a companhia e seu objetivo de colonizar através da agricultura. Segundo Gritti (1997, p. 73) “a Companhia acreditava que, com a fundação destes dois núcleos populacionais [vilas: Baronesa Clara e Barão Hirsch], concretizaria seu principal objetivo, isto é, o de instalar e tornar o imigrante israelita agricultor”.

Acredita-se que o escritor usou o nome fictício *Cágada*, porque queria satirizar o nome da colônia de Quatro Irmãos. Ele associou a trajetória da colônia com a figura do animal cágado; que anda devagar, que não alcança seus objetivos. Também, poderia ter adotado outro nome para

Cágada, por exemplo; “lesma”, animal que também existe na região, logo não seria um nome tão apropriado,

[...] tem figura de tartaruga, do cágado. Isso mesmo, cágado! É do tipo do bicho que anda, mas não anda, anda a passo dele mesmo, devagar, enervante, calmo, dá a impressão que dá um passo e volta três. [...] - Sim, Comandante, mas tenha dó! Chamar uma cidade de Cágado não tem muito sentido [...] - E se fosse ao feminino: Cágada? - Cágada? Puxa, olha, acho que me soa bem! (MÁRSICO, 1974, p. 169)
Cágada. E se os ceguinhos de fora se enganam e não vissem bem o acento? Não seria motivo de chacota escárnio? (MÁRSICO, 1974, p. 174)

Vale ressaltar, que Mársico usa o sarcasmo para dizer que se Cágada perdesse o acento, chamar-se-ia “cagada”, nome também ridicularizador para a colônia. Cágada é uma cagada literalmente, porque a obra retrata a colônia de Quatro Irmãos que para os interesses do governo rio-grandense, em fixar o agricultor israelita na colônia não se concretizaram. Segundo Gritti (1997, p. 25), a *Jewish Colonization Association*,

[...] tinha à sua disposição a grandiosa soma de 8.830.116 libras esterlinas, em sua quase totalidade, em valores e depósitos bancários. Porém, depois de mais de 10 anos de atividade, a Companhia dispunha de umas 300.000 libras de ingressos correntes do enorme valor investido em diversas empresas financeiras da Europa. Some-se a isso os enormes bens adquiridos, com o correr do tempo, no Novo Mundo. Comparadas aos ingressos e ao capital com que contavam as outras organizações, tratava-se de somas enormes.

Nota-se o valor exorbitante, que a Companhia possuía, mas mesmo assim, com todo o investimento, segundo Gritti (1997, p. 147), “em 1915, isto é, três anos após o início da colonização da Fazenda, esta encontrava-se despovoada, o que não ocorria com a colônia Erechim, limítrofes às terras da *Jewish*, e que fora criada, pelo Estado, em 1908”.

Contudo, Mársico ao transpor a temática para a sua obra Cágada, adotou nomes fictícios para caracterizar o espaço ficcional como; Zona da Serra, as Terras do Bugre sem Fala, para se dirigir a região norte do Alto Uruguai e para dirigir-se a Erechim usou Nova Floresta. Como também, para a Colônia Quatro Irmãos usou; Terras da ACA e Cágada.

Esses indícios, permitem-nos fazer associações quanto a troca constante de nomes que a cidade de Erechim teve no decorrer de sua fundação. Delazeri (1999) salienta que Erechim, em 1904 chamava-se Paiol Grande, devido anotações do engenheiro Marcelino Ramos, mas na ata de fundação foi trocado para Boa Vista até a comemoração de Independência do Brasil, quando tornou-se Boa Vista de Erechim. Depois José Bonifácio em 1938, por último Erechim que significa

na língua indígena “campo pequeno”.

Mas, a grafia correta de Erechim com CH ou de Erechim com X, chegou a ser pauta discutida no 12º requerimento do vereador Jasson Evaristo de Castro na Câmara de Vereadores, na ata de 03/07/1956⁷⁰,

[...] os vereadores Gladstone Osório Mársico, Aristides Zambonato e Jasson Evaristo de Castro discutem a “grafia” de Erechim. O primeiro apresenta “EMENDA”, substituindo e “X” de Erechim, de REQUERIMENTO por “CH” e lembra que o assunto já foi amplamente discutido, numa das últimas reuniões da casa (ATA 03/07/1956. Fls.14).

Convém destacar que esse último nome Erechim, esteve envolvido na década de 60 dessa grande polêmica, da grafia correta. Mársico, em sua obra *Gatos à Paisana*, satiriza que,

[...] houve até há bem pouco tempo grande polêmica sobre como escrever o nome da cidade. Havia o grupo do X e do CH. Tudo começou por culpa de uma agência do Banco do Brasil que, não se sabe por qual motivo, lançou a moda de X. Cada colono que lá comparecia para obter um empréstimo era obrigado a compreender o X da questão. O movimento encontrou terra fértil e, em breve um número apreciável de filólogos amadores encampou a ideia (MÁRSICO, 1962, s/p).

Aqui, Mársico satiriza que até mesmo o nome da cidade de Erechim, que para definir uma simples grafia para a cidade, foi necessário um duelo de poderes na bancada da câmara. Antes de ocorrer a definição da grafia correta houveram manifestações de linguistas e historiadores quanto ao uso ser indígena derivado do “X”. Mas, a câmara de vereadores determinou oficialmente a grafia correta com CH, até hoje aceita.

Nota-se o desabafo do escritor na literatura sobre a dificuldades de a câmara entrar num consenso sobre a grafia correta, sobressaem nessas disputas as relações de poder, que segundo Chartier (1988, p. 17):

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem a utiliza.

Outro aspecto, que a câmara de vereadores de Erechim encontra dificuldades num consenso, é a questão da instalação da telefonia. Assunto que também é ficcionalizado em *Cágada*.

⁷⁰Ata Câmara de Vereadores de Erechim. 03 jul. 1956.

Torna-se pauta, na Ata 2/56 da Câmara de vereadores de Erechim⁷¹, comenta-se a importância da ligação telefônica:

Esta Administração TEM SE EMPENHADO SOBREMANEIRA NO QUE SE REFERE a um outro problema de transcendental importância para manter os habitantes do interior em permanente contato com a sede do Município. Trata-se, inicialmente, da ligação telefônica Erechim-Goio-Em, com estações intermediárias em Barão de Cotegipe, São Valentim e Herval Grande.

Na Ata legislativa da Câmara Municipal de Erechim de 1957 Mársico elabora um projeto de lei para criação da Companhia Telefônica Municipal⁷². Nota-se que a implantação da ligação telefônica também foi representada em *Cágada*, quando a personagem Mister Glupp declara: “oficialmente inaugurada a linha telefônica pedindo ligação da sede da ACA para a prefeitura de Nova Floresta, onde acabara de ser colocado o primeiro e único aparelho da região bem no meio do hall de entrada”. (MÁRSICO, 1974, p. 16).

Aqui, sobressai que a inauguração do sistema telefônico em Nova Floresta, nome fictício para Erechim, foi um projeto de relevância para a comunicação, para um dos entrevistados, “ele era importante e difícil. Aqui [Erechim] quando foi instalada a central telefônica foi um auê em questão de dois dias venderam tudo. E depois faziam tu se inscrevias para conseguir telefone” (JOHELAVICIUS, 2018).

Mársico não somente em *Cágada* faz comentários sobre a inauguração do sistema telefônico, mas também em sua obra *Gatos à Paisana*, satiriza a escolha da empresa responsável pela prestação do serviço telefônico.

Nesse tópico do capítulo 2, *Cágada*, trata a presença do grupo étnico de judaico, suas relações de convívio com os indígenas e afro-descendentes, o espaço localiza-se ao norte do estado do Rio Grande do Sul, no espaço rural de Erechim, na região da Fazenda Quatro Irmãos. Dessa forma, *Cágada* representa aspectos históricos da presença judaica no Estado, bem como a relação de seus sujeitos. No próximo tópico abordará o Bom Fim na obra *O exército de um homem só*.

2.5 O Bom Fim em *O exército de um homem só*

⁷¹Ata Câmara de Vereadores de Erechim. s/d fev.1956.

⁷² Na reportagem de 05/02/1958, do jornal *A Voz da Serra*, traz a reportagem sobre a aprovação do projeto de lei da Companhia Telefônica Municipal.

Os imigrantes judeus chegaram ao Rio Grande do Sul como imigrantes espontâneos, em número inferior, se comparado com outros grupos de imigrantes. Todavia, destacaram-se na ocupação de determinados espaços, como o Bairro do Bom Fim, em Porto Alegre, na década de 1920. Como espaço urbano, situado na área central da capital, dedicaram-se inicialmente ao comércio.⁷³

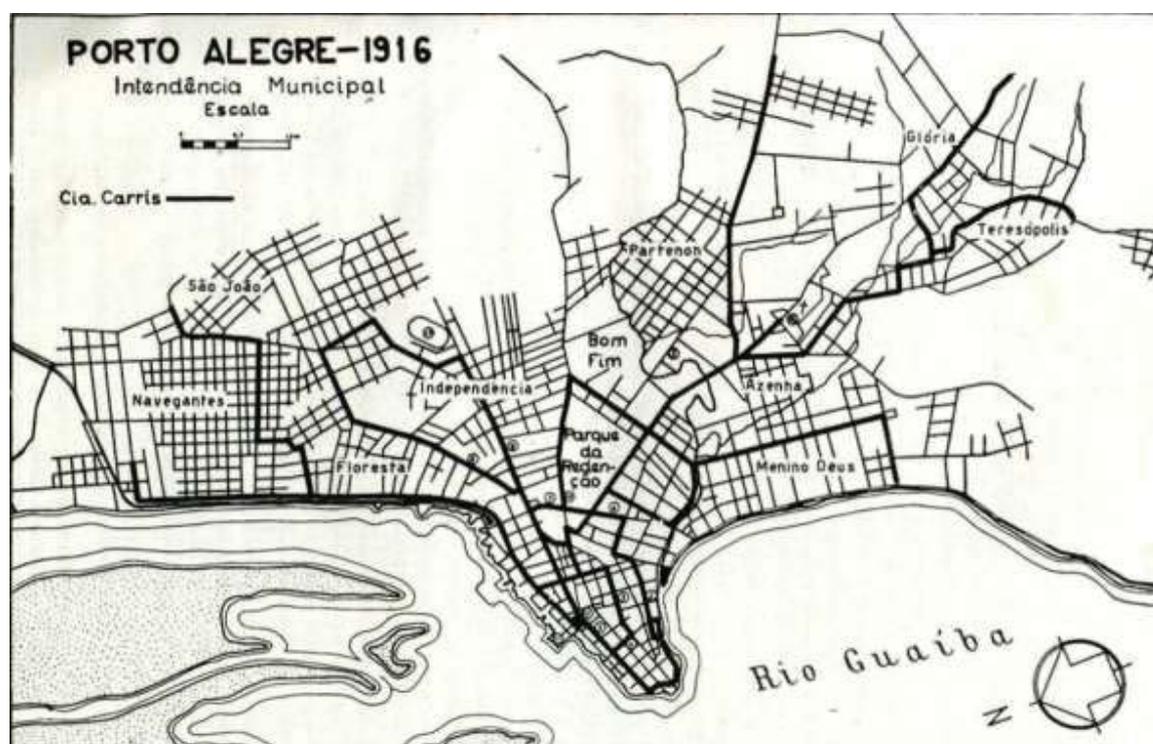
O bairro do Bom Fim, no imaginário da capital, gradualmente foi associado à presença de judeus. Essa presença judaica e suas particularidades também foram reproduzidas na obra *O exército de um homem só*. Em sua obra, Scliar representa o espaço judaico do Bom Fim, como o imagina ou como gostaria que fosse.

O bairro do Bom Fim, em sua construção histórica, abrange uma ampla região,

[...] inicialmente chamada de Campo da Várzea, uma área pública de aproximadamente 69 hectares que servia para a guarda do gado trazido para o abastecimento local, teve sua denominação alterada para Campo do Bom Fim, em função da construção da Capela Senhor do Bom Fim, localizada junto ao futuro prolongamento da Rua Barros Cassal. A construção da capela teve início em 1867 e conclusão em 1872. Até o final do século XIX, o Campo do Bom Fim se manteve sem grandes alterações: poucas casas, algumas chácaras e sítios, matas nativas que, muitas vezes foram utilizados como refúgio dos escravos. Após a abolição, muitos libertos que não tinham para onde ir, abrigaram-se nessa região, que passou a se chamar popularmente “Campo da Redenção”. Na segunda década do século XX, começaram a chegar as primeiras famílias judaicas em Porto Alegre, que se instalaram nas imediações da Avenida Bom Fim, atual Av. Osvaldo Aranha desde 1930, e em suas transversais como a Rua Santo Antônio, a Rua Silveira Martins, hoje Rua Gen. João Teles e a Rua Dom Afonso que, posteriormente, chamou-se Ramiro Barcelos. A comunidade judaica foi construindo suas casas, seu templo de oração – Sinagoga – pequenos comércios e oficinas que, mais tarde, vem a formar um bairro residencial e comercial, especialmente equipado por lojas de móveis (Centro de Pesquisa Histórica, s/a, s/p).

⁷³ Sobre a presença de imigrantes judeus no Rio Grande do Sul, há os estudos: EIZIRIK (1986); GRITTI (1997); GUTFREIND (2004); LIA (2013); BRUMER (1994); SOUZA; SCLiar, 2003.

Figura 13 - Mapa de Porto Alegre 1916, localização do bairro Bom Fim



Fonte: Disponível em: < <http://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-mapas-e-plantas>>. Acesso 17/01/2019.

Nesse contexto, o bairro em formação situava-se distante do centro da capital e recebeu elevado contingente de imigrantes, que se dirigiam para essa região por identificação étnica, inclusive elementos da baixa classe média. A partir da década de 1920, Porto Alegre concentrou a maior parcela dos imigrantes judeus do Estado.

Entre os primeiros imigrantes judeus de origem *ashkenazi* da capital, eram comuns ocupações tais como vendedores ambulantes, lojistas, fabricantes de móveis e de roupas, e construtores. Entre os *sefaradim* predominava o comércio de tecidos – ramo que compartilhavam com os imigrantes sírio-libaneses (BRUMER, 1994, p. 24).

Havia dois grupos de judeus: os *Askhenazim* de Askhenaz/ Alemanha, denominação usada para designar os judeus oriundos da Europa Central e Oriental e seus descendentes, e os *Sefaradim*, judeus de Sfarad/ Espanha, oriundos da Península Ibérica, de países da Europa Meridional e de países da África que margeiam o Mediterrâneo, e seus descendentes. Essa diferença se reproduz em Porto Alegre, onde mantiveram sinagogas separadas (GUTFREIND, 2004; LEVENTHAL,

2018).

Entre os descendentes de imigrantes judeus, está a família do escritor asquenazi Moacyr Scliar, descendente de avós russos, que transpõe em suas obras literárias a questão da imigração judaica no bairro Bom Fim, em Porto Alegre. Em sua obra *Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil*, publicada em de 2003, em parceria com Márcio Souza, como uma autobiografia, Scliar analisou a nomenclatura das ruas do bairro.

Depois de uns poucos anos em Passo Fundo, voltamos a Porto Alegre e fomos morar no bairro do Bom Fim. Lembro ainda a nossa casinha na Rua Fernandes Vieira. Aliás, os nomes das Ruas do bairro apresentam uma curiosa coincidência. Vasco da Gama foi um navegador; como ele, os judeus atravessaram o oceano. Felipe Camarão, Henrique Dias, e Fernandes Vieira combateram os holandeses no Nordeste, os mesmos holandeses que garantiram aos judeus um mínimo de liberdade religiosa. E Osvaldo Aranha, como foi mencionado, presidiu a Assembleia Geral da ONU que criou o Estado de Israel (SCLIAR, 2003, p. 61).

Sobre os arredores de sua casa, descreve:

[...] acabamos por chegar em Porto Alegre, então uma pequena cidade. Morávamos nós, a família de Leib Kirschblum, e outros — no Caminho Novo, em pequenas casinhas de madeira, de beirais recortados em formas caprichosas. À noite ouvíamos a água do Guafba marulhar sob as janelas... Bons tempos, aqueles (SCLIAR, 1973, p. 18).

Já em relação à estrutura familiar, “o pai judeu estava na loja, na fabriqueta, ou na Rua, vendendo. Mas em casa imperava a mãe judia. Que, no Bom Fim, correspondia à tradicional imagem da mãe ansiosa, superprotetora, alimentadora” (SCLIAR, 2003, p. 63).

Em seu romance *O exército de um homem*, Scliar usa seu contexto como cenário e seu grupo étnico como personagens centrais da narrativa, produzindo na obra um “efeito de realidade”, onde a verossimilhança não é mera coincidência. Há verossimilhança com o real na caracterização do espaço e das personagens em sua obra. Por exemplo, a mãe judia do romance era a provedora da família, que se dirigia à feira fazer as compras.

Mais tarde, quando nos mudamos para a Rua Felipe Camarão, ela ia bem cedo à venda comprar maçãs para Mayer. Por mais que madrugasse, contudo, já lá achava as vizinhas, comprando maçãs. Para entrar na luta pelas maçãs maiores e mais maduras nossa mãe desenvolveu habilidades especiais; com os cotovelos, mergulhando nas barrigas das outras (SCLIAR, 1973, p. 20).

Esse espaço da feira descrito assemelha-se à Feira livre, presente no bairro, e à atividade do comércio. “Lembro-me que no Bom Fim, hoje Osvaldo Aranha, onde está a feira de frutas e

verduras, antes havia uma espécie de Feira livre, constituída de pequenas bancas, onde se vendiam gêneros alimentícios (arroz, feijão, batatas etc.) e frutas” (MOYSÉS, 1984, p. 138).

No romance, o homem judeu é representado como o vendeiro.

Em 1919, Porto Alegre era uma cidade pequena. Viajar ao Beco do Salso — um caminho estreito entre morros cobertos de mato — era uma expedição e — segundo Leib Kirschblum que chegava lá perto para vender a prestação — não totalmente isenta de perigos. Isto estimulou ainda mais Mayer Guinzburg e seus companheiros: Leia, porém, não gostou muito da ideia (SCLIAR, 1973, p. 26).

Os judeus, instalados em espaços urbanos, ocuparam papel de destaque no comércio e atividades profissionais. Segundo Moysés (1984, p. 133),

[...] os imigrantes que tinham um ofício, quando chegaram a Porto Alegre, começaram a trabalhar nas suas profissões. Os outros procuraram obter o seu sustento, trabalhando como mascates. Vou iniciar com “Klienteltshik”, que consistia em ter uma clientela, para quem vendia a prestações. Os judeus foram os precursores do sistema de vendas no crediário, em Porto Alegre.

Ao tratar do comércio no bairro Bom Fim, em uma obra comemorativa, David Iasnogrodski (2002, p. 29), ressalta:

O Bom Fim já estava com um comércio interessante. A população estava se conhecendo bastante. O geleiro, o peixeiro, o verdureiro já eram figuras conhecidas. O linguajar do povo era um português de difícil compreensão, pois a maioria dos moradores eram imigrantes. O tempo foi passando. As crianças crescendo, estudando no Colégio Israelita, na Rua Henrique Dias. [...] A primeira sinagoga foi a da União Israelita Porto-Alegrense, na Rua Barros Cassal, bem pertinho da Capela do Bom Fim. Vejam só as duas grandes religiões no Bairro Bom Fim estavam quase vizinhas. Os judeus têm sempre o costume, ao chegarem numa cidade, de fundarem sinagogas, colégios e cemitérios, tudo em função de manterem as tradições milenares. Em Porto Alegre não foi diferente.

Os imigrantes judeus, além dos laços familiares e de parentesco, mantiveram seus espaços de sociabilidade e de prática religiosa, com o propósito de preservar sua cultura e tradições. Em 1930 com a Federação das Entidades Israelitas do Rio Grande do Sul surgiram entidades de caráter religioso como: a União Israelita Porto- Alegrense, o Centro Israelita, Centro Hebraico Rio Grandense, Associação Israelita Brasileira Maurício Cardoso (Poilisher Farband), Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos (Linath Hatzedek), Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (Sibra), Sociedade Beneficente Funerária (Chevra Kadisha), a entidade educacional Colégio Israelita Brasileiro (MOYSÉS, 1984).

Também instituições de caráter social e esportivo como: Círculo Social Israelita, Grêmio Esportivo Israelita, Club Campestre, como também entidades beneficentes: Damas de Caridade, Sociedade Israelita Rio-Grandense Lar dos Velhos, Wizo, Naamat Pioneiras. Entidades culturais como: Bnei-Brith, Grupo Chaim Weizman, Club de Cultura, Teatro Idish e Programas Radiofônicos como Hora Israelita, no ar desde 1946 de forma ininterrupta, todos os domingos, das 8h às 10h, na emissora BAND AM 640 KHz, ou via internet pelo site: <www.horaisraelita.org.br>.

Dessa forma, os judeus e seus descendentes fundaram suas sinagogas, colégios, entidades sociais, culturais e beneficentes, além de cemitérios. Toda essa estrutura social é reproduzida na ficção, como a sinagoga da Rua Henrique Dias e o Parque da Redenção. Em *O exército de um homem só*:

Sentados no meio-fio, na Rua Henrique Dias, leem “A voz de Nova Birobidjan”, tremendo de frio. Passa o velho SruLi, pai de Léia, a caminho da sinagoga. Olha a filha com desgosto, mas não diz nada. José Goldman guarda no bolso o manuscrito do jornal e se despede. Tem de trabalhar. Mayer e Léia vão, de mãos dadas, passear na Redenção. [...] Mayer Guinzburg, sua namorada Leia, e seu amigo José Goldman passeavam à noite no Parque da Redenção. Fazia frio, mas eles não se importavam; corriam, saltavam, rolavam na grama, riam e cantavam (SCLAR, 1973, p. 17; 13).

Outro espaço popular de sociabilidade eram o cinema, dos bares e clubes do Bom Fim.

Em 1931, foi inaugurado o cinema Baltimore, localizado na Av. Osvaldo Aranha, com instalações modernas e confortáveis, apresentando filmes sonoros, novidade para época. Muitos bares e restaurantes tradicionais como O Fedor, frequentado pela comunidade judaica que se reunia para trocar ideias, o Bar João e a Cia das Pizzas. O mais antigo era o Bar e Restaurante Minas Geraes. Nas décadas de 70 e 80, tivemos o auge da música que referenciava o Bom Fim, pelas composições de Nei Lisboa e Kleiton & Kleidir. É lembrado até hoje por sua boemia e intelectualidade. Foi reconhecido como bairro através da Lei 2022 de 7/12/1959, ficando limitado pela Avenida Osvaldo Aranha, da esquina da Rua Sarmento Leite até a Felipe Camarão, até a Rua Castro Alves, sempre paralelo a Avenida Independência. (Centro de Pesquisa Histórica (s/a)).

Sobre a localização dos bares do espaço Bom Fim, havia o

Bar Serafim (Osvaldo Aranha esquina Felipe Camarão) e Bar João, na Osvaldo Aranha, entre Fernandes Vieira e João Teles. Achavam que esses locais eram frequentados por pessoas não “da sociedade”. No Serafim juntavam-se muitos apreciadores do jogo de bilhar, assim como no Bar João. Durante o dia, estes bares, assim nos domingos de manhã, eram muito apreciados por habitantes do Bairro em face do gostoso “cafezinho preto” que era servido (IASNOGRODSKI, 2002, p. 54).

Figura 15 - Exposição: Moacyr Scliar eu vos abraço, milhões



Fonte: *Exposição: Moacyr Scliar eu vos abraço, milhões* no Centro Histórico da Santa Casa em Porto Alegre. Museu da UFRGS e Família Scliar.

Paralelo à vida cotidiana dos judeus nos seus afazeres e espaços de sociabilidade, os temas políticos também eram pautados. O destaque central foi dado à II Guerra Mundial e a criação do Estado de Israel, ambos, significativos para a comunidade. Em 1940 sobre a criação de dois blocos adversários Petta (1999) salienta que o Eixo da qual pertenciam Alemanha, Itália e Japão; e o segundo bloco Aliado, do qual participaram, de início a Inglaterra e França, e que depois recebeu a adesão da União Soviética, Estados Unidos, Brasil e outras nações. Visto que alguns desses emigrantes judeus pertenciam a esses países em conflito e que deixaram seus familiares emigrando para o Brasil. Scliar representa a similar trajetória de emigração feita por sua avó Ana Scliar, quando deixa a Bessarábia. Nota-se a preocupação da população porto-alegrense com as notícias da guerra, vinculadas nas rádios e jornais:

1939. Estoura a Segunda Guerra Mundial. O mundo inteiro preocupado. As notícias não são nada boas. Judeus e não judeus ficam chocados com o noticiário. Os judeus em particular ficam preocupados com seus familiares que estão nos países participantes do conflito. Tentam de todas as maneiras possíveis fazerem contatos. A aflição e o desespero tomam conta de todos. Vizinhos tentam minorar a situação. O tempo passa. A guerra continua. As mortes são vistas através do jornal *Correio do Povo* e pelas ondas dos noticiosos das rádios (IASNOGRODSKI, 2002, p. 33).

Scliar representa o holocausto e o lamento das famílias pela guerra.

É pena que nosso pai e nossa mãe não puderam ver esta transformação. Morreram logo depois do fim da guerra... De desgosto, acho eu, ao saber que o resto de nossa família, na Europa, tinha sido liquidado num campo de concentração. Mayer também sentiu muito... sentiu muito, isso eu garanto (SCLIAR, 1973, p. 97).

Sobre a destruição provocada pelo Holocausto que “não só tirou a vida de 6 milhões de pessoas, como destruiu os maiores centros de cultura judaica, tanto religiosa como secular” (SORJ, 2011, p. 87).

O outro aspecto, que o escritor ficcional explora é a emoção da comunidade judaica com a proclamação do Estado de Israel, o personagem Mayer “em 1948, ele teve momentos de emoção, com a proclamação do Estado de Israel” (SCLIAR, 1973, p. 98).

Para uma geração que ainda tinha viva a memória dos pogroms da Europa Oriental e do Holocausto, a criação do Estado significou uma experiência e uma emoção irreproduzível. Quando perguntei a meu pai-filho de rabino que perdeu toda a família no Holocausto – se ainda acreditava na chegada do Messias, respondeu-me que para ele já tinha chegado, na forma do Estado de Israel (SORJ, 2011, p. 93).

A criação do Estado de Israel “devolveu a dignidade a uma geração abatida, mas também a um povo que viveu 2 mil anos de vida insegura na diáspora, sem possibilidade de autodefesa diante da violência exterior” (SORJ, 2011, p. 93). Cabe lembrar que

O Mandato Britânico na Palestina perdurou até que a Organização das Nações Unidas – ONU aprovasse a Resolução 181, de 20 de novembro de 1947, reconhecendo o direito dos judeus a um lar nacional na Terra de Israel, e o Mandato sobre a Palestina, conferido com esse objetivo em 1922 pela Liga das Nações, precursora da ONU, constituíram a base do reconhecimento internacional daquele que deveria se tornar, em 1948, o Estado de Israel (BAHAT, 2002, p. 47).

Já Iasnogrodski (2002) salienta que com a criação do estado de Israel, no Bom Fim houve festa e alegria realizaram-se encontros sociais e culturais junto aos salões do Círculo Social Israelita que estava localizado nos altos do prédio do Cinema Baltimore. Em homenagem a atuação a avenida principal do Bom Fim, chama-se Osvaldo Aranha:

Desde 1896, a Av. Osvaldo Aranha (núcleo básico do Bairro, foi desde o século XVIII o segmento inicial do chamado “Caminho do Meio” - por muito tempo o caminho preferido para o município de Viamão) foi servida pelos bondinhos de tração animal da Cia. Carris urbanos, da linha do bairro Partenon, através da Rua Santana. Desde a planta municipal de 1916, essa avenida, que pertencia à face norte do Campo da Redenção, passou a ser designada como Avenida do Bom Fim. O Intendente Montauray é que realizou o plano de embelezamento desse logradouro, mandando realizar a arborização central e o calçamento, isso nos anos de 1916 a 1919. O calçamento com duas pistas de concreto armado foi inaugurado pelo Intendente Otávio Rocha em 1ª de agosto de 1927. Em 1930, foi dado o nome de Osvaldo Aranha em homenagem ao ilustre político Rio-Grandense que acabara de fazer triunfar a Revolução de 1930. (IASNOGRODSKI, 2002, p. 24).

Nesse contexto, Osvaldo Aranha torna-se uma referência para o grupo.

A atuação de Osvaldo Aranha na ONU insere-se no desenvolvimento da guerra fria entre a URSS e os USA, com conflitos relativos ao Irã, Líbano, Síria, Grécia e o surgimento de guerrilhas com os interesses das potências sobre os domínios das jazidas petrolíferas do mundo árabe. A questão Palestina, trazida pela Grã-Bretanha, em 1947, tinha o apoio da maioria dos participantes, um judeu e outro árabe, enquanto a minoria pretendia uma federação. Graças à atuação inteligente de Osvaldo Aranha, presidindo a Assembleia Geral a 29 de novembro de 1947, foi posta à votação a criação de Israel, vitoriosa por vinte e cinco votos contra 13 (FLORES, 1996, p. 33).

No romance, Scliar explora as modificações arquitetônicas realizadas no bairro na década de 1950. “O ramo imobiliário se expandia rapidamente em Porto Alegre; no Bom Fim os edifícios se multiplicavam” (SCLIAR, 1973, p. 101), apontando para o processo de modernização.

Em entrevista, Luis David Leventhal (2018), morador do Bom Fim, relembra as modificações na arquitetura do bairro:

Completamente ele está, vamos dizer assim com a evolução do tempo e a modernização de tudo ele está desconfigurado se tu for comparar com as décadas de 40, 50, 60, 70, hoje em dia, passa lá em lugares que tu vê que era uma casa que morava família tal, ter é difícil, é o progresso que chegou na cidade que desconfigurou o bairro. Inclusive houve migração das pessoas que não tinham nada a ver com o bairro, e as pessoas do bairro foram saindo, 2ª e 3ª geração ocupando espaços mais nobres na cidade, houve espaços melhores porque o bairro ficou muito próximo do centro. Hoje em dia o centro, que eles chamam de centro histórico, por causa da história dos prédios antigos e o Bom Fim que tu chama não existe diferença. A diferença é o túnel porque o comércio se tu for pensar a Osvaldo Aranha a Humberto é tudo um segmento de comércio e daí incorporou muito, mudou muito, antes era um bairro calmo, tranquilo, e hoje não, até porque hoje em dia tu tens ônibus, carro táxi, lotações que era simplesmente um bonde. Se for ver nós temos aqui no bairro, várias praças e monumentos ou em homenagem a imigração judaica ou em homenagem aos judeus imigrantes que se tornaram médicos, doutores que ajudaram a grande comunidade.

O espaço do bairro Bom Fim é tão significativo que no período de 13 de dezembro de 2010 a 1º de julho de 2011 ocorreu a exposição em homenagem ao bairro, *Bom Fim: um bairro, muitas*

*histórias*⁷⁴, promovida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Moacyr Scliar ressalta no catálogo da exposição à nostalgia das lembranças do Bom Fim:

Para quem, como eu, nasceu e se criou no Bom Fim, para quem passou a infância e a juventude ouvindo, e vivendo essas histórias, este é um evento tão nostálgico quanto emocionante. Em termos de identidade, o bairro é um lugar importante, como o é o nosso país, o nosso Estado, a nossa cidade. O bairro é um microcosmo, um lugar que muitas vezes têm uma cultura própria, um estilo de vida [...] (SCLIAR, 2011, p. 9).

Nota-se a afetividade do escritor Scliar com o bairro e a região porto-alegrense. Em *O exército de um homem só*, trata de seu grupo étnico, os judeus, localizados no espaço urbano de Porto Alegre, na região do bairro Bom Fim. A literatura representa aspectos históricos da presença judaica no Estado, bem como analisa a conexão dessa população com a história e trajetória dos judeus no mundo, como a II Guerra Mundial e a criação do Estado de Israel. Finalmente, a literatura consiste em uma fonte importante para os estudos históricos, pois narra aspectos e apresenta percepções muitas vezes fugidas para a apreensão do historiador.

2.6 Aproximações entre Bom Fim e Quatro Irmãos

As duas obras literárias fazem uma representação de seus respectivos espaços e sujeitos, espaço em *O exército de um homem só*, representa o Bairro Bom Fim, e em *Cágada* corresponde a Erechim e sua Fazenda Quatro Irmãos. Contudo seguir-se-á comparar o espaço e seus sujeitos. De acordo com Theml (2007, p. 11):

A comparação convida os pesquisadores a colocar em múltiplas perspectivas as sociedades, os contrastes, os excessos e o secreto, inicialmente, sem fronteiras de tempo ou de espaço. Isto porque, ao colocar em comparação várias experiências, produzem-se frequentemente espaços de inteligibilidade e de reflexão nova. Esta forma de comparação autoriza a análise de componentes de configurações vizinhas e cada uma, com seus traços diferenciais, permite entrever a clivagem entre uma série de possibilidades.

Moacyr Scliar explora a trajetória de imigrantes judeus *askenazi*, no bairro Bom Fim, no período de 1916-1970. Ao lado do Bom Fim, num bairro intitulado na ficção Beco do Salso, é uma colônia africana, local onde Mayer na ficção tenta criar sua colônia Birobidijan.

⁷⁴Exposição sobre o Bom Fim no Museu da UFRGS. *Bom Fim um bairro, muitas histórias*. Disponível em: <<http://nossobomfim.blogspot.com/2010/12/exposicao-sobre-o-bom-fim-no-museu-da.html>>. Acesso: 28 set.2018.

Scliar constrói um cenário verossimilhante, porque utiliza nomes reais para seu espaço fictício, ou seja, adota o bairro que conviveu explorando as ruas conhecidas, por seu desenvolvimento comercial, e a prestação de serviços, principalmente do ramo imobiliário como; Osvaldo Aranha, Felipe Camarão, Henrique Dias e o Parque Redenção. Como também, lugares de sociabilidade da comunidade como; o bar do João e o Bar Serafim, e a Feira Livre. Quanto a esses espaços de sociabilidade, na entrevista revela,

E o Bar do Serafim, e o Bar do João você também frequentava?

Entrevistado: O *Shtink* [fedor] que eles chamavam, risos... ali a gente frequentava muito, que nos fundos tinha a mesa de *snooker*, sabe, que eu não sei se podia jogar ou não jogar, naquela época não sei, e eu gosto muito de *snooker*. Então, domingo de manhã a gente reunia a galera pra jogar, e mais tarde colocaram nem sei se existe ainda o cinema Baltimore ali na Osvaldo Aranha, aí fizeram um boliche, Poh... boliche, na nossa, o cara nem imaginava que, que era isso, então nós ia jogar boliche. Então levava, minha irmã foi acabar estudando em Porto Alegre também, mas ela ficou internada no Colégio Anglicano, e eu fiquei ali nos apartamentos dos amigos, a gente ficava por ali também (CHARCHAT, 2018).

Nota-se que o entrevistado erechinense, convivia nos bares judaicos de Porto Alegre, os mesmos que Moacyr Scliar frequentava e representou na ficção.

Já Mársico, também explora a trajetória de imigrantes judeus *askenazi*, e a presença da companhia de imigração em Quatro Irmãos, no período do final do século XIX, com a participação do indígena e do caboclo nas terras do Alto Uruguai e se estende até 1964 quando Cágada é invadida por uma força reacionária. Mársico também constrói um cenário verossimilhante, mas adota nomes fictícios. Também existe o espaço de sociabilidade chamado *Gimbo's Bar*. Em *Cágada* não intensifica a questão do comércio, mas cita as personagens Muja e Arão que são vendedores do Bom Fim que tentam colonizar Cágada (a representação do judeu comerciante a autora entrará nessa questão, no último capítulo).

Em *Cágada*, além da imigração, existe a migração interna no mesmo estado, são imigrantes do Bom Fim, que se dirigem à Cágada para tentar colonizá-la, o imigrante judeu Muja vive no Bom Fim e atrai imigrantes para Cágada através de promessas de aquisição de terras, estes chegam em *Cágada* por meio da linha férrea.

Através do ramal férreo o imigrante deslocava-se do interior para capital, e vice-versa, segundo Chwartzmann (2005, p. 24), que residia na colônia salienta, “foi construído um ramal férreo de 22 quilômetros, ligando Erebangó com a Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Foi trazida uma pequena locomotiva que serviu para transportar passageiros, mercadorias e madeira sobre os

poucos vagões”.

Ainda em Quatro Irmãos,

[...] que era sede da companhia, tinha correio, tinha loja, tinha uma estação férrea que era uma ligação pra Erebango, era um ramal feito pela ICA de Erebango até Quatro Irmãos 18 km feitos pela ICA, para fazer os transportes, de tudo que tinha na época porque não tinha estradas e aí era o trem que se usava. E a ICA comprou o trem fez todo o ramal ferroviário que tinha ligação com Erebango que era o troncamento que vinha o trem de Porto Alegre até São Paulo (JOHELAVICIUS, 2018).

Gutfreind (2014) salienta moradores dos núcleos de Quatro Irmãos e das vilas Barão Hirsch, e Baronesa Clara, também chamada de Chalé, com o passar do tempo, espalhando-se pelo interior do Rio Grande do Sul, indo para Porto Alegre, ou outros estados como São Paulo. Dessa forma, existe a relação interna de migração no Rio Grande do Sul, em que judeus se dirigem para Quatro Irmãos, abandonam ou retornam. Essas migrações também são relatadas pelos judeus estabelecidos no Bom Fim, cuja circulação de pessoas os interligava com os judeus de Erechim (CHARCHAT, 2018).

Pode-se afirmar que ambos os espaços tinham uma ligação muito forte, a Fazenda Quatro Irmãos e suas vilas, com Porto Alegre por meio da ferrovia que facilitava o transporte e promovia circulação comercial dos imigrantes. Ambas obras literárias tratam de espaços e personagens que habitaram historicamente sendo similares as reais, Mársico explora as relações entre judeus com afrodescendentes e a dizimação do indígena. Seliar também explora a imigração judaica, e seu relacionamento com os afrodescendentes. Para dar sequência na análise consistirá no próximo capítulo que analisará a representação do imigrante judeu nas respectivas obras literárias.

3 O IMIGRANTE JUDEU REPRESENTADO NA LITERATURA

Nesse capítulo, busca-se a representação do elemento judeu. Para isso, foram elencadas cinco categorias: religião, judeu colonizador, judeu capitalista, imigrante judia, judeu na política, no qual perpassam os estudos, e permitem perceber aproximações e distanciamentos entre os autores e suas obras, bem como suas leituras de mundo.

3.1 Judaísmo e suas práticas religiosas

Essa categoria consistiu em analisar a representação do judeu religioso e suas práticas religiosas, nas obras literárias *Cágada* e *O exército de um homem só*. A obra *O exército de um homem só*, menciona nomes dos profetas bíblicos, enquanto que a obra *Cágada*, vai mais além, porque traz elementos da fundação milenar religiosa do Judaísmo, abordando os principais soberanos judaicos como; o reinado de Davi, do rei Salomão que compreende a construção de seu templo, o profeta Moisés e as escritas nas tábuas da lei.

Para isso, se faz necessário brevemente adentrar sobre a origem do Judaísmo, que remonta a aproximadamente, quatro mil anos, no território que abrangia a Terra de Israel, chamada também de Canaã ou Palestina. Segundo Sender (2001) a origem patriarcal origina-se entre os séculos XX e IX a. C a família constituída por Abraão e Sara, Isaac e Rebeca, Jacó, Léa, e Rachel⁷⁵. No século XIII a. C, o profeta Moisés escreveu a Torá, permanecendo um para cada uma das 12 tribos, e um exemplar foi depositado na Arca da Aliança, intocável e inalterável.⁷⁶

A organização do Judaísmo como doutrina deu-se a partir da estruturação monárquica do reinado de Saul (1066 a. C – 1006 a. C)⁷⁷, consolidado no reinado de Davi (1040 - 970 a. C)⁷⁸, e

⁷⁵ Abraão, Isaac e Jacó, eis aí a origem hebraica, respectivamente pai, filho, neto e suas mulheres, é a base dessa religião monoteísta, as iniciais dos nomes formam a palavra “ISRAEL”, em hebraico. Abraão iniciou o povo deu-lhe nome, pois *ivri*, em hebraico, significa “o da outra margem do rio” (o que alude ao fato de Abraão ter vindo do outro lado do rio Eufrates). De Abraão originaram-se mais tarde as doze tribos de Israel, cada uma descendente de um filho de Jacó (JOSPE, 1974, p. 18).

⁷⁶ Torá - A Lei de Moisés, escrita também “Lei de Moisés” ou “Pentateuco” ou em hebraico chama-se *Chumash*, *Chamishá Chumshê Torá* ou simplesmente Torá. Em seu prefácio afirma: “em todas as épocas, a Torá- fonte essencial da religião judaica- tem sido a base da unidade espiritual de Israel, e esta unidade é quem tem lhe dado a força necessária para a sua sobrevivência” (TORÁ, 2001, p. XIII).

⁷⁷ Saul, foi primeiro rei do antigo reino de Israel. Filho de Quis, da tribo de Benjamim, Saul teria nascido por volta de 1066 a.C. e reinou por quarenta anos, embora haja controvérsias quanto à duração exata de seu reinado.

⁷⁸ Oriundo da Tribo de Judá, Davi nasceu em 1000 a. C em Belém, durante o reinado de Saul, o primeiro rei de Israel. Quase nada se sabe de Jesse, seu pai, exceto que possuía rebanhos. [...] Conhecido por sua habilidade musical, foi

alcançando o ápice com o reinado de Salomão (1000 a. C - 973 a.C), quando houve a construção de um templo monumental, chamado Templo de Salomão⁷⁹. Depois em 168 a.C, a Síria, tentou pôr um fim a essa autonomia, através dos reinos de Asmoneu, Herodes, e pelos romanos em 73 d. C. Até que 70 d. C, Tito destruiu o segundo templo (JOSPE, 1974). Do templo, uma parede permanece em pé, denominada hoje de Muro das Lamentações, local sagrado e frequentado pela comunidade judaica até os dias atuais.

A prática religiosa de visitar o *Muro das Lamentações* também está presente entre os remanescentes de judeus estabelecidos em Erechim, e com condições financeiras para realizar a viagem (JOHELAVICIOUS, 2018). Como já apontado, o próprio Moacyr Scliar frequentou na década de 70, seu curso de pós-graduação em medicina, em Israel.

A relação entre o judaísmo e seus elementos bíblicos centrais aparecem na obra *O exército de um homem só*, em pequenos detalhes. Por exemplo, a empresa de Mayer, chamada Maykir, constrói edifícios com nomenclaturas bíblicas de reis, como edifício Rei David, dos Profetas maiores, como Edifício Isaías, Edifício Ezequiel, Edifício Jeremias, ou ainda pautados nos “Dez Mandamentos”, com prédios de seis apartamentos (SCLiar, 1973).

Em *Cágada*, a representação de Davi e do rei Salomão surgem no sonho de um dos imigrantes:

e todos com exceção de Bem, sonharam. Sonharam com a terra prometida, seus bosques, seus vales. Davi, um moderno guerreiro, era o mocinho que tinha a planta do tesouro. Ele já havia posto Moisés de escanteio com as suas tábuas e tudo. Renunciara até a construção do templo. Queria era achar as minas de seu filho Salomão. E as achou na caverna de Namai e sua tribo. Ali, num enorme tabernáculo de cedro, bem na entrada da caverna, estava o tesouro escondido de Davi, com o revólver em punho, bancava o árabe e gritava para a porta: - “abre-te sésamo, abre-te sésamo!” (MÁRSICO, 1974, p. 22).

Aqui, Mársico usa a verossimilhança para explicar trechos bíblicos, porque como na Torá, Deus faz revelações ao seu povo através de sonhos, o rei Davi é um guerreiro e Moisés escreveu

convocado para aliviar, com seus dotes de artista, os distúrbios emocionais que atormentavam o rei Saul. Davi foi um militar bem-dotado, um estadista e diplomata, arquiteto da unidade judaica, que em termos estatais completou o trabalho de Moisés, segundo Jospe (1974, p. 48).

⁷⁹ O Primeiro Templo, ou Templo de Salomão, foi construído no século X a. C, e derrubado pelos babilônios em 586 a.C. O Segundo Templo, entretanto, foi construído por Zorobabel após o Exílio Babilônico, e voltou a ser destruído pelos romanos no ano 70 da nossa era, durante a Primeira Guerra Judaico-Romana. Deste modo, cada templo esteve erguido durante 400 anos. Restando o *Muro das Lamentações* considerado um local sagrado, onde realizam orações (1REIS: 6).

as tábuas da lei judaica (MENUHIN, 1969). Nota-se que os imigrantes em *Cágada* sonham com a terra prometida, a Terra de Canaã, prometida à descendência de Abraão.

Mársico faz uma metáfora da construção das minas de Salomão comparando-as a uma caverna, que seria o local de moradia dos povos indígenas na ficção, e utiliza o trecho “abre-te sésamo” para indicar as palavras heroicas cabalísticas de Ali-Babá, ao entrar na caverna dos tesouros escondidos. Essa representação se atenua quando,

Arão lamentou que Salomão, o sábio, estivesse morto, senão ele é quem deveria estar ali, agora, no seu lugar, ofertando aquele segundo templo à glória de Deus, tudo em memória de seu pai Davi, o homem dos salmos. “Senhor, protege o teu povo, não lhes negue os frutos da terra!” Maneio [não judeu] sentiu vontade de se converter, o que não faria para ser um dos escolhidos? E o Comandante fechou com a história: quando Pio XII estivera no Rio, simples cardeal e embaixador da Santa Sé, foi encarregado de saudá-lo num coquetel que os Dragões da Independência lhe ofereceram às margens da Praia Vermelha, antes que se apresentasse no Congresso Nacional. Ninguém queria falar, todo mundo com medo e respeito, mas, quando souberam que estava no recinto, de curioso, não tiveram dúvidas, deram-lhe o microfone. Era a primeira vez que falava de microfone e falou de improviso, emocionado, a voz saindo de nem carrilhão de igreja. O cardeal viera do Congresso Eucarístico de Buenos Aires e a oportunidade se lhe apresentou ótima para sugerir mais algumas reformas no setor de relações-públicas do Vaticano, especialmente no trato com os judeus. Lá pelas tantas dissera: “Iminência, por que a Sagrada Rota não para de considerar os judeus como assassinos de Cristo? Afinal, Cristo morreu porque foi condenado pela justiça da época. Não seria melhor sermos todos irmãos”. (...) Saíram os judeus da Bíblia católica como criminosos e voltaram para a sua como povo escolhido e muito bom, obrigado, e era tudo agora uma irmandade só (MÁRSICO, 1974, p. 125).

Nesse contexto, em *Cágada* surge a construção de um templo, também chamado de sinagoga, em que a personagem Arão⁸⁰ comanda a celebração religiosa inaugural do templo e na mesma oportunidade celebra o casamento dos israelitas Lady Salma e Muja. Nota-se que não judeus estão presentes na cerimônia fictícia. Essa interconfessionalidade foi e permanece uma prática em Erechim.

Os personagens não judeus, Maneio, prefeito de Nova Floresta, e o Comandante, um aventureiro, tiveram a oportunidade de após a celebração do casamento, discursarem aos judeus. Em seu discurso, o Comandante diz: “saíram os judeus da Bíblia católica como criminosos e voltaram para a sua como povo escolhido e muito bom, obrigado, e era tudo agora uma irmandade só”. O personagem traz um mito antisemita⁸¹, no qual a igreja católica acusa os judeus de

⁸⁰ O nome Arão caracteriza-se por ser um *Cohen*, seu nome em hebraico é identificável por ser um sacerdote, descendente de Aarão, por isso ele é o primeiro homem a ser chamado quando a Torá é lida publicamente na sinagoga.

⁸¹ Na concepção de Maria Tuzzi Carneiro, “mito é uma visão preconceituosa e depreciativa, e mais do que isso, com intenção acusatória e condenatória. São mitos construídos para reificar e atualizar os sentimentos de discriminação, hostilidade, e ódio que remonta à noite dos tempos” (CARNEIRO, 2014, p. 9).

assassinarem Jesus Cristo. Essa questão é discutida por Carneiro (2014), pois acusar os judeus como assassinos de Cristo servia para os eruditos cristãos tentarem

[...] abafar as dúvidas lançadas pelos judeus quanto à natureza terrena de Jesus, ao caráter ilusório de sua ressurreição e de que ele não era o tão esperado Messias. Ao longo dos séculos, o mito de que “os judeus mataram Cristo” foi sendo reafirmado e renovado por outros mitos que, a partir do século XII, contribuíram para fortalecer a ideia do “perigo judaico” e gerar crenças populares preconceituosas (CARNEIRO, 2014, p. 41).

Em contrapartida, está o mito dos judeus como “povo escolhido”. Segundo o rabino Asheri (1987, p. 29),

[...] um povo escolhido é realmente, um povo que escolhe. Não é em vão que a lenda talmúdica assevera que a Lei foi oferecida primeiramente a outras Nações e que somente Israel aceitou-lhe o jugo. Tanto quanto o Senhor escolheu Israel, Israel escolheu o Senhor.

Essa correlação está presente em *Cágada*.

Imaginasse ele os novos tempos! [diretor da ACA em Londres]. Enquanto aquela chusma de padres se mandava até a África, Malásia, China e outros fins do diabo para catequizar, fazer cristãos, construir igrejas, dizer àqueles inocentes que os judeus eram os assassinos de Cristo, aqui no *Brazil*, nas terras da ACA, os bugres *Indians!* (a maioria católicos, porque batizados à força), antes desconfiados, inacessíveis, medrosos, agora não só manifestam desejo de se converterem ao judaísmo, de não comerem mais carne de porco e de perderem as suas bobagens e manias a respeito daquilo (Sir Glorian sabia muito bem ao que ele estava se referindo, coisa tão simples e higiênica de se fazer num clique do bisturi) [perderam a vergonha de fazer a circuncisão], como iam [nativos] mais além: queriam construir eles mesmos uma sinagoga, quer dizer um templo, uma réplica nativa do templo de Salomão, naquela mesma planície onde, meses atrás, muitos deles morreram de frio! Não era incrível, formidável? *Oh, God, save Moses and the Company!* (MÁRSICO, 1974, p. 106).

Mársico satiriza a igreja católica, que necessita obrigar a conversão religiosa dos outros povos, denegrindo a imagem dos judeus, enquanto esses mesmos povos se convertem voluntariamente ao judaísmo, referindo aqui os indígenas da região. Reforça essa crítica por meio do personagem padre Nero, que no galope de seu burrico, chega na colônia, tido como “o padre mais sujo, o mais pobre, o mais subversivo padre de toda diocese, uma autêntica vergonha para a classe” (MÁRSICO, 1974, p. 23).

Nas entrelinhas, dá a ver a estratégia da conversão espontânea dos nativos ao judaísmo, como modo de auferir de benefícios da Companhia ACA, via obtenção de regalias, receber terra, troca de favores na prefeitura, casamentos por interesse. Inserir-se no universo judeu era vantajoso.

“O Perna de Pau não quis. Mas sentiu remorsos e até de burro se chamou por não ter feito a circuncisão. Agora seria judeu, talvez parente de Mister Glupp, e a posse do banco uma realidade” (MÁRSICO, 1974, p. 91).

Também, Mársico usa a expressão “*God, save Moses and the Company!*” que se traduz: “Deus, salve a Moisés e a Companhia”, isso vem de encontro a representação do profeta Moisés, que foi encarregado por Deus em levar o povo judeu do Egito para o deserto do Sinai, atravessando o mar Vermelho libertando-o da escravidão. Em *Cágada*, surgem metáforas bíblicas envolvendo os profetas como; “e cruzou pelas duas alas do Mar Vermelho montado no seu burrico, Moisés sem tropa, chapéu de palha na cabeça, hora de vaguar pelos campos” (MÁRSICO, 1974, p. 152). Ou no trecho: “Mister Glupp sentiu o mesmo nojo de Moisés quando desceu da montanha e deparou com suas tribos na adoração do bezerro de ouro” (MÁRSICO, 1974, p. 34). Aqui, nota-se uma sobreposição entre a paisagem bíblica e a paisagem da colônia.

Conforme, Giglio (2003) a resposta da permanência histórica do Judaísmo está na Torá, por ser uma religião revelada, contém leis e mandamentos, pelos quais o seu povo vive, não sendo escrita por um profeta, mas inspirada no Criador. Segundo Asheri (1987, p. 31), “a Torá foi dada diretamente por Deus a Moisés, que por sua vez entregou-a ao povo judaico sem alterar uma só palavra do que Deus havia revelado”. No decorrer da pesquisa, foi possível observar esse cuidado de não alteração da pronúncia da *parashá*⁸² em hebraico na Torá quando realizada aos sábados na sinagoga erechinense, quando um descendente da tribo de *Levi*⁸³ auxilia um *Cohen*⁸⁴, corrigindo-o se necessário ao seu lado, para que a pronúncia seja rigorosamente correta. Além do cuidado com a pronúncia é inquestionável a grafia correta da Torá, no qual conversando com os membros disseram, que se o pergaminho tiver um erro ortográfico, todo rolo é descartado.⁸⁵

⁸² É o nome dado à porção semanal de textos da Torá dentro do judaísmo.

⁸³ *Levi*, é a segunda categoria. Descendente da tribo de Levi, como Moisés e Aarão, mas diferentemente de Aarão e de seus descendentes, não foram escolhidos por Deus para serem sacerdotes, mas assistentes dos sacerdotes. O segundo homem chamado à Torá, depois do *Cohen*, é sempre um *Levi*, sendo dever do *Levi* ajudar os *Cohanim* a lavarem as mãos, antes de conceder a Bênção Sacerdotal (ASHERI, 1987, p. 7).

⁸⁴ *Cohen*, é a primeira categoria, ele é o sacerdote, descendente de Aarão. [...] Eles foram especialmente designados por Deus para esse ofício, quando Ele disse a Moisés: “Depois tu farás chegar a ti teu irmão Aarão, e seus filhos com ele, do meio dos filhos de Israel, para me servirem como sacerdotes (Êxodo. 28:1)” (ASHERI, 1987, p. 5).

⁸⁵ Moisés escreveu a Torá sob inspiração Divina, ela é constituída dos livros: Gênesis (Bereshit), Êxodo (Shemot), Levítico (Vayicrá), Números (Bamidbar), Deuteronômio (Devarim) é a parte inicial das Escrituras Sagradas, que também incluem; Juízes, Profetas, Salmos, Eclesiastes, Provérbios que compõem o chamado “Antigo Testamento”. Contém 613 preceitos religiosos ou *mitzvot*, dos quais; 365 mandamentos proibidos para serem obedecidos; 248 positivos para serem cumpridos e mais 7 *mitzvot* que foram mandamentos estabelecidos nas Leis Rabínicas. Ela possui 5845 versículos e contém duas partes; a Torá escrita chamada de *Torah Shebiktav*; e a Torá oral, como um suplemento

A Torá é hierática, por isso durante celebrações religiosas os judeus beijam-na e ao entrar na Sinagoga beijam o *Mezuzá*, que é um pergaminho religioso colocado nos umbrais das portas, ele possui as primeiras palavras do *Shemá*⁸⁶. Na entrevista um judeu revela,

[...] beijar a Torá, é de respeito, porque ali tá concentrada todas as indicações de como tu tem que viver, como tu tem que te comportar. O teu comportamento tem que estar baseado no que está escrito ali. Por isso que nós lemos a Torá durante o ano todo em parcelas, que se chama em hebraico *Parashá*, e aí tu vês que todos os sábados muda e aí vai até terminar e em sequência. Sábado agora nós vamos terminar. Depois do *Yom Kipur* nós vamos começar tudo de novo (JOCHELAVICIUS, 2018).

A Torá é tão sagrada, que deve ser carregada por homens responsáveis, ritual que ainda permanece. O primeiro grupo chamado *Cohenita*, era encarregado de cuidar do templo e o segundo grupo chamados *Levita*, era encarregado de protegê-la, e seu dever era auxiliar o *Cohenita* nas rezas e carregá-la durante as celebrações. Sobre essas divisões em tribos, segundo (ASHERI, 198, p. 5): “toda Israel está dividida em três partes: todos os judeus de sexo masculino são *Cohen*, *Levi* ou *Israel*⁸⁷”, além dessas diferenças individuais, os judeus enquadram-se também em três categorias de origem histórica-geográfica chamados de; *Ashkenazim*⁸⁸, *Sefaradim*⁸⁹, e os outros⁹⁰.

As duas obras literárias, *O exército de um homem só*, e *Cágada*, fazem a representação do judeu religioso através dos elementos que compõem as práticas religiosas como; ler a Torá e

para a Torá escrita, chamada de *Torah Sheb'al peh*, constituída pela *Mishná* e pela *Gemara* que juntas formam o *Talmude*, segundo Asheri (1987).

⁸⁶ *Shemá*, principal oração judaica, considerada como a expressão clássica do monoteísmo, e a confissão de fé dos israelitas.

⁸⁷ *Israel*, a terceira, e mais numerosa categoria de judeus, são judeus comuns, conforme (ASHERI, 1987, p. 7).

⁸⁸ *Ashkenazim*, a palavra *ashkenazi*, veio a significar qualquer judeu europeu, que não seja de origem espanhola ou portuguesa, conforme (ASHERI, 1987, p. 9).

⁸⁹ *Sefaradim*, o nome *Sepharad*, originalmente da Espanha e Portugal. “ Na realidade, hoje em dia, o termo *Sefardi* foi ampliado, de modo a incluir novas comunidades judaicas em partes do mundo de fala árabe, persa, e turca, as quais, verdadeiramente, não são de descendência espanhola, de maneira alguma, mas adotam o rito espanhol em suas preces e serviços de sinagoga”, conforme (ASHERI, 1987, p. 9).

⁹⁰ Os outros, são os judeus africanos e asiáticos, justifica-se a existência de uma comunidade na Etiópia que parece ter-se originado na África. Seus integrantes são de cor negra, falam as línguas semitas tigré e tigrínia, dizem ser descendentes do Rei Salomão e da Rainha de Sabá e são chamados de *falashas*. Não usam o hebraico, mas o *ge'ez* ou antigo *amárico*, como língua religiosa, são observadores estritos do *Shabbat* e das leis dietéticas. [...] A Índia possui quatro comunidades judaicas bastante distintas. Os mais conhecidos, talvez, são os Bene Israel, de Bombaim. [...] A Birmânia possui uma pequena comunidade judaica, quase inteiramente de origem indiana. (..) Na China, há muitos séculos existem judeus, indistinguíveis do resto da população, quer na aparência ou em linguagem. Seu centro era a cidade de Kai Feng Fu, capital da província de Honan (ASHERI, 1987, p. 14).

Mishná, frequentar a Sinagoga e as festividades de *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*. Em *Cágada*, a personagem Arão do Bom Fim, na sinagoga, “fez um por um dos patrícios beijar as Torás do templo e reservou para si a porta” (MÁRSICO, 1974, p. 125). Essa representação das práticas religiosas também está presente na obra *O exército de um homem só*, porque a personagem Mayer é forçado todas as noites estudar a Torá com seu pai,

lembra-te que *Rabi Iochanan Ben Zacai* dizia: “Foste criado para estudar a Torá [...].
 - Na *Gemara* - contestava o perverso Mayer está escrito: “Se o discípulo percebe que seu mestre erra, deve corrigi-lo”.
 - Na *Gemara* está escrito: - respondia nosso pai docemente- “Se um grande homem disser uma coisa que te pareça absurdo, não rias; tenta entendê-lo. Eu também estou com sono; e se fico aqui contigo é porque *Rabi Hananiá Ben Terecion* dizia: “Quando dois homens se reúnem para discutir a Torá o Santo Espírito paira sobre eles”. Estamos com sono, estamos com fome, é certo. Mas o que importa? Está escrito: “Eis como vive o estudioso: come uma côdea de pão com sal; bebe água moderadamente; dorme no chão; suporta as privações”. A maior riqueza é o estudo, a religião.
 - Na *Mishná* está escrito que há quatro tipos de homens: o *vulgar* diz: “O que é meu é meu; o que é teu é teu”; o *perverso* diz: “O que é meu é meu, e o que é teu também é meu” [...] (SCLIAR, 1973, p. 24).

Nota-se que a maior riqueza é o estudo da religião. O povo judaico é chamado e conhecido como “Povo do Livro” pela comunidade judaica (JOHELAVICIUS, 2018). Isso implica na alfabetização, mesmo nos espaços da colônia, como Quatro Irmãos, pois “nenhum judeu admitia que seu filho ficasse analfabeto. Devia pelo menos ter o curso primário: saber ler, escrever e fazer as quatro operações; além de conhecer a parte religiosa” (CHWARTZMANN, 2005, p. 73). Em *Cágada*, os judeus são representados como “gente boa, gente da Bíblia”, “povo do livro dos profetas”, povo que lê Bíblia, povo culto, “judeu é sabido” (MÁRSICO, 1974, p. 57; 105).

Contudo, para ser judeu, “tem-se de nascer judeu ou submeter-se à conversão religiosa ao Judaísmo” (ASHERI, 1987, p. 3).⁹¹ O rabino Schochet (1987) salienta que na Torá existe a regra da mãe biológica determinar o status do filho: “Se a mãe biológica for judia, então, não importa qual seja o pai biológico, todos os filhos são judeus. Se ela não for judia, é indiferente quem ou o que o pai é, todos os filhos não são judeus” (SCHOCHET, 1987, p. 18).

Em *Cágada*, essa discussão também aparece, sem as distinções internas do grupo: “falou-se em judeu e não se disse que era nacional ou estrangeiro, nato ou convertido” (MÁRSICO, 1974,

⁹¹ Segundo Schochet (1987), para converter-se, são exigidos dois passos: “aceitação dos princípios, ensinamentos e práticas da fé judaica; Circuncisão e imersão numa *micvá* (piscina ritual) para os homens, e imersão numa *micvá* para as mulheres. Estes dois passos devem ser dados sob a orientação e supervisão de representantes autorizados do povo judeu” (SCHOCHET, 1987, p. 19).

p. 61), denota-se que na colônia, na relação de alteridade, perfaziam um único grupo e, para o outro, pouco importavam as distinções formais dentro do grupo, pois todos eram judeus. Sinaliza ainda para possibilidade da conversão, o que exigia do pretendente um conhecimento básico, a aceitação e prática do Judaísmo (SCHOCHET, 1987).

Somente em *Cágada*, considera-se a tentativa de conversão, no diálogo entre dois personagens, onde sobressaem os estereótipos do “outro” olhando para o judeu:

a ideia do Comandante foi que o Perna de Pau deveria se converter ao Judaísmo.
 -Eu judeu? - retrucou ele, assombrado [...], mas eu tenho cara de caboclo, tenho cara de tudo, menos de Abraão ou de Isaac...
 - Falou-se em judeu e não se disse que era nacional ou estrangeiro, nato ou convertido.
 - Mestiço, eles não aceitam. Ou se é judeu inteiro ou nada. Ademais o batismo deles é meio puxadote. A minha saúde não aguenta. Tanto o Comandante insistiu que acabou convencendo o Perna de Pau. Era reconhecer a Bíblia de longe- foi doutrinado- tramar um pouco de ídiche, comer bastante semente de girassol, alho, ou então jejuar uns dias e pronto! (MÁRSICO, 1974, p. 62).

Dois elementos são centrais aqui, na percepção de Perna de Pau: ele era um mestiço, logo, na sua leitura, não tinha o fenótipo do judeu que conhecia – europeu, branco –; além da questão linguística, pois não dominava o iídiche. Porém, no contexto, era mais vantajoso submeter-se ao judaísmo, havendo aceitação pelo outro grupo. Nota-se que Mársico tinha conhecimento sobre as práticas judaicas e as regras de conversão, bem como sobre a origem dos judeus de Erechim, predominantemente de origem *ashkenazi*, provenientes da Europa, cujo dialeto era o iídiche. Trata-se de um dialeto derivado do alemão do século XIV, contendo hoje, aproximadamente, vinte por cento de hebraico e dez por cento de eslavo e outras palavras em seu vocabulário (ASHERI, 1987). De modo geral, o dialeto é usado no cotidiano da família, como a língua afetiva, enquanto o hebraico é a língua das celebrações religiosas da sinagoga e obrigatória para leitura da Torá (FEDERAÇÃO ISRAELITA DO RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Em *O exército de um homem só*, consta que os judeus “depois do jantar reúnem-se em torno de uma fogueira e cantam: a princípio belicosos e depois melancólicas canções em iídiche” (SCLIAR, 1973, p. 28). Em ambas as obras literárias, reforça-se a ideia de que saber o idioma é uma questão cultural de pertencimento do grupo.

Paralelo aos aspectos religiosos, a conversão dos não judeus implicava em fazer a circuncisão, porque

[...] a nossa ficha de identidade está no meio das pernas [...].

- Explicou Mister Glupp. E em rápidas palavras falou para o Perna de Pau [não judeu] em circuncisão. No caso dele, tinham que agir depressa, correr até Nova Floresta, procurar nem que fosse um veterinário.

Para me cortar aqui? - perguntou o Perna de Pau aterrado, mostrando o local meio soslaio.

- *Well*, você não quer ser patrício?

- Mas o Comandante não me falou disto!

- Então você pensa que para ser judeu é assim no mole? Basta dizer quero e pronto? *Oh my Lord!* (MÁRSICO, 1974, p. 64).

A circuncisão, para os judeus, significa o “sinal da aliança sagrada”, marcada pelo derramamento de sangue, e pelo banho ritual, chamado imersão nas águas de uma *micvá* (renascimento). “Estes dois atos são de natureza ritual, eles são absolutamente essenciais, e sem eles não existe conversão” (SCHOCHET, 1987, p. 20). Modernamente, para os judeus, a circuncisão também é associada às práticas de higiene masculina, e é realizada por médicos habilitados (CHARCHAT, 2018). O próprio Scliar corrobora com essa ideia, na sua visão de médico.

A circuncisão, que consiste na remoção de uma parte do prepúcio, é uma operação relativamente simples, quase sem riscos, e por isto realizada em grande número de crianças, por várias razões: facilidade de higiene, prevenção de câncer, crença religiosa. [...] Dizia-se que a incidência de câncer de colo uterino era menor entre as esposas de homens circuncisos. Hoje, essa associação parece menos certa. Em compensação, verificou-se que a ocorrência de herpes genital é maior nos não circuncisos, bem como câncer de pênis, que é a neoplasia relativamente comum (SCLIAR, 1985, p. 12).

A temática da circuncisão também está presente em *O exército de um homem só*,

- Quem te disse que eu sou judeu? – berrou o Capitão, levantando-se também. Ela riu.

- Pensa que eu não vi o teu troço cortado?

- E daí? – disse Birobidijan [Mayer] com desprezo. – Isto é uma prática supersticiosa. Foi feita contra minha vontade. Eu, na verdade, sou ateu.

Pôs-se a caminhar de um lado para outro, nervoso; de repente parou e voltou-se para ela:

- Fica decretado que em Nova Birobidijan [colônia criada por Mayer] não há religiões. A religião é o ópio do povo. E não se fala mais neste assunto (SCLIAR, 1973, p. 90).

Aqui, o personagem vive no dilema apontado por Santinha, uma não judia, que identificou Mayer como judeu devido a circuncisão, uma marca física. Já para Mayer, estar circuncisado não o tornava judeu, visto que na sua leitura, ser judeu implicava nas práticas religiosas, e ele se

considerava um ateu. Entretanto, no decorrer da obra, ao passar por dificuldades familiares, Mayer apega-se à sua religiosidade. Essa contradição ressurgue no seu diálogo com sua amante judia, Geórgia, quando sente dores no peito, em decorrência de problemas cardíacos:

Então eu vou morrer. Graças a Deus. Eu...
 - Deus? - ela riu. - Desde quando acreditas em Deus?
 Isto Mayer não sabia; mas não era de muito tempo, não. A crença fora se insinuando nele devagarinho. Agora lia frequentemente a Torá, a *Mishná*, a *Guemara*. Salmodiava suas orações como seu pai, o fizera- balançando o corpo para diante e para trás (SCLIAR, 1973, p. 117).

Nas entrelinhas, Scliar sugere que os judeus, quando afastados do judaísmo, no decorrer de suas vidas, acabam vencidos pela sua religiosidade, retornando às práticas religiosas aprendidas com seus ancestrais – o retorno do filho pródigo.

Nota-se que o questionamento quem é judeu? aparece em *O exército de um homem só*, e em *Cágada*. Em *O exército de um homem só*, a personagem Mayer nasce de ventre judeu, mas vive num conflito de aceitação ao Judaísmo, ele não aceita ser judeu e não acredita que a circuncisão o tornaria judeu. Já em *Cágada*, os personagens não judeus fazem circuncisão para tornarem-se judeus, nesse sentido, ocorre uma inversão de princípios. Porém, em *O exército de um homem só*, Mayer retoma acreditar em sua religiosidade, na velhice, quando descobre estar doente. E os judeus em *Cágada* aceitam fazer circuncisão devido promessas de casamento e benefícios da companhia aos que fossem patrícios.

De modo mais acentuado, talvez pela própria localização de Erechim e a presença do elemento nacional, Mársico especula a miscigenação entre nacionais e judeus, e os resultados dela. Mister Glupp tinha a missão de

[...] transformar bugres em judeus... Era uma metamorfose desgraçada. Ele Mister Glupp, bem o reconhecia, mas já pensava Sir Glorian [chefe da companhia em Londres, para quem Mister Glupp envia cartas] numa cruzada? *God*, não se horrorizasse, *please!* Bugre com judeu era capaz de suplantando o sonho daquele tarado do Hitler, *oh yes!* uma raça sem o melado dos cabelos nem o leite de pele, uma raça temperada do sol, peluda como vassoura de aço, fígado resistente até creolina e, por dentro, ao invés da indolência, da mansidão, delicadeza ao frio, o espírito de Masada! *Oh*, quem se lembraria mais dos arianos, sentimentais ao ponto de trocarem uma mulher por uma caneca de *chopp*? Daquela cruza, palavra, *by my honour!* surgiria uma raça que estaria para os homens como gerânios para as flores. *Oh*, gerânios, a flor que sua querida Hilda [esposa de Mister Glupp] tanto apreciava, *oh!* (MÁRSICO, 1974, p. 108).

O perfil desenhado por Mársico é de um judeu ariano, delicado, culto, “civilizado”, contrastando com um “bugre” pouco refinado, e como resultado, o surgimento de um novo homem, nem nacional, nem judeu, mas que a mistura de ambos provavelmente, resultaria de um judeu miscigenado fisicamente e psicologicamente do nativo-imigrante.

Essa visão de Mársico, parece querer insinuar a existência de uma raça judaica, visto que discutir teoricamente é uma conceitualização insuficiente, já que o judeu moderno não se enquadra nesse perfil, que a cultura dominante oferece, devido as múltiplas as identidades judaicas na modernidade. A visão do escritor se contrapõe porque não existe uma raça judaica, o judeu é identificado pela sua religião⁹². Já em *O exército de um homem só*, ser judeu prevalece o indivíduo religioso.

Em Erechim, o grupo judeu manteve-se endogâmico em termos religiosos, evitando casamentos fora de seu grupo, contribuindo para manutenção dos rituais e práticas religiosas (CHARCHAT, 2018). Moacyr Scliar, em sua autobiografia, escreve

[...] sou parte de uma longa corrente humana formada desde os tempos bíblicos até nossos dias, a corrente do Judaísmo. [...] A condição judaica não depende de uma análise de DNA. Resulta de um sentimento de *pertenência*. Reconheço-me nos milhões de seres humanos com quem partilho tal condição; sofri com aqueles que foram perseguidos, morri com aqueles que foram exterminados, mas orgulho-me daqueles que deram a sua contribuição à humanidade, nas artes, nas ciências, na literatura, na política. Não acredito que alguém possa ser indiferente ao seu judaísmo, nem mesmo num país como o Brasil, em que identidades frequentemente se desfazem naquilo que é chamado de geleia geral. A marca judaica pode tornar-se tênue, mas não se desfaz (SCLIAR, 2003, p. 26).

A postura de Scliar é compartilhada por outros judeus, tanto de Erechim quanto de Porto Alegre, para os quais o sentimento de pertencimento a um grupo com uma identidade comum, um modo de ser. A prática religiosa, a língua, os rituais, são apenas uma parcela do que representa ser judeu. Ser judeu é uma questão de identidade que não impede a convivência em outros grupos sociais, ou espaços formais, como a escola (JOHELAVICIUS, 2018; CHARCHAT, 2018). A identidade, conforme Hall (2006, p. 13),

[...] é definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

⁹² Sobre quem é judeu, há estudos de: (PEREZ, 1933), (SORJ, 2011).

Essa identidade é mantida através da união religiosa, e fortalecida por meio de redes sólidas como; instituições, entidades assistenciais, cooperativas, cemitérios e clubes. Em *O exército de um homem só*, a sinagoga localiza-se na rua Henrique Dias, “Mayer desce a Rua Felipe Camarão em direção à Rua Henrique Dias, [...] os velhos judeus que vão à sinagoga olhavam-no com suspeita” (SCLIAR, 1973, p. 15). Nesse aspecto surge a verossimilhança quanto a localização de uma das sinagogas instaladas no Bom Fim, a sinagoga chamada Centro Israelita, localizada na rua Henrique Dias nº 73.

As sinagogas são locais sagrados, em que são realizadas orações comunitárias, comemorações das festividades, casamentos, e demais eventos religiosos. Em *Cágada* surge a representação da fundação da sinagoga, quando as personagens,

Mister Glupp, Lady Hilda e Lady Salma os receberam [os imigrantes judeus] na sede da ACA com olhares de quem repassou naquele dia uma vintena de salmos. De saída, Bem [nome de um judeu], o líder se lembrou logo de Jeová. E perguntou a Mister Glupp, na língua do berço, se por ali não havia uma sinagoga. Mister Glupp se desculpou que não, que não tivera tempo, mas que daria um jeito, “*Oh, yes in the future!*”. Sugeriu, então “*Sorry*”, não levassem a mal – ocupassem provisoriamente a cocheira. Bem deu um salto: — O que é isso, patrício? Nos ofendendo de cara?
Mister Glupp não entendeu.
— Sim- retrucou Bem está nos achando com cara de Messias?
Mister Glupp prometeu construir uma sinagoga com os primeiros cedros que derrubasse. Talvez fizesse até uma miniatura do Templo de Salomão (MÁRSICO, 1974, p. 22).

Aqui, enquanto a Sinagoga não havia sido construída as personagens Mister Glupp e Lady Salma continuavam rezando salmos em sua residência, similarmente faziam rezas domiciliares os primeiros judeus que chegaram em Erechim, quando não tinham decidido o local de encontro para as rezas, ou quando a sinagoga de Erechim, não estava pronta. Nota-se que um imigrante pede para ir à sinagoga em seu idioma iídiche, ao patrício Mister Glupp diretor da ACA, que promete construí-la porque “não aguentava mais a falta de uma sinagoga” (MÁRSICO, 1974, p. 106). Nota-se que compara a construção da estrutura da sinagoga com uma miniatura do Templo de Salomão. O espaço da sinagoga é essencial ao judeu, para realização de suas orações (JOHELAVICIUS, 2018; BLUMENFELD; 1989).

Em *Cágada* a importância de uma sinagoga para um judeu,

- O senhor diz que devemos construir uma igreja dessas por aqui? - retrucou Ovo de Páscoa, abismado, lembrando-se que para fazer a sua barraca já fora uma luta quase heroica.
- Igual, não digo. Seria impossível. Parecida...
- Uma catedral?
- Não, coisa bem menor, mais modesta.
- O quê, por exemplo?
- Uma sinagoga.
- Igreja de judeu?
- E por que não?
- A ideia não me parece má- opinou o Perna de Pau. Está me cheirando a mina...
- Mas o senhor acha que os judeus viriam por tão pouco? - indagou Ovo de Páscoa, cético.
- Acha que é tão pouco?
- Para mim, é. É o mesmo que fazer uma igrejinha das nossas.
- Para eles, não (MÁRSICO, 1974, p. 105).

Sobressai a importância de uma sinagoga para um judeu, devido a necessidade de serem realizadas as preces comunitárias, serviços de *Shabbat*, e a comemoração das festividades. Nota-se que ambas obras, *O exército de um homem só* e *Cágada*, as personagens rezam ou na sinagoga ou em suas residências. Em *O exército de um homem só*, o pai de Mayer deseja que ele se torne um rabino.

[...] o sonho de nosso pai era ser rabino; não o conseguira, naturalmente, mas era um crente fervoroso. Ia todos os dias à sinagoga; guardava cuidadosamente o sábado; e jejuava várias vezes por ano [...]. Mayer, meu filho, por que me atormentas? Sabes que minha maior alegria é que fosses um rabino, um sábio respeitado... Teus livros estão todos empoeirados... (SCLIAR, 1973, p. 30).

Além de frequentar no *shabat* [ao sábado] na sinagoga, Mayer jejuava nos dias santos de *Pesach* e *Iom Kipur*. O *Pesach* é uma das festas, que diferentemente dos Cristãos, não celebra a ressurreição de Jesus Cristo, mas representa a libertação ou a passagem dos judeus da escravidão do Egito. Segundo Asheri (1987, p. 206), o *Pesach*: “é mais importante que o *Rosh Hashana*, que comemora a criação do mundo, ou o *Yom Kippur*, que celebra o perdão de Deus a nossos pecados”.

Em *Cágada*, a representação de datas importantes,

- Quando é que marcamos a data das bodas? - perguntava-lhe Arão, ultimamente com mais insistência.
- Sete anos já deram para fazer um pé-de-meia, não é? E se não deram, a gente dá um jeito. Quem sabe quer trocar a barata Chevrolet?
- Não, não, sogro pelo amor de Deus! Deixa o próximo *Roch- Hachana*. Prometo. (MÁRSICO, 1974, p. 67).

Aqui, Muja queria prorrogar seu casamento para o próximo ano, na festa de *Rosh Hashaná*. Ou, em outro trecho “[...] a caravana do Bom Fim sem derrubar pinheiro fazendo de conta que era *Yom Kipur*” (MÁRSICO, 1974, p. 140). Aqui revela, que os judeus cessaram o trabalho para respeitar o dia santo, porque segundo o rabino, Asheri (1987, p. 185), o dia santo marca:

[...] o início de um período de arrependimento de dez dias, chamado de *Aseret Y'mei T'shuva*, ou dez dias de “mudança”, que terminam no *Yom Kippur*. É ensinado aos judeus que no *Rosh Hashaná* se decide o destino de cada judeu durante o ano seguinte, mas a decisão tomada nas alturas não é selada até o *Yom Kipur*, podendo ser mudada para melhor no decorrer dos dez dias intermediários. Por conseguinte, são dias de exame da alma e de arrependimento, o que em hebraico significa, literalmente, “mudar”.

Além das datas comemorativas, acontecem outras atividades dentro da sinagoga, exemplo disso, é o casamento. Em *Cágada* surge a representação do casamento judaico, que eles,

[...] geralmente eles casam entre parentes; existe aquele medinho de filho aleijado (...) peguei uma judiazinha que era um mimo numa hora bem crítica, menti que era um deles, fiz onda de mostrar, provar, e sabem o que ela me respondeu? Respondeu que para ser um deles não bastava aquele documento, eram precisos uns dois mil anos do mesmo sangue! (MÁRSICO, 1974, p. 163).

Aqui, Mársico satiriza que a maioria dos casamentos eram realizados entre um grupo restrito, até mesmo familiar, e que não bastava ter feito circuncisão, mas era necessária uma linhagem histórica familiar para ser judeu, ou seja, deveria ser descendente de uma tribo. Aponta ainda o casamento arranjado, um não judeu pretende casar-se com a judia: “Agora, arranjar o tal de casamento... Que raio de loucura dera no coronel [não judeu] de gostar daquela embronquitada? Seria tara? Mas, e a religião? Judeu não se casava com católico nem por decreto!” (MÁRSICO, 1974, p. 84). Em Londres, surge a primeira proposta de casamento de um não judeu soldado, em desposar a judia Lady Salma, mesmo o soldado tendo uma situação econômica favorável, nota-se que o pai de Lady Salma, não permite o casamento, com o

soldado que voltou umas quatro ou cinco vezes, era um partidão dos diabos, vida mansa e tranquila à custa do rei, a guerra para ele nem existia, e Lady Salma parou de tossir e começou a falar em casamento. Mister Glupp, uma noite, chamou Lady Hilda trancafiou Lady Salma no quarto e Mister Glupp implorou ao soldado que nunca mais voltasse. Ele podia ser guarda do rei, mas *ele* era guarda da filha. O soldado nunca mais apareceu e Lady Salma quase morreu dum ataque fulminante de bronquite. Quando melhorou e pôde

raciocinar, pediu ao menos para saber a causa da proibição, ele era tão lindo! Lindo! Mister Glupp não teve coragem de dizer, mas Lady Hilda, após algumas preliminares, teve:

- É por causa da nossa religião, filhinha.

Lady Salma tentou reagir:

O que é que adianta a religião com toda esta guerra, mamãe?

- E tu acha que se não houvesse religião haveria guerra, filhinha?

- A senhora acha, mamãe?

- Já imaginou a nossa filha casada com um bugre, *dear*?

- Deus é grande, *darling* (MÁRSICO, 1974, p. 55).

Nesse trecho, a personagem Lady Hilda, mãe de Lady Salma explica para filha, que devido a religião, o pedido de aceite de casamento do soldado não judeu com ela, deveria ser negado. Ao chegar ao Brasil, surge o segundo pedido de casamento, através do personagem Maneio, prefeito de Nova Floresta, sendo não judeu pede a mão da filha do diretor da companhia em casamento, então,

Mister Glupp [judeu] levou Maneio [não judeu] para a sala com muita cerimônia, trancafiou-se, e lhe disse que se sentia muito honrado com o pedido de casamento, *oh, yes thank you!* Era de fato uma honra para ele, para a sua família, até mesmo para a companhia. Mas havia dois probleminhas, lamentavelmente, *sorry*. O primeiro, um preceito religioso. Sabia, os judeus tinham as suas manias. Por exemplo: não comiam carne de porco. Por quê? Questão de higiene... pois no casamento tinham outro. Não importava tanto o amor. Esse viria com o tempo. Citava um autor desconhecido: - "*Love is not passion, but patience*" *. Era sabedor -o coronel mesmo o dissera certa vez-dos seus mais puros sentimentos para com sua filha, *lovely and little daughter*. Sua filha lhe parecia ainda tão criança. *God*, como os anos passavam! Talvez amasse até outro..., mas isso não queria dizer nada. (...). Maneio exultava no íntimo, embora intrigado com os dois probleminhas. O primeiro, acreditava, não existia. Qual seria o segundo? Mister Glupp entrou no primeiro por via indireta. Nenhum pai judeu poderia aceitar qualquer pedido de casamento sem que o pretendente fizesse outra espécie de higiene... (olhou disfarçadamente para a bragueta de Maneio). Sem aquilo, *sorry, impossible!* E aquilo, por tradição tinha que ser feito antes do pedido. Se não, *impossible* novamente. (...) Mister Glupp retirava do bolso o envelope e o entregara a Maneio. Era a comunicação oficial do noivado da filha com Muja, escrita à mão, letra gótica, papel de linha importado. - Foi ontem- completou- E nós judeus, quando empenhamos a nossa palavra em tal assunto, somos iguais a vocês, católico, no casamento: no *divorce*, unidos até que a morte nos separe, *oh, yes!* (MÁRSICO, 1974, p. 135).

Aqui, fica evidente que Mársico quer satirizar os três "probleminhas" para que o casamento fosse aceito. Dentre os quais; surge o casamento arranjado, porque para o pai da noiva [Mister Glupp] dizer que: "o amor viria com o tempo", e ao usar a expressão: "talvez amasse até outro..., mas, isso não queria dizer nada", fica nítido, que se ela amasse outro não teria importância. O segundo "probleminha" a questão da higiene da circuncisão, ou seja, ele devia se converter ao

Judaísmo. O terceiro “probleminha” é o noivado que antecede o matrimônio, realizado através do documento chamado de *tenaim*, que nele trata as condições para que ocorra o casamento. O noivado é representado em *Cágada* quando Mister Glupp envia a comunicação oficial do noivado da filha.

Em *Cágada*, no trecho: “e nós judeus, quando empenhamos a nossa palavra em tal assunto, somos iguais a vocês, católico, no casamento: no *divorce*, unidos até que a morte nos separe, *oh, yes!*”. Nesse aspecto evidencia a verossimilhança que na lei judaica, segundo Asheri (1987, p. 75): “o casamento termina apenas pela morte de um dos cônjuges ou através de um divórcio judaico, chamado *gett* [...] o processo para conseguir-se um *gett* é o seguinte: o casal tem de ir até um rabino ortodoxo, para providenciar o divórcio”.

Em *Cágada* a cerimônia do casamento de Muja com Lady Hilda ocorre dentro da sinagoga, no mesmo dia da inauguração da sinagoga,

[...] o casamento seria dali a três dias, antes do *Rosh- Hashaná*, no templo de Salomão, e tanto Arão [imigrante judeu do Bom Fim] como os demais patrícios cessaram todo e qualquer trabalho para hipotecar solidariedade nas bodas [...]. Arão se atracou num livro do genro rabino para estudar e não gaguejar na cerimônia (MÁRSICO, 1974, p. 148). Até que enfim tudo se resolvera a contento, grande ideia aquela da inauguração do templo! Quem é que iria benzê-lo? O padre? Arão [*cohenita*] reivindicou a honra, ninguém melhor do que ele que tinha um genro rabino. Por que não trouxera o genro? A filha [Rachel, filha de Arão] não deixará... De chapéu na cabeça, ereto como um pinheiro que jamais seria derrubado, evocou rezas e cantorias que deixaram o bando católico numa ciuemeira de povo não escolhido, restolho das doze tribos de Davi. À sua direita, sob as colonatas de cedro que compunham a fachada, Mister Glupp [pai da noiva], espécie de sacristão destronado, seguido de Lady Hilda [noiva], verdadeira apólice nos agudos. À esquerda, Lady Salma [noiva] e Muja [noivo], alheios, sonhadores, casando-se em espírito na base do tradicional quebra-prato ou pisa-copo. (...) Depois das rezas e cantorias, veio o sermão, vieram os discursos. Falou Arão, falou Maneio, acabou falando o Comandante. Mister Glupp tinha a desculpa da língua. Falar para quem? Só para os patrícios, em ídiche, ficava esquerdo. Além do mais, não tramava o dialeto desde que fechara a última cova na Inglaterra. (...) Por último, as lamentações. Arão fez um por um dos patrícios beijar as toras do templo e reservou para si a porta. Foi aquela lamúria cochichada, pecadinhos ressequidos, lágrimas de crocodilo, algumas cuspidas e mãos na boca de afasta-germe porque haviam os tansos que beijavam a mesma Torá (MÁRSICO, 1974, p. 124-125).

Aqui, surge o desenrolamento da cerimônia, a personagem Arão por ser um *cohenita*, ou seja, líder religioso, segundo *Cágada*, “se atracou num livro do genro rabino para estudar e não gaguejar na cerimônia”, dessa forma, estudou o hebraico para pronunciar corretamente na Torá, para não ser corrigido por um componente da tribo *Levi* no altar.

Em *Cágada*, a personagem “Mister Glupp tinha a desculpa da língua. Falar para quem? Só para os patrícios, em ídiche, ficava esquerdo. Além do mais, não tramava o dialeto desde que

fecharam a última cova na Inglaterra” (MÁRSICO, 1974, p. 124). Nesse trecho demonstra mais uma língua identificada pelos judeus além do hebraico, a personagem Mister Glupp falava inglês porque durante a narrativa em seu diálogo aparecem trechos em inglês, e provavelmente por emigrar da Inglaterra falava o iídiche. Mársico satiriza que no casamento o judeu está “evocou rezas e cantorias que deixaram o bando católico numa ciúmeira de povo não escolhido, restolho das doze tribos de Davi”. Nesse mesmo fragmento, os judeus estão “de chapéu na cabeça” estão usando a *kipá* obrigatória para os homens ao entrar dentro da sinagoga, e realizaram um *minyan* que necessita de pelo menos dez adultos do sexo masculino, dentre os quais pode contar-se o noivo. Mársico satiriza que “Lady Hilda, verdadeira apólice nos agudos”, porque na cerimônia existe a leitura do contrato de matrimônio, chamado de *Ketubá*. Esse documento legal, impresso é preenchido na presença do noivo e da noiva e assinado por duas testemunhas. “A *ketubá* torna-se propriedade pessoal da noiva, sendo-lhe entregue assim que é lida” (ASHERI, 1987, p. 70).

Mársico satiriza que “casando-se em espírito na base do tradicional quebra-prato ou pisa-copo”, isso significa que após o contrato matrimonial ser lido,

[...] abençoa-se um segundo copo, do qual a noiva e o noivo bebem [...] após a recitação das sete bênçãos, um copo (não aquele de que o casal bebeu) é colocado no chão e o noivo quebra-o, pisando nele, enquanto os presentes gritam “*Mazzeltov!*”. Afirmam-se geralmente que o copo é partido em memória da destruição do Templo, de maneira a que, mesmo nas ocasiões mais alegres, nós, judeus não esqueçamos que parte do povo judaico ainda está no exílio (ASHERI, 1987, p. 71).

Nota-se que no casamento um copo é quebrado pelo noivo. Também surgem características referentes a vestimenta dos noivos em *Cágada*; “Ela estava de branco, sem véu e grinalda, e ele de preto, tradicional, chapelão na cabeça. O casal caminhava lento, mais ou menos em marcha fúnebre” (MÁRSICO, 1974, p. 151). Segundo Asheri (1987, p. 68): “A noiva, se já não foi casada antes, veste branco e porta um véu que é colocado sobre sua cabeça pelo noivo, imediatamente antes da cerimônia”. Dessa forma, existe uma verossimilhança quanto a vestimenta.

Mársico faz a representação da organização da cerimônia, nota-se que as personagens católicas também participaram do casamento judaico e demonstram não ter conhecimentos sobre o Judaísmo, em *Cágada*: “- O que é que vocês vão guardar ali dentro? - O Deus dos judeus respondeu Ovo de Páscoa [não judeu] numa expectativa crescente. - Ah, pensei que Ele tinha sido crucificado!” (MÁRSICO, 1974, p. 110). Aqui, satiriza a falta de conhecimento religioso da comunidade católica pelo Judaísmo, que não sabe que a Torá é guardada dentro da Arca sagrada.

Em *Cágada*,

[...] agora digo e proclamo que eles não vão casar - prosseguiu ele. [Maneio não judeu que queria casar com a noiva], dirigindo-se novamente à multidão. - Mas por quê? - Foi a pergunta geral [dos convidados no casamento] que fizeram judeus de um lado e o bando católico do outro, Maneio já querendo se aproximar com o oficial de justiça na manga do casaco, todo assanhado, pensando “não casa agora, mas casa depois comigo na igreja [casa com ele na igreja Católica, e não com o judeu], o padre batuta” (MÁRSICO, 1974, p. 152).

Nota-se que na sinagoga, de um lado sentam-se os católicos e do outro sentam-se os judeus, essa separação demonstra que na ficção diferenciavam-se entre si. Durante as celebrações, somente os *Cohenitas* e os *Levitas* tem permissão para subir no altar e comandar o serviço religioso.

Além da separação no interior da sinagoga, o povo judaico diferencia-se de outros povos devido sua restrição alimentar, que é vinculada a religiosidade, e as comidas e bebidas estão presentes nos rituais religiosos⁹³. Também, na Fazenda Quatro Irmãos havia um cuidado especial com os serviços de abate de galinhas e gados, sendo realizado por um profissional responsável, chamado de *shoichet*.

Nas festividades, em Quatro Irmãos, segundo Feldman (2003, p. 115) “os colonos judeus que tinham recursos financeiros compravam uvas especialmente para fazer vinhos para a Páscoa”. Em Erechim, a ingestão de bebida alcoólica (vinho) é comum nas finais preces de sábado, devido ao costume de dizer *Kiddush*, que significa “santificação”.

Em *Cágada*, os judeus não têm costume de dirigirem-se aos bares para beberem cachaça, vale ressaltar que beber um drinque de cachaça ao invés de vinho é comum, após as preces da manhã de sábado, para os judeus *sefaradim*⁹⁴. Em *Cágada*, o judeu Mister Glupp, somente bebia nas reuniões do *Gimbo's Bar*, que era bar e ao mesmo tempo prefeitura em *Cágada*, ou seja, bebia num local apropriado. Mársico, ressalta na ficção que o judeu “Muja não era homem de boteco” (MÁRSICO, 1974, p. 34). Essa representação caracteriza judeus como não alcoólatras. Uma das bebidas tradicionais, segundo Feldman (2003, p. 115), é o

[...] chá preto, originário da Índia, da marca Lipton (monopólio inglês), servido às visitas acompanhado de bolachas feitas de massa fermentada e pão adocicado com açúcar, acompanhado de *varenhe* (*anguemachtz*) [chimia], que é um doce feito de pêssego, figo ou butiá.

⁹³ Na obra *A dieta do rabino: A cabala da comida*, publicada em 1989, por Nilton Bonder, o rabino ensina os cuidados alimentares para se ter uma vida saudável e coerente com a prática religiosa.

⁹⁴ Idem ao 124.

Em *Cágada* surge a representação do chá preto, a bebida tradicional *ashkenazi*⁹⁵: “Talvez desse para vê-lo mais tarde, na hora do chá. -Não me diga que aqui tem chá? *Lipton*? *Oh, no* - apressou-se em mentir Mister Glupp - *a national tea!*” (MÁRSICO, 1974, p. 118).

Em *Cágada*, também surge a representação das comidas quando “Lady Hilda e Lady Salma já estavam cansadas de fazer e requeutar o *klops* [bolinhos de carne] de que Muja tanto gostara” (MÁRSICO, 1974, p. 48). Ou então, nos comentários das personagens, “você ainda é muito moço e de bom aspecto. Dá impressão que nunca comeu carne de porco” (MÁRSICO, 1974, p. 62).

Essa proibição vem de encontro, aos animais considerados não *Kasher*⁹⁶. Por outro lado, Moacyr Scliar sobre o ritual judaico de não comer carne de porco revela,

[...] a rejeição à carne de porco (comum no Oriente Médio) teria a finalidades higiênicas: impedir a transmissão da triquinose [...]. O antropólogo Marvin Harris tem outra explicação. Para ele, a criação do porco era proibida porque interferia com os ecossistemas da região. Os judeus eram um povo nômade, vivendo numa zona quente e seca. Criar porcos nessas circunstâncias seria muito difícil (...). Além disto, os animais criados pelos nômades, bovinos, caprinos, ovinos, proporcionam, além da carne, leite, lã, couro e podem servir para tração. O porco, não. O porco é só carne, portanto um luxo (SCLIAR, 1985, p. 11)

Na entrevista traz os nomes de pratos judaicos, e que o ensinamento para uma alimentação saudável se encontra na Torá, convergindo com Scliar em associá-la ao cuidado higiênico. Segundo Eizirik (1984, p. 132), sobre a comida *kasher*, afirma,

[...] toda pessoa que for aos Estados Unidos ou para Israel, encontrará restaurantes, com a palavra *Kasher*, ao lado do nome. Isto significa que naquele local, os alimentos são preparados de acordo com os preceitos da religião judaica. Chama-se “*treif*” todo o alimento que não é *Kasher*. Um exemplo, a carne de porco é “*treif*”.

Em *O exército de um homem só*, surge a representação dos pratos típicos e proibidos através de Mayer, que deseja comer carne suína, desafiando seu pai,

[...] o arroz saboroso, Mayer recusava; os *Kneidleck* [bolinhos] quentinhos, recusava; os biscoitos doces, a boa sopa, recusava. [...] – O que é isto? – perguntou nosso pai, intrigado. – Costeletas de porco- respondeu nossa mãe. Nosso pai deixou cair o garfo e ficou pálido. Lentamente levantou-se da mesa (SCLIAR, 1973, p. 21).

⁹⁵ Idem ao 123.

⁹⁶ O termo *Kasher* é empregado para indicar que um alimento é próprio e preparado para o consumo, ao contrário de *Trefá*, que designa o alimento proibido e impróprio.

Aqui, surge a representação do não consumo a carne de porco, por ser um animal considerado impuro para a cultura judaica. Em *Cágada*; “troço de judeu é sempre complicado. Vai ver que na Bíblia diz alguma coisa, prazo, quarentena, droga parecida” (MÁRSICO, 1974, p. 144). Aqui, as personagens buscam na Torá como deveriam prosseguir em suas práticas religiosas, isso vem de encontro a festa judaica de *Pesach*, na qual é proibida comer qualquer alimento feito de cereal levedado ou fermentado durante os oito dias do feriado. De acordo com a Torá, nas parashás de Êxodo 12, 15 e 16: “Sete dias comereis pães ázimos, mas no primeiro dia cessareis de ter fermento em suas casas; pois todo aquele que comer levedada, será banida aquela alma de Israel, desde o primeiro dia até o sétimo dia”.

A não ingestão de fermento nas comidas, no período da festividade, isso representa uma prática religiosa-simbólica-cultura repetida todos os anos, e o sacrífico de não comer fermento, relembra a caminhada no deserto por 40 anos, no qual o povo judeu alimentava-se somente desse pão sem fermento. Pode-se dizer, que além de medida higiênica, existe um viés cultural milenar e simbólico com a questão das comidas e as bebidas. Devido os ensinamentos da ingestão alimentar estarem presente na escritura sagrada, que ensina a ingestão ou proibição de alimentos, também o uso para que certos pratos e bebidas sejam servidos em determinadas festividades.

Contudo, as duas obras literárias analisadas carregam em si representações da religiosidade do imigrante judeu, associada às suas práticas religiosas e seus costumes judaicos. A próxima categoria examina a representação, da chegada da imigração israelita no Rio Grande do Sul e seus judeus colonizadores.

3.2 O contexto histórico-social da imigração israelita no RS e seus judeus colonizadores

Nessa categoria analisa-se o contexto da imigração judaica no Rio Grande do Sul, e a representação do judeu colonizador em *Cágada* e em *O exército de um homem só*, a chegada, e os objetivos da companhia em tornar o imigrante judeu em agricultor. Aborda a imigração israelita de Isidoro Eisenberg, o judeu colonizador em Quatro Irmãos, e Henrique Seliar e o kibutz Porto-alegrense.

3.2.1 A chegada do imigrante israelita na colônia: Isidoro Eisenberg, o colono em Quatro Irmãos

No contexto global do final do século XIX e início do século XX, a emigração judaica é estimulada mundialmente, como uma forma de fuga da discriminação religiosa, tendo como um dos destinos a América do Norte e, em seguida, na América do Sul, principalmente Argentina e sul do Brasil. Gritti (1997) salienta que a primeira colônia agrícola da ICA, (*Jewish Colonization Association*)⁹⁷ no estado do Rio Grande do Sul foi Filipson em 1904, localizada em Santa Maria, e a segunda e última em 1909 a Fazenda Quatro Irmãos, sendo que a ICA era uma companhia inglesa fundada em 1891 pelo Barão Maurice de Hirsch⁹⁸.

A negociação da ICA com o governo brasileiro foi possível porque,

[...] a associação gozava de apoio diplomático de um governo britânico comprometido em assegurar que a comunidade judaica russa que emigrava iria assentar-se fora do Reino Unido [...]. Além disso, alguns dos mais poderosos diretores da ICA eram também grandes investidores na economia brasileira. Assim, a ICA prestava assistência legítima aos refugiados, mesmo quando representava interesses estrangeiros no Brasil. Por conseguinte, um relacionamento particularmente forte desenvolveu-se entre a ICA, comprometida com o reassentamento judaico, e o governo do Rio Grande do Sul, interessado em subsidiar e patrocinar a colonização agrícola e incentivar o investimento estrangeiro (LESSER, 1995, p. 41).

Os primeiros imigrantes judeus chegaram em Quatro Irmãos, influenciados pela propaganda realizada por agentes colonizadores no leste europeu, especialmente na Rússia (JOHELAVICIUS, 2018). Segundo Lesser (1995), a emigração judaica ao Brasil no início da década de 1920, tornou-se tão atraente, que

[...] era tão popular entre os imigrantes que alguns judeus da Europa oriental chegaram até a elaborar um complicado esquema para conseguir passagens e vistos. Primeiro, eles se candidatavam a trabalhar em uma das colônias judaicas no Rio Grande do Sul, obtendo, dessa forma, uma passagem de graça da ICA. Uma vez no Rio Grande do Sul, conseguiam

⁹⁷ Além, da *Jewish Colonization Association* no século XX surgem entidades em auxílio dos israelitas, de acordo com destacam-se: *Alliance Israélite Universelle*, fundada em Paris, em 1960; a *Anglo Jewish Association*, em 1871, em Londres; a *Israelitische Allianz*, em Viena, em 1872, e a *Hilfsverein der Deutschen Juden*, em Berlin, em 1901, segundo (GRITTI, 1997, p. 22).

⁹⁸ O Barão Moritz von Hirsch, também referido como Maurice de Hirsch, nasceu em Munique em 1831 e faleceu em 1896 foi um filantropo e financista judeu, fundador da *Jewish Colonization Association*.

rapidamente uma viagem grátis, de Porto Alegre para São Paulo, por meio da promessa de que trabalhariam em uma plantação de café. Muitos, então pulavam do trem, pois eram “artesãos”, como carpinteiros, ferreiros e sapateiros, que podiam encontrar trabalho em São Paulo e nos arredores[...]. A imagem positiva do Brasil para os grupos de ajuda foi reforçada em 1923, quando a ICA recebeu uma oferta de colonização vinda de uma empresa “apoiada pelo governo brasileiro” que iria fornecer transporte e terra gratuitos para refugiados judeus que se mudassem para áreas rurais (...). Em 1920 o Brasil, era “uma terra do futuro para emigrantes judeus” (LESSER, 1995, p. 64).

Em *Cágada*, consta: “- Descobrimos [companhia] esse imenso território no mapa da América do Sul e lhe compramos um bom pedaço. Se quiser ir para lá, pode se considerar empregado” (MÁRSICO, 1974, p. 32). Sobressai aqui a compra aleatória de terras, conforme a disponibilidade, bem como o projeto de transformar os judeus, com uma tradição urbana, em agricultores - “reviver o espírito Bíblico dos filhos de Israel fazendo-os renegar o bezerro de ouro do comércio e se devotar à penitência da lavoura” (MÁRSICO, 1974, p. 15). Há, por trás, uma proposta da ACA de enfraquecer o comércio e ao sistema bancário judeu, reduzindo seus lucros, e impondo-lhes a “penitência na lavoura”.

Esse aspecto é discutido por Lesser (1995, p. 15), quando afirma que os judeus: “aceitaram a agricultura como uma condição para a sua fuga. Os judeus nunca compartilharam do sonho de voltarem ricos - o sonho de “Fazer América”. A imigração para o Brasil era o início de uma nova vida que jamais poderia incluir uma volta para casa”. Essa expectativa de não retorno é representada em *O exército de um homem só*, quando o imigrante judeu russo abandona sua pátria, demonstrando não ter esperanças de regresso,

[...] saímos da Rússia em 1916-conta Avram Guinzburg, irmão de Mayer. - Viemos de navio, vomitando muito.... Mas felizes, se bem me lembro. Felizes, sim; meu pai não queria mais saber da Rússia. Depois do *pogrom* de *Kischinev*, só pensava no Brasil. Rússia era a terra de *Scholem Aleichem*, sim, e de outros grandes judeus. Mas um inferno para nós. Houve uma tempestade... durou dois dias. Vomitávamos e chorávamos, lamentando nosso triste destino.... Povo errante, e..., mas depois o sol brilhava e falávamos sobre o Brasil. Leib Kirschblum irá bem nos negócios, dizíamos, e de fato ele foi bem nos negócios. Avram Guinzburg casará, diziam, e terá muitos filhos e, de fato, eu casei, tive muitos filhos (SCLIAR, 1973, p. 18).

No diálogo, emerge a perspectiva do não-retorno. As personagens representam os judeus que escaparam das perseguições religiosas dos *pogroms*⁹⁹, “que como vítimas da política czarista de “russificação”, esses judeus fugiam da perseguição cotidiana” (LESSER, 1995, p. 41).

⁹⁹ Perseguição deliberada de um grupo étnico ou religioso, aprovado ou tolerado pelas autoridades locais, sendo um ataque violento massivo, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos).

Além das perseguições religiosas, a pobreza na Europa gerado pela falta de oportunidades e terra é outro fator que desencadeia o desejo de emigrar. Em *Cágada* surge a personagem Mister Glupp e sua família, que eram o resultado desse processo, pois “em Londres, eles moravam num arrabalde miserável, no *whitechapel*, e numa rua em que o sol apenas entrava por caridade, algumas vezes por ano na época do glorioso verão, *glorious Summer*” (MÁRSICO, 2006, p. 30). Mister Glupp desde a infância passa fome e por caridade de patrícios que imigraram junto com seus pais, arranjam-lhe um emprego numa sinagoga, também “quando pequeno fugiu com seus pais da revolução que derrubou o czar, e não aquentaram por muito tempo o clima londrino” (MÁRSICO, 2006, p. 30).

Nesse ponto, traz à tona outro aspecto: a migração constante dessas populações, pois quando criança Mister com seus pais emigraram da Rússia, às margens do Volga, para a Inglaterra, onde acabaram morrendo quando Mister Glupp ainda era bem moço, deixando-o órfão. A partir de então, viveu sozinho no bairro miserável. “Até que conheceu Lady Hilda, outra judia de pais expatriados que saíram correndo da Alemanha antes de começar a pagar o pato pela expansão do bolchevismo internacional, e com ela se casou” (MÁRSICO, 2006, p. 31).

Aqui, as trajetórias de um imigrante judeu russo e uma imigrante judia alemã se unem em Londres, permanecendo como elo comum entre ambos a pobreza. “Lady Hilda era mais pelada do que ele, mas, reunidas as peles e em que pesasse a falta de pão, havia, pelo menos, um clima de lareira. E, de tanto se unirem no jejum forçado, veio logo uma filha; e, aí, pelo menos durante o período de amamentação da filha, havia o que beber” (MÁRSICO, 2006, p. 31). A possibilidade de emigrar novamente, agora para além-mar, surgiu para a família por meio da ACA, uma Companhia Filantrópica que ajudava os pobres e trazia judeus para o Brasil:

A pobreza assolou vários espaços da Europa no final do século XIX, e no caso dos judeus, associada a discriminação. Nesse contexto, surgiram diversas instituições filantrópicas. Segundo Gritti (1997), o Barão de Hirsch ficou espantado com a pobreza e a negligência dos judeus do Império Otomano, e optou pelo caminho da filantropia, e não pela prática corrente de dar gorjetas:

Eles não eram vítimas de repressão governamental, mas da ignorância e da estagnação da economia. Desde essa época, fazia doações consideráveis de dinheiro para os judeus da Turquia. E, em dezembro de 1873, ofereceu à Aliança Universal Israelita um milhão de francos para estabelecer um programa de educação e treinamento vocacional. Ele estava especialmente preocupado com os efeitos nos receptores: isto apenas criaria mais pobres, o que considerava um grande problema na filantropia, por fazer seres humanos capazes de trabalhar individualmente em pobres e, desta maneira, criar membros da sociedade

imprestáveis. Ele acreditava ser necessário erradicar as causas da pobreza e não apenas remediar seus sintomas (GRITTI, 1997, p. 23).

Sutilmente, o escritor ressalta que a emigração não era a solução absoluta para a pobreza, e que nem todos os imigrantes se encaixavam ao modelo desejado. Esse ponto é ressaltado ao referir-se aos judeus estabelecidos no Bom Fim, em Porto Alegre, e que remigraram para *Cágada*, representado pela personagem Muja, que

[...] conheceu Rachel em função do contrabando de Arão. Ele andava errante pelo bairro do Bom Fim, sem eira nem beira, era um judeu que passava fome. Gozando, ria quando se lembrava do que os outros diziam sobre a sua raça, que não havia judeu pobre. Muja era pobre o que dava quase mendigo, vivendo da caridade de um ou outro patrício que geralmente o faziam limpar as lojas e as calçadas, as patentes e os lixos e depois lhe davam um prato de comida ou magros tostões com versículos sobre a vagabundagem. (MÁRSICO, 2006, p. 69).

Outro fator que desencadeou a emigração de judeus para a colônia de Quatro Irmãos e as colônias na Argentina, foi o contexto dos massacres, em 1881,

[...] o Barão de Hirsch voltou sua atenção quase que exclusivamente para os judeus da Rússia e leste da Europa, que considerava a mais desesperadora situação no mundo judeu. A partir deste ano, a vida dos judeus russos tornou-se mais difícil, pois o antisemitismo existente na Rússia agravou-se com o assassinato do Czar Alexandre II. Com a morte do czar, cujo governo se caracteriza pelo respeito às minorias étnicas, entre elas, os judeus, assume o comando do Império Russo o Czar Alexandre III. É sob o reinado deste que se iniciam os massacres dos judeus. Tais massacres, conhecidos como *pogroms*, estendem-se até o início do século XX (GRITTI, 1997, p. 23)

Logo, no período Pré-I Guerra, a ICA concentrou seus esforços na Rússia e Europa Oriental, com a fundação de estabelecimentos destinados a reconstruir a infraestrutura das comunidades judias desse local. A emigração judia para o Brasil se intensificou no período posterior a I Guerra Mundial, justamente quando passaram a sofrer restrições em outros países, como Estados Unidos, a Argentina e o Canadá.

Nesse ponto, o personagem Mister Glupp é envolvido na II Guerra Mundial, sem ter trabalho digno, sem perspectivas de futuro para sua esposa e sua filha, descobre a ACA num prédio do *Piccadilly Circus*, em Londres e conhece o projeto de imigração para o Brasil, resolve aceitar:

Depois, veio a guerra e Mister Glupp se ofereceu como voluntário. Continuar de sacristão na sinagoga não era nem presente, quanto mais futuro. Mesmo porque, com a ameaça de bombardeios e de invasão, tanto as sinagogas quanto as outras igrejas se mudaram para os perigos subterrâneos e ali praticamente havia mais sacristões do que fiéis. [...] E assim Mister Glupp, durante quase toda a Segunda Guerra Mundial, viveu de pá e enxada nas

mãos abrindo covas, enterrando. Enterrou gente sem fim, de todos os credos, de todas as raças, até patrícios. [...] Ele vivia em meio da morte e às vezes ficava na dúvida se estava vivo ou morto. [...]. A morte descia sobre a cidade de Londres todas as noites e não havia coveiros que chegassem para o balanço das almas e o despacho dos ossos. [...] Finalmente a guerra foi acabando, menos gente morrendo, cadáveres rareando e Mister Glupp ficou de novo sem emprego. Isto sem falar na fome, na guerra, nas bombas que ela vira do céu e nos cadáveres que sonhara emergir da terra. [...] (MÁRSICO, 2006, p. 32- 33).

Nesse aspecto, a obra avança para tratar da guerra e da morte, visto que Londres não foi território do conflito, e o personagem como estrangeiro, não foi engajado no exército. A direção central da companhia localizou-se inicialmente em Paris, posteriormente em Londres.

No começo a ICA induzia os judeus com propostas vantajosas para abandonarem seu país para que estes viessem ao Brasil, dizendo-lhes que havia facilidade de acesso à terra, as terras abundantes, o trabalho não árduo e enriquecimento fácil.

A obra *Cágada* representa como a ICA convenciu o emigrante a migrar. Também o apoio das instituições paulistas para que os imigrantes saíssem de núcleos urbanos e viessem para núcleos rurais para serem agricultores, havendo a promessa de terras grátis,

Aí começou aquela avalanche de patrícios para “as terras da ACA”. Aliás, a primeira e única. Vieram o Samuel, o Abrãozinho e o Bem. Vieram o Froim, o Maurício e o Damião. E vieram outros mais. Todos numa leva só. Eles chegaram na estação de Nova Floresta e embarçaram no trenzinho cantando o Hava- Naguila. [...] Eles haviam chegado de São Paulo naquele mesmo dia- metrópole onde curtiam algumas especialidades comerciais nos fundos da Rua José Paulino. Ali como que se formou uma caravana de voluntários na base do quem dá mais. Mas só veio mesmo quem deu menos. Lá na sinagoga paulista o rabino, depois que leu três vezes o convite da ACA, achou que, por delicadeza, não poderiam recusá-lo. Afinal, os propósitos da *Armarish Colonization Association* sintonizavam com a mensagem telúrica do Velho Testamento. O diabo era fazer os patrícios bancar os caranguejos depois de tantos milênios de avanços e conquistas. Se agora iriam trocar o mercúrio pela terra prometida! Mas alguém deveria ir. Mister Glupp falava numa primeira leva de trinta. Então o rabino engendrou uma manobra político filantrópica que deu certo, Primeiro, escondeu os reais motivos da imigração. Enfeitou “as terras da ACA” com todas as mentiras do Novo Testamento. As terras eram grátis e havia bugres de sobra para trabalhar. Havia também casas e financiamento sem juros no banco. Era só plantar e colher. E quem duvidava que não houvesse ouro, minas de ouro? Mas os patrícios não manifestaram qualquer entusiasmo. Embora não acreditassem em santo desconfiavam que a esmola quando era demais vinha com armadilha de cristão. O rabino, então, completou a segunda parte do plano: quem aumentasse o dízimo não iria! Aí foi aquela guerra santa, todo o mundo querendo viajar. O rabino se viu em queixadas de filisteu para salvar a sinagoga. Enfim, um murro de lamentações separou os escolhidos pela sorte entre os de menores arcas. E eles saíram de São Paulo achando que levavam na mala um prato de lentilhas (MÁRSICO, 1974, p. 20-21).

Além de uma leva de imigrantes vindos de Londres, que traz a família do diretor da Companhia surgiram mais duas migrações: uma vinda dos imigrantes judeus de São Paulo, e a

segunda e última dos imigrantes judeus bairro Bom Fim de Porto Alegre. Os judeus do Bom fim [imaginário] representados em *Cágada*,

[...] dizer alguma coisa sobre os patrícios do Bom Fim era quase desnecessário- finalizava Mister Glupp a sua carta. Sir. Glorian, com certeza, já os conhecia ao menos de referência. Além de morarem logo ali- Porto Alegre ficava umas dez vezes mais perto que São Paulo- eram patrícios bem mais acessíveis e despreziosos. Ele via pelo futuro genro [Muja iria casar com a filha de Arão judeu do Bom Fim, mas desfaz o noivado]. Que criatura maravilhosa, a *fabulous man!* Não tinha as mãos calejadas, mas se fosse preciso, seguraria a enxada como um literato a caneta. E que espírito mosaico: dormia e rezava numa cocheira! A gente do Bom Fim, tinha certeza, viria para ficar. Pelo menos, se não viesse com tal propósito, seria mais dócil à mudança de ideia. Era quase tudo gente que morava defronte a um parque imenso, adorava esgravatar na terra, revendia bugigangas e fazia biscates na alfândega para viver. Gente que sonhava acordada com pastores e ovelhas e não passava as noites na sinagoga rezando porque era proibido mascar sementes de girassol. Gente que se visse o templo, o novo templo de Salomão, sentiria na alma um toque de violinista no telhado, *oh, yes!* (MÁRSICO, 1974, p. 108).

Em *Cágada*, os judeus do Bom Fim, “segurariam uma enxada como um literato uma caneta”, ou seja, que aprenderiam com mais facilidade a lidar na agricultura, e sendo mais acessíveis a ficar em Cágada do que o aceite dos judeus de São Paulo. Nota-se que na ficção Porto Alegre é mais próximo do que São Paulo. Em *Cágada*, os judeus residiam no Bom Fim [imaginário], em frente ao parque Redenção, faziam biscates e suas atividades econômicas eram voltadas ao comércio, semelhantemente os imigrantes judeus em *O exército de um homem só*, desenvolviam práticas ligadas ao comércio. Mársico salienta que se emocionariam com a construção da sinagoga, da mesma forma ao assistir ao filme, *Um violista no telhado*, filme que trata o exílio e a dispersão do povo judeu, produzido em 1971, por Norman Jewison, baseado em contos de Sholom Aleichem¹⁰⁰.

Em *Cágada*, surge a recepção da dos imigrantes pelos diretores, na estação de ferro,

Mister Glupp recebeu os patrícios com vários *shaloms*, cumprimentando um a um, ouvindo nomes, fixando caras, sentindo cheiros. Vieram mais de cem, algumas mulheres e crianças, diversos gatos e cachorros (MÁRSICO, 1974, p. 117).

Sobressai que os imigrantes se cumprimentam com a palavra *Shalom*, que significa “Paz! Aliás o judeu o cumprimento oficial, é *Shalom*. Israel tu entras num táxi, aqui não, mas em Israel

¹⁰⁰ *Sholom Aleichem* foi um escritor ídiche nascido no território hoje pertencente à Ucrânia. Foi um dos grandes escritores e promotores da literatura ídiche, sendo suas obras uma das mais importantes da literatura europeia.

tu cumprimenta com *Shalom*, paz” segundo (CHARCHAT, 2018), é verossimilhante a quantidade de imigrantes que chegam. Sobre as características físicas desses imigrantes, em *Cágada*:

Disse Arão, olhando para a filha. - Manda entrar o Jacó.
 – O rabino?
 - Perguntou-lhe Muja quando viu Jacó entrando, Jacó de barbicha e chapéu preto, Jacó sobraçando a Bíblia (MÁRSICO, 1974, p. 113).

Nota-se que nomes como; Abraão, Arão, Jacó e Samuel, relacionam-se aos profetas da religião e nomes como; Bem, Froim, Maurício e Damião são nomes verossimilhanes das famílias que imigraram na Fazenda Quatro Irmãos, segundo a lista de nomes compilada por Feldman (2003).

Em *Cágada* surge uma imigração de origem britânica, pela qual chegou o diretor da companhia, esposa Lady Hilda e filha Lady Salma. Em *Cágada*, “[...] eles chegaram na estação de Nova Floresta e embaraçaram no trenzinho cantando o *Hava- Naguila*” (MÁRSICO, 1974, p. 20). Essa música permanece popular entre os judeus (CHARCHAT, 2018). Sobre os grupos (GRITTI, 1997, p. 76), ressalta:

O primeiro chegou a junho de 1926, e o segundo, grupo menor, composto de sete famílias, num total de 53 pessoas, chegou em setembro deste mesmo ano. O número total de famílias vindas da Polônia e da Lituânia, em 1926, e que são assentados em Barão Hirsch é de trinta e três. [...] É especialmente na área denominada Polygono “D” que a população não israelita se concentra [...].

Em *Cágada* a perseguição também ocorre, mas em outro contexto,

[...] depois, veio a guerra [2º Guerra Mundial] e Mister Glupp se ofereceu como voluntário. Continuar de sacristão na sinagoga não era nem presente quanto mais futuro. Mesmo porque, com a ameaça de bombardeios e de invasão, tanto as sinagogas como as outras igrejas se mudaram para abrigos subterrâneos e ali praticamente havia mais sacristões do que fiéis. Especialmente católicos que faziam da coleta um entretenimento para levantar a moral e os fundos dos crentes como se não houvesse mais a sombra da idade média, da inquisição, de Henrique VIII, do antisemitismo, e como se toda aquela confusão babilônica acabasse, ao invés de numa torre, num buraco de promissora calefação ecumênica (MÁRSICO, 1974, p. 31).

Aqui, o autor expressa que a perseguição contra o povo judeu ocorria desde a inquisição de Henrique VIII, na Inglaterra do século XVI, e que durante a 2º Guerra Mundial tornou-se

insustentável, porque as personagens viviam escondidas em sinagogas, ou em abrigos subterrâneos. Historicamente, apesar da Inglaterra pertencer ao grupo dos Aliados na 2ª Guerra Mundial, não teve essa perda humana, como é representada em *Cágada*.

Em *O exército de um homem só*, a família de Mayer Ginzburg, estão no Brasil e lamentam-se que os familiares que não emigraram foram dizimados na guerra nos campos de concentração¹⁰¹. Em *Cágada*, Mister Glupp, sua esposa Lady Hilda e sua filha Lady Salma, enfrentam

[...], mas por estranho que parecesse, a guerra trouxe emprego para muita gente e Mister Glupp, que já estava acostumado a lutar para viver, achou que pouca diferença fazia matar para o mesmo fim. Quis engajar no exército da resistência local, mais foi recusado por ser estrangeiro míope. Então, já que ele queria lutar mesmo, asseguraram-lhe uma vaga de coveiro no *Saint Patrick Army* - instituição pseudomilitar nos moldes dum exército de salvação à paisana e eclético. E assim Mister Glupp, durante quase toda a Segunda Guerra Mundial, viveu de pá e enxada nas mãos abrindo covas, enterrando. Enterrou gente sem fim, de todos os credos, de todas as raças, até patrícios. Era um emprego duro e pesado, mas dava-lhe vida, matava-lhe a fome, a sua fome e a de sua família. Ele vivia no meio da morte e às vezes ficava na dúvida se estava vivo ou morto. Mas não tinha direito a pensar. A morte descia sobre a cidade de Londres todas as noites e não havia coveiros que chegassem para o balanço das almas e o despacho dos ossos. Muitas vezes as tarefas ficavam com sobras para o outro dia, fardos de gente nas pilhas, arquivos sinistros. Do jeito que as coisas iam, Londres acabaria com mais gente enterrando do que lutando. Foi quando Mister Glupp por sopro de patrícios mais afortunados, descobriu a ACA num prédio cinzento do *Picadilly Circus*. Só que o negócio era pior do que ser coveiro em Londres, na guerra – disseram-lhe. Mandavam gente para o Brasil!

— *Brazil?* Onde é que fica isso? - perguntou Mister Glupp a Sir Glorian, o chefe da ACA [...].

— Se quiser ir lá, pode se considerar empregado. Apenas cuidado para não ser comido. É terra de índio...

Para Mister Glupp voltar a passar fome ou ser comido, a diferença era pouca (MÁRSICO, 1974, p. 32).

Essa família judia sofre discriminações, passa fome, o personagem Mister Glupp, o provedor sujeita-se a trabalhar como coveiro para conseguir o sustento de sua família. Mister Glupp, após ao término da guerra descobre a companhia através de patrícios economicamente favorecidos, mesmo sem ter informações precisas do Brasil decide imigrar trazendo consigo sua família. Esse aspecto é teoricamente discutido por Lesser (1995, p. 37) que afirma: “No século dezenove e princípio do século vinte, a maioria dos brasileiros sabia pouco a respeito dos judeus; a maior parte dos judeus sabia igualmente pouco sobre o Brasil”.

De acordo com Feldmann (2003, p. 98), sobre a instalação dos colonos salienta:

¹⁰¹ Os campos de confinamento militar de extermínio instalado em área de terreno livre, foram pensados para eliminar fisicamente os judeus. Dois campos ficaram particularmente gravados na memória coletiva por conta das atrocidades cometidas: *Dachau* e *Auschwitz*.

Para acolher os novos colonos e preparar a infraestrutura, chegaram à fazenda, além dos administradores da ICA, os profissionais da Argentina, dos quais foi possível identificar os seguintes: Marcos (*Motel*) (*Barba Ruiva*) *Nagelstein* e Jaime (*Chaim*) *Melnick*, na função de carpinteiros; Bentzion Oxman, na função de vidraceiro; David Faiguenboim e seus filhos, e Gregório Iochpe, de profissão desconhecida. Foi feito um planejamento topográfico, medição, divisão e seções e divisão em colônias, e a divisão e planejamento da zona urbana da vila (Shtel) de Quatro Irmãos, sede da colônia, em ruas e lotes.

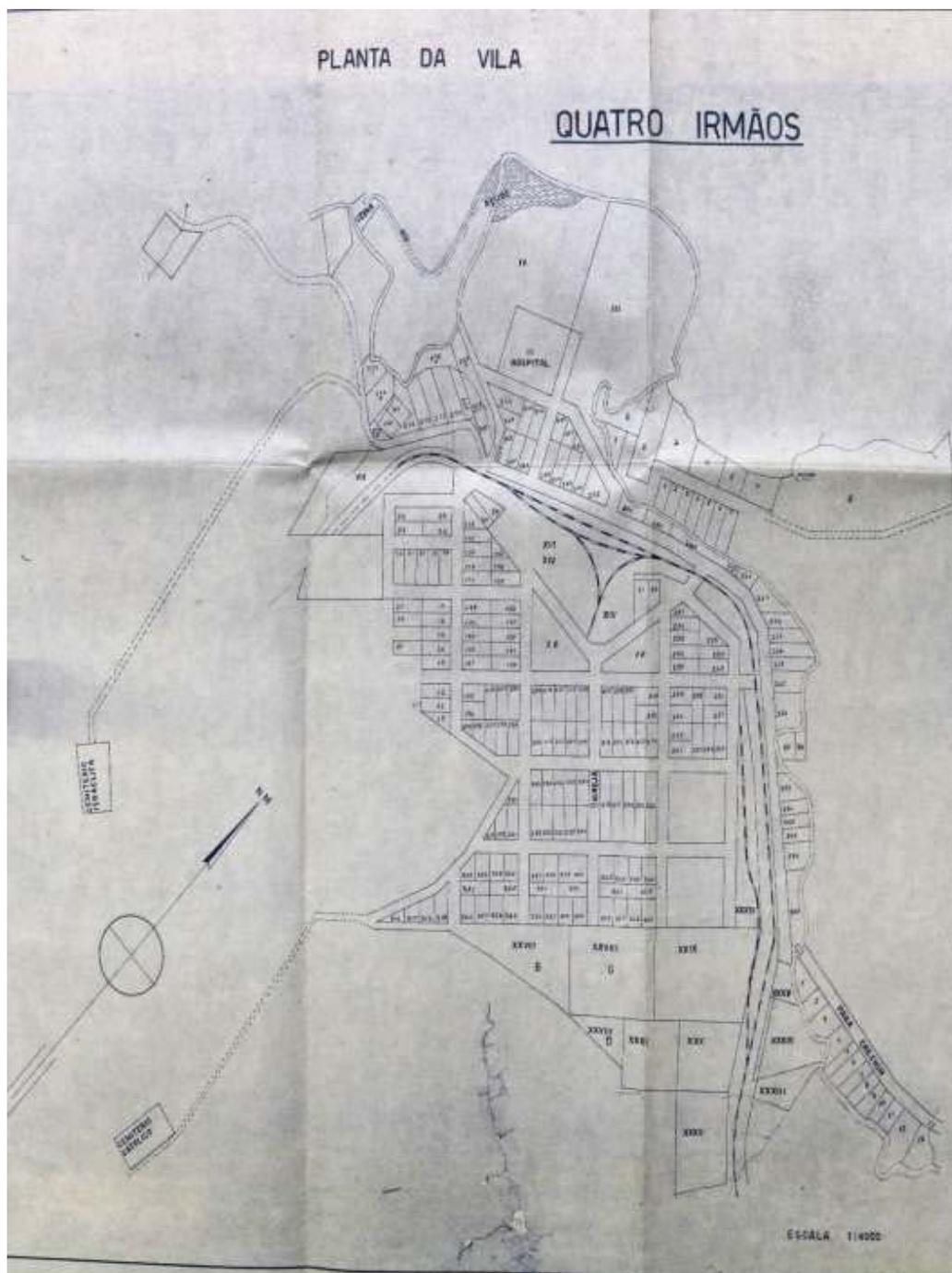
Segundo Feldmann (2003, p. 98), logo após esse planejamento da vila era feita por:

[...] profissionais [funcionário da ICA] iniciaram a montagem da infraestrutura, armazéns, galpões, mangueiras, piquetes, a compra de carroças, sementes, provisões, animais *vacuns* e cavalos, montagens de casas para habitação para diretores e escritórios da ICA, abertura de estradas. A estrada de ferro da ICA foi iniciada alguns anos depois. A ICA fornecia todos os subsídios para a realização da viagem ao Brasil, porém uma das prioridades para que cada família pudesse ser aceita para a imigração era a de que, necessariamente, teria de ser numerosa.

Essa preocupação com o número de componentes no grupo familiar, era comum para o pensamento da época devido a necessidade de força de trabalho manual para lavoura. Em *Cágada* satiriza que com objetivo de aumentar a receita, era incentivado ao imigrante possuir uma prole, caso contrário teriam que pagar uma despesa de desabono: “Quanto mais filhos a pessoa tivesse menos deveria pagar, era caso de receber. Não se tratava de bocas para comer, mas de braços para trabalhar!” (MÁRSICO, 1974, p. 157).

Na planta da figura 16, consta a vila e a divisão dos lotes da fazenda Quatro Irmãos. Na planta observa-se, o planejamento minucioso dos lotes, devido a numeração organizada, o mapeamento da entrada e saída, e da rua principal ao lado do ramal férreo.

Figura 16 - Planta da vila de Quatro Irmãos



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

Em *Cágada*, Mister Glupp, apresentou a divisão dos lotes para os imigrantes e os instalou nas terras,

De manhã cedo, Mister Glupp [diretor da ACA] foi mostrar as terras. Cada patrício receberia uma colônia para construir a sua própria casa. Depois, era só chamar a família. Quando Mister Glupp terminou de mostrar tudo, se lembrou que faltava o principal. Foi e voltou e deu para cada um deles uma pá e uma enxada (MÁRSICO, 1974, p. 23).

Da mesma forma, os diretores da ICA apresentavam as terras e os instrumentos agrícolas de trabalho, como uma pá e uma enxada, instrumentos característicos na época, entregue aos imigrantes. De acordo com Feldman (2003, p. 98:99), sobre:

[...] os primeiros contratos continham cláusulas muito rigorosas tanto para a zona urbana quanto para a zona rural. No início da colonização, os contratos para a zona urbana continham os seguintes termos: identificação do comprador, identificação do terreno, preço, condição de pagamento e prazo, casa de madeira serrada, cerco do lote, dimensões, distância da rua, tamanho das aberturas, alinhamento da rua, distância do recuo, plantio de árvores. Se os compromissos não fossem pagos na data de vencimento, o colono não só perderia o valor pago, como também as benfeitorias, sem qualquer indenização.

Em *Cágada*, surge o contrato de compra para os lotes: “a ACA deveria escriturar as terras aos patrícios, mesmo de graça, visando amarrá-los- emolumentos garantidos pela vendedora – e eles, na falta de colchões, não iriam confiar suas economias a grama e ao sereno” (MÁRSICO, 1974, 156). Percebe-se que houve a verossimilhança no contrato de compra e venda aos judeus na ficção, com objetivo de garantir que o imigrante não abandonasse as terras.

Martha Pargendler Faermann (1990) aponta em sua trajetória de vida na colônia, um resgate da vida de um dos diretores da ICA:

O Dr. Isidoro foi, sem dúvida, outro personagem de destaque na história da colonização judaica no Rio Grande do Sul. Chegou ao Brasil em 1934, acompanhado da esposa Anna e da única filha Mariela, para exercer o cargo de diretor da ICA [...]. Nasceu na Polônia, prestou serviço militar no Exército Austro-Húngaro. Fez estudos em Viena, diplomando-se em Agronomia; na mesma cidade casou-se com Anna Districhstein, natural da Romênia. O Dr. Isidoro trabalhou para a ICA no Canadá desde 1926. Deste país foi transferido para o Brasil, trabalhando como diretor na colônia de Quatro Irmãos até o ano de 1938, quando foi designado pela ICA para trabalhar na colônia fundada em Rezende, estado do Rio de Janeiro. Tal colônia teve com o objetivo assentar, principalmente, judeus provenientes da Europa, vítimas do nazismo. Permaneceu na colônia Rezende por cinco anos, deixando-a quando foi, em grande parte, desapropriada pelo Governo Brasileiro, com a finalidade de instalar na região a Academia Militar de Agulhas Negras. (PARGENDLER, 1990, p. 115).

Em *Cágada* a personagem Mister Glupp tinha a,

missão difícil da ACA, como um *viking* sem canoa, porém motorizado até os dentes, se propôs a realizar quando acampou em Cágada com a esposa e uma filha de vinte e tantos anos, mais tarde conhecidas e reverenciadas como Lady Hilda e Lady Salma. Mister Glupp veio com ordens expressas de não perder tempo. Dinheiro [a companhia] não faltava. E aí ele começou a construir a sede da *Armarish Colonization Association* e duas linhas particulares, uma férrea e outra telefônica, ligando aquele imenso território ao centro do então município de Nova Floresta (MÁRSICO, 1974, p. 15).

Aqui, a trajetória da personagem Mister Glupp é verossimilhante com a trajetória de vida de Dr. Isidoro Eisenberg, porque o personagem Mister Glupp igualmente ao diretor da ICA, Dr. Eisenberg tem a nacionalidade russa e emigram para Inglaterra. O ponto de partida para ambos, foi da Inglaterra para o Brasil, no período entre a I e II Guerra Mundial, também foram voluntários na guerra, casaram-se com mulheres judias; Lady Hilda [Anna Districhstein] e tinham em comum, uma única filha Lady Salma [Mariela Eisenberg, que posteriormente casou-se com Dr. Joely Back que residia em Porto Alegre], que na ficção, Lady Salma casou-se com um judeu, chamado de Muja, que morava no bairro Bom Fim [bairro de Porto Alegre].

Um entrevistado judeu revela,

[Isidoro Eisenberg] Era uma pessoa bem-apeçoada. Ele já tinha cabelo branco quando eu conheci. Provavelmente ele tinha uma estatura média e um físico não era gordo, era normal. Ele falava o português com sotaque, mas falava. O sotaque dele era bem carregado. [...] quando encerrou ele foi morar em Porto Alegre porque a única filha casada em Porto Alegre, ele foi morar perto dela (JOCHELAVICIUS, 2018).

Em *Cágada* a personagem Mister Glupp envia cartas para o chefe da ACA e surgem dificuldades com a conversação,

Maneio [não judeu prefeito de Nova Floresta] voltou impressionado com Mister Glupp. Embora a conversação fosse quase na base da mímica – pois Mister Glupp falava o português apenas para o gasto e Maneio o inglês nem para isso-pôde deduzir que a ACA não queria saber nada de política, não era espiã de coisa nenhuma (MÁRSICO, 1974, p. 19).

Nesse trecho, traz a dificuldade inicial do imigrante de aprender a língua portuguesa, e do nativo de se entender com o imigrante. A utilização de cartas, era o meio de comunicação dos diretores de Quatro Irmãos com a sede da companhia em Londres (CASSOL, 1985), isso vem de

encontro ao ofício de Isidoro Eisenberg, com a data de 8 de setembro de 1935, solicitando que o secretário Arnaldo Porto, secretário municipal da Prefeitura Municipal Erechim, emita um certificado de que “a empresa Jewish Colonization Association é uma sociedade colonizadora de elementos estrangeiros, desde o ano de 1912, dentro da Fazenda Quatro Irmãos”¹⁰². Em *Cágada*, Mister Glupp mandou uma carta, para Sr. Glorian, o chefe da companhia em Londres.

Sobre as atividades desenvolvidas pelo diretor Dr. Isidoro Eisenberg, ao seu retorno em 1943, na colônia Fazenda Quatro Irmãos, segundo Faerman (1990, p. 115) salienta:

O Dr. Isidoro a Quatro Irmãos, lá permaneceu até 1963, quando a ICA fechou seus escritórios no Brasil, encerrando suas atividades [...]. Vivendo em Quatro Irmãos, Isidoro Eisenberg viajou várias vezes ao Canadá para lá assentar famílias sobreviventes dos campos de concentração europeus, em grandes áreas adquiridas pela ICA a partir de 1950.

Em *Cágada*, a personagem,

Depois veio a guerra e Mister Glupp se ofereceu como voluntário (...). Mas, por estranho que parecesse, a guerra trouxe emprego para muita gente e Mister Glupp, que já estava acostumado a lutar para viver [...]. Mister Glupp, durante toda a II Guerra Mundial, viveu de pá e enxada nas mãos abrindo covas, enterrando [...] (MÁRSICO, 1974, p. 31-32).

Aqui, coincide que Isidoro Eisenberg trabalhou dando assistência aos sobreviventes da Segunda Guerra mundial. Isidoro também atuou como diretor na colônia Quatro Irmãos, no período de 1938 até 1963, período próximo entre a Segunda Guerra Mundial. Já em *Cágada*, Mister Glupp depois de trabalhar como coveiro na Segunda Guerra e chega ao Brasil, ou seja, coincide com o período que Isidoro esteve trabalhando na Segunda Guerra Mundial e vêm trabalhar para Fazenda Quatro Irmãos. Sobre a trajetória de vida de Eisenberg, um judeu que trabalhou no hospital, como dentista, a convite dele, afirma:

[Isidoro Eisenberg] conheci e tive até o prazer de trabalhar em Quatro Irmãos, graças a ele, porque quando eu comecei a trabalhar de dentista em Erechim passado uns meses, ele apareceu no meu consultório e veio falar comigo disse olha: Eu só conhecia de nome, não havia conhecido antes. Olha eu sou o Isidoro Eisenberg, diretor da ICA, queria falar contigo. Então ele veio e fomos falar: Nós tínhamos um dentista que vinha para Quatro Irmãos, ainda tava funcionando a ICA, tinha bastante gente lá, mas ele foi embora. E nós temos médicos, mas não temos dentista, você nasceu em Barão Hirsch que eu sei, conheço bem teu pai, eu fiquei sabendo que tu tá formado, por isso eu vim falar contigo, se tu não

¹⁰² Jewish Colonization Association. *Ofício para o secretário Arnaldo Porto, secretário de Boa Vista do Erechim*. 8 set. 1935. Fonte: Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font.

podia ir um dia por semana para Quatro Irmãos. Daí eu disse para ele: Olha teria que ter onde me instalar. Te dou uma peça no hospital, te dou uma outra peça para você poder dormir no hospital e alimento também no hospital. Mas, daí tenho um problema eu não tenho condução, como é que eu vou? Eu posso ir só se for fim de semana. Dia de semana eu não quero perder porque estava começando aqui (Erechim). Então, eu to começando... eu não queria perder meus dias aqui. Diz ele olha: nós podemos fazer o seguinte: A ICA tem, todos os dias vêm uma condução da ICA para Erechim, vêm serviços, eu às vezes venho junto, hoje, por exemplo, eu vim junto, tem dias que não precisa eu vir, falar alguma coisa importante que eu tenho que vir, caso contrário o motorista vêm sempre, toda a semana. Combinar com ele, daí ele te leva e te traz. Então na sexta-feira depois das 6, antes das 6 eu não vou ir. Daí na primeira sexta depois que combinamos. Daí eu comprei um consultório bem simples, e montei lá no hospital. O médico era da Itália, muito legal também ele, ele era jovem, mas também, já era casado, tinha uma criancinha pequena, e a esposa era italiana, não sei como é que foi parar ali. Não me lembro o nome dele. Montei o consultório lá. Daí um ano meio eu fui, todos os finais de semana. Então, tu vê eu trabalhava direto, trabalhava 5 dias aqui, e sábado e domingo lá. E daí os colonos da região ficavam sabendo que tinha dentista, eles vinham lá, e eu atendia no hospital (JOHELAVICIUS, 2018).

Aqui, sobressai um diretor que circula e busca pessoas para trabalhar na colônia, acessível e preocupado. Em *Cágada*: “O Mister, porém, era difícil no acesso e abordagem. Quando não estava enfurnado em casa ou no escritório, sumia para o mato, fiscalizando obras, o trator como liteira do senhor feudal” (MÁRSICO, 1974, p. 87).

O entrevistado judeu, aponta como era a moradia do diretor da companhia,

[...] e daí na primeira vez que eu fui o Dr. Isidoro Eisenberg veio junto, de certo ele precisava vir naquele dia, e eu fui junto com ele, me levou na casa dele eu jantei na casa dele. Então, eu conheci a casa, o que ele tinha na casa para mim foi surpresa muito grande porque eu não conhecia. Era uma casa montada com tudo que tem hoje nas casas boas, com e era inverno acho que era no mês de junho, que eu comecei a trabalhar em fevereiro, e lá eu comecei em junho. Era um dia frio, calefação funcionando, a mesa posta com três pratos como eu nunca tinha visto, e ele tinha uma cozinheira, e uma outra que servia, mas tavam de fardamento de cozinheira. [...] Tinha um jardim grande, bonito e tinha uma cancha de tênis no pátio dele. Ele jogava tênis com alguns da direção [...], mas a casa deveria ter uns dois dormitórios, porque ele tinha só uma filha, e uma sala grande, e cozinha (JOHELAVICIUS, 2018).

Em *Cágada*, a residência de Mister Glupp,

[...] em pouco tempo a sede da ACA começou a crescer no topo da planície – um prédio de alvenaria com dois andares, calefação e uma bela cocheira- e dormentes e postes começaram a ser deitados ao longo do futuro caminho que facilitaria o êxodo (MÁRSICO, 1974, p. 15).

Aqui, sobressai a verossimilhança do sistema de calefação que a casa possuía, porque não era comum as casas da época possuírem esse sistema. Quanto a localização situa-se na posição

estratégica central, aliás a rua principal de Quatro Irmãos chama-se Dr. Isidoro Eisenberg. Em *Cágada*, podem ser observados, os cuidados com a construção da casa de Mister, e o jardim, quando a personagem Lady Hilda, esposa de Mister Glupp regava as flores, todas as manhãs.

Mársico satiriza o conforto da casa de Isidoro Eisenberg comparando-a com um hotel, “só viu uma grande, bonita, a sede da ACA que ele pensou que fosse um hotel” (MÁRSICO, 1974, p. 29). Também surge a representação da parte interna da casa de Mister Glupp, quando a personagem Padre Nero entra, mas

[...] não era bem na sede, mas na porta que dava para a residência de Mister Glupp na mesma casa, porta ao lado, uns quinze metros aquém do escritório. Entrou como se fosse uma miniatura grotesca do Templo de Salomão, as madeiras de pinho envernizadas, recendendo a cedro do Líbano, cheiro de mundo importado, mistério de longe, e os móveis, os tapetes, os quadros a confessarem o ritual sagrado e privado duma estirpe que só o imprevisto e a causalidade poderiam desnudar (MÁRSICO, 1974, p. 76).

Nota-se que a casa de Mister Glupp era uma casa confortável para sua época, e que continha objetos religiosos dentro de sua residência. Também sobre a residência de Isidoro, a entrevista de um funcionário da ICA não-judeu afirma,

[...] meu pai trabalhava para um judeu que era o chefe, que vinha de vez em quando. Era o Eisenberg. O primeiro nome eu não me lembro eu só me lembro do segundo nome.
ICM- Que ele vinha dos Estados Unidos, lá de vez em quando...
ALL- É, ele vinha fiscalizar né! Ele tinha casa, tinha tudo. Tinha campo de tênis, tinha piscina, tudo naquele tempo já, naquela época. Então meu pai... meu pai, precisava fazer algum servicinho meu pai, então ia pra lá, pois era empregado né. Ele tinha uma casa boa, uma mansão os judeus tinham lá. Aqueles que paravam dos Estados Unidos paravam ali.
ICM- Já naquele tempo (LOUREIRO, 1995).

Nota-se, pela entrevista, que Isidoro Eisenberg, era um homem que viajava para Canadá e Estados Unidos, e que quando chegavam, membros da ICA, estes hospedavam-se em sua residência. Eisenberg desempenhou atividades no hospital, na Fazenda Quatro Irmãos,

[...] no primeiro período em que dirigiu a colônia Quatro Irmãos, destaca-se, dentre as realizações do Dr. Isidoro, a reorganização do hospital, sendo inaugurada a nova sede em 1935, com 8 quartos, 16 leitos, uma sala cirúrgica e cozinha muito bem equipada para a época. Aposentado em 1963, fixou residência em Porto Alegre, pois nesta cidade sua filha Mariela casara-se com o Dr. Joely Back. O Dr. Isidoro e sua esposa faleceram na capital do Rio Grande do Sul, respectivamente, em 1970 e 1981 (FAERMANN, 1990, p. 115).

Na fazenda, além do hospital foi instalada a sede da companhia. Em *Cágada*, “ninguém soube justificar como, mas a verdade é que, duma noite para outra, apareceu uma barraca bem

defronte à sede da ACA, com duas janelas, uma portinhola, um papagaio no poleiro e uma placa muito descarada: *Gimbo's Bar*” (MÁRSICO, 1974, p. 33). Nesse trecho evidencia que além da representação da moradia do diretor da ICA, em *Cágada* surge a representação do escritório diretivo da companhia, chamada de *Gimbo's Bar*, e representação do hospital, de Quatro Irmãos fundado em 1932, chamado ficcionalmente de “cocheira” pelas personagens.

Sabe-se que a colônia obteve prefeitura após emancipação em 1996, e que antes as decisões da colônia eram tomadas na sede da ICA. Hoje, a Prefeitura de Quatro Irmãos, situa-se na rua Marcos Nagelstein, nos antigos aposentos da sede da companhia ICA, e do seu lado esquerdo da rua, hoje situa-se o Memorial Leopoldo Cohen, no prédio do antigo do hospital, sendo a representação da cocheira em *Cágada*, porque surge a necessidade de um hospital, para onde a personagem Muja é atendido, “[...] já disse que tem que ser num lugar confortável. Precisamos de espaço. Talvez tenha que fazer uma sangria - Na cocheira – sugeriu Mister Glupp. – Ótimo – aprovou Padre Nero. – Já serviu de igreja. Pode servir de hospital”. (MÁRSICO, 1974, p. 76).

A Figura 17 é a sede da ICA na Fazenda, também Prefeitura de Quatro Irmãos.

Figura 17 - Prefeitura Municipal de Quatro Irmãos, *Gimbo's Bar* em Cágada.



Fonte: Acervo particular da autora. Data: 19 jan. 2018.

Acredita-se que o objetivo de Mársico, era satirizar a construção da sede da companhia, chamando-a de *Gimbo's Bar*, ou seja, chamando-o de bar, que era o local de reunião dos líderes em Cágada, no trecho: “A prefeitura e a câmara começaram a funcionar no *Gimbo's Bar* por uma questão de economia” (MÁRSICO, 1974, p. 156).

A Figura 18, do antigo hospital, hoje Memorial Leopoldo Cohen, abaixo, representa a “cocheira” em Cágada.

Figura 18 - Memorial Leopoldo Cohen, a cocheira em *Cágada*.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Data: 18 jan. 2018.

Chwartzmann (2005) menciona que na década de 60, Eisenberg soube do início da construção da Sociedade Israelita de Erechim, prontificou-se a ajudar na construção, no trecho Eisenberg dizia,

[...] eu vou a Londres daqui a alguns dias. Você faz uma carta explicando tudo o que vocês fizeram e o que precisam e eu levo a carta em mãos e falo com os chefes da ICA para ver se consigo alguma colaboração (CHWARTZMANN, 2005, p. 69).

Depois que foram encerradas as atividades da ICA em Quatro Irmãos, por volta de 1962, Isidoro Eisenberg empenhou-se na construção da Sociedade Israelita de Erechim na década de 1970. Isso vem de encontro, a representação da construção da sinagoga, em Erechim, porque a comunidade erechinense estava envolvida na arrecadação comunitária de fundos para sua construção, pode-se dizer que, Mársico soube do projeto de construção, no mesmo período histórico, em que escrevia a obra *Cágada*.

Gladstone Osório Mársico tinha vínculo social com Dr. Isidoro Eisenberg, como constata-se na correspondência de 02 de março de 1972¹⁰³, escrita por Mársico para Ana Eisenberg, esposa de Isidoro Eisenberg. Na carta diz que Ana Eisenberg havia enviado uma lembrança para Gladstone e interesse em conhecer o livro *Cogumelos de Outono*. Na mesma carta Gladstone agradece a lembrança e demonstra ter um vínculo afetivo,

[...] senti muito a notícia da morte de meu prezado amigo Isidoro Eisenberg. Era um homem de aparência tão saudável que jamais poderia imaginar fosse desaparecer tão cedo. Mas, a vida é assim mesmo: quando menos esperamos, vem o chamado. Transmito à senhora, embora tarde, as minhas sinceras condolências (MÁRSICO, 1972, s/p).

Além de demonstrar tristeza, na mesma carta envia um exemplar de *Cogumelos de Outono*, e fazendo votos que Ana [esposa Eisenberg] goste do livro e que “lhe envie as suas valiosas impressões do livro, aqui fico, como sempre, amigo e admirador” (MÁRSICO, 1972, s/p).

Também, a autora conversando com outros membros judeus sobre a personalidade de Isidoro Eisenberg, lembram que Isidoro era um homem à frente de seu tempo, “que com frequência viajava ao exterior e que enquanto cortavam pinheiros, Isidoro plantava-os para o futuro”.

Provavelmente, Mársico ficcionalizou a imigração israelita na colônia Quatro Irmãos, a construção da Sociedade Beneficente Israelita, e a trajetória verossimilhante de Mister Glupp, com a vida do diretor da ICA, Isidoro Eisenberg, que foi um dos diretores responsáveis pelo projeto de colonização, da Fazenda Quatro Irmãos.

¹⁰³ MÁRSICO. Gladstone Osório. *Correspondência para Ana Eisenberg*. 02 de mar. 1972.

3.2.2 Tio Henrique: o fundador do kibutz Porto-Alegrense

A história dos bairros de Porto Alegre, foi análise do Centro de Pesquisa Histórica vinculada a Coordenação de Memória Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre¹⁰⁴. De acordo com a *História dos bairros de Porto Alegre*, o

Santa Cecília trata-se de um bairro com território relativamente pequeno [60 hectares]: a partir de 1959, passou a compreender a região situada entre a Avenida Protássio Alves, esquina rua Ramiro Barcelos, até a rua Vicente da Fontoura, e a Avenida Ipiranga; por esta no sentido leste-oeste até encontrar a rua Ramiro Barcelos. A região era conhecida como “Caminho do Meio”, em referência ao velho caminho que é hoje a Avenida Potássio Alves, e ao nome da linha de bonde que percorria o bairro. O bairro se desenvolveu nos arredores da Igreja, que foi construída em 1943. Um estabelecimento de ensino que está situado há bastante na região é o Instituto Santa Cecília. Sua primeira atuação se deu a partir de 1946, tendo em vista a necessidade de uma creche para filhos de moradores do bairro, até então de famílias muito carentes. No dia 1º de fevereiro de 1952, as irmãs da Ordem Filhas da Caridade assumem o Instituto Santa Cecília, hoje denominado Colégio Vicentino Santa Cecília, que conta com ensino Fundamental e Médio. [...] Em 1956, foi inaugurado o Colégio Israelita Brasileiro, na Av. Protásio Alves esquina com rua São Vicente, em um prédio no qual se situa até hoje. Na Av. Silva Só, há a Escola de Bombeiros da Brigada Militar e, na esquina com a av. Ipiranga, o Ginásio da mesma corporação. Algumas construções impulsionaram o desenvolvimento do bairro, como por exemplo, o Hospital de Clínicas, no final dos anos de 1950, e alguns dos prédios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como as faculdades de Medicina, Odontologia, Farmácia e o prédio do curso Básico, atualmente ocupado pelo Instituto de Psicologia (CENTRO DE PESQUISA HISTÓRICA, 2019, p. 87-88).

¹⁰⁴ História dos bairros de Porto Alegre. Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf>. Acesso: 07 abr. 2019.

Figura 19 - Bairros de Porto Alegre: Localização do bairro Santa Cecília



Fonte: Disponível

em: <<https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=p8sbf%2beI&id=8F80AFE66CD1D375B871419A-FB0909756C45AE6D&thid=OIP.p8sbfelVjExAosmcpCGmgAAAA&mediarurl=http%3a%2f%2fwww.institutopackter.com.br%2f2012%2fSemana+2012%2flocaliza%c3%a7%c3%a3o+do+Instituto+Packer%2flocaliza%c3%a7%c3%a3o+do+IP+1a.JPG&exph=291&expw=449&q=bairros+porto+alegre+mapas+historia&simid=608032724915390763&selectedIndex=199&ajaxhist=0>>. Acesso: 07 abr. 2019.

No blog *Viamão antigo*, 14 de setembro 1741¹⁰⁵ indica a fundação de,

[...] um dos bairros mais tradicionais de Viamão, permanece intocado em sua mítica: muitas pessoas e a maioria dos moradores não sabem que o nome correto do local é Cecília e não Santa Cecília, talvez por analogia à Santa Isabel. Mas é raro encontrar um *ceciliense* que saiba de onde vem o nome deste importante polo político e econômico que se destaca a cada dia. O nome é uma homenagem à Cecília Scliar, esposa de Henrique Scliar, que por volta da metade do século passado resolveu lotear seu imóvel rural, dando início à expansão urbana da região. Judeu russo, Henrique Scliar fugira para o Brasil diante das perseguições aos judeus na Revolução Bolchevique de 1917. Radicado em Porto Alegre, mantinha amizade com intelectuais e políticos de esquerda e usava a chácara para reunir e receber amigos. Deste modo, a propriedade adquirida com um prêmio da loteria, acabou servindo de abrigo para as “férias” de Jorge Amado e Zélia Gattai, quando o escritor era deputado federal pelo PC do B, na segunda metade da década de 1940, fato registrado pela esposa do escritor em seu livro “Um chapéu para viagem”. Naquela época, a chácara do “seu Henrique” era apenas uma casa de campo aonde amigos da família vinham passar o fim de semana. Entre os hóspedes ilustres estavam Érico Veríssimo, Vasco Prado, Dionélio Machado, Lila Ripol, entre outros. Moacyr Scliar, um dos mais renomados escritores brasileiros, apesar da pouca idade que tinha, lembra com carinho de suas viagens à chácara do Tio Henrique: “Pouca gente sabe, mas existe, em Viamão, um lugar muito ligado à história da cultura no RS. Trata-se da Vila Cecília. Nos anos quarenta, esta região era uma chácara, de propriedade do sr. Henrique Scliar. Na chácara funcionava também

¹⁰⁵ Viamão Antigo. Disponível em: <<http://www.viamaoantigo.com.br/historias-34.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

um ateliê do Carlos Scliar¹⁰⁶, grande artista já falecido, filho do tio Henrique. Quando Carlos mudou-se para o Rio de Janeiro resolveu desmontar o ateliê. Fui ajudá-lo e lembro da quantidade de quadros e desenhos que ele rasgou, por considerá-los” superados “(hoje figurariam em qualquer museu). Com o tempo, entretanto, não foi mais possível manter a propriedade, e o tio Henrique teve de loteá-la.

A criação do bairro Santa Cecília associa-se a atuação pioneira de Henrique Scliar, tio de Moacyr Scliar. O historiador Aguiar (2018), ressalta que o nome para o bairro Santa Cecília se originou devido ser, “o nome [Cecília] da esposa do Henrique, e o nome do bairro vizinho que é o bairro Augusta, era o nome da filha ou sobrinha deles [família Scliar], era uma parente [de Henrique Scliar]” (AGUIAR, 2018). Segundo Lúbia Scliar Zilberknop, sobrinha de Henrique Scliar, diz,

O tio Henrique tinha como registro de nascimento 10/05/1897. Ele nasceu em outra data, mas eu não sei até porque a gente festejava o aniversário dele sempre em maio. A família veio antes da 1ª guerra mundial (em 1912 ou 1913) de uma aldeia da Ucrânia, a 100km de Odessa e muito perto da Bessarábia (hoje Rep. da Moldávia). Ele casou 2 vezes: a 1ª vez deve ter sido em 1919 porque o 1º filho nasceu em junho de 1920. A 1ª esposa era Cecília Stechman Scliar, que teve 3 filhos (o artista plástico Carlos Scliar, o comerciante Marcos e o fotógrafo e cineasta Salomão Scliar). Ficou viúvo em 1944 (nessa época, o filho Carlos, que fez parte da FEB, estava lutando na 2ª. Guerra Mundial). Casou a 2ª vez com Sara Indech, com quem teve a filha Rusy (artista plástica). Ele trabalhava no comércio e na indústria. Quando jovem, era alfaiate, e eu fui informada pelo meu sogro, que também era alfaiate, que o tio Henrique teria criado o que hoje seria o sindicato dos alfaiates. Teve uma fabriqueta no bairro *Partenon*, que, durante o tempo em que ele trabalhava lá, pegou fogo. Acho que isso aconteceu na década de 20. Eu me lembro, nos anos 40, da enorme fábrica de acolchoados na Av. Osvaldo Aranha, 1024 (ele morava no 1º andar – nº 1022, numa casa muito boa, com pinho de Riga, mármore de Carrara etc., coisa rara para os judeus, recém-imigrados e pobres. Outra particularidade que eu ouvi dos meus pais era: quando era bem jovem, ele atuava no teatro ídiche (a língua que os judeus da Europa do leste falavam) e, a cada vez que uma namorada desmanchava o namoro, ele ia se consolar em Buenos Aires e encontrar-se com o pessoal anarquista na *Plaza Lavalle*, defronte a uma das entradas do teatro Colón. Durante a vida, enquanto ele teve algumas posses, foi um entusiasta das artes, recebendo e hospedando, na sua casa, poetas, escritores, artistas, palestrantes etc. Escondeu o Jorge Amado numa época em que havia caça aos comunistas. O Jorge Amado e a Zélia Gattai, que eram muito amigos do Carlos Scliar, sempre que vinham a Porto Alegre, visitavam o tio Henrique. Na velhice, ele gostava muito de contar anedotas. Ele faleceu atropelado por um ônibus, acho que em 1986. [...] Era um homem alto, forte, claro, olhos azuis. [...] A gente dizia “chácara”, mas, a rigor, pelo tamanho, era uma fazendona no município de Viamão. [...] Além do que foi mencionado acima, ele teve uma olaria na chácara e depois, como teve que lotear a chácara por motivos financeiros, ele vivia da venda desses terrenos (hoje Vila Cecília). A fábrica de acolchoados ficou para

¹⁰⁶ Carlos Scliar, filho de Henrique Scliar, primo de Moacyr Scliar, nasceu em Santa Maria em 1920 e faleceu em 2001, sendo um dos maiores artistas plásticos do Brasil. Pintor, gravurista e desenhista. Militante Comunista. Ilustrador da *Revista do Globo* e revista *Horizonte*, porta-voz da Frente Intelectual do PCB/RS. Um dos criadores do histórico Clube da Gravura, estuário do realismo socialista entre nós. Combatente pelos direitos do homem, participou de grandes campanhas internacionais pela paz e contra as armas nucleares ao lado de Pablo Picasso, Jorge Amado e Pablo Neruda. Ético até a medula, viveu e morreu indignado contra a exploração capitalista, segundo (MARÇAL, 2008, p. 124).

os 2 sócios e a olaria acabou. [...] Na juventude, era anarquista. Sempre foi de esquerda (ZILBERKNOP, 2018).

Em *O exército de um homem só*, a trajetória de vida ficcional de Mayer é verossimilhante com a trajetória de Henrique Scliar, porque Mayer Ginzburg também imigra da Rússia para o Brasil com sua família por volta de 1916. Quanto as características físicas, Mayer era alto e magro, trabalhava no comércio e posteriormente na indústria, residia no bairro Bom Fim [imaginário], com sua primeira esposa e seus dois filhos, separando-se posteriormente, era politicamente envolvido com a ideologias da esquerda. Na entrevista, de Irineu Grinberg, primo-irmão materno de Moacyr, sobre seu tio Henrique Scliar afirma,

[...] Henrique Scliar era mais ou menos alto, cerca de 1.75 pra mais, bem-falante, e muito simpático que comprou uma chácara em Viamão, no local onde estão localizados os bairros Vila Cecília (nome da primeira mulher do Henrique) e Vila Augusta. Henrique foi um empreendedor, pois possuía uma fábrica de acolchoados, (hoje seriam edredons) depois transferida ao irmão José (pai do Moacyr) olaria em Viamão além de essas terras em Viamão, onde ele lançou os loteamentos. Mas, morreu pobre. Seus filhos são: Marcos (utopista) Carlos (um dos mais renomados artistas plásticos do país), Salomão (renomado fotógrafo) e Rusy, filha do segundo casamento (comerciante e artista plástica). O vínculo partidário político de Henrique Scliar, comunista, sem dúvidas... naquela época existia o comunismo emanado da União Soviética e o líder máximo era Stalin. Não posso imaginar qual seria a tendência dele nos dias atuais (GRINBERG, 2018).

Na entrevista, seu sobrinho diz, que

Henrique Scliar foi militante juvenil, nos movimentos sociais e políticos na Europa. Chegou a Porto Alegre com 17 anos em 1914 bastante maduro. Tinha então 8 irmãos, um dos quais Jose, pai de Moacyr. A mãe Ana emigrou viúva. Foram morar em uma pequena casa na rua Voluntários da Pátria, beira do Guaíba. Uma vida de sacrifícios, não seguiram para as colônias em Erebangó ou Santa Maria. Henrique, posteriormente, torna-se um empresário bem-sucedido, mas jamais abandonou seus ideais e utopias. Entusiasta por espetáculos ou conferências, levou uma vida de intelectual e enviou seu filho Carlos, para o Belas Arte de Paris, onde estudou por quatro anos. Seu relacionamento com o mundo político e intelectual brasileiro de esquerda era intenso. Contou-me Henrique um episódio de 1919, em Buenos Aires houve uma grande greve e insurreição popular. Henrique foi para lá participar do movimento. Foi preso e levado ao fuzilamento. Conseguiu fugir (era um homem forte e corpulento). Quanto no Estado Novo ou depois comunistas eram presos, ele levava roupas, livros e cobertores para ajudá-los nas celas. Encontrei breves referências a sua participação na fundação do partido comunista em 1922. Mas, na verdade ele não era comunista, mas adepto das teorias anarquistas e militante no anarco-sindicalismo (WREMYR SCLIAR, 2018).

Na entrevista, o irmão de Moacyr Scliar, comenta sua participação com os intelectuais esquerdistas, e participação do anarquista Henrique Scliar, na fundação do partido comunista.

Conforme o irmão de Moacyr Scliar (WREMYR SCLIAR, 2018), ressalta que ele, “teve relações profundas com seus tios, especialmente o anarquista e intelectual Henrique Scliar e com seu filho o pintor Carlos Scliar, assim como com suas primas Esther, reconhecida como compositora e Leonor, autora e professora de letras”.

O historiador, Airan Milititsky Aguiar, sobre a compra da chácara salienta, que

[...] o Henrique era um comerciante, e grande parte do dinheiro que ele faz no bairro Bom Fim ele faz como alfaiate nos primeiros tempos e depois como dono de uma loja de colchões, e aí ele faz algum dinheiro, e parece que ele ganha alguma vez na loteria, com o dinheiro que ele ganha nesse tipo de prêmio, ele compra uma chácara em Viamão, e na chácara ele faz a chamada Vila Cecília que era uma olaria. Pelo que me contaram o Hans Baumann, que foi presidente do clube [Clube de Cultura]. [Hoje] Pode encontrar a chaminé da olaria, que era da fábrica de tijolos do Henrique e antigamente uns anos atrás você poderia encontrar a casa do Henrique que ainda existia, e foi demolida, e nessa casa ele abrigou vários intelectuais, eu sei de pelo menos Graciliano Ramos, Barão de Itararé, o Jorge Amado, a Zélia Gattai no livro dela chamado *o Chapéu para a viagem* que cita a passagem dela por Porto Alegre a relação dela com Henrique, têm um trecho bem pequeno que ela fala que o Henrique era um tipo de anarquista, ela era esposa do Jorge Amado (AGUIAR, 2018).

Henrique Scliar comprou uma extensa chácara colônia em Viamão, e neste local fundou uma vila, chamada de Vila Cecília, bairro predominantemente afrodescendente, e nesse local construiu uma olaria [sem nome]. Com o passar dos anos, devido ao crescimento populacional, houve modificações nas divisões dos bairros de Porto Alegre, por isso a área correspondente da olaria, situa-se hoje, conforme o entrevistado, “fica logo na entrada de Viamão, primeiro bairro passando Porto Alegre, o bairro vizinho, é a primeira parada em Viamão de ônibus. Tem o Santa Isabel que é colado na URGS, do lado é o bairro Cecília¹⁰⁷” (AGUIAR, 2018).

Em *O exército de um homem só*, “Mayer negociou a compra da antiga propriedade de Marc Friedmann [amigo judeu], no Beco do Salso [nome do sítio tido como abandonado]” (SCLIAR, 1973, p. 102), construindo nessa chácara uma construtora chamada Mayrik.

Em *O exército de um homem só*, Mayer compra livros de Jorge Amado, e batiza seu filho com o nome de Jorge. A esposa de Jorge Amado, Zélia Gattai, ao escrever sobre sua família, afirma:

a chácara do seu Henrique não tinha fruta de espécie alguma, mas era encantadora. A casa rústica, construída numa pequena elevação, dava sobre um bosque; ao lado, antes de entrar

¹⁰⁷ A pesquisadora visitou e encontrou os vestígios no local, que se encontram em Porto Alegre, no bairro Santa Cecília, no endereço da rua: Plácido Mottin (sem número) ao lado da empresa de ônibus, Evel Expresso Veraneio, na divisa com a rua: Aparício Borges. Os vestígios eram a chaminé da olaria e próximo do local, e antigos moradores comentaram ter trabalhado para Henrique Scliar na olaria.

na mata cerrada, havia uma piscina natural, toda de pedras, transbordante de água cristalina provinda de uma nascente...Era começo de semana e passamos, os dois sozinhos, dias inesquecíveis, deitados em redes sob os arvoredos, banhando-nos na piscina, fugindo ao sufocante calor do tórrido verão gaúcho. Uma empregada nos servia, e, ao meio-dia em ponto, chegava um carro trazendo-nos almoço e jantar e os jornais. Tão próximos da cidade e, no entanto, estávamos em plena selva, longe da civilização... (GATTAI, 1982, s/p).

Hospedar-se na chácara era um espaço de lazer, porém era um refúgio da censura, no período de regime militar, porque “escondeu-os na Vila Cecília, em Viamão, após a cassação dos parlamentares comunistas em 1948, durante o governo do general Eurico Gaspar Dutra” (MARÇAL, 2008, p. 124). O irmão de Moacyr, Wremyr Scliar (2018), ressalta; “Henrique possuía uma chácara, perto da cidade, em Viamão, nessa chácara no verão ele oferecia transporte e churrasco, declamações, música e no final um banho gelado em uma piscina de água corrente”.

Bernd (2012) sobre os vínculos de amizade, acrescenta que hospedava também os escritores: Samuel Wainer¹⁰⁸, Pablo Neruda¹⁰⁹. Dessa maneira, Moacyr conheceu escritores consagrados na Literatura, devido ao convívio social de seu tio. Segundo Bernd (2012, p. 38):

A família de Moacyr Scliar, seus pais, avós, tios e primos reuniam-se frequentemente. Henrique, o pai do pintor Carlos Scliar, já era anarquista; outros tios eram socialistas. Nas suas casas não faltavam livros. Liam-se Jorge Amado, *Reclus*, Graciliano Ramos, *Tchecov*, *Romain Rolland*, *Martin du Gard*. Nas paredes reproduções da pomba da paz de Picasso, gravuras de Vasco Prado, Portinari. Discutiam sobre a Segunda Guerra, depois a criação do Estado de Israel, o getulismo, a Guerra fria, os filmes do Neorealismo italiano, teatro. O ambiente estava sempre em efervescência. As discussões seguiam noites adentro, ora acaloradas, ora cheias de risadas. Isso tudo refletia a nostalgia mal escondida daquilo que ficara para trás e agora plenamente revelado no pós-guerra: fora totalmente aniquilado pelo nazismo. Reuniram-se para ouvir poesias, cantores, instrumentistas e até corais – isso nas próprias casas.

Em *O exército de um homem só*, quanto a localização da colônia fundada por Mayer Ginzburg, a ficção descreve,

[...] tomarão um bonde, descerão no fim da linha, farão o resto do trajeto a pé. As casas irão escasseando. Surgirá a mata, a natureza. Eles aspirarão o ar puro e sorrirão. Terão

¹⁰⁸ Samuel Wainer, foi um jornalista e empresário russo - brasileiro, fundador, editor-chefe e diretor do jornal *Última Hora*. Foi casado com a modelo e jornalista Danuza Leão e teve três filhos: a artista plástica Débora "Pinky" Wainer, o cineasta Bruno Wainer e o jornalista Samuel Wainer Filho.

¹⁰⁹ Pablo Neruda, considerado um dos mais importantes poetas da língua castelhana do século XX e cônsul do Chile na Espanha e no México. Recebeu o Nobel de Literatura em 1971, enquanto ocupava o cargo de embaixador na França, nomeado pelo então presidente chileno Salvador Allende.

chegado. Cruzarão o antigo portão de ferro batido; caminharam por uma trilha malcuidada entre altos arbustos; chegaram a um largo descampado; e lá, sobre uma suave elevação, estará a casa. Em 1929 a casa já será velha. Um desenho de Mayer Ginzburg, mostra-a, muito grande, com uma larga porta e muitas janelas. O estilo tende ao colonial. O material é de boa qualidade, embora a pintura esteja bastante maltratada. Rodeiam-na matos e nascentes (SCLIAR, 1973, p. 27).

Aqui, o percurso para chegar na chácara, o bonde era o meio transporte utilizado na época, e as descrições da casa estilo rústico, é verossímilante com o trecho descrito por Zélia Gattai. A sobrinha de Henrique Scliar, Leonor Cabral Scliar (2018) ressalta:

[...] era um homem alto, de postura elegante e muito bonito e simpático. Henrique Scliar, dos filhos homens de minha avó Ana, era o segundo mais velho. Desde cedo, aderiu aos ideais anarquistas, era vegetariano, tinha uma vastíssima biblioteca e sempre acolheu os intelectuais em sua casa, como Jorge Amado. Foi empresário de uma fábrica de acolchoados, primeiro, na rua Fernandes Vieira e, depois, na Oswaldo Aranha e inventou alguns equipamentos. Mas, como todo o sonhador, sonhava mais alto do que a realidade: depois de ter sido proprietário de terras que deram origem à Vila Cecília, em Viamão e nas praias do Guaíba (hoje valorizadíssimas), acabou perdendo tudo. Teve três filhos do primeiro casamento com Cecília: Carlos (o célebre pintor), Marcos (dirigente da umbanda no Rio de Janeiro) e Salomão (na época, o maior fotógrafo do Brasil e precursor da *nouvelle vague* no cinema). Do segundo casamento, nasceu-lhe a filha Ruse, artista plástica.

Henrique Scliar separou-se da primeira esposa e morreu pobre, “viveu a vida inteira no bairro Bom Fim de Porto Alegre. Vítima de acidente de trânsito, faleceu nessa cidade em 19 de abril de 1986” (MARÇAL, 2008, p. 124). A personagem Mayer tinha filhos, Jorge e Raquel, também em 1957 separou-se da esposa, sua empresa faliu, ele foi sustentado pelo filho Jorge, morando numa pensão. Em *O exército de um homem só*, surgem previsões futuras do abandono da colônia,

[...] o Capitão Desce no Fim da Linha daí em diante a trajetória será a pé Birobidijan ilustrou a no álbum “Exército de Um Homem Só” o primeiro desenho mostra sua chegada ao sítio de Mark Friedman no beco do salso do alto do morro Birobidijan contempla a cidade seus pés notas em seu rosto *coragem determinação* em um certo *estoicismo* os punhos cerrados evidenciam força e as botas apoiam-se solidamente sobre a terra a propriedade estava abandonada há muitos anos desde a morte de seu pai Marc Friedman não foi mais lá o lugar letras e atrizes recordações uma corrente e um grande cadeado fechado no portão. O segundo desenho mostra a destruição por Birobidijan desafio símbolos de propriedade suas mãos em punho uma grande pedra e seus lábios sempre abrem um sorriso jubiloso quando os olhos notam que o cadeado começa a ceder a distância o cavalo observa-o com espanto [...]. O capitão da uma volta em torno da casa espiando pelos vidros quebrados ver sujeira e Desolação decide não entrar traz consigo uma pequena barraca dormir aí ela. Limpa o terreno em frente à casa usando para isto ferramentas que achou num galpão. Rompendo a névoa o sol começa a esquentar o campo o capitão tira primeiro a blusão de couro e logo a camisa (SCLIAR, 1973, p. 58).

Nota-se que o projeto de colonização representado na ficção não atingiu os objetivos de torná-la uma colônia agrícola produtiva socialista, mas Mayer jamais desiste da tentativa de fundá-la, mesmo em seu leito de morte, essa característica utópica de persistir em seus ideais, é verossimilhante, segundo o irmão de Moacyr (WREMYR SCLIAR, 2018), “Henrique Scliar mesmo tornando-se empresário bem-sucedido jamais abandonou seus ideais e utopias”. Nota-se que Moacyr Scliar, expressa em sua obra, um certo eufemismo, que marca essa característica de persistência na personagem, porque ele repete na escrita do livro, para leitor leia várias vezes na narrativa, o trecho; “que iniciamos neste momento a construção de uma nova sociedade” (SCLIAR, 1973, p. 9).

Henrique Scliar loteava suas terras do bairro Santa Cecília aos seus operários de sua olaria, em forma de pagamento ele concedia-lhes uma gleba de terra, assim os lotes foram loteados. Em *O exército de um homem só*, Mayer resolve fundar Nova Birobidijan em Porto Alegre, no Beco do Salso,

Mayer Ginzburg tem ideias. Formarão uma colônia coletiva Léia, José Goldman, e ele. Ficará longe de Porto Alegre; não muito longe, é claro, pois de lá terá de vir, um dia a Grande Marcha, haverá um mastro, onde flutuará ao vento a bandeira de Nova Birobidijan. Semearão milho e feijão. Tratarão as plantas como amigas como aliadas no grande empreendimento. Criarão um porco - o Companheiro Porco; uma cabra - a Companheira Cabra; uma galinha - a Companheira Galinha. O Companheiro Goldman gostará do Companheiro Porco, a Companheira Léia gostará da Companheira Cabra, mas o Companheiro Mayer Ginzburg não gostará da Companheira Galinha - Não saberá porque, mas não gostará. Se esforçar para gostar, mas não conseguirá. Leia o criticar a ele reconhecer o seu erro, mas nada poderá fazer a respeito. Morarão em barracas num pequeno telheiro instalaram o palácio da cultura onde estarão expostos os desenhos do Companheiro dizer onde a companheira Léia declamará *Walt Whitman* e o companheiro José Valdo não ler as suas proclamações a colônia terá um jornal (SCLIAR, 1973, p. 15).

Aqui, o imigrante judeu é representado como um colono, porque sai da cidade e vai trabalhar no campo na plantação de milho e feijão, e no trato de animais. Em *O exército de um homem só*,

[...] os dias que se seguem verão uma febril atividade em Nova Birobidijan. É tempo de semear, eu colonos e meia milho e feijão na Terra Preta e úmida. Neste trabalho seu coração bate depressa e sua respiração se acelera; anseia por ver brotar as primeiras folhas. Tratará as plantas como amigas: estarão ao seu lado no grande empreendimento o milho, e o feijão, o milho puro, franco e Leal, o feijão pouco de simulado, mas ambos companheiros. A colheita lhe trará certa dor; arrancar as espigas macias e as belas vagens. Sim ele o fará, mas não as venderá no mercado não submeter os delicados vegetais a lei da oferta e da procura. Comê-los; incorporando-se assim ao eterno ciclo da natureza o capitão não se dedicar a somente as atividades agrícolas seu temperamento é também

pastoril e uma das poucas vezes em que sai de Nova Birobidijan traz um porco uma cabra e uma galinha o companheiro porco a companheira cabra e a Companheira galinha (SCLIAR, 1973, p. 59).

Nesse aspecto, mostra o trabalho da colônia e que a produtividade não seria vendida, mas dividida entre os membros, ou seja, os animais que o acompanham, devido ele estar só. Essa iniciativa, de Mayer na ficção relaciona-se a formação de um kibutz no Beco do Salso, que para o irmão de Moacyr Scliar, a representação da personagem,

"capitão" do livro *O exército de um homem só*, é efetivamente inspirado em seu tio Henrique, cujo sonho e utopia era o socialismo. A situação lembra muito as fazendas coletivas da União Soviética ou os kibutzim de Israel. O surrealismo tem a ver oniricamente com a revolução socialista" (WREMYR SCLIAR, 2018).

Bahat (2002) ressalta que o surgimento do kibutz iniciou, "em 1905 uma imigração motivada ideologicamente, fundamentada sobre os princípios do trabalho judaico, de colônias agrícolas independentes" (BAHAT, 2002, p. 47). O kibutz tem relação com a,

[...] valorização do trabalho da terra recuperou o auto respeito de um povo do qual a diáspora tinha retirado o contrato com a natureza. O kibutz – um dos poucos experimentos bem-sucedidos de comunismo com liberdade; um país democrático e igualitário que tinha um movimento trabalhista que controlava em formas cooperativas ou coletivas de trabalho; uma vibrante vida científica isso era profunda fonte de orgulho. A nova cultura judaica secular promovida em particular, mas não somente, pelos kibutzim, revalorizou nas festas judias sua relação com as fases do trabalho agrícola, e os símbolos religiosos deram lugar a símbolos nacionais e seculares (SORJ, 2011, p. 93-94).

Nota-se em *O exército de um homem só*, essa valorização do trabalho agrícola, e a formação de uma colônia coletiva. No início do século XX, houve maior movimentação para fundação de kibutzim, sendo a

[...] "fase revolucionária" do movimento kibutziano, a identificação coletiva no kibutz é intensa, as relações entre os membros são espontâneas e diretas, os controles sociais são basicamente informais e há pouca diferenciação de funções. O grupo que constitui o kibutz é relativamente homogêneo, formado por jovens de ambos os sexos que deixaram suas famílias e local de nascimento para se unirem a outros que compartilham do mesmo ideal. Ao abandonar sua antiga vida, eles questionaram as tradições e o modo de vida pequeno burguês e, colocaram a solidariedade grupal acima dos interesses familiares (PINSKY, 2000, p. 105).

Em *O exército de um homem só*, semelhantemente aos membros revolucionários, Mayer é ainda jovem quando abandona sua família, e sua antiga vida, lutando pelo ideal de fundar o kibutz, que segundo Pinsky (2000, p. 104), é uma organização,

caracterizada pela propriedade coletiva dos bens e pela organização comum da produção e do consumo. Idealmente o *chaver-kibutz* [diretor do kibutz] não possui nada a não ser pequenos presentes que ganha e alguns objetos de uso pessoal que pode comprar com a restrita quantia anual que recebe para tais despesas. Fora isso, todos os ganhos vão para o kibutz (mesmo quando, por qualquer motivo, o *chaver* tem ganhos fora, estes vão para a caixa comum). As casas, roupas e máquinas usadas pelos *chaverim* pertencem ao kibutz- eles não recebem salários, por outro lado, não tem gastos particulares com moradia, vestimenta, saúde e alimentação. Em vários Kibutzim, mesmo livros, rádios, discos e presentes recebidos pertencem ao coletivo, podendo ser usufruídos por todos.

Aqui, a renda adquirida no kibutz, é compartilhada por todos os membros em partes iguais, como os espaços públicos. Pinsky (2000) afirma que não há diferenças de gênero, pois as mulheres trabalham “ao lado dos homens em trabalhos braçais produtivos e no sistema de defesa exercendo atividades tidas como masculinas na sociedade externa” (PINSKY, 2000, p. 106).

Em *O exército de um homem só*, a personagem Santinha, uma não judia trabalha no kibutz, no Beco do Salso, realizando atividades dentro do comitê de Limpeza. Existe na ficção uma organização do kibutz dividida em comitês, chamados; comitê da limpeza, comitê da comida, comitê de estudos políticos, este último dirigido por Mayer. Um entrevistado judeu economista, sobre a organização do kibutz revela,

Kibutz eu vou te explicar, mais ou menos. Digamos que Israel, abraça o mundo né. Então naquela época tinha muita gente inclusive de lá que não tinha o poder (indecifrável). Eles se reuniam em uma espécie de colônias em grupo, é o socialismo perfeito, então tinha os organizadores do *kibutz*, tinha todo mundo trabalhava, mas toda a renda que tinha era do *kibutz*, e então essa renda era distribuída entre o pessoal que morava no kibutz. Então os restaurantes eram coletivos, era tudo coletivo, era uma comunidade que vivia e trabalhava dentro do Estado de Israel hoje tem alguns (CHARCHAT, 2018).

O kibutz é uma colônia coletiva, em que todos componentes do kibutz trabalham e recebem o mesmo salário, realizando atividades coletivas, considerado o “socialismo perfeito”. Esse conceito é discutido teoricamente pelo sociólogo, Waldirio Bulgarelli, ao afirmar que:

[...] os socialistas extremados chegaram a acusar o movimento kibutziano de se perfilhar

ao “socialismo utópico”, o que revela bem o sucesso de sua realização, despertando novas esperanças para uma ideia de uma comunidade igualitária de vida comum integral, em harmonia quase-perfeita [...] (BULGARELLI, 1966, p. 20).

Nota-se que inicialmente existia esse “socialismo perfeito” no projeto de criação dos kibutzim em início do século XX, e que tal projeto foi pertinente para sua época de criação, mas que agora, em visitas em Israel, o projeto kibutziano está mudando ideologicamente¹¹⁰, direcionando-se ao capitalismo.

[...] com o desenvolvimento econômico, a sociedade israelense foi adquirindo um caráter mais urbano e capitalista, corroendo, assim, o sentido agropastoril e trabalhista que a cultura colonizadora procurou dar às festividades e os valores judaicos. Os Kibutzim passaram por uma profunda crise, e se bem conseguiram sobreviver, adaptando-se às novas circunstâncias, perderam seu peso simbólico, e a sociedade israelense, a partir dos anos 1970, passou a ser cada vez mais desigual (SORJ, 2011, p. 94).

Outro aspecto, em *O exército de um homem só*, é a questão de Mayer, construir uma piscina clube e um Palácio de Cultura, “Mayer Guinsburg fechou os olhos e viu então Nova Birobidijan, as plantações, os Companheiros animais, o mastro, o Palácio de Cultura” (SCLIAR, 1973, p. 50).

A representação da piscina clube na obra, *O exército de um homem só*, pode estar relacionada a construção da piscina do Clube Campestre¹¹¹, fundado em 22 de agosto de 1958, ou da piscina, que ficava dentro da chácara de Henrique Scliar.

De acordo com Eizirik (1984, p. 89) o Clube Campestre localizava-se “em Ipanema, na rua Coronel Marcos [nº 1345], com praia particular, jardim e duas casas de alvenaria [...] e a primeira

¹¹⁰ Sabe-se que o período de 1918-1948, foi a fase de consolidação ideológica dos kibutzim. Nessa fase, inclusive, houve casos em que a influência do socialismo foi tal que chegou a prejudicar um movimento, ultrapassando até orientação sionista e a concepção nacional do Estado Judeu, pois muitos hebreus entusiasmados com as ideias da revolução bolchevista em 1917, adotaram a teoria antissionista e abandonaram o país e indo para a Rússia [...]. Isto demonstra que a tentativa de muitos autores judeus transformaram o kibutz numa ideia autêntica e original baseada exclusivamente sobre a ideia sionista e de consolidação de um estado nacional judeu não é correta, pois são demasiadamente claras as manifestas e influências dos ideais de realizar ações socialistas, no movimento que essa tal tentativa pode ser louvável vista pelo aspecto dos ideais sionistas, não é admissível, do ponto de vista da realidade do aspecto científico, que não se admite na interpretação de dados sócios-econômicos nenhum preconceito inclinação determinada, portanto tenha ser como demonstrado que eu movimento kibutzim, de apesar de possuírem alto grau sentido dos ideais sionistas as tinha plenamente consciente uma orientação ideológica de cunho socialista e hoje perdura e cresce continuamente a ponto de uma facção desse movimnto ter se inclinado para o socialismo extremado, vale dizer para o comunismo, de outra parte suas ligações com a *Histadruth* (Confederação geral dos Trabalhadores) e a insistência de seus membros em consolidar-se não como simples agricultores, como na realidade ouçam, mas como trabalhadores, o que na concepção ocidental se deveria compreender como operariado, pois a descoberto essa inclinação socialista e interessante é observar que a implantação do kibutzim poderia ter criado com a mesma possibilidade de êxito os *moshavim*. [...] Esta filiação ideológica ao socialismo não retira aos kibutzim o seu valor e a sua importância, como forma, de realização socioeconômica. E muito menos a circunstância de não serem totalmente originais pode diminuí-los perante as demais realizações, segundo Bulgarelli (1966, p. 19:20).

¹¹¹ A Piscina Clube, hoje chama-se Club Campestre Macabi, e em agosto de 2019, completou 61 anos.

piscina foi construída em 1965”, mas quanto a piscina da chácara, segundo a sobrinha de Henrique Scliar (ZILBERKNOP, 2018): “era uma piscina feia, sem azulejos, mas eu, que era uma criança, adorava passar os domingos lá, onde o tio José (pai do Moacyr Scliar) fazia churrasco, as mulheres faziam as saladas; de tarde, tomava-se chimarrão com bolo, e a gente vivia na piscina, caminhava pelas árvores etc.”

Possivelmente, esse Palácio de Cultura tratado ficcionalmente em *O exército de um homem só*, possa ser a representação do Clube de Cultura¹¹². Airan Milititsky Aguiar (2018), presidente do clube afirma, que existiu uma Liga Cultural Israelita dentro das dependências do Centro Israelita Porto-Alegrense, vinculada a discursão idichista¹¹³, e que o tio de Moacyr Scliar, o

Henrique participava ativamente disso, porque o Henrique era um idichista [...] O pessoal que colocava bem claro, tem reminiscências, mas o pessoal que colocava que na verdade o judeu deve se integrar, mas sem abandonar o seu legado cultural, a sua tradição. E a tradição não é religiosa, é a tradição viva do povo ativo essa tradição não era vinda do mundo sagrado, mas do mundo profano, e a língua do profano é a língua da mãe que se fala em ídiche que é o ídiche. A experiência do ídiche criada a partir da língua da diáspora, que, depois foi depois tachada como a língua da vergonha, era o que defendia o Henrique essa literatura, essa cultura criada na diáspora do leste europeu e toda a bagagem cultural depois foi se sugerando nesse ambiente, o Henrique era uma pessoa que defendia isso, e então, vamos dizer assim em geral, toda essa experiência que os judeus tiveram na Europa Oriental dentre si, dentro de um imenso território criando uma língua em 2 mil anos chamada ídiche (AGUIAR, 2018).

¹¹² O Clube de Cultura é uma experiência internacional, com uma federação de clubes. Antes da II Guerra Mundial a construção do fascismo na Europa, estabeleceu uma estratégia de enfrentamento ao fascismo pela esquerda mundial, e a principal tese da maneira de enfrentar foi uma postulada chamada Frente Popular, quem vai lançar essa tese foi um russo chamado *Georgi Dimitrov*, que ele vai fazer um informe uma comunicação no congresso internacional comunista proclamando as pessoas a participarem da Frente Popular, ou Frentes Únicas, também chamadas. Ele vai fazer uma série de estratégias de enfrentamento, e uma das estratégias que ele vai colocar é a Frente Cultural antifascista. Então em 1936 em Paris, ocorre um congresso de escritores antifascistas já alinhado com a postura de Frente Popular, que Georgi Dimitrov lança em 1935. E nesse congresso houve um destacamento judaico, houve uma delegação judaica e eles estipulam que no ano seguinte eles fariam um congresso intrinsecamente judaico, para lançar uma veia cultural judaica antifascista. Então ocorre o 1º Congresso em Madrid sediado para dar apoio a guerra civil espanhola pelos republicanos e o 2º Congresso ocorre em Paris em 1937 e nesse congresso é criada uma instituição chamada em ídiche. Federação Cultural judaica. E o clube ele foi afiliado a essa federação cultural que era uma forma de enfrentamento cultural ao fascismo. Núcleos existem no mundo inteiro, é muito amplo isso, e no Brasil teve na Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Santos, Niterói, Curitiba, Porto Alegre, e talvez mais algum lugar (AGUIAR, 2018).

¹¹³ Em 1959 houve uma publicação feita pelo ICUF do Rio de Janeiro, comemorativa ao centenário de nascimento de *Scholem Aleichem*, um dos clássicos da literatura ídiche. Neste livro, em que foram traduzidos quinze contos para o português, a União Cultural Israelita-Brasileira - ICUF pretende “levar a milhares de lares no Brasil, as palavras sábias e os ensinamentos de *Scholem Aleichem*, visando ajudar à compreensão e ao entendimento entre povos, no espírito do humanismo do grande clássico”. Esta busca de entendimento entre os povos, da paz, marca fundamental da política do ICUF, se tornará tema de debates no Clube de Cultura. Para ser exequível esse ideal, era necessário um lugar que comportasse as atividades a que se propunham (AGUIAR, 2009, p. 74:75).

Dessa forma, a formação de clubes partiu de uma federação cultural mundial, Henrique Scliar como membro, propõe ao seu sobrinho, Mauricio Kotlhar, realizar um jantar a fim de fundar uma nova sociedade cultural, em 30 de maio de 1950¹¹⁴.

O presidente do Clube de Cultura (2018), salienta que inicialmente alugaram uma casa, na rua Ramiro Barcelos nº 1853, que pertencia ao erechinense Gregório Ioshpe, mas que com o passar do tempo, a casa não dava conta das necessidades para as atividades; de literatura, teatro, poesia e música. Então, os sócios resolveram fazer um empreendimento viabilizando uma sede maior composta de: anfiteatro, sala de reuniões, e biblioteca. Para arrecadar fundos, cada um dos sócios doou o que podia para comprar o terreno, mas não conseguiram o dinheiro suficiente para construção da sede, por isso construíram um edifício e na venda dos apartamentos embutiram os custos da construção do clube¹¹⁵. Então, “era um prédio coletivo. Na verdade, a maior parte dos moradores eram sócios do clube. Então as pessoas moravam no prédio e tinham o clube como um espaço para atividades coletivas” (AGUIAR, 2018).

De acordo com Aguiar (2009) o clube não tinha vínculo religioso, mas tinha uma certa dimensão ética do legado judaico, visto também, como clube “da pá virada”, conforme Marçal (2008, p. 15), refere-se a eles serem socialistas, anarquistas ou comunistas, e “serem vistos pela comunidade como perigosos e subversivos”, por isso, esses membros preferiram construir o clube, separadamente de outras entidades. Esse espaço aparece na obra *O exército de um homem só*, como um ambiente intelectual, em que as personagens declamam poemas, jogam xadrez e discutem política. No blog oficial do Clube de Cultura contém esse depoimento de Moacyr Scliar¹¹⁶:

O Clube de Cultura foi um marco importante na história da comunidade judaica de Porto Alegre, e na própria história da cidade e do Estado. Era uma entidade "progressista", quer dizer, seus membros eram simpatizantes do Partido Comunista, gente que via na arte e na cultura fatores de transformação social. Daí porque o Clube tinha um amplo programa de atividades: palestras, apresentações teatrais, exposições... No meu caso, a ligação tinha um componente afetivo muito forte: durante anos a figura chave no Clube foi meu tio, Henrique Scliar, era um homem de extraordinária cultura e dedicação: quando da construção do Clube muitas vezes ele trabalhou lado a lado com os operários. O fim do

¹¹⁴ Reunidos na casa de Kotlhar, médico do Sindicato dos Alfaiates; André Paulo Franck, Elias Niremburg, Francisco Dorfman, Isaac Cutin, Jacob Koutzii, José Castiel, Leôncio Keiserman, Luiz Treiguer, Marcos Kruter, Moises Milman, Salomão Schwartz Filho, Salomão Weinberg, Simão Nicolaiewsky, fundam o Clube de Cultura (AGUIAR, 2009, p. 74:75).

¹¹⁵ Apenas, em 14 de novembro de 1957 a sede do Clube de Cultura foi oficialmente inaugurada. Apesar de não poder utilizar a sede durante sua construção, o Clube não deixou suas atividades culturais de lado. Comemorou, com ênfase, as solenidades anuais do Levante do Gueto de Varsóvia (AGUIAR, 2009, p. 80:81).

¹¹⁶ SCLiar, Moacyr. Disponível em: <Depoimento de Moacyr Scliar sobre o Clube de Cultura. <https://clubedecultura.blogspot.com/2010/09/depoimento-de-moacyr-scliar-sobre-o.html> >. Acesso: 19 maio 2019.

sonho comunista foi um golpe para a instituição. Mas o sonho que ela representava permanece vivo (SCLIAR, 2010, s/p).

Aqui, na visão de Moacyr Scliar, caracteriza o clube, como uma entidade progressista¹¹⁷, já que não dedicava sua existência apenas a cultura judaica laica em ídiche, pelo motivo de incentivarem a participação popular em problemas mais amplos da sociedade na qual viviam, como forma de integração social.

Segundo Aguiar (2018), Henrique Scliar doou muito dinheiro para o Clube, e como pedreiro “vinha no tempo livre dele, aqui trabalhar junto com os operários. Carregava fardo de cimento, tijolos ele fazia o trabalho braçal. Ele tinha uma admiração profunda pelo trabalho de operário. Ele pegava e não ficava olhando, ele fazia junto. Então é bem curioso”, isso vem de encontro ao idealizador que aparece na obra, em *O exército de um homem só*, Mayer admira o trabalho operário, sendo capaz de hastear na bandeira, que contém um desenho de uma colher de pedreiro e uma betoneira, ou seja, exalta acessórios utilizados no trabalho operário.

A personagem Mayer, da ficção também, trabalha ao lado de seus operários em sua empresa, de materiais de construção. No trecho: “os primeiros operários passam rumo ao trabalho. Mayer olha-os com inveja: aqueles são os homens a quem o futuro pertence; estão no caminho correto” (SCLIAR, 1973, p. 56). Aqui, surge a verossimilhança dos dois terem uma adoração pelo trabalho operário no viés comunista. Segundo o irmão de Moacyr, Wremyr Scliar (2018), o tio Henrique Scliar, “estava no Clube todas as noites. Ele mesmo consertava os equipamentos, limpava e ordenava as cadeiras do auditório”.

Conforme, Airan Aguiar (2018), Henrique Scliar não costumava tirar fotografias, mas “era uma pessoa muito ativa no clube, nunca teve cargo diretivo, nunca quis ter prestígio, em vida ele foi homenageado com o nome do auditório Henrique Scliar” (AGUIAR, 2018).

¹¹⁷Além dos movimentos juvenis sionistas de esquerda, havia outros grupos judaicos ou não, que atraíam jovens nessa época. Os progressistas, ligados à Casa do Povo, aglutinavam judeus em torno de uma linha culturalista e autonomista dentro do comunismo mundial. Os grupos de extrema esquerda, como os trotskistas, que pregavam a revolução permanente, também conseguiram adeptos entre a juventude judaica (especialmente após a divulgação dos crimes do stalinismo, que esvaziou um pouco os grupos ligados à União Soviética, segundo (PINSKY, 2000, p. 24). A história dos judeus progressistas em Porto alegre não está materializada somente no Clube de Cultura. Inúmeras fontes evidenciam que eles já estavam organizados desde 1922, ou na sinagoga Centro Israelita Porto Alegrense desde, 1932, com o nome Liga Cultural Israelita. A data de 1922 parece sugestiva, coincidindo com a efervescência tanto da Semana de Arte Moderna quanto da fundação do PCB, segundo Aguiar (2009, p.71).

A (Fig. 20) abaixo, é Henrique Scliar ao centro, a direita o militante comunista Aparício Brinkerhoff Torelly (o humorista Barão de Itararé¹¹⁸), nos anos 50.

Figura 20 - Henrique Scliar



Fonte: Clube de Cultura. Disponível em: < <http://clubedecultura.blogspot.com/2010/09/depoimento-de-moacyr-scliar-sobre-o.html?view=sidebar> >. Acesso: 19 mar.2019.

Moacyr Scliar (2010), define a personalidade seu tio como; “um utópico”, sonhador”, “rebelde”. Em *O exército de um homem só*, o idealizador surge como; esquisito, esquizoide, engraçado, inesquecível, e rebelde utópico, e na visão da personagem, Mayer vê-se ateu.

Segundo o entrevistado, Henrique Scliar,

[..] era um gozador, todo mundo falava que ele tinha um humor muito sofisticado que ele tinha um grande chiste, como se fala assim que ri de si mesmo, O Henrique, dizem; que em qualquer momento ele contava uma anedota, uma piada ele tinha uma piada todos os dias piadas novas. Então ele fazia coisas interessantes assim, sobre a questão do chiste, então ele chegava na comunidade judaica, no dia do Perdão, que é o dia mais sagrado do ano, e oferecia um churrasco no sítio de porco, assar um leitão.

E: No livro ele coloca, que tem um companheiro porco, uma companheira cabra e uma companheira galinha?

R: Então, ele vai nas pessoas no dia mais sagrado, sacrificar um animal profano, imundo sujo para comer naquele dia, e é o dia que se faz jejum.

E: E por que você acha que ele faz isso? Para dar risada?

¹¹⁸ Aparício Fernando Brinkerhoff Torelly nasceu em Rio Grande em 29 de janeiro de 1895. Jornalista, cientista e teatrólogo. Considerado o papa do humorismo nacional. Militante comunista. Preso político em 1935, juntamente com Graciliano Ramos, pela atuação na Aliança Nacional Libertadora (ANL). Faleceu em 27 de novembro de 1971, segundo Marçal (2008).

R: Talvez uma forma de desconstrução da identidade assim, ou da atitude judaica. Sei lá que palavra falar, vocês ficam aí rezando o dia inteiro vão lá em casa comer um porco, dar risada (AGUIAR, 2018).

Henrique tinha um humor sofisticado, e era sua característica criar anedotas. Em *O exército de um homem só*, “Mayer jantou numa pequena churrascaria. Comeu muito: filé, galetto, lombinho, xixo, polenta, salada de batata, vinho” (SCLIAR, 1973, p. 117). Aqui, surge a verossimilhança nos hábitos alimentares de Henrique Scliar em frequentar churrascaria, e comer carne suína, contrariando a restrição alimentar religiosa judaica.

Aguiar (2018) ressalta, que conversou com Moacyr Scliar sobre a representação do Capitão Birobidjan, em *O exército de um homem só*, e

[...] ele responde que sim, que o Henrique é quem inspira o Capitão Birobidijan. Então, esse sítio, essa nova Birobidijan de alguma maneira ele existiu. Então o palácio da Cultura, que diz no livro que ele ia construir o palácio da cultura, era o clube na verdade ele construiu. Na verdade, ele construiu? Essa história é bonita de se falar (AGUIAR, 2018).

Em convergência, com Aguiar (2018), Leonor Cabral (2018), e o irmão de Moacyr,

[...] todos os personagens [do livro *O exército de um homem só*] são inspirados no tio Henrique, em primeiro lugar, e no seu grupo anarquista que se reunia em Porto Alegre, formado de operários, além dos imigrantes que vieram na mesma época da Europa, torno de 1914, e todos anteriormente pertencentes aos movimentos sociais e revolucionários como o *Bund*¹¹⁹. O livro *O exército de um homem só*, reproduz as atividades políticas do velho Henrique, com suas ousadas utopias anarquistas. E uma vida comunitária que se instala e que deveria com seus companheiros conquistar o socialismo. Reuniam-se, especialmente para leituras e discussões. Liam e estudavam constantemente as obras anarquistas e em especial a enciclopédia dos irmãos *Reclus*. A biblioteca do Henrique era razoável com textos clássicos em ídiche, como Marx, o bardo e russos e franceses (WREMYR SCLIAR, 2018).

Aqui, pelo olhar de familiares, afirmam que a obra reproduz as atividades políticas, e que a personagem Mayer foi inspirada em Henrique Scliar. Também em *O exército de um homem só*, Moacyr Scliar, usa no discurso do narrador, para dizer, que escreveria um livro sobre o tio, no trecho,

¹¹⁹ *Bund* significa, Partido Trabalhista Socialista Judaico, em 1898 o *Bund* foi oficialmente admitido no Partido Trabalhista Social- Democrata Russo como grupo autônomo, que ia desempenhar um importante papel no surgimento do socialismo revolucionário russo, segundo Gilbert (2010, p. 31).

[...] os sobrinhos de Mayer Guinsburg olhavam-no com espanto. “Como é engraçado nosso tio” - diziam a Avram. Debochavam dele, chamando-o de Capitão Birobidijan. Mayer fingia não ouvir. Muitos anos depois, os sobrinhos souberam que se planejava escrever um livro sobre o tio (SCLIAR, 1973, p. 46).

Na ficção o escritor Moacyr Scliar, afirma que um dos sobrinhos escreveu um livro, contando das proezas de seu personagem Mayer. Acredita-se que o escritor, poderia estar dizendo indiretamente que a sua inspiração partira de seu tio Henrique Scliar. Nessa perspectiva de análise, numa visão historiográfica foram analisados elementos, que são prováveis, mas que,

[...] o historiador não é nem pode ser um autor de ficção pois não é livre para inventar, imaginar e interpretar – o exercício das suas faculdades criativas e interpretativas está limitado pelas evidências documentais disponíveis em seu próprio *tempo e lugar*. É a partir de *protocolos de verdade* que se identificam, em derradeira instância, a história e o historiador como tais (BOUTIER, 1998, p. 18).

Ademais, em *O exército de um homem só*, surge o elemento da alegoria com os animais da trama, que são; o Companheiro Porco, a Companheira Cabra, e a Companheira Galinha. De acordo, com Moacyr Scliar (2017), em *Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida*, ressalta, que: “ Mayer quer criar uma nova sociedade, no entanto, será o único membro, junto com alguns animais- influência do *Animal’s Farm* [A revolução dos bichos], a satírica novela de George Orwell, sobre o stalinismo” (SCLIAR, 2017, p. 187).

Contudo, Moacyr inspirou-se nessa obra literária, para elaboração de suas personagens animais. Então, comparando a obra *O exército de um homem só*, com a obra, *A revolução dos bichos*, podem ser observadas características semelhantes, porque as duas obras, tem como ambiente, o espaço rural. Em *O exército de um homem só*, Mayer alucina que os animais pensam e ajam como humanos, em *A revolução dos bichos*, os animais se revoltam contra os humanos enquanto, que em *O exército de um homem só*, Mayer demonstra afeição pelos animais.

Em *O exército de um homem só*, Mayer é um colono que pretende fundar um kibutz, já em *A revolução dos bichos*, o senhor Jones é o fazendeiro da granja que deixa seus animais passarem fome. Ambas obras, tratam os animais com títulos de nobreza, por exemplo, em *O exército de um homem só*, que chama os animais pelo termo “Companheiro”, que poderia ser associado, ao partido socialista, ou como “Major”, em *A revolução dos bichos*, que denota nobreza. Em *O exército de um homem só*, Mayer quer fazer a revolução, contrariando a obra, *A Revolução dos bichos*, que os animais são os revolucionários.

Mayer lê trechos de Rosa de Luxemburgo para os animais, e discursa a organização dessa colônia coletiva, já em *Revolução dos bichos*, são os animais que sabem ler e escrever. Em *O exército de um homem só*, Mayer imagina que a Companheira Galinha é uma traidora, em *A revolução dos Bichos*, o porco Bola-de-neve é considerado traidor e expulso da granja. Em *O exército de um homem só*, todos animais são mortos pelos nativos. Em *A revolução dos bichos*, o porco Napoleão sobe ao poder, e através de totalitarismo expulsa o porco Bola-de-neve, o rebelde da granja. Nota-se aspectos no entanto similares, quanto essa singela comparação.

Então, finalizando essa categoria e seus respectivos subtópicos. Na representação em *Cágada*, surgem; as características físicas e psicológicas dos imigrantes, a compra de terras pela companhia, a preparação dos agentes para a chegada dos patrícios na colônia, a divisão dos lotes, o contrato de compra e venda. Também surge verossimilhança sobre a trajetória de vida do diretor, Isidoro Eisenberg, imigrante que Mársico retrata-o como o colono, responsável pelo funcionamento da Fazenda.

Enquanto, que obra *O exército de um homem só*, não trata o ambiente rural, mas trata do cotidiano do bairro Bom Fim de Porto Alegre e da criação de uma colônia coletiva no Beco do Salso. A obra *O exército de um homem só*, segundo a autobiografia do escritor (2017), escrita logo após, a sua experiência de viagem para Israel na década de 70, por isso podem ser vistos aspectos sobre a formação das colônias coletivas, também chamadas de kibutzim. Também é visto a verossimilhança com a trajetória de vida de Henrique Scliar, fundador do bairro Santa Cecília, em Porto Alegre.

Pautada em documentação, entrevistas e elementos coincidentes nas narrativas permite afirmar, que os dois escritores se inspiraram em dois imigrantes judeus, para elaboração de suas obras literárias. Em *O exército de um homem só*, Moacyr Scliar inspirou-se na chácara de seu tio Henrique Scliar, fundador do bairro Santa Cecília para elaboração de sua obra, e da mesma forma, em *Cágada*, Gladstone Osório Mársico inspirou-se pelo diretor da ICA, Isidoro Eisenberg.

3.3 Derrubem os pinheiros e expulsem os intrusos: o capitalista e o comerciante

Gritti (1997) menciona a riqueza florestal que possuía grande variedade de árvores na Fazenda Quatro Irmãos, que então era de conhecimento dos diretores da ICA desde 1911. A exploração florestal é intensificada com a Primeira Guerra Mundial em 1914, uma vez que não

sofre a concorrência dos produtores europeus, porque essa madeira explorada era transportada pelo ramal férreo da ICA, levando-a a Argentina.

De acordo, com a Ata do Memorial do Legislativo do Rio Grande do Sul, foram diversas as tentativas de cultivar a gigantesca gleba de terra, a qual abrangia 100.000 hectares, e que aproximadamente, “20%, mais ou menos, são constituídos de terra de campo e o restante de terra fértil, em grande parte coberta de matas de pinho, de madeira de lei etc” (ATA SESSÃO 47, 30 jun. 1948, p. 597), e que da área total, “foram vendidos cerca de 30.000 hectares, restando ainda uma grande gleba de terra que pouco ou nada produz” (ATA SESSÃO 47, 30 jun. 1948, p. 597).

Enfim, os objetivos do estado não obtiveram o sucesso esperado, mesmo a ICA ter estimulado a construção de uma fábrica de azeite, a partir do amendoim, e de atafonas para a produção de farinha de mandioca. Em 1922 a fábrica de óleo foi desativada pela falta de matéria-prima. Vendo que era possível, uma melhor produção na terra de mato, a ICA não permite a exploração livre da madeira, para que os judeus não abandonassem a roça e se dedicassem somente a exploração das madeiras existentes nas florestas.

A madeira tinha grande valor comercial, segundo Chwartzmann (2005, p. 44), “o preço da madeira subiu muito, pois essa se tornou material de guerra, sendo o produto mais exportado”. A exploração surgiu através da formação de serrarias¹²⁰ dentro da fazenda, e o transporte por meio do ramal férreo construído em 1911 que ligava Quatro Irmãos à São Paulo.

Segundo um ex-vereador não judeu, sobre o lucro da exploração da madeira ressalta, que a “companhia ICA não tinha serraria, ela só tirava a madeira”, e com isso “vinha um fiscal da companhia, chamado Samuel Chwartzmann, para fazer o controle do corte”, então a “ICA recebia metade, a ICA era dona do pinhal tu colocava a serraria tu serrava, e metade era teu eu sou a ICA, metade era deles né” (DREIER, 2010).

Sobre o desmatamento ocorrido na colônia, sobre a perspectiva de um judeu,

[...] E então, na questão da área, podia desmatar? Cortar as árvores aleatoriamente, ou antes tinha que conversar com o diretor pra fazer o trabalho?

Entrevistado: Tinha, a área de terra que era designada para cada colono. Algumas tinham

¹²⁰ A cada dois, três quilômetros, tinha uma serraria, que nem Erebangó, tinha serraria. O João Borgmann tinha serraria que dava saída de Erebangó, tinha a colônia de Picílio Dias, do meu avô, Edmundo Becker e João Borgmann e ali depois mais uns três quilômetros tinha a serraria do Pasa, mais uns dois quilômetros dali tinha a serraria do Henrique Borgmann que é São Roque, depois lá já tinha dos Baruffi, depois o seu Petry construiu em Siqueira Campos a serraria, então cada proprietário tinha que ter um depósito de madeira em Erebangó, porque 24 horas chegava o vagão e em 24 horas tinha que carregar; como é que a carroça ia puxar a madeira, então tava ali, chegava de carroça pra carregar o vagão, então Erebangó era cheio de madeira, tinha uns quantos, segundo (DREIER, 2010).

matas com madeira que não valia nada, outras tinham com madeira de lei, e pinheiro. Os pinheiros não podiam remover sem entrar em contato com a direção da ICA. E aí era feito uma negociação que bem certo eu não sei, mas, uma parte pertencia pro dono da terra, e outra parte para quem ia serrar, e outra parte para a ICA companhia. Era assim que funcionava, mas, não tinha como hoje tu tem que pedir licença pra..., tem um órgão fiscalizador né que não pode cortar mais árvores de jeito nenhum. Naquele tempo era livre, cortavam à vontade, sem ninguém interferia. E eu acho que o povo brasileiro, os governos brasileiros, também não previam, e não sabiam que isso podia um dia faltar.

Entrevistador: E outra a questão de sobrevivência? Como é que tu vai construir uma casa?
Entrevistado: Exatamente. Era tudo de madeira. Então, os pinheiros iam pra uma serraria, fazia tábua para fazer construção. Construía a casa, fechar ao redor, fazer o galpão pra depósito, pra tudo isso era feito de madeira (JOHELAVICIUS, 2018).

Salienta a utilização da madeira, e que o colono devia negociar a retirada do pinheiro com os fiscais da *Jewish*, mas que o colono não pedia licença para órgãos da defesa ambiental. A pesquisadora conversando com judeus, que trabalhavam nas madeiras, disseram que havia adulterações nas autorizações que a ICA concedia aos colonos, quando a companhia autorizava 100 pinheiros, adulteravam com alguns zeros a mais, para com isso derrubar maior quantidade de pinheiros. Sobre o trabalho da derrubada e do transporte do pinheiro, a entrevista denota,

[...] eles beneficiavam [marcar a madeira] em Erebangó, tinha em Quatro irmãos, Erebangó tinha três beneficiadoras de madeira, então eles fizeram que nem a madeira de primeira tinha até primeira, segunda e terceira, o pinheiro era a madeira oficial, era cinco metros e meio então a torra tinha que corta já uns seis metros, cinco e oitenta, e a torra era cortada a serrote, então bem reto, porque curva já prensava o serrote e não ia e tinha umas tábuas de cunhas de ferro, então tu batia pra cortar o pinheiro também com cunha machado a ponta, porque a madeira, o pinheiro é áspero, então ele não desliza, naquela época não tinha carroção, então o pinheiro, a “fiera” de boi; cinco, seis juntas de boi pra serrarias muito longes, que tinha os bois, a “fiera” de boi puxava o pinheiro, então ele era descascado, ficava branco, lisinho, isso dia de chuva, tempo seco não desliza né, então falavam que quem trabalhava, como arrastadores, em pouco tempo tava com a vida estragada, reumatismo e dia inteiro na chuva né, frio, com chuva é que transportavam os pinheiros, depois veio as carroças, então tinha que hoje é papelão, naquele tempo não tinha papelão, então a cebola, a ervilha, o tomate não vinha né, o extrato de tomate, era tudo em caixa, tudo madeira [...] (DREIER, 2010).

Nota-se que a madeira era cortada a machado, sendo um trabalho exaustivo, sem recursos para facilitação de transportação, sendo por meio carroças levavam as torras até a estação férrea. Em *Cágada*, o trabalho era árduo,

[...] desde a inauguração da sinagoga que Arão e seus patrícios não paravam de cortar pinheiro. Cada dia uma árvore para cada um [...]. Trabalhava danada que venciam cantando, gemendo, bufando, os mais fortes ajudando aos mais fracos, suor como orgulho, os calos de inhapa, cobras e outros bichos esganados á munheca, cativoiro rendoso que poderia demorar setenta dias ou setenta anos. A primeira tora derrubada foi a cama de Padre Nero. E foi no dia seguinte bem cedo, Arão de machado cobrando a paga da

hospedagem, os patrícios a volta, batendo palmas, cerimônia mais importante que a inauguração do templo logo mais. Quando a imensa árvore caiu, feriado, estrondo enorme na calmaria da manhã, Ovo de Páscoa [não judeu] pulou da cama assustado, sonolento, será que os judeus blefaram e trouxeram um canhão?

- Não disse que iam desalojar o Padre Nero? - falou Babico.

- Foi a árvore do padre [...] (MÁRSICO, 1974, p. 123).

Sobressai que trabalhavam incansavelmente, apesar de não conter ferramentas adequadas. A entrevistadora conversando com os judeus, relataram que eram inúmeras as dificuldades para se cortar um pinheiro, ocorrendo muitas vezes mortes, devido o despreparo por parte dos desbravadores, e sendo comum pessoas dormirem debaixo de árvores, devido à falta de hotel, em Quatro Irmãos. Na obra de Samuel Chwartzmann (2005), consta o esboço do cemitério de Quatro Irmãos, e o histórico das mortes, pode-se afirmar que existe um elevado número de mortes, devido acidentes no trabalho.

Sobre o principal produto explorado na fazenda, um não judeu, morador na fazenda revela,

[...] era a madeira, a principal. Toda a madeira, porque aqui era um puro pinhal. Trabalharam vinte anos lá com serraria. Toda a madeira depois vinha de Quatro Irmãos... ah Erebangó. Em Erebangó tinha mais pilha de madeira naquele tempo, em trinta, trinta e pouco, do que hoje a cidade. Uh! Quanta madeira que tinha! Ia para todos os lados (FILIPPON, 1995).

A abundante riqueza florestal foi explorada pelo retorno financeiro que era imediato, gerando o desmatamento local, quando menciona que Cágada possuía uma grande variedade de pinheiros, e outras espécies de árvores nativas, derrubadas pelos judeus do Bom Fim. As personagens desenvolvem a prática do desmatamento, pois ao chegar os judeus derrubam as árvores, deixando as áreas devastadas para seus sucessores:

Possuía também uma variedade enorme de madeiras, aquém do Rio Cansado, madeiras de todos os tipos, desde imbuia, cedro, até pinheiros com mais de cinquenta centímetros de diâmetro (MÁRSICO, 1974, p. 13). *God*, então não façam cerimônia! É só escolherem uma árvore. Temos árvores de todos os tipos, *oh yes, incredible*, até cedros de Líbano. Os judeus redobram o trabalho no mato e, não demorou seis meses, nenhum pinheiro mais havia para ser derrubado (...). Deixamos as terras limpas para os nossos sucessores. (MÁRSICO, 2006, p. 30; 175).

O projeto pensado exclusivamente para judeus não se mostrou tão eficaz, e a opção pela multiétnica prevaleceu. A maioria dos judeus desconheciam o trabalho agrícola, visto que a maioria das terras eram propícias à agricultura. A riqueza florestal era conhecimento da própria

empresa que: “[...] em janeiro de 1910, a direção central da Jewish comunicava ao diretor da colônia [...] para estudar a questão da floresta, em nossa propriedade, com a finalidade de vos apresentar um relatório detalhado [...]” (GRITTI, 1997, p. 122).

Nesse aspecto, a semelhança com as características de solo considerado fértil, surgem premonições do autor quanto ao término do extrativismo de pinheiros em Quatro Irmãos, que na ficção seria um dos motivos que causaria o abandono na colônia:

Cágada ficava, assim, numa faixa de terra que se dizia pródiga e predestinada, solo fértil para o trigo e encostas muito saudáveis para o alojamento dos parreirais. Possuía também uma variedade enorme de madeiras, aquém do Rio Cansado, madeiras de todos os tipos, desde imbuia, cedro, canela, até pinheiros com mais de cinquenta centímetros de diâmetro-árvore desconhecida que acabou sendo uma das causas, a principal, de sua perdição (MÁRSICO, 2006, p. 11).

Mencionam-se em *Cágada*, o insucesso de uma primeira tentativa de colonização com a chegada dos patrícios de São Paulo, e uma segunda tentativa, com a chegada dos patrícios do Bom Fim, de Porto Alegre:

Era fácil vender uma nova imagem da colonização, mesmo que fosse a velha, melhorada, mas para outra gente, outra mentalidade. Deixasse os paulistas de lado, eram patrícios que, apesar dos milênios de tradição, de deixaram influenciarem pelos mais quatrocentos que encontraram feitos por lá. Tentasse o Bom Fim, em Porto Alegre, bairro do seu futuro genro Muja- Aquele mesmo que havia obtido uma carta de recomendação, tempos atrás, lembrasse? (MÁRSICO, 2006, p. 115).

Na colônia de Quatro Irmãos houve duas tentativas de colonização, a primeira em 1912, com imigrantes vindos da Rússia e a segunda tentativa em 1926, quando se criaram dois núcleos populacionais, e foi organizado um sistema de culturas variadas para manter o colono envolvido no trabalho agrícola, existindo duas vilas Baronesa Clara e Barão Hirsch. O rendimento obtido com a venda da madeira à Viação Férrea do Rio Grande do Sul foi importante na estabilização inicial deste último grupo.

Segundo Gritti (1997) em 1951, a Companhia foi acusada por Olivatti, representante do Partido Trabalhista, de desmatar de forma integral os pinheiros, que é contestada pelo delegado florestal do estado, ao afirmar que a ICA era uma das poucas Companhias a cumprir suas obrigações com o serviço florestal. Desde 1948 a ICA plantava cinco mudas de pinheiro para cada árvore abatida acima de 40 cm de diâmetro. Para um entrevistado, não judeu, a ICA

[...] era uma organização comercial, praticamente era comercial.

ICM- Exploração da madeira.

JAP- Exploração da madeira. Eles eram também bons agricultores, sinceramente bons agricultores, mas se viram perseguidos em todo o lugar do mundo que praticamente se isolaram do restante das nações (PRESOTTO, 2009).

A *Jewish* é tida como uma empresa comercial de exploração da madeira, e os judeus que se dedicaram na agricultura tornaram-se bons agricultores. Em *Cágada*, surge a personagem, judeu Arão, que era o pai de Rachel, que migra do bairro Bom Fim [imaginário], para Cágada. Arão é um judeu religioso e sua ocupação é contrabandear produtos piratas. Por intermédio de Muja Arão atende ao convite para migrar para as terras da ACA, onde juntamente com outros judeus do Bom Fim, encontram excelente oportunidade de lucro através da exploração florestal. Em *Cágada*,

Não foi preciso nenhum esforço para convencer Arão de ficar enquanto houvesse madeira n “as terras da ACA”. Especialmente aquela árvore comprida que lhe serviu de abrigo na primeira noite, desalojando Padre Nero. Soube que o nome era pinheiro, copado igual sombrinha às avessas, semente que as gralhas ficavam aqui e acolá. [...] Arão fez suas contas, os patrícios conferiram, era comer tranca e não soltar pio (MÁRSICO, 1974, p. 122).

Aqui, surge a representação do judeu como um capitalista, que visa o lucro com a exploração da madeira. Também surge a representação do judeu associado ao dinheiro,

- Vamos ter que inventar uma festa por aqui? Que tipo de festa? Vai ter que ser um festão... - conjecturou o Perna de Pau.

-Só se fizermos a crucificação de Cristo de novo e convidarmos eles para assistir... - gozou Ovo de Páscoa.

- Não precisa festa e muito menos festão. Basta alguma coisa que mexa no sentimento deles- falou o Comandante.

- Só se for dinheiro...- disse o Perna de Pau.

- Pois olhem, eu acho que eles vêm por coisa mais simples e barata. Salomão, uma vez... [...] Estou falando do Rei Salomão, aquela da Bíblia.

- Mas o que é que fez o tal de Rei Salomão para engatar a turma? - interessou-se Ovo de Páscoa.

- Construiu um templo todo de cedro. Cedros de Líbano!

- Uma igreja de madeira?

- E que igreja!

- Pensei que fosse uma mina... - comentou o Perna de Pau.

- A mina é outra história (MÁRSICO, 1974, p. 103).

Nota-se no diálogo dos não judeus, que ao planejar algo para atrair os judeus para Cágada, afirmam que além da construção de um templo, o dinheiro deixá-los-iam interessados em imigrar

para Cágada. Mas, por outro lado Mársico tem consciência que existiam judeus pobres, porque em *Cágada* a personagem Muja é um judeu pobre, oposto do símbolo de riqueza.

Segundo o rabino Attali, a palavra dinheiro é

o principal termo utilizado para designar o dinheiro, *Kessef*, aparece cerca de 350 vezes na Bíblia. Escreve-se com as consoantes *KSF*, as quais, vocalizadas como *Kosséf*, designam a inveja, a nostalgia [...]. Mas, como o hebraico gosta de jogar com as letras, obtém-se também, modificando a ordem das de *Kessef* ou mudando uma delas, outras palavras que se aproximam, de modo diferente, do sentido do dinheiro, tais como *Kachef* (feitiçaria), *hessef* (descobrir, revelar), *sahaf* (devastar) [...] O dinheiro é uma maneira de cristalizar o tempo, o tempo do trabalho e da negociação (ATTALI, 2003, p. 39- 41).

Em *Cágada*, Mársico usa a expressão, negócio de judeu,

-Não vim como vizinho- foi logo dizendo. - Vim como patricio. *Shalom!*
Mister se ergueu, incrédulo, Muja a seu lado, solícito, disposto a dar toda a cobertura ao futuro sogro. *My Lord*, outro convertido? [...]
-Tem os documentos, *oh yes, the proof?* - perguntou ao Ovo de Páscoa [não judeu] olhando de rasante sobre ele.
- Não.
-Diacho... *devil*, então que conversa é esta?
- Vim como patricio... para negócio. Negócio de judeu serve?
- *Well*, depende (MÁRSICO, 1974, p. 88).

Nota-se em *Cágada*, que não judeus tem interesse em fazer negócio com os judeus, existem práticas comerciais entre si, que segundo um morador da colônia, Chwartzmann (2005, p. 38), “o corte das madeiras era feito por peões ou empreiteiros, o que, apesar de todas as despesas, dava uma boa margem de lucro”. Nota-se no trecho, em *Cágada*, que a personagem não judeu, para se aproximar da personagem judeu, para tentar fazer negócio, usa o cumprimento judaico “Shalom”, que é o tradicional cumprimento judaico, e também usa a expressão que fariam um “negócio de judeu”, ou seja, representa que eles fariam um negócio que favoreceria os dois, contudo essa representação de “fazer negócio com judeus”, poderia também ter significado de lucrar, porque no outro trecho em *Cágada*, diz que: “onde judeu se metia, ou o dinheiro vinha atrás ou já estava na frente” (MÁRSICO, 1974, p. 26). Esses conceitos são teoricamente discutidos por Carneiro, (2014, p. 88-89), que afirma:

[...] no caso dos judeus: valorizam o uso racional das posses, os reinvestimentos nos negócios e o trabalho profissional, sem descanso, com a manutenção e continuidade do trabalho duro que agrada a Deus. Max Weber reconhece o fato que certas religiões como o Protestantismo e o Judaísmo orientam as pessoas no seu cotidiano, em geral, e nas práticas econômicas em particular. Por estarem aparentemente mais inclinados ao

progresso, impulsionam-se seus seguidores a perseguirem o lucro como algo natural, movidos por uma vocação [...] Weber enfatiza que tanto os protestantes como os judeus são favorecidos pela ética de suas religiões, tratando o negócio como algo natural, indispensável essencial à vida, opondo-se àquele que prega que o indivíduo deve trabalhar apenas para necessidades básicas. Portanto, para o funcionamento do capitalismo moderno, o comportamento inovador se faz necessário, assim como a persistência da crença de que seguir a vocação é ético e digno de admiração de Deus, e não um pecado. É nesta direção do pecado, da falta de ética e do abuso de poder que caminha o mito de que os judeus dominam a economia mundial.

Nota-se que obter sucesso profissional, associa-se a questão religiosa. Então, um judeu revela o significado religioso,

[...] trabalho é o que tá escrito na Torah: *O teu pão vai ser com o suor do teu rosto*. Então, o trabalho é para a tua sobrevivência pra tu poder angariar as coisas que tu quer, que tu gosta, que tu precisa. Esse é o significado de trabalho. Mas, com teu suor! Ética, justiça e trabalho (JOHELAVICIUS, 2018).

Um outro judeu, sobre a questão do trabalho ressalta,

Trabalhar, uma fonte de renda, uma fonte de vida. pra conseguir a renda pra sustentar a família. Se você não trabalhar você não vai ser uma pessoa feliz, duvido, e mais um detalhe o judeu trabalha até quando pode, não existe idade limite. CDK, é muito importante, é a justiça, na nossa religião quando tu faz, dá alguma coisa para alguma pessoa, tu não tá dando pra aquela pessoa, tu tá fazendo um favor para ti mesmo, a melhor coisa do mundo é tu poder ajudar. se beneficiar, porque não é eu que sou beneficiado quando dou-o, não é a pessoa aliás, é a gente por ter o prazer de ajudar aquela pessoa (CHARCHAT, 2018).

Nota-se que para os dois entrevistados, o trabalho associa-se a necessidade de sustento e a questão religiosa, diferentemente da visão capitalista. Quando o entrevistado cita a justiça ele refere-se ao termo caridade, porque segundo Iusim (1968, p. 39):

O conceito hebraico TSEDAKÁ, cujo significado autêntico é “justiça”, adquiriu através dos séculos uma conotação filantrópica, passando a significar “caridade”. Mas a própria concepção judaica de Caridade implica em justiça. Na Bíblia e posteriormente no Talmud, é concebida a caridade não como um favor prestado ao pobre, mas como um dever para com o irmão. [...] Existem oito degraus no dever da caridade.

Iusim (1968) ressalta, que o conceito judaico de justiça é o ponto ideal ético do Judaísmo, por isso o trabalhar torna-se o meio de produzir renda e sustento familiar, para com isso promover caridade aos demais. A justiça, que é sinônimo de caridade relaciona-se a prática de ajuda mútua ao próximo, deve-se saber ajudar o necessitado, sem promover caridade para benefício próprio,

mas antecipando a caridade para evitar a pobreza. O oitavo degrau, da concepção de justiça é ensinar uma profissão, para que o empobrecido possa através do seu trabalho ganhar honestamente sua vida e não ser mais dependente da caridade para sua sobrevivência.

Em O exército de um homem só, Mayer em seus pensamentos, chamava o pai de Leib Kirshblum, dono da loja, em que trabalha de “aquele velho sujo; capitalista explorador. (...) Se pudesse sugava o sangue dos trabalhadores!”. Aqui, Mayer considera-se explorado, acusando seu chefe judeu de capitalista explorador. Analisando teoricamente, Maria Tucci Carneiro, revela que esse mito do judeu ser capitalista, e deles dominarem a economia mundial, deve-se a influência do Protestantismo e

[...] o judaísmo foi pioneiro no desenvolvimento do espírito capitalista. Daí os judeus não defenderem nenhum ideal ascético de pobreza, ainda que existam muitos judeus pobres; são excelentes comerciantes e financistas, talvez por não colocarem restrições aos empréstimos de dinheiro aos estrangeiros. Conscientes do papel da propaganda e da concorrência como sendo “a alma dos negócios”, sempre fizeram uso generalizado das práticas de descontos nos preços, parcelamento do pagamento com cobranças nos preços, parcelamento do pagamento com cobranças de juros, estratégias comumente usadas para conquistar sua clientela. No entanto, para o antisemitismo convicto de que “os judeus não têm escrúpulos” (CARNEIRO, 2004, p. 91-92).

Segundo Moysés (1984), os imigrantes que tinham ofício em seu país de origem, ao chegarem em Porto Alegre começaram a trabalhar em suas profissões como: ferreiros, funileiros, vidraceiros, sapateiros, barbeiros, eletricitas e outros trabalhando como mascates “com *Klienteltshik*, que consistia em ter uma clientela, para quem se vendia a prestações. os judeus foram os percussores do sistema de vendas no crediário, em Porto Alegre” (MOYSÉS, 1984, p. 133).

Como consistia em vender a prestação, um *Klienteltshik* salienta que,

[...] para fazer um novo freguês havia certa técnica. Nós tínhamos contato com as donas de casa. Fazíamos um esforço enorme para convencê-las a comprar. Em geral, as que não queriam comprar, eram as boas freguesas [...]. Quando as mulheres logo se agradavam de tudo que queriam comprar o máximo possível dávamos o fora, porque na certa eram *tzvok* (caloteiras). Aliás, entre os *klienteltshiques* havia um espírito de cooperação. Se alguém pegava um caloteiro, escrevia na porta em *idish* (*tzvok*), o que servia de aviso para o próximo. Cada freguês tinha um cartão, onde se anotava o nome, endereço, o que comprava e o que pagava. Além de vender fazíamos a cobrança [...]. Cada *klienteltshik* tinha sua zona de trabalho. De vez em quando acontecia que um *klienteltshik* abria uma loja, ia para o interior, ou não queria mais trabalhar nesse setor, então ele oferecia à venda sua clientela (MOYSÉS, 1984, p. 135).

Então, o trabalho com vendas a crediário era popularmente conhecido e praticado no Bom Fim. Dessa forma, em Porto Alegre, surgem entidades de apoio ao comerciante,

[...] na Osvaldo Aranha funcionou a Cooperativa dos *Klienteltshikes* [...] A *klientele*, para um grande número de imigrantes, foi o primeiro setor de atividades. Mal chegavam, recebiam um empréstimo num dos bancos *idish*, (*Laispar Casse*) ou então um crédito limitado para iniciar o trabalho e ganhar o sustento para si e sua família. Havia o *Klienteltshik farhein*, entidade que congregava os prestamistas e dava apoio e orientação para os novos que iam chegando (MOYSÉS, 1984, p. 135).

Nota-se que houve incentivo financeiro, por parte dessas cooperativas para que o imigrante continuasse trabalhando no ramo do comercial. Em *O exército de um homem só*, em 1916 o pai de Mayer era um marceneiro, a mãe limpava a casa e cozinhava, e Mayer e seu irmão vendiam peixe e cabides, e outras vezes saíam com um carrinho para recolher ferro velho. Na adolescência Mayer trabalhava numa loja, chamada “A preferida”, que continha miudezas como; cadarços, elásticos, novels de lã, peças de lingerie. Na fase adulta recusa-se a trabalhar no comércio, porque pretende formar um kibutz, mas devido ao insucesso no kibutz, resolve voltar para casa, e consegue ser dono de uma firma de materiais de construção e prestação de serviços, chamada “Maykir”. Em *O exército de um homem só*, existem judeus que vendem a prestação, no trecho “um caminho estreito entre morros cobertos de mato- era uma expedição e segundo Leib Kirschblum [esposa de Mayer] que chegava lá perto para vender a prestação- não totalmente isenta de perigos” (SCLIAR, 1973, p. 26). Aqui, mostra os desafios de vender a prestação, devido às más condições asfálticas para época. Sobre o comércio intenso no Bom Fim,

[...] hoje em dia o centro, que eles chamam de centro histórico, por causa da história dos prédios antigos e o Bom Fim que tu chama não existe diferença. A diferença é o túnel porque o comércio se tu for pensar a Osvaldo Aranha a Humberto é tudo um seguimento de comércio e daí incorporou muito, mudou muito, antes era um bairro calmo, tranquilo, e hoje não, até porque hoje em dia tu tens ônibus, carro táxi, lotações que era simplesmente um bonde. Se for ver nós temos aqui no bairro, várias praças e monumentos ou em homenagem a imigração judaica ou em homenagem aos judeus imigrantes que se tornaram médicos, doutores que ajudaram a grande comunidade (LEVENTHAL, 2018).

Na entrevista, salienta que o comércio era intenso desde a área central de Porto Alegre até o Bom Fim, devido à proximidade entre esses bairros, e o surgimento de judeus profissionais

liberais. Sobre como era vender as prestações, um judeu filho de um comerciante, de Porto Alegre revela,

[...] Não era só no Bom Fim, o meu avô foi um imigrante alemão e ele virou representante comercial, então ele saía para vender as coisas no bairro ou em outras cidades e fazia a prestação, anotava num caderno de bigode, valia a palavra das pessoas, que tinha mais valor do que qualquer outra coisa, as pessoas se relacionavam muito bem tinham um caderninho então anotavam ali. A Gláucia [entrevistadora] pegou 5 kg de arroz para pagar no outro mês, então tinha o valor, no outro mês tu vai vir e vai pagar, assim começou. Houve também por que todo mundo fala nisso que gera antisemitismo, que o judeu é do dono do capitalismo, do mercado que o judeu é dono dos bancos, não existe isso. O judeu por ser comerciante ele teve que financiar para as pessoas, ele teve que fiar, que se autofinanciava, tinha que comprar repor mercadoria, ao mesmo tempo ele pegou e emprestou para a Gláucia [entrevistadora], deixou a Gláucia pagar aqueles 5 kg de arroz em 2 ou 3 vezes. Então daí que nasceu o financiamento e o crediário baseado no fio do bigode que era o caderno, era o famoso caderninho (LEVENTHAL, 2018).

Devido a trajetória no comércio, o judeu é visto como o “dominador do capitalismo” isso vem de encontra um mito antissemita.

Alguns poucos conseguiram enriquecer através da especulação e manipulação do mercado financeiro, fortalecendo o mito de que os *judeus dominam a economia, o dinheiro e o mundo*, e que “todos os caminhos levam aos “Rothschilds”. Aliás, este será um dos nomes mais criados pelos fanáticos antissemitas e que continua funcionando como “o gatilho para os mais explosivos tremores antissemitas (CARNEIRO, 2004, p. 102-103).

O comércio mundial sempre existiu e alguns judeus se destacaram no setor bancário (LEVENTHAL, 2018). Já em Porto Alegre, a principal atividade judaica empregatícia foi o comércio e a prestação de serviços. Já em Quatro Irmãos, Chwartzmann (2005) ressalta que os judeus além de agricultores eram pequenos comerciantes em 1928, “os comerciantes tinham todos os tipos de mercadorias, desde tecidos, ferragens, produtos alimentícios, até produtos farmacêuticos” (CHWARTZMANN, 2005, p. 30).

A construção em madeira que consta na Figura 21, serviu na década de 30, como loja de secos e molhados, da família Melnik, depois de Jaime Bacaltchuck e mais tarde comprada por Abrão Nagelstein.

Figura 21 - Comércio em Quatro Irmãos: Loja de secos e molhados de Abrão Nagelstein



Fonte: Acervo particular da autora. Data: 20 abr. 2018.

Na entrevista, um judeu sobre o comércio judaico da Fazenda afirma,

[...] o desenvolvimento de Quatro Irmãos, a gente, eu pessoalmente participei pouco mas, o que a gente ouviu falar, porque a gente tinha conhecidos ali, amigos em Quatro Irmãos, que naquela época Quatro Irmãos era muito desenvolvida, havia a estrada de ferro que vinha de Erebango tinha várias serrarias, então era uma cidade muito desenvolvida. Mas, chegou com o tempo que os descendentes o pessoal de lá vieram pra Erechim, e alguns foram para Porto Alegre, São Paulo, ou portanto foram saindo. Portanto a origem exata de Porto Alegre, São Paulo e coisa, a maioria saiu daqui. Aí lá foram desenvolvendo suas atividades.

Entrevistador: Então o pessoal, viviam aqui em Erechim na região de Quatro Irmãos?

Entrevistado: É, primeiro era Quatro Irmãos, depois o pessoal veio pra Erechim, e aí os filhos começaram a estudar e começaram a sair, daí ficamos nós (CHARCHAT, 2018).

Então, surge o desenvolvimento do comércio e o abandono da colônia, para cidades maiores como; Erechim, Passo Fundo porque segundo Tedesco (2017, p. 334), “tanto Passo Fundo, quanto Erechim cresciam muito; a urbanização já dava referência regional; havia indústrias em expansão, abertura de escolas, intenso comércio de produtos agrícolas e da indústria têxtil”.

Na entrevista, os judeus ocupam cargos nas mais diversas profissões, e o trabalho de mascate em Erechim,

[...] olha, dizem que o judeu é comerciante, mas se você analisar, ele tem tudo que é profissão. Profissões liberais, comerciantes industriais, tem de tudo, tem relação.

Entrevistador: Aquele trabalho do mascate?

Entrevistado: Ah do mascate, no começo quando vieram aqui, isso quem mais fez foram os primeiros que foram resolveram a mudar de profissão, que na agricultura não estavam ganhando nada. Então, foram para a cidade, não tinham profissão, que que eles faziam bah, iam lá no Pagnoncelli por exemplo, que já era um comércio forte italianos não judeus. Entravam lá, diz olha: como é que eu podia fazer uma maneira de ganhar dinheiro? Eu te dou lá alguma mercadoria e tu lá vai vender. Mas, ele não tinha automóvel, não tinha carroça. Ele pegava lá o que ele conseguia carregar e saía batia na casa, naquele tempo, não tinha as pessoas terem medo de segurança. Batia na casa, olha: tu não tá precisando de uma camisa, você. Eu estou citando coisas. Tu, então não quer comprar, que era longe para ir, hoje eu compro, mas não tenho dinheiro hoje. Então, quando é que tu vai ter? Final do mês? Tá bom. Então, tá, fazia um bilheteinho, deixava. Passava no final de mês, e a pessoa pagava para ele, e aí chamaram de mascate (JOHELAVICUS, 2018).

Nota-se que desde a infância acompanhava o pai nas viagens à negócios,

[...] olha! Como meu pai tinha comércio então, não é que eu trabalhava, mas eu gostava desde pequeno ganhar o meu dinheirinho. Então como o pai tinha malharia, tinha um atacado, tinha vários carros e saía vender pra aquele interior que o sangue de mascate dele nunca foi embora, e é graças a isso que a gente hoje pode se considerar mais ou menos. Aí ele sempre fazia as compras em São Paulo e eu ia junto. Daí eu comprava pedrinha, isqueiro essas coisinhas e saía com os viajantes ficava 8 dias viajando com eles, e foi aí que a gente aprendeu uma coisa a mais na vida, que era uma vida bem sacrificada, e aí eu levava as minhas coisinhas pra vender. Aí depois mais tarde, a gente colocou uma venda de balanço, daí afinal desde pequeno eu trabalhava com o pai assim, não aquela coisa obrigatória, o fundamental era o estudo né. Agora eu desde pequeno gostava do meio porque eu nunca gostei de pedir dinheiro pro pai, não que ele não me desse, mas era bom e meus filhos a mesma coisa, eles aprenderam o valor de ganhar ou de perder, depende deles né (CHARCHAT, 2018).

A família trabalhava com vendas no bairro Três Vendas em Erechim, e que compravam e revendiam produtos de São Paulo. Em *Cágada* os judeus comerciantes

[...] haviam chegado de São Paulo naquele mesmo dia metrópole onde curtiem algumas especialidades comerciais nos fundos da rua José Paulino. Ali como que se formou uma caravana de voluntários na base do quem dá mais. Mas só veio mesmo quem deu menos (MÁRSICO, 1974, p. 20).

Contudo, Mársico sabia das práticas comerciais dos judeus erchimenses com São Paulo na rua José Paulino, por justamente transpor o mesmo nome da rua, para ficção. Na obra *Cágada*, a personagem Muja, é filho de migrantes alemães de ascendência judaica, e está noivo de Rachel, filha de seu chefe, chamado Arão, com quem trabalha contrabandeando produtos piratas, no Bairro do Bom Fim. O noivado vai se prolongando e o amor que sente pela noiva vai desaparecendo e na viagem para Cágada, ele se apaixona por Lady Salma, casando-se com ela.

Essa trajetória ficcional da personagem Muja, possui verossimilhança com a trajetória de vida de Rubem Maurício Safro¹²¹, mais conhecido por Buja, nascido em Pelotas em 2 de fevereiro de 1928, e falecido em Erechim, em 19 março de 2018. Em *Cágada*,

[...] Muja deixara o Bairro do Bom Fim, em Porto Alegre, na antevéspera, e se metera na estrada bastante ansioso, com uma espécie de pressentimento. (...) Muja conheceu Rachel em função do contrabando de Arão. Ele andava errante pelo Bairro do Bom Fim, sem eira nem beira, era um judeu que passava fome. Gozado, ria quando se lembrava do que os outros diziam sobre a sua raça, que não havia judeu pobre. Muja era pobre o que dava, quase mendigo, vivendo de caridade de um ou outro patrício que geralmente o faziam limpar as lojas, as calçadas, as patentes e os lixos e depois lhe davam um prato de comida ou magros tostões com alguns versículos sobre a vagabundagem. Muja nascera e se criara ali, de pais imigrantes alemães que não tiveram sorte. Os velhos se meteram de chegada com negócio de móveis e foram à falência duas vezes. Escaparam da cadeia por milagre, pois, naquele tempo reincidir no calote era prova de que o cidadão estava pedindo para se curar da quebra numa caixa-forte, bem gradeada. Muja só tinha uma irmã, que deu jeito de casar e sair daquela miséria, foi para São Paulo - mas foi e não voltou de vergonha porque o marido fez pior do que o sogro, pediu concordata. (...) Muja ficou com os velhos, lutando para sustentá-los. E fazia biscates, qualquer serviço, deixava muitas vezes de comer para que os velhos não passassem fome. Um dia, encontrou Arão na beira do cais. Arão esperava uma partida de bugigangas quando o pessoal da alfândega bateu. (MÁRSICO, 1974, p. 65-66).

A representação similar aparece na obra *Cágada*, porque Buja [Maurício Safro] e a personagem ficcional Muja, são filhos de imigrantes judeus da Lituânia, suas famílias passaram por dificuldades financeiras. Os dois migraram de Porto Alegre para Erechim na juventude e casam-se, e atuam como representantes comerciais. Na entrevista um judeu vê Maurício, como

[...] o Buja eu não conheci, o Buja era irmão! A gente conviveu a vida toda com o Buja, o Buja é uma pessoa assim, única! Já dá pra dizer assim, que era uma pessoa única. Tu sentava com o Buja, duas horas, ele ficava duas horas, te contando piadas, sem tu pedir. Era, o Buja era uma pessoa ímpar né, era cantor, era, na nossa comunidade era o reizinho, ele cantava ele fazia o diabo, era uma pessoa espetacular. Ele era vizinho do Gladstone Osório Mársico, ele vendia ele tinha um atacado de guarda-chuvas e o escritório dele era ali na rua Aratiba ali onde o Abrão [filho de Buja] onde tem agora um estacionamento de carros, e coisa... a vida toda, ele trabalhou ali. Então, ele saía comprava, vendia também. Vendia pra fora, saía viajar pra fora, a maioria dos judeus aqui, podia ter um ou dois que se destacavam muito mais, mas a maioria era nesse nível. [...] Aí ele acabou namorando e casando com uma senhora ali que era proprietária desse imóvel que eles têm ali, tiveram os filhos né (CHARCHAT, 2018).

¹²¹ Faleceu em 2018, deixando dois filhos; Analeia e Abraão, além de quatro netos e quatro bisnetos. Ele foi a primeira pessoa a chamar Erechim de “Capital da Amizade”, título pelo qual a maior cidade do Alto Uruguai passou a ser reconhecida desde 1968, desde o festejo do cinquentenário erechinense.

Maurício Safro era descontraído, falante e extrovertido, similar com a personagem ficcional. Jochelavicius (2018) ressalta, que “o Buja na verdade ele era um viajante e viajava para Erechim. Daí ele conheceu a esposa dele aqui e acabou casando aqui [com Sara Raquel]. E veio e ficou morando e continuou viajando, ele nunca trabalhou na agricultura”. Em *Cágada*, o judeu comerciante,

Muja era bem-falante como Mister Glupp nunca vira ninguém. Trajava de modo bastante singular e nem parecia judeu. Os patrícios que haviam chegado por ali vestiam cada sobra de enterro... muja, não. Era alegre e multicolor, casaco xadrez branco e azul, calças marrons, gravata vermelha com peixinhos amarelos. Muja chegara numa barata chevrolet, bastante usada, e cheia de malas, tirou-as do carro e levou-as para dentro. (...) E foi abrindo uma por uma das malas. Mister Glupp nunca vira coisas tão lindas. Havia de tudo: perfumes, lenços de seda, gravatas, pulôveres, até roupinhas de mulher, um enxoval de primeira. - Mas para que tudo isto? - Para servir aos amigos, *Sir*. - E o preço? *Oh yes, the price... money?* - Preço? Dinheiro? Nem me fale! Escolha o que o senhor quiser (MÁRSICO, 1974, p. 49).

Muja era um judeu animado e um *klienteltshik*, [vendedor a prestações], ele não usa roupas escuras, mas sim roupas coloridas, essa característica desmistifica que o judeu usa somente roupas escuras. Carneiro, (2014, p. 26), discute que o estigma de aparência física atribuída ao judeu, “até 1950, era caracterizado como uma figura de nariz adunco, pés chatos, barbudo, sujo e ridicularizado por seu sotaque de estrangeiro “esquisitado” no país que recebeu”.

Em 2004, foi produzido um vídeo, no ano de comemoração do centenário da colonização israelita no Rio Grande do Sul, e Buja cedeu um depoimento para o cineasta erechinense, Osnei de Lima, no vídeo intitulado, *Histórias da Minha Vida com o Sr. Rubem M. Safro (BUJA)*¹²². Buja comenta que sua trajetória de vida, inspirou Gladstone Osório Mársico no personagem Muja,

[..] Boa tarde, meu nome é Rubem Safro, mais conhecido em Erechim por Buja, querem que eu fale sobre minha vida, minha vida é um romance, minha vida tem algo de trágico, de tristeza de amargura, mas tem um pouco de felicidade, como todo ser humano tem, vou dizer uma novidade para todos vocês, meus amigos, existe um Deus, esse Deus que me ajudou [...]. Eu me lembro também de uma passagem que é muito interessante, eu tinha um vizinho chamado Gladstone Osório Mársico, grande escritor, escreveu um livro *Cágada*, vocês leram? E se inspirou num personagem, de vizinho dele que era eu, invés de Buja ele botou Muja, mas era eu, se inspirou em mim para fazer, aquele personagem, vocês leram *Cágada*, leram? Espetáculo! Gladstone Osório Mársico, Erechim deu grandes vultos, como deu grandes vultos Pelotas a minha terra. (...) Meus amigos que sejam felizes pois vossa felicidade é minha alegria! (SAFRO, 2004).

¹²² Disponível o vídeo em: <https://www.youtube.com/watch?v=zsr8nIAqZjA>. Acesso: 08 fev.2019.

Mauricio Safro se vê representado através da personagem Muja, chegando a elogiar a obra literária de Mársico.

Conforme o analisado, os judeus empenham-se nas atividades comerciais na Fazenda Quatro Irmãos e posteriormente em Erechim e outros núcleos populacionais. No ambiente da fazenda Quatro Irmãos, além do abandono dos imigrantes após a saturação da exploração da madeira, ocorrem intrusões, no período que se estendem nos períodos de 1927 a 1929 e de 1948 a 1950, segundo Gritti (1997).

A ata do Memorial do Legislativo do RS¹²³ traz o pedido de ajuda emitido pela companhia, devido a intrusão, no local denominado “Serra do Facão” e adjacências, iniciado em 1948, liderado pelo nativo José da Rosa Sutil, chamado Capitão Belo. A pesquisadora conversando com os judeus que viveram nesse período intensivo de intrusão de 1948-1949, salientam que lembram da atuação dos advogados Gladstone Osório Mársico e João Caruso na resolução do caso, e que os dois buscavam frente ao governo soluções para outras intrusões na fazenda.

Sobre o ponto de vista, de um não judeu revela,

[...] Erebango nasceu capenga porque se tivesse sido do estado, quantos colonos iam comprar perto de Erebango, então aqui também diz que a ICA não vendia os terrenos perto da estrada de ferro, vendia lá no fundo, onde tinha interesses uma das razões tu acompanhaste que tava havendo invasões hoje houve invasões da ICA que de Erebango pra baixo, tem Emilio Hofmann e depois pra lá era tudo da ICA de São Judas até Siqueira Campos, do rio que passa em Erebango, o rio facão, então a esquerda era tudo castelhanos e a direita dos judeus, então era um mato branco e serrado ali e eles não vendiam, eu sei que eu ia ao colégio, eu tinha uns onze anos, prenderam uns tais de Belo, eram os mais revoltados lá, pousaram na cadeia tudo né, Erebango tinha cadeia pousaram na cadeia, a mudança em cima do caminhão e no outro dia cedo levaram eles cedo pro Paraná, então aí que depois de cinquenta e poucos aí que venderam essa gleba de terra, tinha uns setenta oitenta colonos tinha ali é só barraram prejudicaram Erebango também (DREIER, 2010).

Apesar das dúvidas quanto ao destino das famílias, para Dreier (2010), a solução encontrada para a intrusão, iniciou pela venda de lotes somente para judeus, e posteriormente a venda de terras para não judeus localizadas longe da estação férrea. Também salienta, que os intrusos eram chamados de “Belo”, devido este ser o nome do líder do grupo, foram presos e logo expulsos das terras da ICA, e encaminhados com suas famílias para o estado do Paraná, local que ganharam terras do governo.

¹²³ Ata Memorial Legislativo RS, 62.a SESSÃO, 21 jul. 1949 p. 530/531.

Porém, sob o ponto de vista dos judeus entrevistados disseram que os intrusos foram beneficiados pelo governo, ganhando terras na região de Planalto, e que com auxílio da companhia ICA conseguiram o transporte necessário para o assentamento, “era o Lolo Piccoli que levava de caminhão. Ele levava cinco ou seis mudanças numa carga. Eram todos pobres”, conforme (FILIPPON, 1995). Em *Cágada*, a chegada dos intrusos:

Era uma autêntica invasão. Mister Glupp nem pôde chegar perto. Os peões já vinham correndo, gritando, pedindo socorro. Nunca tinham visto tanto bugre junto. E eram ferozes! As terras estavam novamente intrusadas e dessa vez a coisa não ia ser fácil, podia cair quanta geada quisesse [...] (MÁRSICO, 1974, p. 90).

Aqui, os intrusos que Mársico transpõe são os bugres, ou seja, a mistura do indígena com o caboclo, que diferentemente dos indígenas não seriam aniquilados facilmente, haveria resistência. Na ficção surgem os peões para avisar da invasão, que segundo Chwartzmann (2005), estes poderiam representar o grupo de homens da ICA chefiados para policiar os limites da fazenda. Observa-se que Mársico usou o termo “intrusadas”, da mesma maneira, que a ata da camara legislativa de 1949, utiliza o termo intrusão, nela consta “que montaram uma comissão dirigindo-se de camionete a fins de averiguar a área invadida” (Ata Memorial Legislativo RS, 62.a SESSÃO, 21 jul. 1949 p. 530/531), em *Cágada*, também surgem comissões “tratou de botar a câmara na camioneta e correu para as terras da ACA” (MÁRSICO, 1974, p. 43), e surgem ameaças aos intrusos,

- Não sabe que isto aqui que o senhor está fazendo é crime? É esbulho? *My Lord, a spoliation!* Não sabe que a minha companhia comprou estas terras só para os patrícios? São as terras prometidas, comprometidas. São terras de Israel. *Oh, yes, Israel's lands!* Então, o que o senhor pretende aqui? Fazer confusão, subversão? Oh no! Pois vai sair daqui vivo ou morto. Garanto, *I promise*. Vai acabar na cadeia. *God save the King!* (MÁRSICO, 1974, p. 42).

Aqui, Mársico coloca no discurso do diretor da companhia que a intrusão é um crime, e ameaça os intrusos com prisões caso não desocupem as terras. Gritti (1997) salienta que em 1962, a *Jewish Colonization Association* encerrou suas atividades na fazenda Quatro Irmãos.

A companhia desativa sua linha férrea, segundo (ZANINI, 1995), logo após “que terminou a exploração dos pinheiros”. Em *Cágada*, verossimilhantermente ocorre que,

ninguém acreditava naquela lorota de que os bem-bons [judeus], terminados os pinheiros, se arrancariam como formigas mal-agradas antes do inverno. O pinheiro podia ir, mas voltava o sonante. E deste surgiram e roçadas e pastagens, trigo e gado, pomares e parreirais, riqueza de não acabar mais, tudo como estava escrito na Bíblia deles (MÁRSICO, 1974, p. 157).

Em *Cágada*, os trilhos também são removidos, “o serviço de remoção dos trilhos foi feito pelos “bugres já haviam completado o trabalho de arrancar os trilhos de novo para impedir que o trenzinho voltasse” (MÁRSICO, 2006, p. 128). Ao encerramento da exploração da madeira, aumenta os desempregos, resultando na falta de oportunidades e abandono da colônia.

O ápice da obra, onde há o encontro entre Velópolis e Cágada, a modernidade e o atraso, é na construção e viabilização de uma linha. “E aí ele começou a construir a sede da *Armarish Colonization Association* e duas linhas particulares, uma férrea e outra telefônica, ligando aquele imenso território ao centro do então município de Nova Floresta.” (MÁRSICO, 2006, p. 13).

Em *Cágada*, surgem previsões futuras, quanto ao abandono das terras, “Cágada, ainda no nascedouro, já começava a sentir os primeiros sintomas de olho grande. Lá estava o futuro- diziam” (MÁRSICO, 1974, p. 17). Aqui, Mársico satiriza que a colônia ficou despovoada e que a expectativa de progresso para a colônia não se concretizou. Mársico tinha acesso aos empreendimentos financeiros da ICA, por isso não aceita pacificamente que a colônia tivesse tido esse desfecho, devido aos gastos excessivos da companhia, e os objetivos inconcretos do poder público em tornar o imigrante judeu em agricultor.

Essa falta de futuro, acredita-se que possa estar representada pela imagem da tartaruga, na capa do livro *Cágada*, e ser o símbolo da lentidão do projeto de colonização, da companhia *Jewish Colonization Association*, representada pelo formato de tartaruga. Nessa imagem, o colonizador judeu, a mulher judia, sua filha e o intruso estariam em cima da tartaruga sendo levados pela companhia em passos lentos até quase parar. Nessa mesma lentidão, atrás da tartaruga em solo, as imagens do padre Nero em seu burrico em passos lentos e logo atrás na mesma lentidão, o carro dirigido por Muja, que buzina, para que a tartaruga acelere os passos. Nota-se que todas essas personagens seguem a lentidão da tartaruga. Mársico,

[...] faz uma grande sátira do poder público, do preparo das pessoas, ele é muito indignado porque o cara volta com aquele baita de um preparo, esse artista Gladstone Osório Mársico, ele abomina a desarmonia ele não se sente bem com a mediocridade, com o subdesenvolvimento, a pobreza mata ele! Ele não suporta a desarmonia, ele não suporta digamos ... a tudo aquilo que não é harmônico, tudo aquilo que não têm grandiosidade, parece um pouco, dionisíaco parece um pouco nietzschiano, coisa minha não tem nada

haver. Ele é um homem feliz quando tem potência nas coisas, quando tem vivacidade, quando têm grandeza, arte, a mediocridade ferre morde o Gladstone, por isso que ele usava muito a fotografia, por isso ele ia muito lá observar o Vale do Dourado [bairro que têm beleza natural em Erechim], lá ele entrava em sintonia em paz de espírito, e a verve dele (CHIAPARINI, 2018).

Além, da tartaruga para satirizar a companhia *Jewish*, Mársico faz uma sátira direcionada ao poder público porque demonstra indignação com a realidade local que sobrou de Quatro Irmãos após exploração ambiental, sabendo que ele é “um homem feliz quando tem potência nas coisas”, Mársico indignado, resolve satirizar esse contexto desanimador da colônia, o abandono das terras por parte do imigrante, e o encerramento das atividades da *Jewish Colonization Association*, na década de 60. Com isso, surgiria a hipótese que Mársico através de *Cágada*, pudesse reivindicar ao poder público uma atitude frente a companhia de colonização *Jewish* quanto ao futuro incerto da fazenda abandonada.

Um ex-funcionário da ICA, afirma que a dificuldade de tornar o imigrante em agricultor em Quatro Irmãos se deve,

[...] porque a maior parte dos colonos não entendia nada de agricultura e pecuária. Na Europa eram proibidos de ser proprietários de terras e, por isso, não se dedicavam à agricultura e à pecuária. A única exceção era de alguns colonos que vieram da Bessarábia e lá, às vezes, quando conseguiam algum pedaço de terra, se dedicavam à cultura do fumo. Os outros nada entendiam da agricultura, pois só conheciam plantações nas propriedades dos *pritzim* (condes e marqueses). [...] Os funcionários da ICA, que vieram da Europa, entendiam dessas coisas tanto quanto os colonos (CHWARTZMANN, 2005, p. 31).

Já, Feldman (2003), rebate que tornar o imigrante israelita em agricultor obteve insucesso, ou seja, que fracassou¹²⁴:

[...] Olha, fracassar depende o que você vai interpretar de fracasso. A única coisa que eu acho que não fracassou, porque tem até hoje [ano 2003] alguns fazendeiros que tem terras grandes, que são originárias da época, porque esses acharam que esses iam progredir com o tempo, com as mudanças melhoramentos e aconteceu isso. Veio a modernidade da agricultura, e a agricultura hoje é o polo ali. Então não pode se dizer que fracassou, é que as pessoas na época não previram que podia vir isso, e eles estavam passando uma dificuldade enorme. Mas, procuraram um serviço que desse uma rentabilidade maior, e onde eles podiam ter uma educação melhor. Aí tu vais ver que não tinha futuro, só tinha até o primário esse é o motivo também.

¹²⁴ Há estudos sobre essa definição de “fracasso”: Elmir (2014), Witt (2014).

Já um dos entrevistados afirma, que o objetivo foi cumprido de promover a imigração de judeus vítimas das perseguições assegurando-lhes uma existência livre, garantindo-lhes terras, mas tem consciência que Quatro Irmãos foi abandonada (CHARCHAT, 2018). Já Gritti menciona que o substituto do diretor Eisenberg, afirma,

[...] é lamentável e inegável que o povoado de Quatro Irmãos, depois que foram concluídas as atividades de exploração dos pinheiros que existiam na nossa Fazenda, tornou-se uma vila de atividade inexpressiva e um aglomerado de gente humilde e sem trabalho, onde impera a absoluta miséria (GRITTI, 1997, p. 150).

Então, ao término do extrativismo da madeira, a fazenda viu-se abandonada, visto que os objetivos da companhia foram concretizados, visto que a ICA obteve o lucro esperado com os rendimentos da exploração florestal e com a venda dos terrenos, segundo Gritti (1997).

Vale ressaltar, que a obra *Cágada* foi produzida e publicada na década de 70, a representação da imagem da tartaruga, sugestão de Mársico para a capa, foi elaborada num período conturbado na colônia, porque havia vestígios da década de 1960, período migratório dos habitantes deixando a Fazenda praticamente desabitada, também houve o encerramento das atividades da companhia ICA, na colônia e a retirada do ramal férreo. Acredita-se que nesse contexto histórico de produção artística, Mársico através da imagem da tartaruga representou o abandono e o encerramento das atividades na colônia por parte da companhia. Através de um animal lento, que não exprime progresso, satirizou o contexto histórico da imigração judaica, e principalmente a empresa responsável e sua colônia por não atingirem o objetivo governamental brasileiro, de tornar o imigrante judeu em agricultor e não um extrativista madeireiro.

Para finalizar esse tópico, *a representação do judeu capitalista e comerciante*: em *Cágada* trouxe aspectos da riqueza florestal; da exploração da madeira; do árduo trabalho na colônia; a representação do judeu capitalista associado ao lucro com a retirada da madeira através do ramal férreo; o pequeno comércio de secos e molhados; o estereótipo de associar o judeu ao dinheiro; as práticas comerciais entre judeus e não judeus. Em *O exército de um homem só*, através da

personagem Mayer trouxe aversão ao capitalismo; o judeu comerciante é representado como capitalista por ser dono de uma empresa e lucrar em cima do trabalho do funcionário, também retrata o trabalho no comércio dos judeus, no bairro Bom Fim [imaginário]. Em *Cágada*, os judeus são representados como assíduos comerciantes e sempre obtém vantagens em seus negócios, também surge a representação da personagem Muja, que pode ter sido inspirado no comerciante erechinense Maurício Safro.

Em ambas obras literárias, *Cágada* e *O exército de um homem só*, surge a representação da intrusão da colônia, por parte dos afrodescendentes em *O exército de um homem só* ou dos caboclos e indígenas, também chamados de bugres, em *Cágada*. Também em ambas obras literárias, surge o imigrante judeu vendedor a prestações.

Nas duas obras literárias, os dois projetos de colonização são representados como se tivessem fracassado em seus objetivos, porque em *O exército de um homem só*, Mayer depois da tentativa frustrada de fundar Birobidijan desiste e depois, somente em seu leito de morte ainda preserva o sonho utópico de fundá-la. Em *Cágada*, os integrantes são presos por uma força reacionária contra o grupo dos 11, deixando o município de Cágada praticamente desabitado.

3.4 A imigrante judia: de camponesa à comerciante

Por meio do estudo desenvolvido, observou-se uma certa dificuldade em encontrar bibliografias específicas sobre as atividades desenvolvidas pelas mulheres judias no Rio Grande do Sul, ou registros na historiografia da atuação da mulher judaica imigrante, uma vez que elas não são vistas como protagonistas. Contudo, para entender-se foi necessário recorrer ao contexto histórico feminino, no início do século XX.

Na praça de Erechim, encontramos o monumento da *Mulher camponesa*.

Se tu fores a praça da Bandeira depois, tenta focar a mulher [escultura de uma mulher] ela

tem pés descalços, a mulher de Francisco Riopardense de Macedo¹²⁵, ela tem uma enxada e no ombro uma foicinha. Além de ser uma família de 10 ou 11 as vezes 15 [filhos] ela [mãe imigrante] também dava suporte para o marido na lavoura, o artista retratou a mulher naquele tempo histórico inserida no processo histórico dessa forma, ela não lastimava ela não lamentava, ela não reivindicava direitos da mulher porque na década de 50 ainda não se fazia isso, a nível mundial. Até já tinha a Simone de Beauvoir que está teorizando no primeiro mundo. Depois da 2^a Guerra Mundial buscando mais direitos, mas espaço que vai se caracterizar na década de 60, mas mentalmente a fundamentalmente a década de 50 para a mulher era a rainha do lar, a mulher a família e os filhos, o homem o provedor ele que busca né [...] se tu fores a praça da Bandeira, tu vais ver a representação desta classe, desse setor com o *Lavrador* [escultura] com a *Mulher camponesa* [escultura], ali tem o chafariz ali tem o colono [escultura]. Na entrada da avenida que tem uma frase bonita lá tá escrito: “Ao defrontares com este símbolo, pensa naqueles que, alheios aos gozos mundanos, só tem como glória o suor do seu esforço”. O trabalho. Terminada a década de 50, nós fomos aqui capital, 4^a festa estadual do milho agosto de 1940. Em 1953 em novembro terceira festa nacional do trigo em Erechim¹²⁶ (CHIAPARINI, 2018).

Na obra autobiográfica, Chwartzmann (2005, p. 34) escreve sobre a mulher

[...] a velha Ite atravessava aquele trecho de quatro quilômetros de mato até a nossa casa para pedir aos meus pais que eu fosse dormir na casa dela, afinal de contas eu já tinha nove anos e bem podia servir-lhe de “guarda-costas”, ajudá-la em muitos trabalhos e, no outro dia, voltar sozinho para casa sem que ela precisasse me levar. Numa dessas vezes, ela disse-me que estava sem erva-mate e que, assim que terminasse os afazeres de casa, iria até o mato cortar galhos de alguma erveira baixa, depois secaria as folhas no forno e teria erva para mais alguns dias [...] Depois que fui para casa, dona Ite pegou um facão e foi até o mato, procurou algumas erveiras bonitas, cortou-lhes os galhos mais bonitos, fez com ele um belo feixe amarrado com cipó. Mas, ao voltar, enganou-se de direção e tomou o caminho errado. Quanto mais caminhava, mais se aprofundava no mato. Enfim, estava perdida. Quando começou a escurecer, ela parou de caminhar, subiu num galho de uma árvore, a uma determinada altura do chão, para se livrar de algum bicho rasteiro, e ali passou a noite empoleirada. Ao amanhecer, tornou o caminho até dar numa trilha de gado. Foi seguindo a trilha e, assim conseguiu sair no campo [...]. Pela distância percorrida, dava, mais ou menos, uns quinze quilômetros. Depois disso tudo, dona Ite voltou para casa, mas infelizmente, sem a erva.

A mulher é representada como trabalhadora, ao lado do marido, ou sozinha, administrando a sua propriedade.

As mulheres iam para trabalhar nas lavouras junto com os maridos e levavam as crianças pequeninas enroladas em algum cobertor, isto quando era pouco frio; no verão às vezes as deixavam peladas, conforme o calor e as largavam no chão debaixo da sobra de alguma

¹²⁵ Francisco Riopardense de Macedo foi um historiador, paisagista, poeta, urbanista, artista plástico, arquiteto e engenheiro brasileiro.

¹²⁶ Na 3^o edição da festa do Trigo em 1953, a judia, Terezinha Kives Bacaltchuc foi eleita a rainha da Festa do Trigo, a festa ocorreu na rua Comandante Kramer, num pavilhão lotado, conforme (CHARCHAT, 2018).

árvore. Não havia perigo de se extraviar porque eram muito pequenas e as maiores ficavam de guarda, o que aconteceu comigo e minha irmã Rosa. A mãe tinha que ajudar o pai a lavrar uma área de campo e como os bois não obedeciam às regeiras, ela levava os mesmo por uma corda e o pai segurava o arado (CHWARTZMANN, 2005, p. 74).

Em *Cágada*, a mulher judia é representada em Lady Hilda, imigrante inglesa, esposa de Mister, e Lady Salma, filha do casal também chamada carinhosamente pelo pai de a *lovely and little daughter*, que se traduz “uma adorável e pequena filha”. Mesmo já como uma mulher casada, seu pai tratava-a afetuosamente, prática familiar recorrente entre as famílias judias, onde o pai judeu possui um tratamento extremamente afetuosos e carinhoso com os filhos, mesmo quando esses chegam a fase adulta.

Ainda, nesse grupo de mulheres judias na ficção, há Rachel, que vive no Bom Fim [imaginário de Cágada], ex-noiva de Muja e filha de Arão. Em *O exército de um homem só*, a representação das mulheres judias é através da mãe de Mayer [sem nome], da esposa Leib Kirschblum, também chamada de Leia, da filha do casal chamada Raquel, da amante de Mayer chamada Geórgia, e da proprietária de uma pensão, chamada Sofia. Percebe-se que Mársico traz a representação da família judia nuclear padrão, enquanto Scliar traz uma família em desestruturação, onde a mulher é a responsável pelo sustento da casa e ocupando cargos majoritários masculinos.

De modo geral, na colônia Quatro Irmãos, as mulheres casavam jovens, formando famílias (FAERMANN, 1990; CHARCHAT, 2018). Porém, nem todas as mulheres seguiam essa regra, ficando marginalizadas da estrutura da sociedade, como Geórgia, a amante judia, presente em *O exército de um homem só*: “Eu vivi bem, Geórgia. Á minha maneira, é claro. E tu? Nem sequer conseguiste realizar o sonho de toda guriazinha judia - casar. Agora vais ter de andar sozinha por aí” (SCLIAR, 1973, p. 117). Em *Cágada*, Lady Salma apaixonou-se por um soldado não judeu em Londres, por isso não pode levar adiante o relacionamento, sendo impedida por seus pais. No Brasil, Lady Salma preocupa-se em não ficar solteirona.

Lady Salma ficou longos e longos anos sem achar nada, nem marido. As visitas á sinagoga aumentaram, nunca mais foi ver a rendição da guarda, mas os mocinhos que continuaram a lhe apresentar pareciam cada vez mais feios e desengonçados, a própria traça. Quando chegou a hora de virem todos para o Brasil, a primeira coisa que Lady Hilda se lembrou, depois dos gerânios, foi perguntar para Mister Glupp:

- Será que tem patrícios por lá? *Dear*?
- Por quê?
- Ora, a nossa filha vai casar com quem?
- Tem tempo, *Darling* [...]

Lady Salma foi crescendo e vivendo naquele trauma de ficar solteirona. Não tanto por ela, mas pela mãe e o pai (MÁRSICO, 1974, p. 55).

A situação das duas mulheres era delicada entre os judeus: o fato de não casar era reprovado, ficando toda comunidade encarregada por auxiliar a encontrar um marido, como no caso de Lady Salma, e a marginalização total da mulher, tornando-se amante ou prostituta, como no caso de Geórgia (ASHERI, 1987).

Outra situação embaraçosa era o fim de noivados. Em *Cágada*,

Muja estava noivo de Rachel há sete anos. Era um moderno Jacó. Realmente, há sete anos de mandalete servia a Arão, pai de Rachel. Só que esta não era serrana bela e nem possuía uma irmã chamada Lia. Serrana bela, para ele, agora, somente havia uma: Lady Salma [filha do Mister]. Rachel era a única filha-mulher de Arão, criaturinha magra e pegajosa, de voz fina e trejeitos de mamãe. Muja, às vezes, nas suas confissões ao espelho, especialmente quando se enfarava dela, chamava-a de lagartixa. Pois Rachel era envolvente, persistente, vivia a chamá-lo de benzinho para cá, beijinhos numa verruga que ele conservava com muita descrição atrás da orelha – enfim, era uma dessas noivas que já se consideram esposas com todas as bodas do mundo antes do casamento e os agravos da lua-de-mel (MÁRSICO, 1974, p. 65).

Contudo, após sete anos, o noivado termina. Como o próprio Mársico diz de seu personagem Buja, que “era um moderno Jacó”, devido sua trajetória poder ser comparada com a passagem bíblica de Jacó, situada em Gênesis 29:15-20, que como o personagem Muja, Jacó serve como escravo, sete anos Labão pelo amor de Raquel, mas na ficção Muja não quer abandonar a noiva para não ficar desempregado. Em *O exército de um homem só*, o pai de Leia, namorada de Mayer preocupava-se com a filha,

Era meiga e loira. Morava sozinha com o pai. A mãe os abandonara quando Leia tinha cinco anos. O pai era doente; quando se incomodava com Leia, dizia que ela ainda acabaria por matá-lo. Por causa disto, Leia chorava muito. Depois enxugava as lágrimas, procurava seus amigos e declamava para eles (SCLIAR, 1973, p. 14).

O pai preocupasse que a filha case logo devido sua doença, e porque casada ele acreditava que ela não ficaria desamparada. Em *Cágada*, além de procurar um casamento para filha, sobre as atividades desenvolvidas por Lady Hilda,

[...] todos os dias, apenas o sol aparecia por cima da Montanha da Caverna, Lady Hilda regava as flores que havia plantado nas janelas de seu apartamento e, logo em seguida

acordava Lady Salma para respirar o ar puro pela manhã. [...] Lady Hilda plantara, ali gerânios trazidos de Londres num pequeno baú (MÁRSICO, 1974, p. 30).

Lady Hilda cuidava da filha e tomava conta da casa e do jardim, principalmente das mudas de gerânios, que a faziam lembrar e compensar a saudade que tinha da Inglaterra. “Lady Hilda e Lady Salma já estavam cansadas de fazer e requentar o *klops* [bolinhos de carne] de que Muja tanto gostara naquele jantar inesquecível” (MÁRSICO, 1974, p. 48).

Em *O exército de um homem só*,

[...] nossa mãe sofria ao nos ver de balaio na mão. Nossa mãe tinha projetos para nós: eu seria médico, Mayer, engenheiro; ou, eu advogado, Mayer engenheiro; ou, eu engenheiro, Mayer advogado... Logo ficou claro que eu não dava muito para os estudos, e então nossa mãe concentrou seus esforços em Mayer. Com ele o problema era outro. Mayer era magro. Rapazes magros não progridem nos estudos. Sabia-se [...]. Na busca de alimentos para Mayer, nossa mãe revelava diligência, argúcia, arrojo, destemor; perícia e espírito de improvisação; carinho. Perseguia tenras galinhas, suas e dos vizinhos; levava-as em pessoa ao *schochet* [responsável por realizar o ritual do abate], assistia ao sacrifício ritual, cuidando assim que a carne (especialmente a do peito, que era a que Mayer abominava menos) recebesse as bênçãos divinas. Viajava quilômetros para conseguir de certa mulher, uma bruxa do Beco do Salso, leite de cabra- único preventivo contra a tuberculose que ameaçava os meninos magros. Mais tarde, quando nos mudamos para a Rua Felipe Camarão, ela ia bem cedo à venda comprar maçãs para Mayer. Por mais que madrugasse, contudo, já lá achava as vizinhas, comprando maçãs. Para entrar na luta pelas maçãs maiores e mais maduras nossa mãe desenvolveu habilidades especiais; seus cotovelos, mergulhando nas barrigas das outras [...]. De posse das frutas corria para casa e lá encontrava a cara de nojo de Mayer. O arroz saboroso, Mayer recusava; os *kneidlech* [bolinhos] quentinhos recusava; os biscoitos doces, a boa sopa, recusava. [...] Um dia, em desespero, nossa mãe jogou-se nos pés dele: - Diz meu filho, diz o que tu queres comer! O que quiseres mamãe traz! (SCLIAR, 1973, p. 19).

Em ambas obras literárias, a mãe judia é representada como a responsável pela alimentação da família, aquela que cozinha pratos típicos judaicos, que se preocupa com o futuro de seus filhos. Mayer trabalha num comércio rudimentar, sua mãe projeta um futuro melhor para os filhos, formando-se numa universidade para ter uma profissão que lhes elevasse *status*. Em *Cágada*, Lady Hilda, demonstra-se atenta e preocupada com a família, ao impedir o marido de tomar um remédio cuja bula desconhece:

- *My lord*, que remédio milagroso é este?

- Fórmula da casa.

- Posso experimentar? *Please?*

Lady Hilda saltou:

- Cuidado, *dear!*

- Não tem contraindicação- tranquilizou Padre Nero.

Mister Glupp pegou do galheteiro, cheirou e bebeu um gole (MÁRSICO, 1974, p. 78).

O consumo de álcool no lar era outra questão controlada pela mulher.

- O senhor por acaso tem *whisky*? – perguntou a Mister Glupp. Lady Hilda olhou para o marido, gelada. Ela seria capaz de preferir a morte de Muja do que a entrada de álcool naquela casa. Era o antigo delírio contra qualquer espécie de bebida que não fosse água. Água tinha de sobra. Não servia?
- *My Lord*, para quê? - perguntou.
- Preciso de anestésico.
- Nesta casa nunca entrou bebida, nem como remédio, *oh, yes, by my honour!*
- Então, vou ter que dar outro jeito.
- Lady Salma começou a tossir de novo e Lady Hilda achou que já era demais.
- Quieta, filhinha. Deus é grande.
- A senhora acha, mamãe? (MÁRSICO, 1974, p. 77).

Lady Hilda não permite a entrada de álcool dentro de casa, mesmo que fosse usado para fins de anestésico ou sedativo. Aqui, percebe-se uma mãe judia dominadora e protetora do lar, porque toma decisões na casa. Em outro trecho, em *Cágada*: “E quando é que a gente deixa de ser judia? - quis saber Lady Salma? - Quando morre, filhinha. - A senhora acha, mamãe?” (MÁRSICO, 1974, p. 140). Lady Salma por ser uma judia jovem, aprende com a mãe religião. Em Quatro Irmãos, além das atividades no lar, trabalhavam como professoras na colônia. Em ambos espaços Quatro Irmãos e Porto Alegre, a mulher desempenha o papel de alfabetizadora. Em Porto Alegre, Moacyr Scliar, em sua biografia revela,

[...] minha mãe corria a mostrar minhas historinhas aos parentes e amigos. Mais tarde, quando publiquei meu primeiro livro, obrigava suas amigas a adquiri-lo. Cumpria, assim e de outra forma, o que considerava sua primeira obrigação para com os filhos: alimentá-los (SCLIAR, 1985, p. 98).

À mulher cabia o espaço do lar, o cuidado da família, mesmo os filhos adultos.

O pai judeu estava na loja, na fabriqueta, ou na rua, vendendo. Mas em casa imperava a mãe judia. Que, no Bom Fim, correspondia à tradicional imagem da mãe ansiosa, superprotetora, alimentadora. Não era raro ver mães correndo atrás dos filhos com um prato de comida em plena rua. Posso aliás dar um testemunho pessoal. Magrinho, sem apetite, eu só comia umas colheradas de sopa quando ligavam as máquinas na mercaria do meu tio. Meu irmão era ainda pior: ele não comia nada mesmo. Era um mistério saber como sobrevivia. Minha mãe acabou descobrindo: em frente a nossa casa havia uma construção. Meu irmão atravessava a rua e pedia comida aos operários que, condoídos, alimentavam-no. Sabendo disto, minha mãe fez um pacto com a classe trabalhadora: ela fornecia comida aos homens, que a colocavam nas marmitas. Assim, meu irmão acabava

sendo alimentado por sua mãe judia. Esses cuidados eram, se não justificados, pelo menos explicáveis. A magreza podia ser o prenúncio da tuberculose, a peste branca que dizimavam os habitantes do *shtetl*, do gueto- também os brasileiros. Alimentar era proteger as crianças contra a terrível doença [...] minha mãe esquentava água em uma grande lata de azeite *Sol Levante*. E não a esquentava no fogão a gás ou elétrico; o que tínhamos era um fogão a lenha. Quem já tentou acender o fogo numa manhã de inverno, com lenha úmida, sabe que isto é o que mais se aproxima de uma missão impossível (SCLIAR, 2003, p. 64).

A mãe judia cuidava para que os filhos não adoçam, aspecto presente em ambas obras literárias. Também, se envolve nos negócios da família. Em *O exército de um homem só*, Mayer vai ao encontro de sua mulher para dizer-lhe do novo empreendimento da família:

- O que é que tu já estás inventando, Mayer? É outra ideia maluca para incomodar a gente?
- Sossega, Leia- disse ele. É para nós que eu vou trabalhar. Para ti, para nossos filhos, vais ver. Me dá... quatro anos. Só isto. Quatro anos (SCLIAR, 1973, p. 101).

A mulher judia continua a ocupar o papel de proteger, alimentar e educar os filhos. Enquanto, a mãe judia de Quatro Irmãos, auxilia o marido na lavoura, a mãe judia porto-alegrense frequentava a feira, auxiliava o marido nos negócios ou era dona de estabelecimento comercial. Nas duas obras, é representada como superprotetora. Essa representação associa-se ao imaginário dos membros da comunidade judaica, da mãe judia ser sinônimo de proteção, e zelosas pelos filhos, mas que possuem diferentes maneiras de demonstrar o afeto. Na obra autobiográfica, Moacyr Scliar afirma:

Não era fácil ser filho de professora, como não foi fácil ser filho de uma das mães mais superprotetoras que Deus botou na face da terra; as merendas que eu trazia dariam para alimentar um batalhão (SCLIAR, 1985, p. 96).

Em *O exército de um homem só*, a esposa de Mayer,

Leia comia bem. Não podia se desnutrir; trabalhava muito e precisava se sustentar. Não se queixava, mas às vezes sentia na boca um amargo. A vida é amarga- murmurava. Minorava seus desgostos com chocolates *Neugebauer*. Em geral permanecia firme, embora às vezes tivesse vontade de se desligar do mundo, de se apagar; suas pálpebras se fechavam e logo se abriam. [...] Às vezes a enormidade de suas tarefas pesava sobre ela como a carga sobre o lombo de um cavalo; sentia então dor nos rins, mas consultava o Dr. Finkelstein em último caso; este lhe receitava pílulas brancas, que ela sempre esquecia de tomar. Seu cabelo loiro ficou grisalho; isto aconteceu ainda do nascimento de seu segundo filho, uma menina (SCLIAR. 1973, p. 49).

Aqui, surge a representação da mulher judia ter uma enormidade de tarefas como trabalhar na loja e com as atividades domésticas, que caem sobre seus ombros, mas ela continua persistente. Durante a trama, Leia e seus dois filhos, são abandonados pelo marido, quando Mayer resolve viver no Beco do Salso. Leia tenta convencê-lo para que retorne para casa, mas ele não aceita. Mayer convive com uma mulher que encontra no sítio, mas Leia não separa-se de Mayer, ao saber da primeira traição do marido [com uma não judia]. Quando Mayer é abandonado pela mulher e desiste do sítio, Leia perdoa-o e Mayer retorna para casa. Enquanto isso, Leia trabalha muito na loja, herança de seu pai, e “não fazia questão de joias, ou vestidos; o pior, para ela não poder levar as crianças na praia” (SCLIAR, 1973, p. 99). Aqui, sobressai uma mãe que deixa seu bem-estar para segundo plano, e preza pela felicidade dos filhos, e que na ausência de marido, ela ocupou o lugar de provedora, assumindo o papel dele.

Além da representação da mãe de Mayer, e da esposa Leia, também surgem duas mulheres judias na trama. A judia Geórgia, amante de Mayer, e na velhice, Sofia Kirschblum, que era a dona da pensão em que Mayer residia, após a separação da esposa. Sofia era “poderosa, e orgulhava-se de seu tipo empresarial” (SCLIAR, 1973, p. 130), e

Geórgia estava cada vez mais insolente. Tratava Mayer por “tu” na frente de todo o mundo; quando ele a repreendia, respondia ironicamente: “Está certo, Capitão Birobidijan” [...]. Uma noite Geórgia disse, acendendo o cigarro:

- Estive falando com Raquel ontem no Clube. Acho que ela não vai se opor...

- Não vai se opor o quê? – perguntou Mayer, alarmado.

- À tua separação. Estive pensando nisto e acho que a tua mulher... (SCLIAR, 1973, p. 111).

Nota-se que a judia Geórgia, sem que ele saiba toma a atitude e comenta com a filha de Mayer, chamada Raquel, que pretende assumir publicamente o relacionamento com Mayer. Também na pensão a Dona Sofia,

- Vou direto ao assunto... Sabes, eu sou uma mulher de iniciativa, não perco tempo com grandes explicações... É o seguinte: tu te sentes sozinho, é por isso que fazes bobagens como aquilo ontem. Mas eu também me sinto sozinha. Nunca casei... E a gente enjoa de não ter ninguém. Depois, se nós... Se a gente acertasse... A casa poderia ser ampliada...

- Não, Sofia.... – Começa Mayer.

- Com um homem é outra coisa- ela continua, apressada. - E, Mayer, se quiseres, podemos ser só companheiros. Isto de sexo... Eu não faço questão; não me interessa te asseguro (SCLIAR, 1973, p.143).

Existem duas mulheres decididas, a amante Geórgia insiste que o Mayer, divorcia-se de sua esposa, e Sofia lhe propõem casamento, mas o pedido é recusado por ele. Além das mulheres judias, em *O exército de um homem só*, retrata duas mulheres não judias, a primeira chama-se Santinha, que reside próximo dos limites do Beco do Salso, acompanhada de quatro homens chamados; Libório, Nandinho, Hortênsio, Fuinha. Num certo dia, eles observaram que Mayer estava plantando na horta e invadiram a colônia, durante a noite, matando os animais; o Companheiro Porco, a Companheira Cabra, e a Companheira Galinha, e agredindo a mulher. Enquanto isso, Mayer esconde-se, e depois que os invasores partem pela manhã, ele aproxima-se dela ainda machucada. A partir disso, Mayer e Santinha mantêm relação amorosa na colônia, e chamam-na de Nova Birobidijan. Santinha, católica afrodescendente,

[...] era uma ativa proletária. Limpou toda a casa; improvisou uma cama com lona e feno seco; fez um fogão com pedras e uma velha grade. Derrubou um eucalipto, libertou-o de toda a ramagem e erigiu-o em mastro para quando Birobidijan terminasse a bandeira de Nova Birobidijan. Preparou a plantação de milho e marcou o lugar para a futura usina. E não fazia só serviço interno. De madrugada já estava batendo estrada; ia fazer biscates ou pedir esmolas. Nunca voltava de mãos vazias. O capitão não passava fome, tinha até roupas novas- a túnica usada de um sargento da Brigada (SCLIAR, 1973, p. 87).

Acredita-se que aqui, seja uma representação do trabalho femenino no kibutz, porque como a mulher kibutziana, Santinha realiza todos os serviços braçais. Como também, devido Santinha, viver nas humildes habitações da colônia africana, bairro predominantemente negro, acredita-se que essa personagem representa as mulheres nativas que viviam e trabalhavam na olaria, no bairro Santa Cecília.

Porém, Moacyr Scliar, além de trazer a representação da mulher kibutziana, traz uma temática social, porque traz a exploração da mulher para a trama, devido Santinha passar fome e trabalhar exaustivamente. Enquanto isso, Mayer usufrui dos benefícios da prostituição de Santinha, como no trecho, a exploração acontece:

Rosa tinha pequenos surtos de rebeldia. Uma vez o Capitão a encontrou na despensa, devorando toda a reserva de alimentos. Quando a repreendeu, lembrando que estavam na economia de guerra, ela respondeu, com boca cheia de pão:
- Mas eu estou com fome! Faz dias que não como direito! (SCLIAR, 1973, p. 88).

Enquanto Santinha era explorada,

Mayer também trabalhava, mas já não tinha o mesmo ímpeto de antes. Roçava um pouco de mato e ia se deitar, ou então ficava horas no Mausoléu dos Heróis, limpando os crânios do Companheiro Porco e da Companheira Cabra, murmurando impropérios contra a Companheira galinha. Outras vezes cantava – nem sempre hinos revolucionários; preferia agora velhas canções em ídiche (SCLIAR, 1973, p. 87-88).

Então, Mayer ficava com o serviço mais leve, dirigindo o comitê no kibutz. Dentro da pensão Mayer envolve-se com a segunda mulher não judia, chamada de Santa Teresinha da Silva, empregada doméstica,

[...] os olhos não eram azuis, eram castanhos; a tez era morena... Mayer não foi para o quarto depois do almoço; ficou sentado na sala de refeições observando Santinha, que limpava a casa (SCLIAR, 1973, p. 140).

Scliar toca em outro problema social, porque a mulher Santa Teresinha da Silva, é vista como objeto sexual, ou na forma de amante, ou por ela ser uma simples trabalhadora, que nesse contexto encaixa-se como assédio sexual contra a funcionária. Retrata perfis diferentes de mulheres, as judias como; a mãe de Mayer e Leia são zelosas com a família; Rachel é uma jovem judia ingênua; Dona Sofia é empreendedora da pensão; Geórgia, amante de Mayer, funcionária de Mayer e sonha em casar-se. Diferentemente das mulheres judias, as nativas; Santinha e Santa Teresinha, estão representadas como prostitutas, e ambas pobres, afrodescendentes, com similaridade nos nomes “Santa” e em suas aparências físicas. Pode-se afirmar que o autor faz um contraponto da mulher judia versus a mulher não judia, havendo diferença das judias em relação as brasileiras. Através dessas personagens, revela o drama humano e faz uma denúncia social.

Moacyr Scliar, não retrata a prostituição somente em *O exército de um homem só*, mas principalmente em seu romance, *Ciclo das águas*, publicado posteriormente em 1977, no qual retrata o contrabando de mulheres judias polonesas, trazidas da Europa sob vários pretextos para, na verdade, se prostituírem nos cabarés da América.

Foi inspirada na figura de uma velha prostituta judia, já falecida, a quem atendi como médico. O que mais me impressionava nesta mulher era a sua capacidade de sedução, em flagrante com sua deterioração física e mental. Pouco depois que o livro foi publicado recebi um telefonema anônimo. Uma pessoa censurava-me por tratar de um assunto que deveria “ficar em silêncio”. A desconformidade do meu desconhecido interlocutor era compreensível; certamente resultava do receio de que os antisemitas explorassem o assunto. Mas o fato de ter havido traficantes judeus de mulheres na América Latina e gangsters judeus nos Estados Unidos nada ter a ver com o “caráter judaico”; evidência apenas que, em circunstâncias de miséria, de desagregação social, de luta desesperada pela sobrevivência, judeus recorrem aos mesmos métodos que outros usaram e usam. E, por outro lado, sabemos que a comunidade judaica condenava o tráfico e o banditismo,

providenciando ajuda às mulheres vítimas do lenocínio, através da instituição (SCLIAR, 1985, p. 101-102).

A prostituição, também é vista em *Cágada*, “a Comadre Pitanga [não judia], que era ao mesmo tempo amante do Perna de Pau e de Seu querido, dono da funerária” (MÁRSICO, 1974, p. 28), aqui, surge a representação de uma mulher não judia, que semelhantemente a obra, *O exército de um homem só*, é marginalizada, e caracterizada como falsificadora de documentos de óbitos.

Portanto, a representação feminina em *Cágada* restringe-se às mulheres judias Lady Hilda, Lady Salma, Rachel e a não judia Comadre Pitanga; já em *O exército de um homem só*, sobressaem de uma maneira significativa nas personagens Mãe de Mayer [sem nome], Leia, Raquel, Geórgia, Dona Sofia e não judias, Santinha e Santa Teresinha da Silva. Possivelmente, o próprio espaço cosmopolita da capital permite esse mosaico feminino, ao contrário de uma colônia no interior do Estado.

Moacyr Scliar e Gladstone Osório Mársico representam a posição da mulher judia imigrante, quando jovem judia é ingênua, quando mulher é decidida, quando mãe é superprotetora e sua função é zelar pela família e pelas tradições judaicas que envolvem ensinamentos religiosos e responsabilidade pela organização do espaço doméstico, cabendo a ela a responsabilidade de educar os filhos. No espaço rural, era cultiva a terra, já no espaço urbano, ela cuida dos negócios da família, mas ambas são responsáveis pelo afazeres domésticos, e não delegam a educação dos filhos e a organização da casa a outros. Concordam que as judias se casam jovens e logo em seguida tem filhos, além disso o casamento é representado como um momento muito importante e esperado na vida da mulher judia. Entretanto, trazem mulheres melancólicas ao lembrarem do passado, mas encobrem a tristeza, aparecendo frente aos outros como determinadas e fortes, seu único medo é que os filhos adoeçam por má alimentação, por isso preocupam-se em ter domínio da cozinha.

3.5 O israelita na política: os movimentos sionistas, a tendência marxista e o episódio do Golpe de 64

O imigrante judeu oriundo de um contexto político europeu conturbado do início do século XX, trouxe consigo suas ideologias e posições políticas. Em certa medida, os ideais políticos que transversalizam as obras representam o próprio engajamento ideológico e simpatias dos autores. Em *O exército de um homem só*, prevalece o engajamento imigrante em movimentos sionistas e a influência do marxismo. Já em *Cágada*, o imigrante judeu é representado no contexto Golpe de 64.

3.5.1 Mayer Guizburg: um líder sionista marxista

No final do século XIX, o sionismo político surgiu na Europa com o objetivo de criar um Estado nacional judaico. Em 1896, Theodor Herzl publicou a obra *O estado Judaico*, que foi o marco do Movimento Sionista.¹²⁷ No ano seguinte, foi realizado o 1º Congresso Sionista Mundial, que tinha entre suas propostas propagar o movimento entre os judeus da diáspora. Já no início do século XX, o projeto sionista de Herzl era conhecido no Brasil. Gutfreind (2004), menciona que em Porto Alegre, na década de 1920, surgiram emissários estrangeiros sionistas que circulavam nas entidades judaicas e no interior do estado. Também Eizirik Moisés (2007), ressalta que como sionista frequentava palestras sionistas em 1928, na União Israelita.

Gutfreind (2004) salienta que foram formados movimentos juvenis, no intuito de aproximar os jovens ao movimento sionista, dando-lhes orientações da formação do Estado de Israel, e incentivando-os para serem futuros cidadãos israelenses. De acordo com o estudo, *Pássaros da Liberdade: jovens judeus e revolucionário no Brasil*, de autoria de Carla Bessanezi Pinsky, publicada no ano 2000, salienta que em 1945, foi criado em Porto Alegre, o grupo juvenil chamado

¹²⁷ Movimento Sionista, é um movimento nacionalista judaico fundado no século XIX por Theodor Herzl. Tinha por objetivo o restabelecimento de um Lar Judaico na Palestina, o que se concretizou em 1948, com a criação do Estado de Israel, segundo (CARNEIRO, 2000, p.44).

“DROR”¹²⁸ influenciado pela proximidade de seus membros, com o grupo sionista argentino¹²⁹.

De acordo com a autora,

[...] o Dror era um movimento político-educativo, que acreditava na revolucionária juvenil. Criado, organizado e gerenciado por rapazes e moças da classe média, sem discriminação sexual, era socialista (numa sociedade capitalista), judeu (num meio predominantemente cristão), sionista, kibutziano (PINSKY, 2000, p. 10).

Segundo Pinsky (2000), a motivação em fundar o Dror, partiu dos episódios dramáticos do Holocausto e da II Guerra Mundial, e pela oportunidade de criação do Estado de Israel,

[...] acreditando que o problema da discriminação contra os judeus seria resolvido com a participação destes em atividades produtivas dentro de um estado nacional judaico- Israel, em colônias coletivas, os Kibutzim, os jovens do Dror politizaram-se, questionaram-se a ordem burguesa e os papéis a eles oferecidos pelo meio em que viviam e prepararam-se para uma nova vida distante, buscando servir de exemplo para a criação de uma sociedade mais justa e igualitária no mundo.

Além do Dror surgiram outros movimentos partidários-juvenis¹³⁰,

Os movimentos Dror e Betar e posteriormente *Hashomer Hatzair* e *Hanoar Hatzioni*, foram tão significativos no seio da juventude judaica, que atualmente é difícil encontrar alguma pessoa idosa da coletividade israelita que não tenha participado de algum dos

¹²⁸ O Dror, juntamente com outras instituições sionistas, era ligado a uma organização maior chamada Organização Sionista Unificada (ou a Unificada Sionista) que, por sua vez, era o braço brasileiro da Organização Sionista Mundial. A palavra Dror, em hebraico, pode significar liberdade, libertação ou andorinha, o pássaro da liberdade, pois não sobrevive aprisionado. Dror foi também o nome escolhido para um movimento juvenil pioneiro de ideias sionistas socialistas estabelecido na Polônia no final dos anos 20 e na década de 1930. As ideias ligadas ao Movimento juvenil Dror, assim como as de outros movimentos juvenis pioneiros de diversas correntes sionistas socialistas, chegaram à América do Sul com os imigrantes vindos da Europa Oriental nos anos 30, segundo (PINSKY, 2000, p. 24).

¹²⁹ Oficialmente, o movimento Dror em Porto Alegre e no Brasil surgiu na data 5 de outubro de 1945, mas *Kersz* considera que o verdadeiro Dror com base educativa chalutziana sionista socialista, direcionado à alíá a Israel e à vida em kibutz, iniciou-se após a viagem de cinco jovens convidados a participarem da *Moshavá* e seminário ideológico no início de 1946, na cidade de Córdoba, Argentina. O Dror também se desenvolveu em Curitiba, atraindo grande parte da juventude judaica da cidade. Em 1946, vinte jovens gaúchos e 5 curitibanos, entre 14 e vinte anos, participaram entusiasmados de um Seminário do Dror na Argentina, país sede da Central Latino-Americana do Movimento. Em pouco tempo, aproximadamente trezentos jovens faziam parte do Movimento em Porto Alegre, segundo (PINSKY, p.25).

¹³⁰ O Dror era socialista e ligado, no Brasil, ao partido *Poalei Tsion*, (“Trabalhadores de Sião”, de tendência socialista sionista), e, em Israel, ao MAPAI (Partido Trabalhista). O MAPAI assumiu o governo na época da criação do Estado de Israel e contava com figuras importantes como Bem Gurion, que foi o Primeiro Ministro e Golda Meir, o Primeiro Ministro seguinte: Os adeptos dos chamados pioneiros tornaram-se a elite política do Estado de Israel alimentando o otimismo dos droristas no Brasil. O *Hashomer Hatzair* era ligado ao partido israelense MAPAM (Partido Obreiro Unido). Sua principal divergência com relação ao Dror era ser favorável a um estado binacional árabe e judeu, socialista e politicamente ligado à União Soviética (..) O Dror repudiava as posições do *Hashomer Hatzair* que, embora sendo sionista e kibutziano, simpatizava com o comunismo e a figura de Stalin e adotava posturas vistas pelos droristas como autoritárias e fanatizantes em relação a seus membros, segundo (PINSKY, 2000, p. 23).

movimentos juvenis sionistas de Porto Alegre, e conseqüentemente adquirido uma maior consciência e identificação com os valores judaicos e com Israel (Zimermann (s/ a, p. 14).

Henrique Scliar manteve relações com o movimento *Hashomer*¹³¹ conforme (AGUIAR, 2018), e o irmão de Moacyr Scliar, salienta que

[...] em torno dos seus 18 anos e antes de concluir a faculdade, Moacyr militou em organização política sionista juvenil sionista denominada *Hashomer*, ainda que tenha frequentado também antes outra: Dror. A *Hashomer* pretendia implantar o socialismo em Israel, através dos kibutzim e organizações trabalhistas (WREMYR SCLiar, 2018).

A difusão dos movimentos sionistas recebeu o apoio dos meios de comunicação, o programa radiofônico, *A Hora Israelita*, trazia notícias atualizadas do mundo e locais, e reatualizava aspectos da cultura, como músicas em ídiche, músicas em hebraico. O programa permanece como um ponto de interlocução entre a comunidade judaica até os dias atuais (LEVENTHAL, 2018). Conforme o irmão de Moacyr Scliar, Wremyr Scliar (2018), salienta que além da

Hora Israelita, programa de rádio, assim como alguns jornais que vinham de São Paulo ou Buenos, eram preponderantes na utilização do ídiche. Alguns ainda existem, mas são exemplares excêntricos [...]. Em Porto Alegre, jamais houve um jornal ou revista judaica. O programa semanal de rádio era ouvido com nostalgia pelos idosos imigrantes.

O movimento sionista recebeu apoio incondicional também em Erechim (CHARACHAT, 2018; JOCHELAVICIUS, 2018). Hoje esse movimento continua a ter representantes em todas as partes do mundo (LEVENTHAL, 2018).

O mandato Britânico na Palestina perdurou até que a organização das Nações Unidas- ONU aprovasse a Resolução 181, de 20 de novembro de 1947 estabelecendo na Palestina, um estado judeu e outro estado árabe. De acordo com Souza (2003, p. 59), sobre o direito dos judeus, afirma:

Em novembro de 1947, a Assembleia Geral da ONU reconheceu o direito dos judeus de estabelecer um lar nacional – direito este que havia sido tragicamente referendado nos campos de extermínio – no território da antiga Palestina; no ano seguinte seria criado o Estado de Israel, cujo surgimento foi motivo de orgulho para as comunidades judaicas, pelas realizações dos pioneiros que estavam criando, com seu esforço, um país novo.

¹³¹ Organização de esquerda sionista *Hashomer Hatzair*, apesar de seu regimento ser laico.

No território palestino houveram ocupações milenares, incluindo judeus e árabes, porém entre os dois, surgem divergências religiosas. De acordo com Bahat (2002, p. 47), sobre a não aceitação dos pacífica dos árabes quanto a fundação do Estado de Israel, afirma:

Os judeus aceitaram a Resolução e os árabes rejeitaram-na. Para que não fosse implementada, cinco países iniciaram uma guerra ainda antes da retirada dos britânicos. Já no curso dessa guerra, no dia em que terminava o Mandato, David Ben Gurion proclamou o estabelecimento do Estado de Israel (do qual se tornou primeiro-ministro). O novo país recebeu milhares de refugiados judeus que tiveram de fugir dos países árabes, integrando-se á nova nação.

Dentre os países que votaram contra a criação do Estado de Israel, na ONU na votação realizada na 49ª Assembleia geral das Nações Unidas destacam-se: Cuba, Egito, Grécia, Índia, Irão, Iraque, Líbano, Paquistão, Arábia Saudita, Síria, Turquia, Iêmen. O representante brasileiro, Osvaldo Aranha votou a favor. Nota-se que majoritariamente os votos contrários partiram de países árabes. Em Porto Alegre, houve comoção e ameaças,

[...] a fundação do Estado de Israel provocou uma verdadeira comoção entre os judeus do Bom Fim, especialmente com a partilha aprovada pela ONU e sob a presidência de Osvaldo Aranha (a principal avenida do Bom Fim leva seu nome). A situação hoje é mais complexa, com divisões e opiniões muito variadas, embora o desejo quase emocional da manutenção do Estado de Israel face às ameaças, mas também de paz e convivência com os palestinos e demais países (WREMYR SCLiar, 2018).

Em *O exército de um homem só*, podem ser vistos enxertos que demonstram essa não aceitação da criação de Israel pelos árabes e desavenças,

Em 23 de setembro ocorreu um ataque dos jordanianos aos componentes de uma convenção arqueológica que estava inspecionando as escavações de *Ramat Rachel*. Uma rajada de metralhadora partiu de repente de um posto da Legião Árabe, matando três pessoas e ferindo dezoito [...]. O governo de Israel preparou um ataque traiçoeiro a seus vizinhos, em obediência a determinação estrangeira. Israel estava mancomunado com a Inglaterra e a França — duas potências imperialistas — para invadir o Egito. Israel é uma terra pérfida (SCLiar, 1973, p. 112-113).

Em 1948, as comemorações da fundação do Estado de Israel, em Erechim, foram singelas (JOHELAVICIUS, 2018; CHARCHAT, 2018). Em *Cágada*, surge a representação,

- E o comandante explicou detalhadamente o que era o Templo de Salomão, obra da qual chegou a ver as plantas por uma referência toda especial de seu particular amigo Osvaldo Aranha, que presidiu a ONU, fundou o Estado de Israel, esteve no Oriente, a convite, e trouxe de lá uma cópia- verdadeira relíquia!- e a guardou a sete chaves no museu do Itamarati. O Comandante, antes de sair do Rio e ainda meio confuso se ficava ou não nos limites da pátria, ou se mandava para o estrangeiro a exemplo de tantos brasileiros ilustres, esteve naquela repartição para tratar do seu transporte. Ora, imediatamente foi reconhecido e Aranha, avisado, e sabedor pelos artigos de fundo no *Jornal do Brasil* de sua admiração pelo povo judaico, fez questão cerrada de mostrar-lhe pessoalmente aquilo que representava o seu maior tesouro. Uma honra que nem mesmo outros antigos colegas de farda, hoje generais, marechais, o diabo, tiveram... (MÁRSICO, 1974, p. 104).

O personagem não judeu Comandante, manifesta uma representação do sentimento de admiração por parte da comunidade judaica pelo secretário da ONU, Osvaldo Aranha. O exílio e a diáspora são representados em *Cágada*, na personagem Muja, um judeu errante,

- Eu sou um judeu errante – foi dizendo enquanto devorava o *klops* que estava uma delícia.
- Nasci no Bom Fim, mas conheço esse Rio Grande inteiro de ponta ao fim. Já tenho trinta anos- prosseguiu Muja – não sou mais criança. Também já estou cansado de correr mundo. Caso e paro (MÁRSICO, 1974, p. 50-51).

Muja é o imigrante judeu, um apátrida, que vive “sem eira nem beira” (MÁRSICO, 1974, p. 65). O mito do judeu errante foi criado na primeira versão oral no século XIII, e escrita entre os séculos XIX e XX, sob influência do antisemitismo. De acordo com:

A figura do judeu errante foi sendo reabilitada sob novas máscaras, pois o arquétipo favorece a promoção de discursos intolerantes que, adaptados à realidade por onde circulam, alimentam o ódio e a violência não apenas contra os judeus, mas também contra africanos [...]. A figura poliforma do judeu errante encontrou ressonâncias políticas e culturais, servindo para explicar os constantes deslocamentos e perseguições aos judeus identificados como “o povo da Diáspora” (CARNEIRO, 2014, p. 154).

Esse mito, tornou-se uma construção literária que recebeu várias versões ao longo dos séculos, e que,

[...] sua figura somou elementos para a elaboração de novos conceitos da intolerância e do ódio sem limites. *Judeu errante, homem desenraizado, desterrado, apátrida, e cidadão do mundo* são arqueótipos que coexistem no imaginário coletivo e foram (e ainda são) inspiradores de romances. A lenda do judeu errante sempre se fez presente no Brasil, alimentada sutilmente, por uma mentalidade intolerante e antisemita (CARNEIRO, 2014, p. 175).

Essa peregrinação devido não ter acesso a terra, é representada em *O exército de um homem só*, quando a família de Mayer está em alto mar, vindo para o Brasil, lamentavam, “nosso triste destino de [...] povo errante” (SCLIAR, 1973, p. 17).

Essa sensação de porto seguro e emoção é representada em *O exército de um homem só*, em dois momentos, primeiro pela conquista de um território judaico, chamado Birobidjan, localizado na URSS e segundo pela fundação do Estado de Israel. A personagem Mayer, nomeia seu kibutz no Bom Fim [imaginário] de Birobidjan. Em *O exército de um homem só*, o nome da personagem Mayer, é comumente chamada de Capitão Birobidjan ou companheiro Birobidjan. Segundo, Wremyr Scliar (2018),

[...] o personagem capitão do livro *O Exército de um homem só* é efetivamente inspirado em seu tio Henrique, cujo sonho e utopia era o socialismo. A situação lembra muito as fazendas coletivas da União Soviética ou os kibutzim de Israel. O surrealismo tem a ver oniricamente com a revolução socialista. O capitão segue seus ideais. Seu propósito obviamente onírico e irrealizável. Um belo exemplo de utopia. [Nova Birobidijan] Devido ao território russo chamado Birobidijan, cedido por Stalin aos judeus para que eles pudessem praticar o seu judaísmo.

Em *O exército de um homem só*, esse território destinado a judeus, chamado Birobidjan seria para Mayer, o ideal de sociedade, local sem perseguição religiosa.

A relação com as ideias do tio Henrique, são evidentes no personagem "capitão" do exército são evidentes. Sua colônia do Henrique, está inspirada em Birobidijan, ainda existente e relativamente desenvolvida. Birobidijan é uma região autônoma judaica nos confins da Sibéria e destinada aos judeus. Os judeus governam e exercem todas as atividades governamentais e institucionais. Ainda existe. Sua língua e o ídiche, falado e usado oficialmente, assim como em suas escolas e instituições e imprensa. A região autônoma resultava de uma política (década de 30 na União Soviética) que atribuía às minorias status político e civil, inclusive com direito a passaporte. A criação da região autônoma Birobidijan era resultado de uma nova política contrária ao czarismo que oprimia as nacionalidades, exceto a russa, e as minorias. [...] O título obedece à uma hipótese de quixotismo, coragem e aventura, *um homem sozinho*, uma revolução, mudar o mundo (WREMYR SCLIAR, 2018).

Aqui, segundo o irmão de Moacyr Scliar evidencia que, Mayer foi inspirado em Henrique Scliar, e que Birobidijan foi inspirada na cidade localizada na Federação Russa. Essa característica sonhadora e utópica com um território, em *O exército de um homem só*,

Em 1928, o governo soviético destinou dez milhões de *acres* para o estabelecimento de uma região judaica autônoma em Birobidijan, na Sibéria Oriental. A decisão obedeceu a vários motivos, incluindo a necessidade de estabelecer uma barreira à expansão japonesa.

Com este empreendimento, o governo pretendia criar um substrato econômico para os judeus num lugar onde eles pudessem desenvolver sua própria cultura ídiche. Esperava-se ali o desenvolvimento de milhares de colônias coletivas. Plantações; criação de animais (galinhas, cabras, e até - e por que não? porcos; afinal, as superstições religiosas desapareceriam), usinas, e fábricas; instituições culturais. Tudo isto haveria de transformar os judeus - comerciantes, burocratas e intelectuais num povo de obreiros Mayer Ginzburg estremecia de emoção quando falava em Birobidijan. Riam dele, no Bom fim, chamavam-no de Capitão Birobidijan. Ele se enfurecia, mas calava, por estoicismo Progressista. Reagir significaria dar oportunidade para que os irreverentes continuassem com os deboches. E Mayer não queria que o povo associasse Birobidijan com brincadeiras levianas. Birobidijan. Um dia ou Judeus do Bonfim reconheceram a importância deste nome. Birobidijan: a redenção do povo judeu, o fim das peregrinações. Birobidijan! (SCLIAR, 1973, p. 13).

Além de sua militância juvenil com movimentos sionistas, segundo o irmão, salienta que Moacyr Scliar: “tinha conotação marxista e admirava um ideólogo russo chamado *Borocho*¹³², que aliava o marxismo à compreensão do judaísmo. Essa e a questão transcendental dos judeus e do judaísmo: a sua identidade” (WREMYR SCLIAR, 2018).

O legado de Karl Marx trouxe impacto na política sionista, na economia, e no pensamento intelectual. Moacyr Scliar em sua autobiografia revela ser leitor marxista e frequentar a esquerda sionista na adolescência, visto que em Porto Alegre, o marxismo estava difundido, nas décadas de 1920 e 1930, inclusive tendo uma organização sindical da classe proletária.

Em 1931, em Porto Alegre operários judeus formam um sindicato com um número expressivo de trabalhadores judeus, incentivados pelo veterano dirigente socialista Francisco Xavier da Costa, reuniu-se numa garagem da rua Barros Cassal, nº 86, e fundou o Sindicato dos Operários Alfaiates. O líder do grupo era eleito o presidente: Issak Golandinski (MARÇAL, 2008, p. 75)

De acordo com Milman (2004, p. 95- 96) sobre a divisão política dos judeus da esquerda no Brasil:

A criação do estado de Israel, em 1948, rachou irremediavelmente a comunidade judaica brasileira (e em muitos outros países). Os *sionistn*, sionistas, a maioria de origem esquerdista, se aliaram ao estado judeu, enquanto os *roitm* (vermelho em ídiche), continuavam a seguir a linha justa soviética. Muitas escolas, clubes e associações simplesmente dividiram-se ao meio. Para quem ficou com o Stalin restava continuar seguindo à risca as orientações de Moscou, ainda mais depois da aliança histórica que o líder trabalhista israelense *Ben Gurion* selou com a casa branca (a URSS, primeiro país a recolher reconhecer a criação de Israel na ONU, tratou de aliar-se ao mundo árabe de

¹³² Ben Borocho nasceu em 1881 e faleceu em 1917 foi um sionista marxista e um dos fundadores do movimento sionista trabalhista. Ele também foi um pioneiro no estudo da língua ídiche. Borocho tornou-se altamente influente no movimento sionista porque ele explicou nacionalismo em geral, e nacionalismo judaico, em particular, em termos de luta de classe marxista e materialismo dialético.

acordo com a lógica da guerra fria). Os *roim* brasileiros apoiaram até Birobidijan, o território judaico autônomo que está em criou dentro da URSS com alternativa Israel, o estado judeu. Birobidijan aliás nunca entusiasmou os judeus soviéticos. A seção judaica do PCB também teve que ser solidária ao partido na denúncia do “processo dos médicos”.

Dessa forma, a representação histórica desse tumulto político aparece em *O exército de um homem só*, através de representações marxistas, por meio da personagem Mayer, caracterizado como rebelde na juventude, leitor marxista,

Quem é este Marx? - perguntava nosso pai, espantado. - E o que ele sabe da felicidade dos homens?
- Sabe tudo! Sabe que não deve haver fome, nem injustiça. Não deve haver “meu” nem “teu”; deve ser: “O que é meu é teu; o que é teu, é meu” (SCLIAR, p. 18).

A personagem judia Geórgia estuda Ciências Sociais, sendo criticada por seu pai José Goldman, no trecho “[...] eu acho bobagem- em vez de *estudar* a sociedade, ela deveria *transformar* a sociedade. Foi o que eu disse; mas ela não me ouviu” (SCLIAR, 1973, p. 108).

Sobre a extinção da propriedade privada, em *O exército de um homem só*, se sobressai o trecho: “[...] e ainda por cima esta propriedade não é tua! É de Marc Fridmann! Ele vai ficar sabendo disto! – A terra é de quem trabalha!” (SCLIAR, 1973, p. 69).

Na obra *O Manifesto Comunista*, sobre a classe do proletariado, Marx e Engels afirmam:

De todas as classes que hoje enfrentam a burguesia, somente o proletariado é uma classe realmente revolucionária. As outras classes vão degenerando e tendem a desaparecer com o desenvolvimento da grande indústria, ao passo que o proletário é seu produto característico (MARX, 2001, p. 110).

Em *O exército de um homem só*, surge a representação política de almejar um novo país, e uma nova organização social:

Mayer Guinzburg, Leia, José Goldman. Estavam falando de um grande país; estavam falando de camponeses e operários, homens altos, de sobrancelhas espessas olhar sombrio mais altivo, queixos largos. Estavam falando de mulheres fortes e silenciosas, de lenço na cabeça e filhos no colo (...) (SCLIAR, 2012, p. 10).

Scliar descreve a classe operária que tem força e a capacidade de comandar um país. Criam uma nova bandeira, formam uma colônia coletiva:

Mayer Guinzburg tem ideias. Formarão uma colônia coletiva, Leia, José Goldman e ele.

Ficará longe de Porto Alegre; não muito longe, é claro, pois de lá terá de vir, um dia, a Grande Marcha. Haverá um mastro, onde flutuará ao vento a bandeira de Nova Birobidjan. Semearão milho e feijão. Trataram as plantas como amigas, como aliadas no grande empreendimento. (...) Morarão em barracas; num pequeno telheiro instalarão o Palácio da Cultura, onde estarão expostos os desenhos do Companheiro Guinzburg, e onde a Companheira Leia declamará *Walt Whitman* e o Companheiro José Goldman lerá suas proclamações (SCLIAR, 2012, p. 10)

Mayer planeja criar uma sociedade comunista com características próprias; como um novo hino, hasteamento de uma nova bandeira, declamação de poemas dos poetas Maiakóvski¹³³ e Walt Whitman¹³⁴, no trecho revela,

[...] para as barricadas eu digo: barricadas da alma e do coração! *Walt Whitman*: Pioneiros! Ó Pioneiros! O passado inteiro deixamos para trás. Desembocamos em um mundo mais novo [e potente, variegado mundo sadios e robustos nos apossamos do mundo de trabalho e marcha, Pioneiros, Ó Pioneiros] (SCLIAR, 2012, p. 51).

Mayer usa o termo “companheiro” ao dirigir os colegas do comitê, que são apoiadores do movimento em criar a colônia. Segundo (WREMYR SCLIAR, 2018), “a participação lembrava a vida coletiva, companheirismo e muita leitura e busca de novos companheiros. Alguns realmente emigraram, outros voltaram. Outros desistiram. Creio que a ideia original decaiu com a atualidade global”. Nota-se que era um termo comumente empregado pelos integrantes do movimento.

Mayer estuda Marxismo e ensina para seu comitê: “Quem era o “grande filósofo”, amigo de Marx, autor de “Anti- Dühring”, seis letras? Engels, é claro. Como esquecer Engels? Como esquecer Engels? Como esquecer que ele nasceu em 1820 em Barmen, na Alemanha, que morreu em 1895? Engels” (SCLIAR, 2012, p. 53).

Marx (2013) salienta que quando Karl Marx tinha seis anos, sua família pertencia a classe média de origem judaica. O trabalho do patriarca como conselheiro da justiça, e sua ascensão ao trabalho obrigava-o a renunciar seu Judaísmo, por isso a família converteu-se ao cristianismo. Na obra ficcional, as personagens Mayer e José Goldman dialogam sobre a vida comunismo e a vida social de Karl Marx, concluindo que ele teria negado a religião.

¹³³ Vladimir Vladimirovitch Maiakóvski, nasceu na Rússia, também chamado de “O poeta da Revolução Russa” fortemente impregnado as obras socialistas, ingressou no partido bolchevique do Partido Social Democrático Operário Russo.

¹³⁴ Walt Whitman jornalista norte-americano, considerado “O pai do verso livre”.

— Todos os judeus são comunistas! — gritava o integralista, dando uma bofetada em José Goldman.
 — Mentira! — José Goldman respondia com *jabs*.
 — E Marx? — o integralista tentava uma gravata.
 — Marx era assimilado! — José Goldman desvencilhava-se e mandava um *right cross*.
 — E Trotsky? — *Colomy* vinha a pontapés.
 — Era renegado! — José Goldman esquivava-se e mandava um *hook*.
 — Então os judeus não são de nada! — o integralista agora fugia. — Negam a própria raça! — Patife! — José Goldman queria correr atrás; podia usar seu mortífero *uppercut*, mas os amigos o detiveram. De longe, *Colomy* gritava: — Os judeus são comunistas! — Antes fossem — resmungava José Goldman. — Antes fossem (SCLIAR, 1973, p. 54-53).

Segundo Eriksen (2010, p. 494), no período entre as duas guerras, na Europa Oriental e Central,

[...] muitos intelectuais judeus simpatizavam com o comunismo. Figuras proeminentes da revolução russa e mais tarde da união soviética por exemplo, Trotsky esse *Zinovev* tinham raízes judaicas já durante a primeira etapa da Revolução Russa o governo de *Kerenski* revogava as leis discriminatórias do tempo do Czar.

No trecho em análise, as personagens usaram a expressão “negam a própria raça”, devido a influência dos partidos com a publicação de Marx intitulada, *Sobre a questão judaica*, em 1843. Ela tornou-se polêmica, quanto a negação do filósofo ao Judaísmo, que segundo Eriksen (2010, p. 487),

[...] foi interpretada de diferentes formas alguns viram os seus ataques ao judaísmo e os judeus como um sinal de negação de sua própria condição judaica outros como expressão de crítica religiosa outros ainda como crítica a estrutura socioeconômica da sociedade ou seja ao capitalismo e as consequências ideológicas marcos e opunha à emancipação judaica para ele está era pelo contrário uma medida de desenvolvimento. Mas, segundo Marx, essa emancipação iria continuar no meio da sociedade burguesa [...] O antisemitismo não era um elemento constituinte do marxismo ou de outras orientações socialistas mas os judeus eram associadas ao poder do dinheiro e ao capitalismo e aí muitos teóricos do movimento operário e na prática também políticos encontramos desconfianças em relação ao poder mundial judaico e também quando os judeus serem judaizada a sociedade através de suas simples existência.

Marx não critica apenas ao Judaísmo, mas também todas as outras religiões capazes de acomodar o proletário a não lutar pela sua emancipação política. Marx (2009, p. 38):

A emancipação *política* do judeu, do cristão, do homem *religioso* de modo geral consiste na *emancipação* do Estado em relação ao Judaísmo, ao Cristianismo, a religião como tal. Na sua forma de Estado, no modo apropriado à sua essência, o Estado se emancipam da religião, emancipando-se da *religião do Estado*, isto é, quando o Estado como Estado não professa nenhuma religião, mas, ao contrário, professa-se Estado. A emancipação *política* em relação à *religião*, porque a emancipação *política* ainda não constitui o modo já

efetuado, isento de contradições, da emancipação *humana*.

Uma das críticas marxistas ao Judaísmo, dirige-se ao caráter de que o povo judeu absorveu o capitalismo, pela sua facilidade de desenvolver o comércio e fazer a negociação através de dinheiro. Marx (2010, p. 58) sobre a relação de dinheiro com Israel, afirma:

O dinheiro é o deus zeloso de Israel, diante do qual não pode subsistir nenhum outro. O dinheiro humilha todos os deuses do homem e os transforma em mercadoria. O *dinheiro* é o *valor* universal de todas as coisas, constituído em função de si mesmo. Em consequência, ele despojou o mundo inteiro, tanto o mundo humano quanto a natureza, de seu valor singular e próprio. O dinheiro é a essência do trabalho e da existência humanos, alienada do homem; essa essência estranha a ele o domina e ele a cultural.

No sistema capitalista as atividades comerciais são medidas pelo lucro, e o trabalhador vende sua força de trabalho em troca de dinheiro, busca-se lucrar ao máximo através da excessiva exploração do trabalho. Weber (2004, p. 45):

A ordem econômica capitalista precisa dessa entrega de si à “vocação” de ganhar dinheiro: ela é um modo de se comportar com os bens exteriores que é tão adequada àquela estrutura, que está ligado tão de perto às condições de vitória na luta econômica pela existência, que de fato *hoje* não há mais que se falar de uma conexão necessária entre essa conduta de vida “crematista” e alguma “visão de mundo” unitária.

Tomazi (2010) salienta, que o termo *trabalho* pode ter nascido do vocábulo latino *tripallium*, que significa “instrumento de tortura”, e por muito tempo esteve associado a ideia de atividade penosa e torturante. Nas sociedades grega e romana era a mão de obra escrava que garantia a produção suficiente para suprir as necessidades da população. Segundo Konder (1983, p. 29): “Alguns homens passaram a dispor de meios para explorar o trabalho dos outros; passaram a impor aos trabalhadores condições de trabalho que não eram livremente assumidas por estes”.

Aqui, sobressai a exploração do trabalho do proletário. Na ficção a personagem Mayer representa o funcionário que sente-se obrigado a trabalhar em seus pensamentos, tinha uma perseguição de uns homenzinhos que pareciam estar aplaudindo e sorrindo para ele. O trecho retrata os pensamentos de Mayer a respeito do chefe, “[...] se pudesse, sugava o sangue dos trabalhadores”. Os homenzinhos aplaudiam. É preciso lutar. Aplausos, aplausos. Mayer vendia, de má vontade, um pedaço de elástico” (SCLIAR, 2012, p. 34).

Mayer vendia sua força de trabalho mas trabalhava sem demonstrar empenho, para não dar lucro ao seu chefe, porque para ele o funcionário trabalha na empresa sem receber pelo o que

produz. Além disso, ser capitalista significa ocupar não somente uma posição pessoal, mas também uma posição social na produção, que segundo Marx (1985, p. 45):

[...] o capital é um produto coletivo: só pode ser posto em movimento pelos esforços combinados de muitos membros da sociedade, e mesmo, em última análise, pelos esforços combinados de todos os membros da sociedade.

Em *O exército de um homem só*, Mayer não gosta do jogo,

[...] especialmente os de cartas, cheios de reis, rainhas, valetes- um vício burguês. Os reis, dizia, são seres gordos e estúpidos; comem frangos inteiros, arrotam, adormecem e roncam; as rainhas, perversas, colocam veneno no vinho dos inimigos (SCLIAR, 2012, p. 11)

Aqui, surge a representação do jogo ser praticado pela burguesia europeia, cada peça possui sua a reprodução da hierarquia de reis e rainhas que impõem o poder em cima dos peões que são a maioria menor simbolizando o operário. Por outro lado, Lopez (2017) salienta que “o jogo dos reis” ou o xadrez foi apoiado pelo partido comunista que apoiou a prática por meio de torneios do jogo de xadrez, vários filósofos interessaram-se pelo xadrez, como: Karl Marx, Vladimir Lenin, Leon Trotsky. Também, segundo (WREMYR SCLIAR, 2018), no Clube de Cultura, “[..] quando não havia atividades para o público, simplesmente se reuniam para conversar, discutir política, jogar xadrez [...]”

No *Manifesto Comunista*, Marx afirmava que a queda da burguesia e a vitória do proletariado são inevitáveis:

Os comunistas recusam-se a dissimular suas concepções e seus propósitos. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser atingidos pela derrubada violenta de toda a ordem social passada. Que as classes dominantes temem a ideia de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder, exceto seus grilhões. Têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos! (MARX, 2001, p. 84).

A teoria Marxista mostra que o proletariado não deve aguardar o inevitável fim do capitalismo, mas organizar-se para acelerar sua queda para tomar o poder.

[...] a luta de classe aproxima-se do auge, o processo de dissolução no interior da classe dirigente no interior da classe dirigente, no interior de toda a velha sociedade, assume um caráter tão violento, tão áspero, que uma pequena parte da classe dirigente desvincula-se desta e junta-se à classe revolucionária, á classe que tem o futuro nas mãos. (MARX, 2001,

p. 41).

Na ficção, a questão da queda da burguesia é inevitável:

No fundo, contudo, crê que um dia os peões avançaram, não de casa em casa, mas a passo de gigante, derrubando reis, rainhas, e bispos, seus cavalos e suas torres. Os tribunais do povo funcionarão, os réus confessarão, cabeças rolarão. O tabuleiro será a nova república dos Peões. Não haverá mais casas brancas e pretas; as casas serão de uma cor e propriedade comum (SCLIAR, 2012, p. 11).

Moacyr Scliar faz a representação da queda da burguesia por meio do jogo de xadrez, através da simbologia das peças no tabuleiro, que significariam os proletários avançando e vencendo a burguesia que seriam as peças rei e rainha do jogo de xadrez.

Em *O exército de um homem só*, a mulher não judia que Mayer convive chama-se Santinha, mas Mayer chama-a de Rosa de Luxemburgo percebe-se um senhor autoritário que a obriga a trabalhar,

Rosa de Luxemburgo era teimosa. Não trabalhou naquele dia. O Capitão resolveu que era tempo de reforçar sua autoridade; dava mais ordens, mandando pelo simples prazer de mandar. Obrigou-a a comer depois dele e deixava sempre pouca comida. Finalmente exigiu que o tratasse de senhor (SCLIAR, 2012, p. 77)

Santinha abandona-o, porque é explorada na barraca de Mayer, e resolve trabalhar numa fábrica, essa exploração do proletariado representada na ficção, é discutida teoricamente por (MARX, 2001, p. 36): “Depois de ser suficientemente explorado para que se lhe paguem o salário em dinheiro líquido, o operário torna-se presa de outros membros da burguesia – proprietário, o comerciante, o penhorista, etc”. Em *O exército de um homem só*,

Meu nome é Santinha — disse ela, numa voz incolor. — E vou-me embora.
— Mas por quê? — Birobidjan [Mayer] agarrou-a pelos braços. — Por que, Rosa?
— Santinha. Porque... Bom, acho que vou arranjar um emprego numa fábrica. É melhor...
Capitão.
— Numa fábrica? Numa fábrica eles vão te explorar! — gritou Birobidjan.
— Vais te entregar de mãos e pés à burguesia? — É... — Ela estava embaraçada:
— Eles vieram me buscar (SCLIAR, 2012, p. 79).

Nesse aspecto, Santinha contraria Mayer porque trabalharia para o sistema capitalista como assalariada. Percebe-se que Mayer tenta convencer Santinha de não aceitar o emprego mas, ela desanima de conviver em Nova Birobidjan.

O Capitão fechou a janela e atirou-se na cama. Chorava; chorava como seu avô depois do *pogrom Kischinev*: gritando e batendo no peito com o punho cerrado; chorava por Nova Birobidjan, por Rosa de Luxemburgo que voltava à escravidão; chorava por milhões de operários espalhados pelo mundo, gente pálida e magra, de grandes olhos secos de tanto chorar. Chorava por si mesmo, pelo pobre e triste Capitão Birobidjan que um dia sonhara com um mundo melhor. Chorou muito (SCLIAR, 2012, p. 80).

Mayer faz uma confusão mental com a personagem Santinha comparando-a a a filósofa Rosa Luxemburgo,

[...] naquele ano Mayer Ginzburg lia Rosa Luxemburgo (1870-1919), que ele chamava carinhosamente “minha Rosa de Luxemburgo”, embora não fosse de Luxemburgo e sim da Polônia. Muito moça, emigrara para a Alemanha, lá casando com um trabalhador. Editou o *Arbeiterzeitung*, mas logo depois de trabalhar no *Leipziger Volkszeitung*. Tomou parte na revolução russa em 1905; em seu retorno fundou, com Karl *Libknecht*, a Liga dos *Espartaquistas*. Foram presos em 1919 e levados a Prisão *Moabita*, de Berlim, os guardas os mataram a pretexto de impedir-lhes a fuga. Os corpos foram jogados em um canal e achados somente alguns dias depois. Rosa de Luxemburgo... Mayer Ginzburg tinha uma fotografia dela; um rosto puro e iluminado, parecido ao de Leia. Rosa de Luxemburgo (SCLIAR, 2012, p. 19).

Além da leitura de trechos escritos por essa revolucionária, surge a representação de outros defensores marxistas. Como, a trajetória do jornalista russo Isaac Emmanuilovich Babel, que faleceu em 1941,

[...] também lia contos de Isaac Babel. Issac Babel, de Odessa, era filho de um comerciante judeu. Após a revolução russa foi comissário político na cavalaria de Budieni. Escreveu contos sobre suas vivências de guerra. Mais tarde foi preso e enviado para um campo de concentração, onde morreu em 1941. [...] Estes fatos só apareceram em 1956, quando das revelações sobre a era stalinista (SCLIAR, 2012, p. 51).

A vizinha de Mayer, chamada Berta Kornfeld tinha uma adoração pelo revolucionário comunista Lenin, que foi chefe de governo da República Russa, no período de 1917-1924. Lenin aliou-se aos revolucionários bolcheviques contra os grupos que não queriam a implantação do regime soviético. As táticas leninistas desenvolvidas a partir das ideias de Marx foram em grande parte, responsáveis pela vitória da classe operária na Revolução Russa. No trecho ficcional, “[...] tinha uma adoração secreta por Vladimir Ilich Ulianov, Lênin (1870-1924), cujo nome murmurava dormindo.” (SCLIAR, 2012 p. 20).

Outra personagem ficcional associada ao real é o criador da psicanálise, Sigmund Freud que nasceu em Freiberg na Morávia, em 6 de maio de 1856, filho de Jacob Freud, um comerciante

judeu. Freud publicou a obra, *A interpretação de Sonho*, e em 1904 publicou, *Psicopatologia da vida cotidiana*. Em *O exército de um homem só*,

Sigmund Freud nasceu em 1856 em *Freiberg*, na Morávia; desde os 4 anos viveu em Viena. Trabalhou com *Breuer* e *Charcot*. Descobriu o inconsciente. Introduziu a livre associação. Escreveu *Psicopatologia da vida Cotidiana*, *Interpretação dos sonhos* e *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Em 1930 passou por Porto Alegre e no aeroporto foi abordado por nosso pai, de quem agora se defendia pedindo aos circunstâncias que interviessem, o que eles tentavam, inutilmente, fazer (SCLIAR, 2012, p. 29).

Percebe-se a verossimilhança entre as trajetórias de vida desses judeus marxistas. Por isso, o método comparativo literário consiste em averiguar,

a história das relações literárias internacionais. O comparatista se encontra nas fronteiras, linguísticas ou nacionais, e acompanha as mudanças de temas, de ideias, de livros ou de sentimentos entre duas ou mais literaturas (CARVALHAL, 1994, p. 97).

Em *O exército de um homem só*, surge a representação que Mayer rendeu-se ao capitalismo, que tanto abominava, porque desiste de viver e criar sua colônia coletiva, voltando para casa de sua esposa, e logo, em seguida fundando uma firma de construção de edifícios, chamada Maykir, obtem prestígio social e possui muitos funcionários. De acordo com Marx (2009, p. 57), sobre o acúmulo de riqueza:

A condição mais essencial para a existência e a dominação da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos de particulares, a formação e o aumento do capital; a condição do capital é o trabalho assalariado. O trabalho assalariado baseia-se exclusivamente na concorrência dos operários, por sua união revolucionária resultante na associação.

Geórgia, a secretária de Mayer torna-se sua amante, quando por ela questionado, sobre sua religiosidade, Mayer demonstra ser ateu. Porém, sozinho esconde-se em seu quarto, para rezar, contradizendo-se ao negar sua religiosidade,

— Deus? — ela riu. — Desde quando acreditas em Deus? Isto Mayer não sabia; mas não era de muito tempo, não. A crença fora se insinuando nele devagarinho. Agora lia frequentemente a Torá, a Mishná, a Guemara. Salmodiava suas orações como seu pai o fizera — balançando o corpo para diante e para trás (SCLIAR, 2012, p. 101).

Mayer fraquejava, apesar de ler as teorias marxistas sobre a negação às religiões. Também, nesse contexto, Mayer abusou de sua condição social econômica favorecida e teve uma amante.

Karl Marx faz uma crítica aos burgueses que se aproveitam do proletário, através do assédio sexual dos patrões com as funcionárias, segundo Marx (2009, p. 64):

Nossos burgueses, não satisfeitos em ter á sua disposição as mulheres e as filhas de seus proletários, para não falar da prostituição oficial, têm o maior prazer em seduzir mutuamente suas recíprocas esposas.

Mayer, demonstra uma posição capitalista, em ter como amante sua funcionária. Na trama, a amante Geórgia, pergunta se ele acreditava em Deus, esse questionamento deixa-no em conflito existencial. Moacyr Scliar, faz o leitor questionar até que ponto Mayer acredita em seus ideais, colocando-o numa contradição que pode ser vista de muitos ângulos. Acredita-se que um dos ângulos, permite-nos diz, que em *O exército de um homem só*, dinheiro não traz felicidade, porque Mayer, desde a infância até a velhice, busca constantemente realizar seu plano, de criar a colônia Birobidjan, mesmo sem nenhum apoio, não desiste jamais.

Dentro do enredo, de *O exército de um homem só*, surge uma representação histórica ocorrida em 1953, ao líder soviético Josef Stalin, no episódio chamado “Complô dos médicos”, em

[...] 1952. Na União Soviética, médicos judeus são acusados de organizar um complô contra a vida de Stalin. Na Tchecoslováquia, Rudolf Slansky, até 1950, Secretário-Geral do Partido Comunista Tcheco, e até 1951, Vice-Primeiro-Ministro, é levado a julgamento sob acusações de “atividades trotskistas-titoístassionistas, a serviço do imperialismo americano”; em dezembro de 1952 (SCLIAR, 2012, p. 90)

Altman (2017) menciona que essa conspiração de médicos judeus, era sob ordens da inteligência estadunidense tinham como objetivo assassinar membros do Partido Comunista Soviético. Dentro do Clube de Cultura esse episódio repercutiu, porque era no mesmo local no qual, “residem e residiam os sionistas” (LEVENTHAL, 2018), e “nesse local circulavam estrangeiros para trazer a informações de como estava a evolução do movimento sionista em outros países” (LEVENTHAL, 2018).

No trecho em *O exército de um homem só*, surge o posicionamento político:

- Declarava José Goldman- não acredito no que diz a respeito de Stalin. Tudo isto não passa de difamação social-democrata, pequeno-burguesa... (Aplausos). – Sim- prosseguia José Goldman – é evidente que o Estado de Israel é a ponta-de-lança do imperialismo no Oriente Médio... (Aplausos).- Sim, - concluía- creio que ainda há condições de construir uma sociedade justa (SCLIAR, 1973, p. 107).

Também, em outro trecho surge o posicionamento político contrário “[...] das oito às nove faria um discurso saudando Stalin- pai do Socialismo, luz da humanidade. Das nove às dez atacaria Stalin- assassino, déspota frio e insensível” (SCLIAR, 1973, p. 116).

Moacyr Scliar retrata discussões no bairro e os debates políticos ocorridos no Bom Fim, em prol ou contra Stalin. Essa agitação intelectual, política, revolucionária, é representada pelas personagens, porque o autor ficcional descreve também o contexto mundial histórico na ficção. De acordo com Milman (2004, p. 95):

Nas primeiras décadas no século XX, as posições de esquerda com destaque para o comunismo e, posteriormente, para o comunismo stalinista eram majoritárias na comunidade judaica. A explicação mais simples: a grande maioria dos judeus que aqui viviam eram imigrantes da Europa oriental, onde, por séculos, seus avós estranhos haviam sido não-cidadãos. A revolução socialista de Lênin e Trotski lhes prometera a cidadania. Que Stalin, em seus primeiros anos, lhes garantiu.

De acordo com Eriksen (2010, p. 485-486):

A percepção da relação dos movimentos dos trabalhadores e do socialismo com os judeus e com o antisemitismo foi sempre contestada. A maioria dos investigadores afirmam que os movimentos dos trabalhadores, em conjunto com alguns partidos liberais, eram a principal força que se opunha ao antisemitismo. Contra esta teoria, Edmund Silberner afirma que o socialismo moderno, até 1914, tinha uma <<longa tradição antissemita>> e que se falava de um <<anti-semitismo socialista>> como um tipo específico de antisemitismo moderno. Os movimentos dos trabalhadores tiveram em teoria e na prática elementos antissemitas nas suas fileiras ou foram influenciados pelo antisemitismo nas diferentes comunidades nacionais. [...] O anticapitalismo era uma força motriz que tinha aversão a versão e o ódio aos judeus diferente é o ponto de vista anti-religioso de muitos socialistas, que criava atitudes antissemitas essas atitudes encontravam-se também em Marx é Engels, Lassalle e outros líderes alemães dos trabalhadores não quer dizer que o movimento operário enquanto simples movimento posso ser definido como antissemita [...] os grandes partidos social-democratas na Alemanha na Áustria e na França [...] e Holanda e numa série de países europeus eram organizações que enfrentavam o antisemitismo [...] os judeus tiveram papel importante na formação de partidos e sindicatos.

Moacyr Scliar (2012), afirma em sua obra autobiográfica, que o movimento sionista e a criação do Estado de Israel tiveram um profundo efeito em sua geração, e que era um

[...] sonho que eu partilhava com centenas de membros de movimentos juvenis, assim como partilhava o desprezo pela vidinha pequeno-burguesa dos judeus brasileiros. O movimento juvenil galvanizou a minha adolescência. A começar pela própria palavra: como todos os jovens, eu queria justamente isso, movimento. A ideia de movimento era, e é, a ideia de uma impetuosa corrente fluindo para o futuro, um futuro heroico, glorioso, oposto a um passado inglório, deprimente. Mas o movimento não era, e não é, só isto, era

e é um modo de vida, uma experiência total- totalitária, na visão de alarmados observadores ou críticos hostis. [...] O movimento nos dava companheiros- não, ele nos dava irmãos. E nos dava também pais e mães, figuras lendárias, vivas ou mortas, a quem reverenciávamos e cujos trabalhos líamos. O companheirismo era fundamental, como era a lealdade aos princípios, às ideias, aos ideais socialistas. Do marxismo-leninismo tínhamos a disciplina férrea, garantida pela crítica e autocrítica [...]. Não faltavam soluços e lágrimas nessas sessões, mas elas eram, felizmente, raras. Na maior parte do tempo as atividades eram outras: doutrinar os companheiros mais jovens através de palestras, celebrar festas judaicas, acampar [...]. No movimento juvenil, aprofundei-me na cultura judaica; mais que isso, aprendi a creditar em valores universais, como a justiça, a solidariedade, a amizade [...]. Nós vestíamos de forma semelhante, muito simples; todos tínhamos um caderninho no qual anotávamos as datas de reunião e outros compromissos. Líamos Jorge Amado, líamos a coleção *Romances do povo*, dedicada ao realismo socialista. Era bom ler, era bom discutir acaloradamente e em grupo as nossas leituras [...]. Mas o movimento exigia muito. Exigia uma mudança total, revolucionária. Viveríamos numa sociedade socialista, daríamos nossa contribuição para a batalha final, que, segundo o hino da Internacional Comunista, abriria o caminho para a redenção do proletariado. Trabalharíamos na terra, aquela terra da qual os judeus estavam separados há séculos não apenas no exílio, mas também por sua anômala inserção na estrutura social; “nos poros da sociedade”, para usar a expressão de Marx (1818-1883). Além disso, eu tinha um projeto pessoal que, imaginava, em nada contrariava o projeto coletivo- ao contrário, contribuía para ele: eu queria escrever, queria fazer uma literatura engajada (SCLIAR, 2017, p. 47; 48; 49).

Moacyr Scliar foi em sua juventude um militante atuante, que partilhou do sonho da fundação do Estado de Israel, e que compartilhou dentro dos movimentos sionistas valores universais e teóricos, os quais transpôs em *O exército de um homem só* suas aspirações políticas.

3.5.2 Judeus erechinenses no Golpe de 64

A obra *Cágada* está inserida em dois contextos históricos diferentes. O primeiro inicia com a colonização judaica, no município ficcional Cágada, no Rio Grande do Sul, período que estende, até o segundo contexto histórico, chamado na ficção de Golpe Militar. De acordo com Barbosa (2010, p. 188), os capítulos em *Cágada*, apontam a sequência política dos fatos históricos no enredo porque,

Cágada é dividido em três partes fundamentais: *Antes de* (do primeiro ao trigésimo primeiro capítulo), *no meio de* (do trigésimo segundo ao penúltimo capítulo) e *Depois de* (apenas o último capítulo). Esses adjuntos adverbiais não são usados como títulos de capítulos, até porque em Cágada, os capítulos são apenas numerados, mas sim como títulos de abertura de uma nova seção e têm o objetivo de localizar temporalmente as ações da narrativa. Percebemos que o leitor é convidado a completar o sentido desses adjuntos adverbiais. Temos nossa teoria para a complementação desses termos. Para nós, há duas palavras que se encaixariam perfeitamente a esses adjuntos adverbiais e que se relacionam com o contexto do romance em análise: “revolução” (antes da revolução, no meio da

revolução e depois da revolução) ou “golpe” (antes do golpe, no meio do golpe e depois do golpe). Na seção “antes de”, nada se fala a respeito do contexto político vivido no Brasil, pois conta apenas o processo de criação do município de Cágada. Por outro lado, na seção “no meio de”, narram-se, ora através do próprio narrador, ora por meio do relato do Comandante aos amigos, a conflituosa situação política que vivia o Brasil durante o ano de 1964 e suas possíveis causas. Essa sessão inclusive começa alertando para a relação de Cágada com o panorama político e histórico, a que estava submetida, quando diz que a “paz reinou em *Velópolis* [um dos nomes ficcionais que foi dado para Cágada] pouco tempo, ou seja, até que se transformou em Cágada e veio a revolução de março”. Também é nela que se narram os últimos momentos antes do golpe militar, desde o alerta para o grupo dos onze defenderem o governo até a fuga de Jango e Brizola para o Uruguai. Já a seção “depois de” narra o que aconteceu com Cágada e seus habitantes após o golpe militar de 1964.

Dessa forma, Barbosa (2010) salienta que Mársico não expressou somente o contexto de colonização judaica, mas também a instabilidade da política década de 60 no país, que emergiu a renúncia do presidente de Jânio Quadros¹³⁵, o imaginário anticomunista, a crise da Legalidade¹³⁶, culminando nos dias que antecedem o golpe militar de 1964. Conforme Resende (2018, p. 2):

Nos primeiros anos da década de 1960, a crescente instabilidade política e a aceleração da inflação intensificaram as tensões. Ao tomar posse em janeiro de 1961, Jânio Quadros defrontou-se com a herança macroeconômica do período Kubitschek. Sem mecanismos institucionais para a criação de poupança, o esforço de industrialização acelerada provocara profundos desequilíbrios internos e externos. O tímido esforço de enfrentar o desequilíbrio externo, sem um programa de estabilização coerente, associado a uma base de sustentação política frágil, levou à renúncia de Quadros e ao colapso de seu governo em agosto de 1961. Entre janeiro de 1961 e março de 1964, o país teve três presidentes e seis ministros da fazenda, a economia se estagnou e chegou à beira da hiperinflação. A incapacidade de levar a cabo um programa de estabilização bem-sucedido explica-se, tanto pela turbulência política, quanto pela falta de consenso dos formuladores de políticas públicas em relação à estabilidade monetária como condição para o crescimento sustentado. Em março de 1964, o regime militar destituiu o governo de João Goulart. Seguiu-se um período de intensa turbulência política e instabilidade econômica, com a instauração do parlamentarismo, a volta do presidencialismo, até a instauração do regime militar em março de 1964.

Esse cenário político é descrito em *Cágada*,

O país vivia momentos difíceis. Estava-se no ano de 1964 e Jango desgovernava o Brasil

¹³⁵ Jânio da Silva Quadros, foi um advogado, professor e político brasileiro. Foi o vigésimo segundo presidente do Brasil, entre 31 de janeiro de 1961 e 25 de agosto de 1961, data em que renunciou. Em 1985 elegeu-se prefeito de São Paulo pela segunda vez, tomando posse em 1.º de janeiro de 1986, tendo sido este o seu último mandato eletivo.

¹³⁶ Campanha da Legalidade mais conhecida apenas como Legalidade foi uma mobilização civil e militar da história política brasileira de 14 dias que ocorreu após a renúncia de Jânio Quadros da Presidência do Brasil no Sul e Sudeste do Brasil em 1961, sendo liderada por Leonel Brizola e o general José Machado Lopes, em que diversos políticos e setores da sociedade defenderam a manutenção da ordem jurídica — que previa a posse de João Goulart. Outros setores da sociedade - notadamente os militares - defendiam um rompimento na ordem jurídica, o impedimento da posse do vice-presidente e a convocação de novas eleições.

depois daquela misteriosa renúncia de Jânio. Murmurava-se que haveria uma nova revolução, mas ninguém acreditava. Falava-se muito em forças ocultas desde que Jânio se amoitara na base aérea de Cumbica e depois resolvera fazer um turismo pela Europa a bordo dum cargueiro. E falava-se que, não demoraria muito, Jango seria desmancado, principalmente depois que, imitando Jânio, embora no seco, dera uma de marinheiro apoiando alguns cabos de esquerda numa gafeira de muita proa (MÁRSICO, 1974, p. 175).

Jânio Quadros renuncia em 1961, e assume o vice João Goulart¹³⁷, que governou de 1961 a 1964, o qual era visto com desconfiança, devido não ter afinidade com o renunciante. Na sequência de 1964-1985, o Brasil foi governado por uma Ditadura Militar, que somente foi encerrada 21 anos depois, com a eleição de Tancredo Neves¹³⁸.

De acordo com Chiavenato (1994, p. 123), o período de ditadura foi marcado por uma teoria de segurança nacional repressora,

[...] os primeiros meses pós-golpe ficaram marcados pela detenção de aproximadamente 50 mil pessoas. Os militares realizaram uma “operação pente fino”: de rua em rua, de casa em casa, procuravam suspeitos, livros, documentos, qualquer coisa que ligasse os acusados ao governo anterior ou a “subversão”. Não se prendiam “culpados”, mas todos os que não podiam provar inocência.

Esse período tumultuado na década de 60, um judeu erechinense diz que mesmo sendo uma cidade de interior, ocorria repressão e o medo para às pessoas suspeitas de envolvimento com membros do partido comunista, os jovens eram chamados na incumbência [delegacia] por motivos fúteis.

Na década de 50, a comunidade judaica apoiava a candidatura do deputado João Caruso do partido PTB¹³⁹ “devido o deputado João Caruso¹⁴⁰ ser acessível a comunidade judaica, inclusive o pai do entrevistado distribuía panfletos nas eleições elegê-lo e que por isso, seu pai tinha medo de

¹³⁷ João Belchior Marques Goulart, conhecido popularmente como "Jango", foi um advogado e político brasileiro, 24º presidente do país, de 1961 a 1964. Antes disso, também foi vice-presidente, de 1956 a 1961, tendo sido eleito com mais votos que o próprio presidente, Juscelino Kubitschek.

¹³⁸ Tancredo de Almeida Neves foi um advogado, empresário e político brasileiro, tendo sido o 33.º primeiro-ministro do Brasil e presidente da república eleito, mas não empossado.

¹³⁹ PTB (Partido Trabalhista Brasileiro): o partido que estava ligado aos sindicatos e chefes sindicalistas associados ao governo Vargas (dentro da estrutura corporativista que o Estado Novo criou no Brasil). Era composto pelos chefes sindicalistas, atrelados aos grupos estatais, e tinha grande aceitação popular pelo fato de ser o defensor dos trabalhadores. Dele, faziam parte o próprio Getúlio Vargas, além de João Goulart, e Leonel Brizola. O PTB foi um constante aliado do PSD na disputa das eleições presidenciais, e apoiou as candidaturas do PSD em 1945, 1955 e 1960. Em 1950, Getúlio Vargas elegeu-se presidente pelo PTB, segundo o site: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/partidos-politicos-no-brasil-nos-anos-50-e-60/>>. Acesso: 20 mai. 2019.

¹⁴⁰ João Caruso Scuderi foi um político brasileiro. Foi eleito deputado estadual, pelo PTB, para a 39ª, 40ª e 41ª Legislaturas da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

prisão” (CHARCHAT, 2018). Segundo a filha de Mársico: “o pai escondeu o Caruso [Deputado João Caruso] e a família toda em 64, arriscou ser preso” (LEHMANN, 2018). Contudo, era comum a perseguição aos deputados e aos suspeitos comunistas, porque na concepção de regime militar, ser comunista era ser visto, como uma ameaça à segurança pública. Conforme Giménez (2005, p. 16):

No contexto 1945-1964, o imaginário anticomunista das elites brasileiras afluía frente aos movimentos sociais e às greves reivindicatórias espalhadas por todo o Brasil, tanto no campo quanto na cidade. Além disso, dentro de uma conjuntura na qual se discutiam propostas de desenvolvimento nacional e de modernização da sociedade, ampliavam-se movimentos e grupos nacional-reformistas pressionando por reformas sociais que ampliassem as instituições democráticas, na perspectiva de inserir grandes parcelas da população brasileira nos benefícios da democracia. Assim, aguçava-se o imaginário anticomunista das elites econômicas, devido às possibilidades de comprometimento de seus interesses político-econômicos particulares.

Em Porto Alegre, houve repressão anticomunista dentro do Clube de Cultura, o vice-presidente da Organização Sionista revela,

[...] eles foram perseguidos, teve gente presa, só não por causa do Judaísmo nem por causa do sionismo, por causa do comunismo. [...] Porque eles eram pessoas de esquerda, e no Brasil com o Golpe Militar foi proibido a esquerda e aí houve a perseguição nisso. Isso que estamos falando da perseguição política é da década de 60, tá. Com um golpe de estado, com os militares no poder, daí os judeus eles se fecharam mais ainda dentro do clube, e inclusive lá em casa tem na biblioteca tem uma parede falsa e tem vários livros guardados, sempre teve isso porque, por causa do medo da polícia bater, vir o exército naquela época 60 e 70 *Para não dizer que não falei das flores* e tudo aquilo ali que surgiu. (Entrevista: LEVENTHAL, 2018).

Em Porto Alegre, a atuação em cargos públicos de judeus, nas décadas de 70 e 80, o vice-presidente da de Porto Alegre salienta,

[...] nessa época não houve uma participação política muito grande. Sabe que com o passar dos anos, ali por 70, 80 houveram pessoas que já eram comerciantes que foram se penetrando na política tinha o Jayme Wainberg, que era dono da Rainha das Noivas que ele era um líder da EMA na época, e se relacionava muito bem. Na década de 70 eu mesmo fui preso por causa de coisa de gurizada de protestar, e daí dentro da comunidade tu tinha o coronel Rafael Ziglar, pode colocar no *google* ali e saber quem ele era, até a esposa dele faleceu com 103 anos agora faz pouco tempo. Nós tivemos um vereador Isaac Anhior, outros candidatos que não vingaram, fora o Valter, que eu me lembre agora de cabeça, nós não tivemos mais ninguém fora o Valter e o Isaac como deputados ou como vereador. Candidatos houveram muitos, mas como secretários de município e estado também membros da comunidade dos diversos partidos (LEVENTHAL, 2018).

Surgiram representantes judeus na política, houve repressão na década de 70 devido aos

protestos, inclusive o entrevistado foi preso por protestar. Em Porto Alegre, além de repressão política houve censura contra entidades culturais, a prima de Moacyr Scliar (ZILBERKNOP, 2018), ressalta que “o Clube de Cultura, com o regime militar, o clube praticamente morreu. Hoje, há uma diretoria que tenta ressuscitá-lo, mas acho difícil que volte a ser o que era”. Também, (WREMYR SCLIAR, 2018), revela que:

[...] o “Clube de Cultura” sofreu com o golpe de 64, praticamente paralisou. Atualmente [2018], retoma suas atividades, com pessoas competentes e um ambiente igualmente progressista. Exemplo de persistência.

Chiavenato (1994) ressalta que Leonel Brizola desempenhou um papel principal de resistência para o cumprimento da Legalidade. De acordo com Chiavenato (1994, p. 12), então, Brizola,

[...] abriu o Palácio Piratini- sede do governo gaúcho- ao povo. Praticamente transformou a milícia estadual em uma força reacionária. Montou uma rede telefônica que transmitia notícias para todo o Brasil, a partir de Porto Alegre. A atuação firme e decidida de Brizola levou, inclusive, o general Machado Lopes a permanecer ao lado da Legalidade.

Em *Cágada*, os fatos se passam na década de 60, ele adota nomes fictícios, de personagens verossimilhantes como; Jânio Quadros, João Goulart, Brizola.

O Comandante teceu longos elogios ao seu querido Brizola, embora alguns excessos de ultimamente. Conhecera-lhe muito o pai desde quando era vendedor de cavalos. O Brizola já naquele tempo demonstrava que mais dia menos dia seria líder [...].
-Não vá me dizer, Comandante, que o Brizola é seu parente... – comentou o Perna de Pau.
- Pois olhe, bem que eu me sentiria honrado [...]. Fiquei sabendo os senhores que morei algum tempo escondido em Carazinho antes de vir para cá [...] Era tico de gente, piazote, mas esperto e precoce como poucos. Certa feita se meteu numa enrascada, coisas da mocidade (...). Tudo começou quando o danado resolveu organizar um time de futebol, espécie de grupo de onze, e lançou a ideia dum campeonato juvenil pela redondeza. Mas era engraçado; ele é quem organizava o time dos outros [...] E assim foi se expandindo a sua ideia por Passo Fundo, Marau, Casca, etcetera e tal, até que formou uma verdadeira liga que passou a representar força e uma ameaça. Quando ele e seu grupo de confederados resolviam querer alguma coisa ninguém podia dizer não, pois se uniam [...] Brizola resolveu fugir... (MÁRSICO, 1974, p. 185).

Leonel Brizola, “era filho de pequenos proprietários rurais do interior de Carazinho, então distrito de Passo Fundo [...] emergiu como candidato natural do PTB ao governo do estado” (FELIZARDO, 2003, p. 29). Acredita-se que Mársico, apesar de fazer sátira com a figura pública

de Brizola demonstra no trecho acima, uma certa exaltação ao líder de seu partido. A personagem, não judeu Capitão usa a expressão “Brizola é seu parente?”, para a personagem Comandante, então ele responde que “se sentiria honrado” se fosse. Aqui deduz, que como escritor, estava apoiando o movimento liderado por Brizola.

Sobre a origem do Grupos de Onze,

[...] os grupos de onze, formados entre o final de 1963 e o início de 1964 sob a liderança de Leonel Brizola, foram um fenômeno de curta duração. No entanto, sua formação teve grande repercussão política e povoou o imaginário da sociedade brasileira. Vistos como grupos para militaristas prontos para deflagrar uma ação revolucionária e instalar o comunismo no país, foram alvo de denúncias, perseguições e prisões (BALDISSERA, 2005, p. 173).

Em *Cágada*, criou-se um grupo de onze com as personagens: Ovo de Páscoa, Babico, Perna de Pau, Comandante, Mister Glupp, Muja, Lady Hilda e Lady Salma e Maneio e seus suplentes. A personagem Comandante ouve na rádio o chamado de Brizola e organiza a criação de um grupo de 11. A literatura transforma o real, nesse sentido, muitos dos elementos do externo que Gladstone presenciava, como os chamamentos de Brizola no programa radiofônico, influenciaram o interno da narrativa, o grupo de onze, é exemplo disso.

Esse conceito é teoricamente discutido na obra *Literatura e sociedade*, publicada em 1976, por Antônio Candido, quando afirma: “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CÂNDIDO, 1976, p. 4).

Em *Cágada*,

[...] realmente, Cágada foi o primeiro município do Brasil a ter o seu grupo de onze divulgado pela Rádio Mayrink Veiga. E com uma particularidade: o grupo de onze – anunciou o locutor-era formado de toda população do perímetro urbano, suburbano rural. Verdade que na relação apareciam estranhamente, de um lado, nomes como Ovo de Páscoa, Perna de Pau, Comandante, Babico e mais três inteligíveis, e de outro Mister Glupp, Muja, Lady Hilda e Lady Salma. O locutor ainda comentou que, com toda a certeza, deviam ser pseudônimos de gente famosa que a modéstia vetara à publicidade, ou nomes de ação, de guerra, gente disposta ao que desse e viesse (MÁRSICO, 1974, p. 184).

Mársico adotou o nome fictício da rádio Mayrink Veiga, semelhantemente ao real. Segundo Baldissera (2005, p. 74): “surgiu a lista com os nomes de seus integrantes na “rádio Mayrink Veiga, na Guanabara, na Rua Mayrink Veiga, nº 15.” Na entrevista, um judeu afirma,

[...] qual o meio de comunicação para saber o que acontecia na capital?

Entrevistado: Isso era através de rádio. Tinha rádio e tinha a rádio Nacional, a rádio Guaíba, a Mayrink Veiga que era do Rio, e até a BBC de Londres se pegava, e tinha uma hora por dia em português, e aí ficava sabendo das notícias do mundo né (Entrevista: JOCHELAVICIUS, 2018).

Além do nome da rádio e da organização das listas verossimilhante, surgem personagens em *Cágada* que foram inspiradas em pessoas reais do cotidiano do escritor. No caso o personagem Comandante, como pode ser comprovado numa carta de Mársico (1974e) em 25/10/1974, para Sérgio Jockymann: “Mando-te o novo livro, bem menor, para gáudio geral, que o outro. Vais identificar, na figura do Comandante, um amigo nosso aqui da terra, que sabia e sabe tudo, foi até quem inventou Pelé”. A personagem Comandante foi inspirada segundo a filha de Gladstone; “no meu tio avô, Oscar Dutra, casado com a irmã da minha avó Carolina [mãe de Gladstone O. Mársico]” (LEHMANN, 2019). Também a personagem Ovo de Páscoa, chamado; de “Tio Cidoca, foi inspirado em Alcides Osório meu tio, e o personagem Babico, que era o sobrinho de Ovo de Páscoa, inspirado no filho Gladstone Osório Mársico Filho” (LEHMANN, 2019).

Existem indícios, que o prefeito de Erechim de (1952-1955) José Mandelli Filho¹⁴¹ que foi líder da bancada de seu partido em 1958-1959 é representado na ficção como Coronel Maneio. Uma das evidências foi através do telegrama de 21/10/1954 da *Jewish Colonization Association* para Mandelli¹⁴² que tinha por objetivo criar uma escola rural nas dependências da vila de Quatro Irmãos, como prefeito de Erechim, era colega na gestão pública da legenda do Partido Trabalhista Brasileiro com Mársico.

Outra evidência é seu envolvimento com o grupo dos onze, sendo preso, e até mesmo seu nome Mandelli assemelhar-se com o nome do personagem Maneio (prefeito de Nova Floresta na ficção). Segundo Baldissera (2005, p. 131), “as prisões efetuadas em Erechim e na região causaram impacto na população. No *Correio do Povo* circulou notícia em que o deputado erechinense José Mandelli fazia um relato de sua prisão [...]”.

Em *Cágada*, sobre a formação do grupo,

— Mas por que onze? - quis saber o Perna de Pau.

¹⁴¹ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. *José Mandelli Filho*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-mandelli-filho>> Acesso: 10 ago. 2018.

¹⁴² O telegrama está publicado em: CASSOL, Ernesto. *Correspondências da Jewish Colonization Association – ICA. Pesquisas Regionais*. Trad. Ernesto Cassol. Erechim, 1985.

— Pois isto não é a pátria do futebol? - retrucou o Ovo de Páscoa. [...]
 — Já imaginaram a propaganda para o nosso município?
 — Exclamava o Ovo de Páscoa. Cágada será o primeiro do país a formar o seu grupo de onze, custe o que custar. E vai ser para já!
 O Ovo de Páscoa lavrou a ata direitinho, como mandava o figurino nacionalista, o Comandante de conselheiro, o Perna de Pau e Babico na conferência dos pontos e vírgulas, e foi à procura de Mister Glupp e família para a coleta das assinaturas.
 — Mister – explicou – vamos inscrever um time na Federação e precisamos do seu nome e do resto da família para completar os onze. Até agora somos apenas sete. Enumerou-os (MÁRSICO, 1974, p. 183).

Nesse aspecto, Mársico quis expressar a ingenuidade a falta de conhecimento de organização política que os envolvidos tinham sobre o movimento, nota-se que as personagens ficcionais não entendem o motivo para formação do grupo, acreditando participarem de um time de futebol, colocam seus nomes na lista da rádio Mayrink Veiga. De acordo com Kunh (2004, p. 97): “cada grupo dos onze era constituído por 11 homens que deveriam ser treinados para a luta armada, [...] assim como um time de futebol, cada grupo teria um líder que ficaria responsável por se comunicar com os comandantes dos demais núcleos”.

Aqui, queria satirizar essa organização com um time de futebol, porque sabia que os envolvidos eram agricultores dos pequenos povoados da região do Alto Uruguai, pessoas que tinham baixa escolaridade e com poucas noções de movimentos partidários. Baldissera (2005, p. 180) aponta:

O baixo nível de alfabetização do povo situação que caracterizava a região do Alto Uruguai também contribuía para essa disposição crédula de atender aos chamados de Brizola sem questionamentos ou críticas. Ao mesmo tempo, as pessoas queriam participar da política do país e, se era importante formar os grupos para que as reformas de base se efetivassem, elas não se omitiriam. Então, muitos, espontaneamente, apenas por ouvir a rádio, saíam de casa em casa – no caso das áreas rurais, onde os moradores viviam a vários quilômetros de distância, a pé ou a cavalo, para obter os onze nomes necessários para as listas. A respeito do comunismo nada conheciam e, muito menos de uma possível guerra revolucionária; sequer sabiam que a Revolução Cubana havia acontecido. Entretanto, para eles, Leonel Brizola era muito presente e queria um Brasil melhor, um país ao qual todos aspiravam.

O chamamento radiofônico de Leonel Brizola, a classes populares é representado. Em *Cágada*,

Os grupos de onze foram lançados por Brizola num dos chamados “programas do lobisomen” porque transmitidos todas as sextas-feiras à noite, pelo rádio, fazendo jus ao provérbio de que água dura em pedra mole tanto dá até que emburra. Neles, o “herói da legalidade” incentiva toda a companheirada para que formasse as suas panelinhas de

resistência aqui e acolá na expectativa de que, galho a galho, macaco a macaco, breve estaria formada em todo Rio Grande e quiçá no Brasil uma fauna especializada e comunitária capaz de resistir à bananosa dos “gorilas” [...] (MÁRSICO, 1974, p. 182).

Também historicamente é popular a fama de Leonel Brizola ser considerado um “herói”, que convencera multidões. Mas, com o golpe militar, segundo Felizardo (2003, p. 72), os heróis de ontem passaram a vilões. Brizola especialmente foi vítima de intensa campanha de difamação. Os grupos dirigentes e os militares golpistas nunca puderam perdoá-lo”. A resistência promovida pelo governador riograndense Brizola, não conseguiu impedir o golpe militar, e Brizola exilou-se no Uruguai.

Os apoiadores do movimento contra o golpe militar, foram exiliados ou presos, na ficção de *Cágada* isso não é diferente. Para encerrar *Cágada*, Mársico deixa sua cidade imaginária praticamente desabitada, devido a questão da prisão das personagens da lista da Mayrink, por uma força reacionária, que invade a cidade e leva-os, sem entenderem o motivo de serem presas. Em *Cágada*, somente a personagem Padre Nero, que é o representante da igreja católica, não é preso, por não aceitar assinar seu nome na lista na ficção, isso leva-nos a deduzir a explicação que, segundo Chiavenato (1994, p. 30), “o clero conservador acreditava que as reformas levariam o Brasil ao comunismo. Pouco adianta discutir se certos bispos e cardeais eram ingênuos ou agiam a reboque das classes dominantes. O inegável é que a alta hierarquia da Igreja ficou contra Goulart”.

Como na ficção de *Cágada*, o grupo dos 11 de Erechim e região sofreram humilhações. De acordo com Baldissera (2005, p. 180),

[...] as listas apreendidas na Mayrink Veiga e denúncias feitas eram o indicativo de onde estavam os “revolucionários”, os quais deveriam ser punidos. Os integrantes foram presos, sofreram humilhações e, em alguns casos, até mesmo torturas; as suas casas foram vasculhadas em busca de armas que não existiam – os registros mostram que foram encontradas apenas espingardas de caça, utilizadas pelos colonos, contrariando as expectativas de que os Grupos de Onze estavam fortemente armados. Tachados de perigosos, comunistas, famigerados e revolucionários, revelavam-se, contudo, inofensivos; inocentes que, dentro de um clima de insegurança, contribuíram, sem o saber, para que o enfrentamento entre forças radicalizadas se acentuasse, servindo de pretexto para a derrubada de um governador inclinado a realizar reformas.

Chiavenato (1994) ressalta que o governo militar foi marcado; por repressão política, tortura, prisões, exílio e censura. Os escritores Moacyr Scliar e Gladstone Osório Mársico, passaram por fiscalização da comissão de censores para poderem publicar suas obras na década de 70, como também um dos entrevistados ressaltou que havia em sua casa, um esconderijo para seus

livros. No regime militar Gladstone escondeu em sua casa, na década de 60, seu amigo o deputado João Caruso dos militares, como também, Moacyr Scliar em sua autobiografia (2017), ressalta que seu tio Henrique Scliar escondia em sua chácara, em Viamão, o escritor Jorge Amado e esposa Zélia Gattai. Eles eram envolvidos com o movimento comunista e por isso eram perseguidos, no governo do militar de Eurico Gaspar Dutra, por volta de 1946-1950.

Enfim, por trás de *O exército de um homem só*, existe um jovem escritor, que atuou como militante sionista¹⁴³, porque em Porto Alegre e também em Erechim haviam desde o início do século XX, uma movimentação muito grande sionista, que se expandiu ideologicamente para sinagogas, escolas, e movimentos juvenis na capital como; o *Dror* e do *Hashomer Hatzair*, programas que investiam no preparo de jovens judeus para trabalhar na vida coletiva no kibutz em Israel. Já em *Cágada*, existe um escritor que não participou de movimentos sionistas, mas é vereador filiado aos petebistas.

Em *Cágada*, os personagens não judeus Capitão e Comandante organizam um grupo de Onze, e praticamente todos os personagens da trama, judeus e não judeus, assinam seus nomes na lista da Mayrink Veiga, sem saberem ao certo, do que se tratava. Já em *O exército de um homem só*, os judeus têm clareza sobre a política mundial, e estão atentos aos acontecimentos, e envolvidos com o sionismo e a fundação do Estado de Israel. Contudo, afirmasse que o golpe militar, o sionismo e a fundação do Estado de Israel não eram eventos históricos isolados, porque os dois escritores vivenciavam essas transformações histórico políticas, ao escreverem suas obras no mesmo tempo histórico.

Em *O exército de um homem só*, fez representação dos ideais sionistas difundidos por Theodor Herzl para a criação de um Estado de Israel, e houve a representação da comemoração da fundação do Estado de Israel em 1948. Scliar faz um saudosismo a Birobidijan e a Terra santa, que seriam os locais que dariam o fim das peregrinações do povo judeu. Da mesma forma, Mársico diz que o município de Cágada, seria o futuro, e lá seria o fim das peregrinações judaicas.

Contudo, Scliar faz uma representação com mais ênfase na fundação de Birobidijan, o território na Rússia destinado aos judeus, e a Fundação do Estado de Israel, e também cria um fundador de um kibutz em Porto Alegre.

¹⁴³ Henrique Scliar e Moacyr Scliar tiveram ligações com a esquerda sionista, e Moacyr Scliar na juventude participou de movimentos juvenis sionistas, porém na velhice, ou seja, “numa etapa de sua vida não era tão sionista”, tornando-se médico-humanista, e simpatizante de Israel, segundo (LEVENTHAL, 2018).

Nos anos 50, a família Scliar esteve envolvida com a construção do Clube de Cultura, criado pelo tio de Moacyr o anarquista Henrique Scliar, um dos fundadores do PCB. O clube era progressista e tinha um estatuto de entidade laica, mas seus membros eram ligados aos movimentos socialistas, comunistas e anarquistas. O irmão de Scliar revela que Moacyr admirava o líder marxista *Borochov*, e que lia obras marxistas na juventude, quando era membro do Dror, por isso surgem representações marxistas nas atitudes ideológicas da personagem Mayer.

O escritor Gladstone Osório Mársico pertence a bancada do partido PTB, e em *Cágada*, traz o período histórico da Ditadura militar, e seu não apoio ao golpe militar, que se deduz, em sua sátira por tratar de acontecimentos que marcaram a política brasileira, como também a política local, como; a renúncia de Jânio Quadros, a campanha da legalidade, a trajetória de vida de Leonel Brizola, o grupo de Onze em Erechim, a repressão militar, e acontecimentos que antecedem o Golpe militar de 64.

Os dois escritores adotam nomes ficcionais semelhantes aos reais, e trajetórias de vida verossimilhantes de líderes políticos. Através das entrevistas, constatou que as duas obras literárias foram inspiradas em pessoas reais; Moacyr Scliar elaborou Mayer Ginzburg, inspirado em seu tio Henrique Scliar para representar o comunista Mayer Ginzburg. Já o escritor Mársico inspirou-se em seu tio, chamado Oscar Dutra, para a personagem não judeu, Comandante que organizou a lista do Grupo dos 11, e também se inspirou em seu colega de partido, o prefeito de Erechim, José Mandelli, para a representação do não judeu Coronel Maneio, que representava o prefeito de Nova Floresta.

A partir do cruzamento das fontes, foi possível mapear a relação de apoio a bancada PTB, principalmente, ao deputado estadual João Caruso, por parte da comunidade judaica erechinense, como entender a repressão à movimentação popular, a censura e a perseguição em Erechim e em Porto Alegre no regime militar. Ainda, o envolvimento dos grupos sionistas com o Bom Fim e Erechim e a participação de Moacyr Scliar com os movimentos juvenis sionistas em Porto Alegre.

CONCLUSÃO

A partir da pesquisa, conclui-se que a literatura sul-rio-grandense, ao longo do tempo compreendido na pesquisa, seguiu um movimento mais amplo, perceptível entre os demais grupos étnicos, porque foi na década de 70 a comemoração do sesquicentenário da imigração alemã e da imigração judaica, e o centenário da imigração italiana. Nesse sentido, com o trabalho dos romancistas; Moacyr Scliar e Gladstone Osório Mársico institucionalizou-se, no universo ficcional, a existência social de um dos grupos étnicos que formaram o Rio Grande do Sul.

Através do breve resgate da trajetória de vida, contatou-se que os dois escritores circulavam nos mesmos espaços em Erechim e Porto Alegre, e que Scliar era judeu e Mársico tinha vínculo de amizade com a comunidade judaica erechinense. Suas obras permitem aproximações e distanciamentos, na organização de seus enredos e todo o processo de produção e publicação na década de 70. Elas tratam de uma forma marginal a imigração judaica no Rio Grande do Sul, porque *Cágada* faz uma sátira que envolve a estagnação da colônia Quatro Irmãos devido o abandono dos imigrantes e da companhia ICA após o fim do extrativismo da madeira. Já Moacyr Scliar em *O exército de um homem só*, usa a ironia para transmitir seus ensejos da juventude, no desenvolvimento de Birobidijan e na fundação do Estado de Israel.

A partir do recorte em *Cágada* da Fazenda Quatro Irmãos, e em *O exército de um homem só*, o espaço imaginário corresponde ao bairro Bom Fim, situado em Porto Alegre, foi possível ver os espaços e seus sujeitos representados. Em *O exército de um homem só*, surge uma imigração vinda da Rússia de imigrantes judeus e seu convívio com afrodescendentes. Em *Cágada*, existe a representação de uma imigração que partiu de Londres, e duas migrações judaicas no Brasil, uma delas, promovida pelos judeus paulistas e outra promovida pelos judeus do bairro Bom Fim, para o município de Cágada, trazendo a dizimação e a relação com afro descendentes. Então, permite afirmar que no Rio Grande do Sul, houve a representação de dois espaços distintos, mas que carregam a saga da imigrante judeu.

A partir do terceiro capítulo sobressaiu a análise da representação do imigrante judeu nas respectivas obras literárias, em que puderam ser vistas, cinco categorias; religião, o judeu colonizador, o judeu capitalista, a imigrante judia, o judeu na política. A primeira trouxe a representação do judeu religioso e suas práticas religiosas. As duas obras trazem referências aos profetas que originaram o Judaísmo e a indagação, de quem é judeu? Essa forte representação do

judeu religioso é através das personagens; pai de Mayer [sem nome], Mister Glupp e Arão, esses imigrantes judeus preservam a cultura, colocam em prática sua religião, participam das festividades, ingerem comidas e bebidas permitidas pelo Judaísmo.

A segunda a representação, o judeu colonizador surge em *O exército de um homem só* e *Cágada*, porque o meio rural e a cidade tornaram-se assunto de romance, os imigrantes desempenharam atividades na agricultura, porém em *O exército de um homem só*, eles destacam-se no comércio. Os personagens são representativos da comunidade judaica, como verossimilhança com os habitantes reais, através da representação de Mister Glupp, com o diretor da ICA, Isidoro Eisenberg, que é um judeu colonizador em *Cágada*, em *O exército de um homem só*, surge a representação Mayer Guinzburg, como o tio de Moacyr Scliar, chamado Henrique Scliar. É visto, que ambas obras literárias existem a representação do imigrante colonizador, que cria uma colônia na ficção, localizada no município de Cágada ou no Beco do Salso, locais inspirados na Fazenda Quatro Irmãos, e na chácara situada no bairro Santa Cecília, em Porto Alegre.

Na terceira categoria trouxe a representação do imigrante judeu capitalista e do judeu comerciante, que se envolve no desmatamento e na intrusão da colônia. *Cágada* trouxe o imigrante que visa o lucro, caracterizado como um bom negociante que busca enriquecimento com o extrativismo da madeira, se sobressaindo também, como um vendedor a prestações, através da personagem Muja, que acaba se sobressaindo a verossimilhança com a trajetória de vida de Maurício Safro. Em *O exército de um homem só*, caracteriza o imigrante judeu como um prestador de serviços e comerciante que visa o lucro explorando o funcionário no sistema capitalista.

A quarta categoria trouxe a representação da imigrante judia, sendo possível analisar o perfil das mulheres judias, como pioneiras e mães no meio rural, ou na capital, como mães e mulheres donas de estabelecimentos comerciais, versus a representação das mulheres não judias. Em ambas obras literárias, representam a posição da mulher judia imigrante, quando jovem judia é ingênua, quando mulher é decidida. O olhar de Mársico pela mulher judia veem do meio rural, por isso representa-a em *Cágada* como colona, superprotetora e apegada aos costumes. Já o olhar de Moacyr Scliar, provavelmente inspira-se em sua mãe, porque não traz a mulher pioneira na colonização, mas traz a mulher no espaço urbano, como dona de estabelecimentos comerciais, responsável pelos afazeres domésticos e preocupada com a alimentação dos filhos.

A última representação, o judeu e a política, apesar de serem dois contextos diferentes nas literaturas, os dois escritores viveram no mesmo período histórico da ditadura militar e da censura,

que houve na capital e no interior do estado. Scliar traz a representação do imigrante judeu sionista e marxista em *O exército de um homem só*, com suas ideias políticas, ideológicas, éticas e sociais que guiam os judeus no RS, representados através da personagem Mayer, que é um líder anarquista sionista que funda ficcionalmente um Palácio de Cultura e que sempre está atento às notícias que rondam sobre a fundação do Estado de Israel, e a busca incessante de criar uma Birobidjan no Bom Fim, por isso surgem verossimilhanças com personagens históricas ligadas ou influenciadas pela teoria Marxista. Moacyr Scliar traz o espaço Clube de Cultura para sua narrativa e as ideias revolucionárias do partido comunista, e socialista.

Em *Cágada*, Mársico traz o contexto que vivia na década de 60, e inspira-se em seu colega de bancada no PTB, o prefeito José Mandelli, para a criação da personagem, Capitão Maneio. Em *Cágada* o imigrante judeu não é visto como um líder político, mas ele desempenha papel nas decisões da colônia, ele também participa na fundação do grupo de onze.

Em ambas as obras literárias, há o choque do que foi a imigração judaica, uma alegoria das suas mazelas e não ditos. Em *Cágada*, sobressai a narrativa da colonização ocultada tanto pela colonizadora quanto pelos colonos, apresentando por meio da sátira a epopeia desses imigrantes em meio à zona florestal. Já em *O exército de um homem só*, aparece o judeu comum, que quer revolucionar o mundo, mas que seu sonho utópico não se consolida, ele é muito distinto da imagem do banqueiro bem-sucedido, corrente no imaginário popular.

Para finalizar, através do recurso comparativo e pautado na documentação conclui-se, que os judeus estão representados na literatura, com essas categorias, e que as duas obras literárias possuem narrativas que carregam historicidade, porque em muitos aspectos elas dialogam com a história e permitem explicar como o imigrante judeu é visto pelo olhar literário.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Jaime Safro. Erechim, 14 nov. 2013, entrevista nº497. Acervo: Arquivo Histórico Municipal Dr. Juarez Miguel Illa Font.

AGUIAR, Airan Milititsky. **Saudações para um mundo novo: o Clube de Cultura e o progressismo judaico em Porto Alegre (1950-1970)**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre/RS, 2009. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/25623015-Saudacoes-para-um-mundo-novo-o-clube-de-cultura-e-o-progressismo-judaico-em-porto-alegre.html>>. Acesso: 20 out. 2018.

_____. Porto Alegre, abril 2018. Prof. Historiador, atualmente é presidente do Clube de Cultura e Gerente de Arquivo e Museu na Prefeitura de Canoas-RS. Atua principalmente nos seguintes temas: história, história das ideias, iconografia, ideologia, história judaica. Produziu: *Saudações para um mundo novo: o Clube de Cultura e o progressismo judaico em Porto Alegre (1950-1970)*.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Disponível em: <<http://arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

ALUNOS DO COLÉGIO JÚLIO DE CASTILHOS. **Correspondência de 23 jun. 1975**. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

ALTMAN, Max. **Complô dos médicos de 1953**. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/8815/conteudo+opera.shtml>> Acesso: 08/11/2017 às 22:09.

AQUINO, Ivânia Campigotto. **Literatura e história em diálogo: um olhar sobre Canudos**. Passo Fundo: UPF, 1999.

_____. **A representação do imigrante alemão no romance sul-rio-grandense: "A divina pastora", "Frida Meyer", "Um rio imita o Reno", "O tempo e o vento" e "A ferro e fogo"**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2007. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10922>>. Acesso: 10 out. 2018.

_____. **A representação da etnia alemã no romance sul-rio-grandense**. Passo Fundo: Ed: Universidade de Passo Fundo, 2007.

_____. **Literatura e história: aproximações discursivas**. 1999. 96 f. Dissertação de mestrado apresentado ao curso de Letras da UFRGS.

ASHERI, Michael. **O Judaísmo vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes**; tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

BACCEGA, Aparecida Maria. **Palavra e Discurso História e Literatura**. São Paulo: Ática,

2000.

BAHAT, Dan. **Vinte séculos de vida judaica na Terra de Israel: as gerações esquecidas**. São Paulo: B'rith do Brasil, 2002.

BAIBICH, Tânia Maria. **Fronteiras da identidade: o auto-ódio tropical**. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

BALDISSERA, Marli de Almeida. **Onde estão os grupos de onze: os comandos nacionalistas na região Alto Uruguai-RS**. Passo Fundo: UPF, 2005.

BARBOSA, Adilson. **Comicidade e riso em Cágada, de Gladstone Osório Mársico**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011.

_____. **Cágada: riso, humor e representação**. Dissertação. Mestrado em Letras. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Frederico Westphalen. Disponível: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/27.pdf>>. Acesso: 20 jan. 2018.

BARROS, José D' Assunção. **História, região e espacialidade**. Revista de História Regional, v. 10, n.1, p. 95-129, Verão, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2211/1691>>. Acesso: 12 set. 2018.

_____. **História comparada – um novo modo de ver e fazer a história**. Revista de História Comparada, v. 1, nº 1, p. 1-30, jun. 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/144/136>>. Acesso: 26 jan. 2019.

_____. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 460-476, jul./dez., 2006 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a12.pdf>>. Acesso: 20 set. 2018.

_____. **História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/191/182>>. Acesso: 22 nov. 2017.

_____. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARTEL, Carlos Eduardo. **Dirigentes e lideranças do Movimento Sionista no Brasil**. X Encontro Estadual de História. O Brasil no Sul: Cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. Santa Maria, UNIFRA, 2010.

BARTH, Aron. **Valores permanentes do judaísmo**. Rio de Janeiro: Editora B'nai B'rith, 1965.

BARTH, Frederik. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo: UNESP, 1998.

BERND, Zilá. **Tributo a Moacyr Scliar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

BILETZKY, Eliyahu. **Antisionismo, nova face do antisemitismo**; tradução do espanhol Keila Litvak. São Paulo: Ed. B'nai B'rith, 1982.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. **Literatura comparada: teoria e prática**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

BLUMENFELD, Yaacov Israel. **Judaísmo, visão do universo: a vida, o mundo e o homem segundo a Torah**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1989.

BOFF, Ana Vera; et.al. **Memória: imigração judaica no Brasil, no século XX**. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall; Museu Judaico de Porto Alegre, 1999.

BOUTIER, Jean. **Passados recompostos; campos e canteiros da história**. Tradução de Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998.

BRUMER, Anita. **Identidade em mudança: pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.

BULGARELLI, Waldirio. **O kibutz e as cooperativas integrais**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1966. 3 ed.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CABRAL, Leonor Scliar. Porto Alegre, 02 set. 2018. Prof. Universitária, cientista da linguagem de renome no Brasil e no exterior, Scliar-Cabral foi presidente da Associação Brasileira de Linguística (Abralín) e da *International Society of Applied Psycholinguistics*. Possui 89 anos, prima-irmã de Moacyr Scliar.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARNEIRO, Maria Tucci. **O Antisemitismo na era Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Holocausto Crime Contra a Humanidade**. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Dez mitos sobre os judeus**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

_____. **O Veneno da serpente**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **Anti Semitismo nas américas, memória e história**. São Paulo: Editora Edusp, 2007.

_____. **Vozes do Holocausto 1 - Histórias de Vida**. São Paulo: Maayanot, 2017.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

CARVALHAL, Tania Franco. Coutinho, Eduardo Faria. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CARVALHO, André. **Socialismo: (incluindo abordagem atualizada das mudanças no mundo comunista)**. Belo Horizonte: MG: Ed. Lê, 2ª edição, 1993.

CASSOL, Ernesto. **Correspondências da Jewish Colonization Association – ICA**. Pesquisas Regionais. Trad. Ernesto Cassol. Erechim, 1985.

CENTRO DE PESQUISA HISTÓRICA. **História dos bairros de Porto Alegre**. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf>. Acesso: 13 set. 2018.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO E HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/>>. Acesso: 10 ago. 2018.

CESE. Centro de Ensino Superior de Erechim. **Histórico de Erechim**. Passo Fundo: Instituto Social Padre Berthier, 1979.

CHARCHAT, Abraão Izaquiel. Erechim, 12 set. 2018. Profissão: agropecuarista, idade 70 anos, descendentes de imigrantes judeus que se estabeleceram em Erechim.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor? revisão de uma genealogia**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

_____. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Unesp, 2014.

_____. **Origens culturais da revolução francesa**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 2009.

_____. **¿Qué es un texto?**. Paris: Ciencias Sociales, 2006.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 2004.

_____; LEBRUN, Jean. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1998.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. 1.ed. São Paulo: UNESP - Universidade Estadual Paulista, 1999.

_____. **O mundo como representação. Estudos avançados**. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> > Acesso: 17 ago. 2018.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHIAPARINI, Enori José. **Erechim: Retratos do passado, memórias do presente**. Erechim: Graffoluz, 2012.

_____. Erechim, 31 ago. 2018. Prof. Historiador, patrono da XV Feira do Livro de Erechim 2012, atua diretamente junto ao Acervo documental, colaborador do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, e apresenta o programa de rádio *Vozes do Tempo*, na Rádio Virtual FM, 104.7.

CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 1994.

CHWARTZMANN, Samuel. **Memórias de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Edições EST, 2005.

DAHLER, Etienne. **Festas e símbolos**. Trad. Alfonso Paschotte. Aparecida, SP: Santuário, 1999.

DEBONA, Vilmar. **Pessimismo e eudemonologia: Schopenhauer entre pessimismo metafísico e pessimismo pragmático**. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 135, dez./2016, p. 781-802. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v57n135/0100-512X-kr-57-135-0781.pdf>>. Acesso: 24 jan. 2019.

DELAZERI, Jaci, José. **Erechim no coração do Mercosul**. Erechim: Edelbra, 1999.

DELFO DIGITAL. **Moacyr Scliar**. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/2> >. Acesso: 31 mai. 2018.

DORSA, Arlinda Cantero. **As marcas de regionalismo na poesia de Raquel Naveira**. Campo Grande: UCDB, 2001.

DUCATTI, Neto, Antônio. **O grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1981.

EIZIRIK, Moysés. **Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1984.

_____. **Memória da vida judaica: personagens, episódios e instituições gaúchas**. Porto

Alegre: LETRA & VIDA, 2007.

_____. **Imigrantes judeus-Relatos, Crônicas e Perfis.** Porto Alegre, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, Caxias do Sul. Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1986.

ELMIR, Cláudio Pereira; WITT Antônio; TRUZZI, Oswaldo. **Imigração nas Américas: estudos de história comparada.** São Leopoldo: Oikos: Editora Unisinos, 2018. 303p. (Coleção estudos históricos).

EPSTEIN, Isidore. **Breve história do Judaísmo.** São Paulo: Sêfer, 2009.

ERIKSEN, Trond Berg. Hakon Harket, Einhart Lorenz; com a colaboração de Izabela A. Dahl e Terje Emberland. **História do antisemitismo.** Lisboa: Edições 70, 2010.

FAERMANN, Martha, Pargendler. **A promessa cumprida: histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch, e Erebang).** Porto Alegre: Metrópole, 1990.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Literatura Brasileira.** São Paulo: Editora Ática, 1991.

FEDERAÇÃO ISRAELITA DO RIO GRANDE DO SUL. **Ideias memoráveis: o Judaísmo e o mundo contemporâneo.** Porto Alegre: 2009.

FELDMAN, Marcos. **Memórias da Colônia de Quatro Irmãos.** São Paulo Maayanot, 2003.

FELIZARDO, Joaquim José. **A legalidade: último levante gaúcho.** 4ed. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. **Perspectivas Pós-Modernas na Literatura Contemporânea.** Departamento de Literatura – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP/Araraquara. Olho d'água, São José do Rio Preto, 2(2): 1-200, 2010. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/65/79>>. Acesso: 13 jan. 2019.

FERREIRA, Antonio Sérgio. **Relações entre Literatura x História. Diálogos Acadêmicos.** Revista Eletrônica da faculdade Semar/Unicastelo, v.1, n.1. Edição Outubro/janeiro de 2010. Disponível: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627110749.pdf>. Acesso: 2 fev. 2019.

FONT, Juarez Miguel Illa. **Serra do Erechim: tempos históricos.** Erechim RS: Empresa Gráfica CARRARO Ltda. 1983.

FLORES, Moacyr. **Oswaldo Aranha.** 2 eds. Porto Alegre: IEL, 1996.

GIARETTA, Jane Gorete Semiotti. **O grande e velho Erechim. Ocupação e colonização do povoado de formigas (1908- 1960)**. Dissertação da Universidade de Passo Fundo, 2008. Disponível em: < https://secure.upf.br/tede/tde_arquivos/8/TDE-2009-08-31T115245Z-224/Publico/2008JaneGoretti.pdf > . Acesso 17 jan. 2019.

GIGLIO, Auro Del. **Iniciação ao estudo da Torá**. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer Ltda, 2003.

GIMÉNEZ, Andrea Beatriz Wozniak. **Reflexões sobre cultura política: O imaginário anticomunista das elites econômicas curitibanas, 1945-1964**. Revista: Gestão & Conhecimento, v. 3, n.1, p. 15-33, jan./jun., 2005.

GONZÁLEZ, Mário. **O romance picaresco**. São Paulo: Ática, 1988.

GRINBERG, Keila. **Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GRINBERG, Irineu Keiserman. Porto Alegre, 20 ago. 2018. Farmacêutico, Conselheiro fiscal da Federação dos Hospitais e Estabelecimentos de Saúde do Rio Grande do Sul. Idade: 77 anos, primo-irmão por parte de mãe de Moacyr Scliar.

GROPPO, Bruno. **O comunismo na história do século XX**. Revista: Lua Nova, São Paulo, v.75, p. 115-141, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n75/07.pdf>>. Acesso: 20 mai. 2019.

GILBERT, Martin. **História de Israel**. Tradução: Vera Martins. São Paulo: Edições 70, 2010.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization e a Colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.

GRITTI, Silvana Maria. **A intertextualidade em Cágada**. Erechim. Revista Perspectiva URI Erechim, p. 110, 1995.

_____. Erechim, 23 jul. 2018. Prof.^a Dr. na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), possui experiência na área de História, Pedagogia, Gestão Ambiental, Imigração e Colonização Europeia no Brasil, com ênfase nos temas: imigração, colonização polonesa, colonização judaica, companhias colonizadoras (Jewish Colonization Association) e Relações Interétnicas.

GROSSMANN, Judith. **Ensaio 79 (Temas de teoria da Literatura)**. São Paulo: Ática, 1982.

GUTFREIND, Ieda. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul. Da memória para a história**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004.

_____. **Comunidades judaicas no interior do RS: Passo Fundo e Erechim**. Porto Alegre, RS: Evangraf, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós - modernidade**. Tradução; Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopez Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

IASNOGRODSKI, David. **Meu Bom Fim brasileiro**; prefácio de Moacyr Scliar. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO JUDAICO DE CULTURA E DIVULGAÇÃO. **Um genocídio Cultural: a política antijudaica da União Soviética**. São Paulo: 1969.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. Rio grande do Sul. Secretaria de Educação e Cultura. Subsecretaria de Cultura. **Moacyr Jaime Scliar**. Porto Alegre. IEL. 1985. 24 p (Autores gaúchos/IEL. 9).

INSTITUTO MARC CHAGALL. **Artigos**. Disponível em: < <http://www.chagall.org.br/artigos/> >. Acesso: 27 jan. 2018.

INSTITUTO HISTÓRICO GETÚLIO VARGAS. Entrevista: ZANINI, Sabila. Erebangó, 29 nov.1995. Professora em Erebangó no início da colonização, 95 anos. Entrevistador: Docimar Schimit.

INSTITUTO HISTÓRICO GETÚLIO VARGAS. Entrevista: DREIER, Paulo Luis. Erebangó, 31 jan. 1995. Complementação da entrevista em Getúlio Vargas em 10 mai. 2010. Comerciante, vereador de quatro mandatos, plantador de árvores, nasceu em 18 dez. 1938. Entrevistador: Neivo Fabris e Docimar Schimit.

INSTITUTO HISTÓRICO GETÚLIO VARGAS. Entrevista: SCARIOT, Albino Luiz. Erebangó, 06 dez. 1994. Vereador, nasceu em 04 junho 1924. Entrevistador: Docimar Schimit.

INSTITUTO HISTÓRICO GETÚLIO VARGAS. Entrevista: PRESOTTO, Julio Alberto. Getúlio Vargas, 04 jun. 2009. Nasceu na colônia Erechim em 26 julho 1917. Entrevistador: Isabel Cristina Cavedon Muller.

INSTITUTO HISTÓRICO GETÚLIO VARGAS. Entrevista: FILIPPON, Abrelino. Getúlio Vargas, 16 dez. 1995. Nasceu 10 de abril de 1910, descendente de italianos. Entrevistador: Isabel Cristina Cavedon Muller.

INSTITUTO HISTÓRICO GETÚLIO VARGAS. Entrevista: LOUREIRO, Abílio. Getúlio Vargas, 14 nov. 1995. Nasceu em 24 fevereiro de 1937. Nasceu em Nonoai, seu pai Francisco Loureiro trabalhou nos trilhos da ICA e na casa de Isidoro Eisenberg. Entrevistador: Isabel Cristina Cavedon Muller.

JOHELAVICIUS, Jayme. Erechim, cirurgião dentista, idade 80 anos, descendente de imigrantes judeus, viveu em Barão Hirsch e trabalhou no Hospital de Quatro Irmãos.

JORNAL A VOZ DA SERRA. **Da mulher para a mulher**. 30 mar. 1975.

_____. **Cidadão Benemérito**. 19 out. 1975. Ano 46, nº 151.

_____. **Programa oficial de recepção e homenagens ao Exmo. Sr Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, Dr. Presidente da República**. 21 out. 1956.

_____. **Sede do Festival de Coral**. 13 mar. 1976.

_____. **Lions Clube**. 30 mar. 1976.

_____. **Destaques em foco**. 23 abr. 1976.

_____. **Aprovada a criação da Companhia Telefônica Municipal**. 05 fev. 1958 Ano XXIX.

_____. **Relatório da Câmara Legislativa**. 30 abr. 1958.

_____. **Diálogos Secretos**. 06 jul. 1956. Ano XXVII, nº 147, p. S/N.

_____. **Manifesto Público**. 03 abr. 1968.

_____. **Festividades hebraicas de <<Rohs Hachana>>**. 27 set. 1957.

_____. **O dia do perdão**. 14 set. 1975.

_____. **56ª aniversário de Erechim**. Abr. 1962.

JORNAL BOA VISTA. **Erechinense – baiano, sugere construção de Vila Cágada**. Ano III nº 130.

JORNAL CORREIO DO POVO. **Gladstone Osório Mársico**. p. 4. 24 dez. 1977.

JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ. **Erechim resgata a memória de Gladstone Osório Mársico**. 22 abr. 1989.

_____. **Erechim resgata memória de escritor**. 28 abr. 1989.

JORNAL ZERO HORA. **A emocionada hora do adeus**. 01 mar. 2011.

LEHMANN, Rosângela Mársico. Suíça, cidade Meggen, (entrevista via Facebook) 15 jan. 2019. Possui 65 anos de idade, filha de Gladstone Osório Mársico.

LEVENTHAL, Luis David. Porto Alegre, 05 ago. 2018. Advogado, Vice-presidente da

Organização Sionista de Porto Alegre, descendente de imigrantes judeus alemães.

MÁRSICO, Gladstone Osório. **Discurso para formandas do Ginásio São José.** Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Último Adeus.** Rádio ZYF-7. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Correspondência para Carlos Jorge Appel.** 25 out. 1974a. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Correspondência para Ana Eisenberg.** 02 de mar. 1972.

_____. **Correspondência para Paulo Hecker Filho.** 06 dez. 1974b. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Correspondência a Carlos Jorge Appel.** 15 jul. 1974c. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Gladstone Osório Mársico.

_____. **Correspondência para Érico Veríssimo.** 12 mar. 1974d. Acervo: Biblioteca Pública Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Carta Gladstone Osório Mársico para Sérgio Jockymann.** 25 out. 1974e. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Carta para Érico Veríssimo.** 12 mar. 1974f. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico

_____. **Aristides Agostinho Zambonato escreve para Gladstone Osório Mársico.** 1976 s/p. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **O voto.** Rádio ZYF-7. s/d/s/a.

_____. **Documento Câmara eclesiástica de Erechim.** 23 dez. 1971. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Correspondência para Carlos Jorge Appel.** 13 abr. 1975a. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Correspondência para Antônio Hoftfeldt.** 05 ago. 1975b. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Correspondência para Hilton.** 12 jan. 1975c. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Danton Hartmann escreve: Um erechinense de exceção.** 1976, s/p. Acervo: Biblioteca

Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Contas pagas.** s/d. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Atestado médico que compareceu numa consulta 23/04/75.** 25 jun. 1976. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

_____. **Certidão de óbito.** 18 jun. 1976. Acervo: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a Questão Judaica:** imigração, diplomacia e preconceito. Trad. Marisa Sanematsu. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

LIA, Cristine Fortes. **Os judeus de Moacyr Scliar: o Judaísmo no Rio Grande do Sul durante o século XX.** Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. V, n.15, jan./2013. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/anais4/st5/6.pdf>>. Acesso: 20 set. 2018.

_____. **Bons cidadãos: a comunidade judaica do Rio grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945).** Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

LINHARES, Temístocles. **História Crítica do Romance Brasileiro.** Rio de Janeiro: Itatiaia, 1987.

LOPEZ Batista Carlos. **Xadrez na união soviética.** Disponível em: <cxv.com.br/html/miseriaselorias05.htm> Acesso: 08 nov. 2017.

MACHADO, Ida Lucia. **A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa.** São Paulo, Bakhtiniana, v. 9, n. 1, p. 108-128, Jan /jul. 2014. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v9n1/08.pdf>>. Acesso: 24 jan.2018.

MÁRSICO. Gladstone Osório. **Gatos à Paisana.** Porto Alegre. Sulina, 1962.

_____. **Cágada (ou a História de um município a passo de).** Porto Alegre: Ed Movimento. 1974.

_____. **Cágada (ou a História de um município a passo de).** Porto Alegre: Ed Movimento/ Instituto Estadual do Livro/CORAG, 2006.

_____. **Cogumelos de Outono.** Porto Alegre: Movimento, 1972.

_____. **Furúnculo: romance.** Porto Alegre: IEL/ Movimento; Erechim: Prefeitura de Erechim, 1994.

_____. **Cágada (ou a história de uma cidade a passo de).** 4 eds. Porto Alegre: Movimento/

Instituto Estadual do Livro/ CORAG, 2006.

_____. **Minha morte e outras vidas.** Porto Alegre: Livraria do Globo. 1958.

MÁRSICO, Gaby Garbin, Erechim, 05 set. 2018b. Professora aposentada, colunista do jornal *Bom dia* de Erechim, publicou o livro *Mulher Ladainha*, cunhada de Gladstone Osório Mársico.
MÁRSICO, Gilberto. Erechim, 05 set. 2018a. Advogado aposentado, irmão de Gladstone Osório Mársico.

MATOS, Júlia Silveira. SENNA, Adriana Kivanski. **História Oral como fonte: problemas e métodos.** Revista: *Historiæ*, Rio Grande, v.2, n.1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/viewFile/2395/1286>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

MARÇAL, João Batista. **Dicionário ilustrado da esquerda gaúcha: anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas.** Porto Alegre: Livretos, 2008.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica Da Economia Política. Livro I O processo de produção do capital.** São Paulo Boitempo, 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/260085307/Marx-O-capital-Livro-1-Boitempo-pdf>> . Acesso: 12 mai. 2019.

_____. **Manifesto do partido comunista.** Rio de Janeiro. Livraria Editora Cátedra Ltda. 1985.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista.** Trad. Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L& PM, 2001.

_____. **Manifesto do Partido Comunista.** Trad. Pietro Nassetti, São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.

_____. **Sobre a Questão Judaica/** Karl Marx: apresentação [e posfácio] Daniel Bensai'd; [tradução Nélio Schneider, tradução de Daniel Bensai'd, Wanda Caldeira Brant]. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEMORIAL DO LEGISLATIVO DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/memorial/>>. Acesso: ago. 2018.

_____. Ata 62.a SESSÃO, 21 jul.1949.

_____. Ata 47.a SESSÃO, 30 jun.1948.

MEYER, Marlise Regina; NEUMANN, Rosane Marcia. **História, imagem e representação:** possibilidades de leitura. São Leopoldo: Oikos, 2015.

MILMANN, Luis. **Ensaio sobre o anti-semitismo contemporâneo:** dos mitos e da crítica aos tribunais. Porto Alegre, Sulina, 2004.

MONTEIRO, Daniele Rosa. Manancial Repositório Digital da Universidade Federal de Santa

Maria. **Patrimônio documental: um estudo sobre a preservação do arquivo pessoal do Dr. Gladstone Osório Mársico.** Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/12685>>. Acesso: 10 ago. 2018.

NEUMANN, Gerson Roberto; CUNHA, Andrei dos Santos; FERREIRA, Cinara; BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. **Arquipélagos, Estudos de Literatura Comparada.** Porto Alegre: Class, 2008.

NEUMANN, Rosane Marcia. **Uma Alemanha em miniatura: o projeto de imigração e colonização étnico particular da colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1887-1932).** Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PÉREZ, José. **Questão Judaica, Questão Social.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1933.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132p.

_____. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura.** Revista: História da Educação ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.14, p. 31-45, set.2003.

PETTA, Nicolina Luíza de. **Coleção base: História: uma abordagem integrada.** São Paulo: Moderna, 1999.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Pássaros da liberdade: jovens judeus revolucionários no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE QUATRO IRMÃOS. Disponível em: <<http://www.quatroirmaos.rs.gov.br/site/municipio/page?pagenome=historia>>. Acesso: 09 ago. 2018.

PREFEITURA DE ERECHIM. **10ª Feira do Livro de Erechim inicia na quarta-feira.** Disponível em: <<http://www.pmerechim.rs.gov.br/noticia/1094/22-10-2007/10-feira-do-livro-de-erechim-inicia-na-quarta-feira>>. Acesso: 23 ago.2018.

KUHN, Dione. **Brizola: da legalidade ao exílio.** Porto Alegre: RBS publicações, 2004, p. 15.

RESENDE, Lino Geraldo. **A censura contra a cidadania.** Vila Velha, Espírito Santo: Comum Editora, 2014. Disponível em: <<http://www.linoresende.jor.br/wp-content/uploads/2014/04/Censura.pdf>> . Acesso: 24 jan. 2019.

RESENDE ANDRÉ LARA. **Economia brasileira: Notas breves sobre as décadas de 1960 A 2020. 60 Anos da Itaú Asset Management, 2018.** Disponível em: <<http://iepecdg.com.br/wp-content/uploads/2018/02/180207ECONOMIA-BRASILEIRA.pdf>>. Acesso: 20 mai. 2019.

REVISTA PT CHABAD. ORG. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/667123/jewish/Carne-Casher.htm>. Acesso: 21 jan. 2019.

_____. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1687678/jewish/Kip-e-Chapu.htm>. Acesso: 21 jan.2019.

_____. Disponível em: <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/2351928/jewish/A-Estrela-de-David.htm>. Acesso: 21 jan. 2019.

REVISTA USP. Disponível em: <<http://revista.fmrp.usp.br/2017/vol50-Supl-1/SIMP8-Transtorno-Bipolar.pdf>>. Acesso: 11 jan.2019.

RICHETTI, Euclides. Getúlio Vargas, 15 out. 2018. Gerente da caixa econômica federal de Erechim aposentado, idade 86 anos, cliente de Gladstone Osório Mársico.

ROCHA, João Cezar de Castro (Coord.). **Roger Chartier: a força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2013.

SAITOVITCH, Ghedale. Porto Alegre, 05 ago. 2018. Presidente da Organização Sionista de Porto Alegre, apresentador do Programa de Rádio *Hora Israelita*, pela Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, AM 640.

SANTOS, Dominique V. C. D. **Acerca do conceito de representação**. Revista de Teoria da História. Ano 3, n. 6, dez/2011. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974/16144>> Acesso: 12 set. 2018.

SANTOS, Ivanaldo. **A crítica de Karl Marx à religião na obra *A Questão Judaica***. Disponível em:<<http://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/A%20cr%C3%ADtica%20de%20Karl%20Marx.pdf>>. Acesso: Data 07 set. 2017.

SANTOS, Volnyr. **Coleção SAGRA - Literatura 2º Grau e Supletivo**. São Paulo: Sagra, 1974.

SASS, Vera Beatriz. **O satírico e o picaresco em Gladstone Osório Mársico**. Porto Alegre: IEL: Movimento, 1994.

SCHEINDLIN, Raymond P. **História Ilustrada do Povo Judeu**; Tradução de Miriam Groeger. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso (Coord.) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Bom fim: um bairro, muitas histórias**. Porto Alegre: UFRGS Prorext Museu, 2011.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SCLIAR, Moacyr. **Judaísmo: Dispersão e unidade**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

_____. **Uma autobiografia literária: o texto, ou a vida**. 1 Ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

_____. **O exército de um homem só.** novela. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

_____. **Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida/** Moacyr Scliar. Porto Alegre: L&PM, 2017.

_____. **Moacyr Scliar Site oficial.** Disponível em: <<http://www.moacyrscliar.com/sobre/o-escritor/>>. Acesso: 28 set. 2018.

_____. **Museu da UFRGS. Bom fim: um bairro, muitas histórias.** Disponível em: <<http://nossobomfim.blogspot.com/2010/12/exposicao-sobre-o-bom-fim-no-museu-da.html>>. Acesso: 01 jan. 2018.

_____. **Moacyr Scliar exposição.** Disponível em: <<http://moacyrscliar.com/exposicao/exposicao.html> >. Acesso em: 08 fev. 2018.

_____. **Comemoração 80 anos do escritor Moacyr Scliar.** Disponível em: <<http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/exposicao-moacyr-scliar-eu-vou-abraco-milhoes/>>. Acesso: 08 fev. 2018.

_____. **Exposição Moacyr Scliar.** Disponível em: <<https://www.ufcspa.edu.br/index.php/ultimas-noticias/34-noticias/6178-ultimos-dias-para-visitar-praticas-de-amor-em-moacyr-scliar> >. Acesso: 08 fev.2018.

_____. **Exposição: Moacyr Scliar eu vos abraço, milhões.** Disponível em: <<http://www.centrohistoricosantacasa.com.br/exposicao-moacyr-scliar-eu-vou-abraco-milhoes/> >. Disponível em: 28 set. 2018.

_____. **Bom Fim um bairro, muitas histórias.** Disponível em: <<http://nossobomfim.blogspot.com/2010/12/exposicao-sobre-o-bom-fim-no-museu-da.html>>. Acesso: 28 set.2018.

_____. **Do Éden ao Divã – Humor Judaico.** São Paulo: Shalom, 1991.

_____. **Cronologia Moacyr Scliar.** Disponível em: <<http://www.moacyrscliar.com/sobre/cronologia/> >. Acesso em: 07 fev. 2018.

_____. **Caminhos da Esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Riocell, 1991.

_____. **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul. 2004.

_____. **A guerra no Bom Fim.** Porto Alegre: Movimento, 1972.

_____. **O exército de um homem só.** Novela. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1975.

_____. **Eu vos abraço, milhões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Disponível em: <Depoimento de Moacyr Scliar sobre o Clube de Cultura. <https://clubedecultura.blogspot.com/2010/09/depoimento-de-moacyr-scliar-sobre-o.html> >. Acesso: 19 maio 2019.

SCLIAR, Judith. Porto Alegre. Organiza e planeja eventos, exposições de divulgação do trabalho de seu marido, Moacyr Scliar.

SCLIAR, Wremyr. Porto Alegre, 25 jul. 2018. Prof. Dr. Direito Administrativo (PUCRS), Conselheiro substituto emérito aposentado do Tribunal de Contas – RS. Comenda Oswaldo Vergara – OAB RS. Primeiro diretor da Escola de Gestão e Controle do Tribunal de Contas – RS.

_____. **A influência na literatura de Moacyr Scliar.** Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/142464/137563>>. Acesso 10 jan. 2018.

SCLIAR, Moacyr. **Cenas médicas.** [S.l.: s.n.], [1987?]. ca100 f. Manuscrito. Datilografado (cópia xerox). Acervo Delfos Digital. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/382> >. Acesso: 17 ago.2018.

_____. **Da ideia ao leitor – um esquema.** Acervo Delfos Digital. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/194> >. Acesso em: 4 set. 2018.

_____. [O que levou a escrever...]. [1970?]. [S.l.]: [s.n.]. 2 f. **Entrevista concedida a entrevistador desconhecido.** Acervo Moacyr Scliar DELFOS/PUCRS. Acervo Delfos Digital. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/194> >. Acesso: 19 jan. 2019.

_____. Acervo Delfos Digital. **[Carta], 1969 maio 5, Florianópolis, [para] Moacyr Scliar.** Acervo Delfos Digital. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/68> >. Acesso em: 31 fev. 2018.

SENDER, Tova. **Iniciação ao Judaísmo.** Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2001.

SILVA, Eliane Moura da. **Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania.** Revista de Estudos da Religião, n. 2, p. 1-14, 2004.

SMANIOTTO, Maria Lúcia Carraro. **Associação Internacional de Lions Clubes.** Erechim: EDELBRA, 1998.

SOBEL, Henry. **Judaísmo é otimismo.** São Paulo: B'nai B'rith, 1965.

SOETHE, Paulo Astor. **Sobre a sátira: Contribuições da teoria literária alemã na década de 60.** Revista Fragmentos, Florianópolis, v.7 n.2, p. 07/27/ jan – jun, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6014/5559>>. Acesso: 24 jan. 2019.

SORJ, Bernardo. **Judaísmo para todos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SOUZA Márcio, SCLiar Moacyr. **Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

SPINDEL, Arnaldo. **O que é comunismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SZKLO, Gilda Salem. **O Bom Fim do shtetl**: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.

TEDESCO, João Carlos. **Conflitos agrários no norte do Rio Grande do Sul**: indígenas e agricultores- dimensões históricas. Porto Alegre: EST Edições, 2017.

TORÁ. **A Lei de Moisés**. Centro Educativo Sefaradi em Jerusalém e Editora e Livraria Sêfer Ltda. Texto hebraico: Der Shul Chumash. 2001.

TRUZZI, Oswaldo. **Notas acerca do uso do método comparativo no campo dos estudos migratórios**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/21732426-Notas-acerca-do-uso-do-metodo-comparativo-no-campo-dos-estudos-migratorios-oswaldo-truzzi-ufscar.html>> Acesso: 17 ago.2018.

TV CÂMARA ERECHIM RS. **Histórias da Minha Vida com o Sr. Rubem M. Safro (BUJA)**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zsr8nIAqZjA>>. Acesso: 08 fev. 2019.

VALENTINI, Delmir José; RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.) (Org.). **Contestado: fronteiras, colonização e conflitos (1912-1916)**. 1. ed. Chapecó/SC: Letra&Vida, 2015. v. 1. 388 p.

VERÍSSIMO, Érico. **Israel em abril**. Porto Alegre: Globo, 1970.

VICENTE, Ataíde de Paula. **A narrativa de ficção**. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1974.

VICENTINO, Claudio. **História Geral**. São Paulo: Scipione, 1997.

ZAMBONATTO, Aristides Agostinho. **Os meus Erechim**. Erechim RS: EDELBRA, 2000.

_____. **Gladstone Osório Mársico**. 1976 s/p. Fonte: Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico.

ZIMERMAN, Jaime Zamir. **O início do Dror no Brasil**. Disponível em: <<http://www.makash.org.il/60/P/14-15-16.pdf>>. Acesso: 12 maio. 2019.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Disponível em: <<http://lelivros.stream/book/baixar-livro-a-etica-protestante-e-o-espírito-do-capitalismo-max-weber-em-pdf-e-epub/>>. Acesso: 12 set. 2017.

ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. Porto Alegre, 12 set. 2018. Professora aposentada, 80 anos, prima

de Moacyr Scliar, publicou *Português instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT*.